

FRANCISCA MAILZA BEZERRA DE CASTRO

**A UTILIZAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA EM DUAS
REGIÕES DO ESTADO DO CEARÁ.**

Orientadora:

Professora Doutora Marisa Pascarelli Agrello

**Universidade Lusófona - Centro Universitário de Lisboa
Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração
Instituto de Educação**

Lisboa

2023

FRANCISCA MAILZA BEZERRA DE CASTRO

**A UTILIZAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA EM DUAS
REGIÕES DO ESTADO DO CEARÁ.**

Dissertação defendida em provas públicas para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação, no Curso de Mestrado em Ciências da Educação, conferido pela Universidade Lusófona – Centro Universitário de Lisboa, no dia 17 de Janeiro de 2023, perante o júri, com o Despacho de Nomeação N°58/2023, de 04 de Janeiro de 2023, com a seguinte composição:

Presidente: Prof^a Doutora Carla Cristina Marques Galego

Arguente: Prof^a. Doutora Lucimar Almeida Dantas

Orientadora: Prof^a. Doutora Marisa Pascarelli Agrello

Universidade Lusófona - Centro Universitário de Lisboa
Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração
Instituto de Educação
Lisboa
2023

Epígrafe

A alegria não chega apenas no encontro do achado,
mas faz parte do processo da busca. E ensinar e
aprender não pode dar-se fora da procura, fora da
boniteza e da alegria.

Paulo Freire

O homem não é nada além daquilo que a educação
faz dele.

Immanuel Kant

Dedicatória

Ao senhor Deus, autor e consumidor da minha fé. E
à minha família que tanto me apoiou no decorrer
desta caminhada.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, a Deus, autor e consumidor da minha fé, que me sustentou com o seu braço forte no decorrer desta caminhada, tornando possível a realização deste sonho, quando eu achava que não iria conseguir devido a problemas de saúde e a tantos compromissos e responsabilidades.

A minha família que sempre acreditou em minha capacidade e mesmo nos momentos mais difíceis esteve ao meu lado apoiando-me, incentivando-me e suportando as ausências pacientemente.

Ao meu esposo Flávio Braga, pela compreensão e incentivo, e por acreditar em minha capacidade intelectual.

Ao Centro universitário UNINTA, a professora Mestra Eliza Angélica e a minha orientadora, Professora Doutora Marisa Pascarelli Agrello, que esteve sempre ao meu lado, ajudando-me e incentivando-me com muita responsabilidade, amabilidade, sabedoria, e perseverança, conduzindo sempre o processo de escrita com muita seriedade, paciência e delicadeza, entendendo os momentos de fragilidade, ajudando-me e incentivando-me sempre a superá-los.

A Universidade Lusófona por ter-me oportunizado a realização deste grande empreendimento, sonho de uma vida, que é cursar mestrado, onde investi sonhos, tempo, expectativas, perspectivas e dinheiro. E a minha maravilhosa co-orientadora, Professora Doutora Esmeralda Santo, por toda dedicação e empenho, dedicado a realização deste projeto.

A todos os professores do curso, que tanto me incentivaram através do exemplo, no decorrer desta caminhada. E aos meus colegas do curso que estiveram sempre presentes, expressando seu apoio, preocupação e vontade de vencer.

À Escola Tabela José Ribeiro Guimarães na pessoa do professor Robério Estevam de Sousa, diretor da referida escola, a época do curso semi-presencial, que em vários momentos compreendeu-me, entendendo-me, apoiando-me e ajudando-me.

A minha grande amiga Eliete, que sempre esteve comigo nos momentos mais difíceis, dando-me força espiritual, intercedendo por mim diante de Deus e acreditando sempre que este sonho se realizaria em minha vida.

As pessoas dos dois municípios que participaram da pesquisa, tanto de Juazeiro do Norte, quanto de Pentecoste.

Sem a solicitude dessas pessoas e instituições essa conquista jamais seria possível!

Resumo

A presente Dissertação de Mestrado, intitulada: *A utilização da Língua Portuguesa em duas regiões do estado do Ceará*, analisa a língua falada em duas cidades do estado do Ceará, Brasil (distam cc.600 Kms). São elas: Pentecoste e Juazeiro do Norte, investigando principalmente, as diferenças lexicais e suas causas, embasando-se nos Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio – Parte II – Linguagem, Códigos e suas Tecnologias, Nacionais (1997) e em linguistas como: Bagno (2015), Traváglia (2017) e Lucchesi (2012, 2015, 2017). A Literatura que propõe novos caminhos para o ensino da Língua Portuguesa, considerando os diversos dialetos que a compõem. E historiadores como: Aranha, (2020) e Fausto, (2019). A metodologia é qualitativa, tendo como campo empírico de pesquisa uma escola de cada município estudado. Os sujeitos participantes são os coordenadores, professores e alunos. A coleta de dados foi realizada através de sessões de entrevistas semiestruturadas e individuais (2018). E sua análise baseada no método “análise de conteúdo” de Bardin (2015). As conclusões indicam que: há um dialeto para cada uma das cidades pesquisadas, devido a poucas convergências encontradas, paralelamente, apresentam-se as causas elencadas para estas diferenças, sobressaindo-se as questões diatópicas e culturais.

Palavras-chave: Português brasileiro, heterogeneidade, diversidade linguística, dialetos cearenses.

Abstract

The present Master's Thesis, entitled: The use of the Portuguese Language in two regions of the state of Ceará, analyzes the language spoken in two cities in the state of Ceará, Brazil (cc.600 Kms apart). They are: Pentecoste and Juazeiro do Norte, investigating mainly, the lexical differences and their causes, basing itself on the National Curricular Parameters - High School - Part II - Language, Codes and their Technologies, nationals (1997) and on linguists such as: Bagno (2015), Traváglia (2017) and Lucchesi, (2012, 2015, 2017). Literature, which proposes new ways to teach the Portuguese Language, considering the various dialects that compose it; and historians such as Aranha, (2020) and Fausto, (2019). The methodology is qualitative, with one school in each municipality studied as the empirical field of research. The participating subjects are the coordinators, teachers and students. Data collection was conducted through semistructured and individual interview sessions (2018). And its analysis based on the method "content analysis" of Bardin (2015). The conclusions indicate that: there is a dialect for each of the cities surveyed, due to few lexical convergences found, in parallel, the causes listed for these differences are presented, standing out the diatopic and cultural issues.

Keywords: Brazilian Portuguese, heterogeneity, linguistic diversity, Ceará dialects.

Lista de Abreviaturas

Au 01- Adulto da zona urbana de Juazeiro do Norte. (Professor)

Au 02- Adulto da zona urbana de Pentecoste. (Professor)

Ar 01- Adulto da zona rural de Juazeiro do Norte. (Professor)

Ar 02- Adulto da zona rural de Pentecoste. (Professor)

Su 01- Senhor da zona urbana de Juazeiro do Norte. (Professor)

Su 02- Senhora da zona urbana de Pentecoste. (Professora aposentada)

Sr 01- Senhor da zona rural de Juazeiro do Norte.

Sr 02- Senhor da zona rural de Pentecoste

Ju 01- Jovem da zona urbana de Juazeiro do Norte. (Aluno)

Ju 02- Jovem da zona urbana de Pentecoste. (Aluno)

Jr01- Jovem da zona rural de Juazeiro do Norte. (Aluno)

Jr02- Jovem da zona rural de Pentecoste. (Aluno)

Índice de Tabelas

Tabela 1 Palavras do tupinambá adaptadas ao português brasileiro	53
Tabela 2-Palavras provenientes dos idiomas africanos adaptadas à Língua Portuguesa	61
Tabela 3-Palavras do idioma germânico adaptadas a língua portuguesa brasileira	90
Tabela 4- Lista de palavras adotadas da língua inglesa pela língua portuguesa brasileira.....	92
Tabela 5- Lista de palavras do idioma francês adotadas pela língua portuguesa brasileira	84
Tabela 6-Italianismos incorporados ao português brasileiro.....	101
Tabela 7-Palavras de origem espanhola incorporadas ao Português brasileiro.....	94
Tabela 8-Palavras divergentes no português brasileiro e português de Portugal.	101
Tabela 9-Lista de expressões e vocábulos do português do brasil e do europeu.....	103
Tabela 10- Vocábulos pertencentes à região em estudo.....	104
Tabela 11- A região sudeste e o dialeto caipira.....	108
Tabela 12- Dialeto da região amazônica	111
Tabela 13- Dialeto falado na região Sul do Brasil	116
Tabela 14- Dialeto falado na região Centro-Oeste do Brasil	118
Tabela 15- Paralelo entre as entrevistas de Pentecoste e Juazeiro do Norte. Tabela representativa da análise da questão de número 01- Como é que se chama uma pessoa que parece não ter o juízo certo?	189
Tabela 16- Paralelo entre as entrevistas de Pentecoste e Juazeiro do Norte. Tabela representativa da análise da questão de número 02- Nome dado as regiões que não pertencem a zona urbana de um município?.....	191
Tabela 17- Tabela representativa da análise da questão de número 03. Palavra ou expressão usada para demonstrar que algo ou alguém vive por aí sem ter quem cuide.	200
Tabela 18- Tabela representativa da análise da questão de número 04. Expressão usada para designar alguém ou algo muito arrumado?.....	201
Tabela 19- Tabela representativa da análise da questão de número 05. Interjeição de espanto cearense	202
Tabela 20- Tabela representativa da análise da questão de número 06. Expressão ou palavra utilizada para designar a pessoa que está apaixonada.....	195

Índice de Esquemas

Esquema 1 Tripé de sustentação do preconceito linguístico, na sociedade.....	31
Esquema 2 Análise de conteúdo.....	142

Índice de Mapas

Mapa 1- Mapa do estado do Ceará, subdividido em microrregiões	222
Mapa do estado do Ceará com a microrregião Cariri (em destaque).....	23
Mapa do estado do Ceará com a microrregião Litoral Oeste / Vale do Curú (em destaque).....	24
Mapa 2- Mapa do estado do Ceará com o Município de Pentecostes (em destaque)	235
Mapa 3- Estado de Ceará com o município de Juazeiro de Norte (em destaque)	246

Índice geral

Epígrafe	3
Dedicatória.....	4
Agradecimentos	5
Resumo	6
Abstract.....	7
Lista de Abreviaturas.....	8
Índice de Gráficos.....	Error! Bookmark not defined.
Índice de Tabelas	9
Índice de Esquemas	10
Índice de Mapas.....	11
INTRODUÇÃO.....	17
O Perquerir ...e as raízes da investigação	17
Justificação do tema da investigação	18
A pergunta de partida	20
Os objetivos da investigação	26
A estrutura da Dissertação.....	26
ENQUADRAMENTO TEÓRICO	Error! Bookmark not defined.
A Problemática da investigação	31
A Revisão da literatura	Error! Bookmark not defined.
Autores de referência na investigação.....	Error! Bookmark not defined.
CAPÍTULO I - RAÍZES HISTÓRICAS DA LÍNGUA PORTUGUESA DO BRASIL.....	34
1.1 A linguagem é dinâmica.....	36
1.2 O Português abrangeu-se	36
1.3 A Influência da língua geral	46
CAPÍTULO II - INFLUÊNCIAS NA LÍNGUA PORTUGUESA BRASILEIRA A PARTIR DA CHEGADA DOS IMIGRANTES EUROPEUS NO BRASIL, NO SÉCULO XVIII.	52
2.1 Fatores que influenciaram a utilização da língua portuguesa no Brasil	59

2.2 A influência da imigração europeia na pluralidade linguística no Brasil.....	64
2.3 A educação no Brasil diante das inúmeras tendências pedagógicas	76
CAPÍTULO III - DIVERSIFICAÇÃO VOCABULAR NAS DIVERSAS REGIÕES	
BRASILEIRAS	98
3.1 O que é a “língua”?	35
3.2 A diversidade linguística no Brasil.	99
3.3 Contrastes entre o léxico português brasileiro e o português de Portugal.....	101
3.4 Região Nordeste e o falar nordestino.	104
3.5 Região Sudeste e o dialeto caipira.....	107
3.5 Dialeto da região norte.....	111
3.6 Dialeto da Região Sul.....	115
3.7 Região Centro-Oeste e seu dialeto	118
3.8 Como a escola trata a variação linguística?.....	120
CAPÍTULO IV – ABORDAGEM METODOLÓGICA	125
4.1 Tipos de estudo e método.....	126
4.2 Naturezas da pesquisa	128
4.3 Locus da pesquisa	131
4.3.1 Um breve relato sócio, histórico e econômico do Ceará.	131
4.3.2 Juazeiro do Norte	132
4.3.3 Pentecoste.....	136
4.4 Objetivos da pesquisa.....	139
4.5 Instrumentos da pesquisa	140
4.6 Sujeitos da Pesquisa	141
4.7 Etapas da pesquisa.....	143
CAPÍTULO V - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	147
5.1 Técnicas de Análise de dados: Análise do Conteúdo de Bardin.	148
5.2 Contextos da Pesquisa.....	149
5.3 Apresentação das entrevistas.....	158

5.3.1 Análise comparativa das entrevistas dos sujeitos em idade adulta das zonas rural e urbana de Juazeiro do Norte. (CE.).....	158
5.3.2 Análise comparativa das entrevistas dos sujeitos em idade avançada, anciões, das zonas rural e urbana de Juazeiro do Norte. (CE.).....	163
5.3.3 Análise comparativa das entrevistas dos sujeitos classificados como jovens das zonas rural e urbana de Juazeiro do Norte, CE.....	169
5.4 Análise das entrevistas de Pentecoste.	174
5.4.1 Análise comparativa das entrevistas dos sujeitos em idade adulta das zonas rural e urbana de Pentecoste. (CE.)	174
5.4.2 Análise comparativa das entrevistas dos sujeitos em idade avançada, anciões, das zonas rural e urbana de Pentecoste, (CE.)	178
5.4.3 Análise comparativa das entrevistas dos sujeitos em idade jovem das zonas rural e urbana de Pentecoste. (CE.)	183
5.5 Paralelo entre as entrevistas de Pentecoste e Juazeiro do Norte.	188
5.6 Análises dos Resultados	196
5.6.1 Entrevistados das zonas urbanas dos dois municípios participantes da Pesquisa.	199
5.6.1.1. Conclusão UM/ entrevistas - zonas urbanas dos dois municípios participantes.....	200
5.6.2 Conclusões – Análise das entrevistas de zonas rurais dos dois municípios participantes..	201
5.6.3. O aporte da Teoria na interpretação dos resultados.....	204
5.7. Propostas futuras para o aprofundamento da investigação.....	207
CONSIDERAÇÕES FINAIS	208
LEGISLAÇÃO	213
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	215
Anexos.....	220
Apêndice I – Roteiro das Entrevistas	221
Apêndice II	223
Transcrição da entrevista com professor representante dos adultos da zona urbana de Juazeiro do Norte.....	223
Apêndice III.....	227
Transcrição da entrevista com o senhor da zona urbana de Juazeiro do Norte.	227

Apêndice IV.....	230
Transcrição da entrevista com aluno representante da zona urbana de Juazeiro do Norte.	230
Apêndice V	236
Transcrição da entrevista com o adulto da zona rural de Juazeiro do Norte- Ce.	236
Apêndice VI.....	242
Transcrição da entrevista com o representante dos idosos da zona rural de Juazeiro do Norte.	242
Apêndice VII	248
Transcrição da entrevista com o jovem estudante representante da zona rural de Juazeiro do Norte.	248
Apêndice VIII.....	252
Transcrição da entrevista com o adulto representante da zona urbana de Pentecoste.....	252
Apêndice IX.....	257
Transcrição da entrevista com a anciã representante da zona urbana de Pentecoste	257
Apêndice X.....	260
Entrevista com o jovem representante da zona urbana do município de Pentecoste.	260
Apêndice XI.....	263
Transcrição da entrevista com a professora, representante da idade adulta, da zona rural de Pentecoste.....	263
Apêndice XII	267
Entrevista com a anciã representante da zona rural de Pentecoste.....	267
Apêndice XIII.....	272
Transcrição da entrevista com o Jovem representante da zona rural de Pentecoste.....	272
Apêndice XIV.....	275
Anexo I.....	275
Análise comparativa das entrevistas dos sujeitos em idade adulta das zonas rural e urbana de Juazeiro do Norte. (Ce.)	275
5.2.2- Análise comparativa das entrevistas dos sujeitos em idade avançada, anciões, das zonas rural e urbana de Juazeiro do Norte. (CE.).....	278

5.2.3- Análise comparativa das entrevistas dos sujeitos classificados como jovens das zonas rural e urbana de Juazeiro do Norte. (CE.)	281
5.3.1- Análise comparativa das entrevistas dos sujeitos em idade adulta das zonas rural e urbana de Pentecoste. (CE.)	283
5.3.2- Análise comparativa das entrevistas dos sujeitos em idade avançada, anciões, das zonas rural e urbana de Pentecoste. (Ce.).....	286
5.3.3- Análise comparativa das entrevistas dos sujeitos em idade jovem das zonas rural e urbana de Pentecoste. (Ce.).....	288
Apêndice XV	292
Autorizações dos entrevistados	292
Apêndice XVI.....	303
Declaração da professora corretora	305
Apêndice XVII - Capítulo pertencente ao livro de língua portuguesa do Ensino Médio (secundário)	307
Apêndice XVIII - (ENEM 2016)/ QUESTÃO 121	316

INTRODUÇÃO

O Perquerir¹ ...e as raízes da investigação

Esta pesquisa está inserida na linha de pesquisa: “Políticas públicas e contextos educativos” com ênfase em literacias e letramento, da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias e tem como propósito investigar sobre as transformações sofridas pela língua portuguesa em duas regiões do Estado do Ceará e o porquê delas ocorrerem, bem como suas implicações na prática docente e no cotidiano das pessoas que habitam essas microrregiões, representadas a saber, pelos municípios de Juazeiro do Norte e Pentecoste, localizados respectivamente no Cariri e no Litoral Oeste cearense.

Na tentativa de compreender os diferentes falares por meio do elenco de palavras que atualmente se encontram em situação de desuso ou que são estranhas a algumas faixas etárias, tais como crianças e jovens, mas que são usadas por pessoas que estão em uma faixa etária mais avançada, por exemplo, e com a missão de resgatar o sinônimo existente na língua-mãe, ou seja, a palavra originária trazida ao Brasil seja pelos imigrantes europeus, africanos ou mesmo aquelas adotadas do léxico indígena, fazendo um paralelo entre a palavra original, e os sinônimos utilizados há um século, e as que são usadas atualmente por jovens e crianças, a fim de compreender como ocorreram essas mudanças e quais fatores as provocaram. Assim, esta dissertação origina-se das reflexões e observações de três gerações de minha família e de minha experiência como professora, onde tenho oportunidade de lecionar para alunos de diferentes séries e consequentemente de diversas faixas etárias. Com efeito, trabalho com pessoas da chamada terceira e até quarta idade, com jovens do Ensino Médio 1^a, 2^a e 3^a séries e ainda com adolescentes e crianças do 6^o, 8^o e 9^o ano do Ensino Fundamental², período em

¹ Perquerir: Fazer ou desenvolver uma investigação minuciosa; interrogar ou indagar de maneira meticulosa; pesquisar.

² Art. 21. A educação escolar compõe-se de: I – educação básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio;

II – Educação superior. (Brasil, 2018, p. 17)

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos... (Brasil, 2018, p. 22)

Art. 30. A educação infantil será oferecida em: I – creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; II – pré-escolas, para as crianças de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos de idade. (Brasil, 2018, p. 22)

Art. 32. O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade... (Brasil, 2018, p. 22)

Art. 35. O ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos... ((Brasil, 2018, p. 24)

Art. 43. Da Educação Superior tem por finalidade:

II – formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento (Brasil, 2018, p. 31)

que tive a oportunidade de perceber uma grande diferença no léxico utilizado por cada geração. Além desses fatores há o mais preponderante que é o fato dos livros didáticos de língua portuguesa, tanto do Ensino Fundamental quanto do Ensino Médio, dedicarem um capítulo inteiro ao estudo da diversidade linguística existente no Brasil que contempla tanto os dialetos ou variantes regionais quanto a variante padrão. E ainda como grande incentivo para a escolha deste assunto há o fato de na prova do ENEM³ (Exame Nacional do Ensino Médio) a maioria das questões de Língua portuguesa serem referentes ao tema.

Passei a observar-lhes o léxico cuidadosamente e a fazer um levantamento de sinônimos que utilizavam para diferentes palavras. E assim percebi uma grande diferença na fala utilizada por eles. Tais como “expresse”, para ônibus; “encarnado”, para vermelho e “cururu” para sapo.

Justificação do tema da investigação

Durante minha trajetória na Educação desde 1998, seja enquanto professora da língua portuguesa, coordenadora pedagógica da escola pública municipal e professora de língua portuguesa da escola pública estadual, no município de Pentecoste, estado do Ceará, onde vivenciei, e vivencio todos os dias várias experiências de fala, percebo as diferenças no falar de cada autor- aluno e também senti a insatisfação de alguns por desconhecerem algumas palavras e por não saberem como usá-las, alegando as diferenças e a impossibilidade de entendimento existente entre as palavras utilizadas por eles e aquelas trazidas pelo livro didático, principalmente, quando se refere a literatura portuguesa com o léxico originário de Portugal, assim como as palavras utilizadas outrora no Brasil.

Senti a necessidade de entender a complexidade desse processo de mudança da língua; de compreender como ele ocorre; e mediante quais aspetos mutacionais, assim como, as ferramentas linguísticas envolvidas.

Enquanto membro de minha família observei que há uma diferença significativa entre o modo de falar existente dentro de meu lar, que é composto por minha avó de 97 (noventa e sete) anos, minha mãe de 76 (setenta e seis) anos, por mim e meus irmãos que estamos na

³ ENEM: O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) foi instituído em 1998, com o objetivo de avaliar o desempenho escolar dos estudantes ao término da educação básica. Em 2009, o exame aperfeiçoou sua metodologia e passou a ser utilizado como mecanismo de acesso à educação superior. Ambos, tanto o capítulo do livro didático que trata sobre a diversidade linguística, como a prova do ENEM estará em anexo no final desta dissertação.

faixa etária dos 40 (quarenta) anos e meus sobrinhos que têm 15 (quinze) e sete anos de idade. Por exemplo: para minha avó “bagunça” é “chafurdo”, para minha mãe é “espatifado” ao passo que para mim e para meus irmãos é “bagunça e desorganização”. Já para para meus sobrinhos é apenas bagunça.

Enquanto estudiosa da língua portuguesa, sou professora especialista em Língua portuguesa e Literatura brasileira. Especializei-me nesta área e realizei vários estudos: desde o nascimento da língua passando pelo latim; pelo desdobramento da língua onde se originou o Português e o Espanhol; sua chegada ao Brasil nas caravelas de Cabral; a língua geral falada na colônia; o revigoramento do Português com a chegada da família real portuguesa ao Brasil, bem como, as influências africanas, indígenas e europeias gerando assim, diferenças de fala nas diversas regiões brasileiras.

Isso tudo é inquietante, a forma como a língua sofre modificações dentro de um mesmo território ou dentro de regiões do país como no caso do estado do Ceará e levou-me a refletir o porquê dessas transformações linguísticas. Porque tantas mudanças em uma mesma língua que chega a ser incompreensível para alguns? Quem seriam os responsáveis? Seriam propositais? Portanto tendo como inspiração o trabalho em escolas e a convivência com pessoas de todas as faixas etárias, a saber alunos e familiares, supracitados, senti a necessidade de empreender esta pesquisa.

No entanto, no decorrer do processo de pesquisa percebi que um estudo geral de nossa língua com a identificação de apenas algumas palavras não seriam suficientes. Então resolvi aprofundar essa pesquisa, que visa conhecer melhor as formas de falar de meu próprio Estado, onde, no dia-a-dia me confirma, encontro uma grande diversidade na maneira de falar, a qual será identificada e analisada pela pesquisa. Pois, o Ceará é dividido em 6 microrregiões e cada uma tem suas particularidades próprias, sendo que em cada região há uma forma diferente de falar.

O presente projeto pretende elencar 02 (duas) dessas regiões- que distam cerca de 600 Km entre si - formalizando-as em uma dissertação a fim de contribuir com o enriquecimento vocabular brasileiro, bem como avançar no entendimento do léxico da língua portuguesa originária, compreendendo um melhor entendimento entre as pessoas das diversas faixas etárias, bem como uma melhor compreensão e aquisição do conhecimento literário, assim como discutir porque ocorrem tais mudanças.

Esta dissertação apresenta como **objeto de pesquisa** a análise e investigação da utilização da língua portuguesa oral em 02 (duas) regiões do estado do Ceará.

A pergunta de partida

Para apresentar e discutir o tema, após a delimitação do objeto de pesquisa foi delimitada a pergunta de partida:

- Quais as influências que a língua portuguesa sofre em cada uma das regiões elencadas do estado do Ceará, Cariri e Litoral Oeste, representadas pelas respectivas cidades dos municípios de **Juazeiro do Norte** e **Pentecoste** - e o porquê das diferenças linguísticas, uma vez que partilham a mesma língua portuguesa?

O tema em questão justifica-se pela necessidade de refletir sobre as transformações ocorridas na língua portuguesa já que muitas vezes se torna difícil a comunicação entre as pessoas, dentro do mesmo estado ou de estado para estado. E essa dificuldade estende-se até mesmo para as diversas gerações dentro de uma mesma região, ou seja, as diferenças não são apenas regionais, mas também etárias. E essa falta de entendimento comunicacional torna-se interessante, uma vez que todos falam o mesmo idioma.

A seguir mapa do estado do Ceará dividido em microrregiões, retirado do documento publicado pelo Instituto de Pesquisa e Estratégia econômica do Ceará (IPECE) da Secretaria de Gestão e Planejamento do Estado do Ceará no ano de 2015, onde é possível observar suas subdivisões geográficas. Aponta-se em específico as sub-regiões denominadas: Cariri e Litoral Oeste/ Vale do Curú, que apresentam-se respectivamente com as cores cinza claro e marrom tanto no mapa quanto na legenda. Observe-se ainda que nas sub-regiões supracitadas encontram-se respectivamente os municípios de Juazeiro do Norte e Pentecoste, *locus* escolhidos para representar cada sub-região na presente dissertação.

Mapa do estado do Ceará subdividido em microrregiões.



Figura 01: Mapa do estado do Ceará subdividido em microrregiões.
Secretaria de Planejamento e Gestão do estado do Ceará, (2015, p. 09)
https://www.ipece.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/45/2018/09/Regioes_Planejamento.pdf

Mapa 1- Mapa do estado do Ceará, subdividido em microrregiões com a região do Cariri (em destaque).

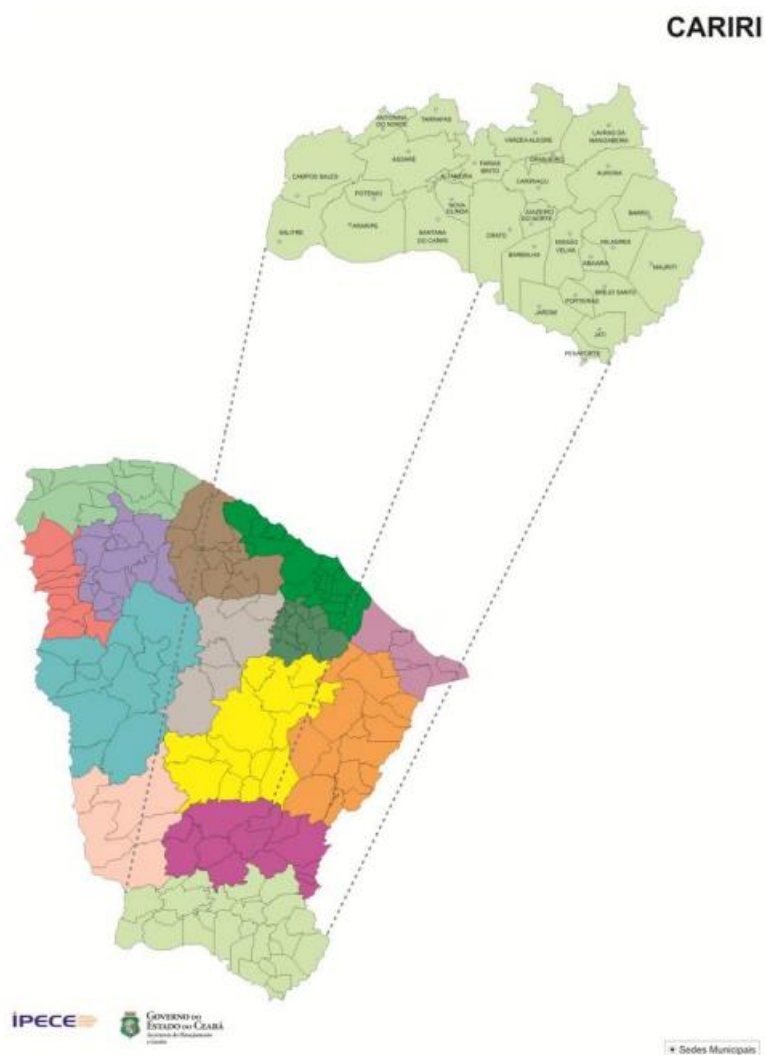


Figura 02: Localização da região de planejamento do Cariri

Secretaria de Planejamento e Gestão do estado do Ceará, (2015, p. 09)
https://www.ipece.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/45/2018/09/Regioes_Planejamento.pdf

Mapa 2- Mapa do estado do Ceará subdividido em microrregiões com a região Litoral Oeste / Vale do Curu (em destaque).

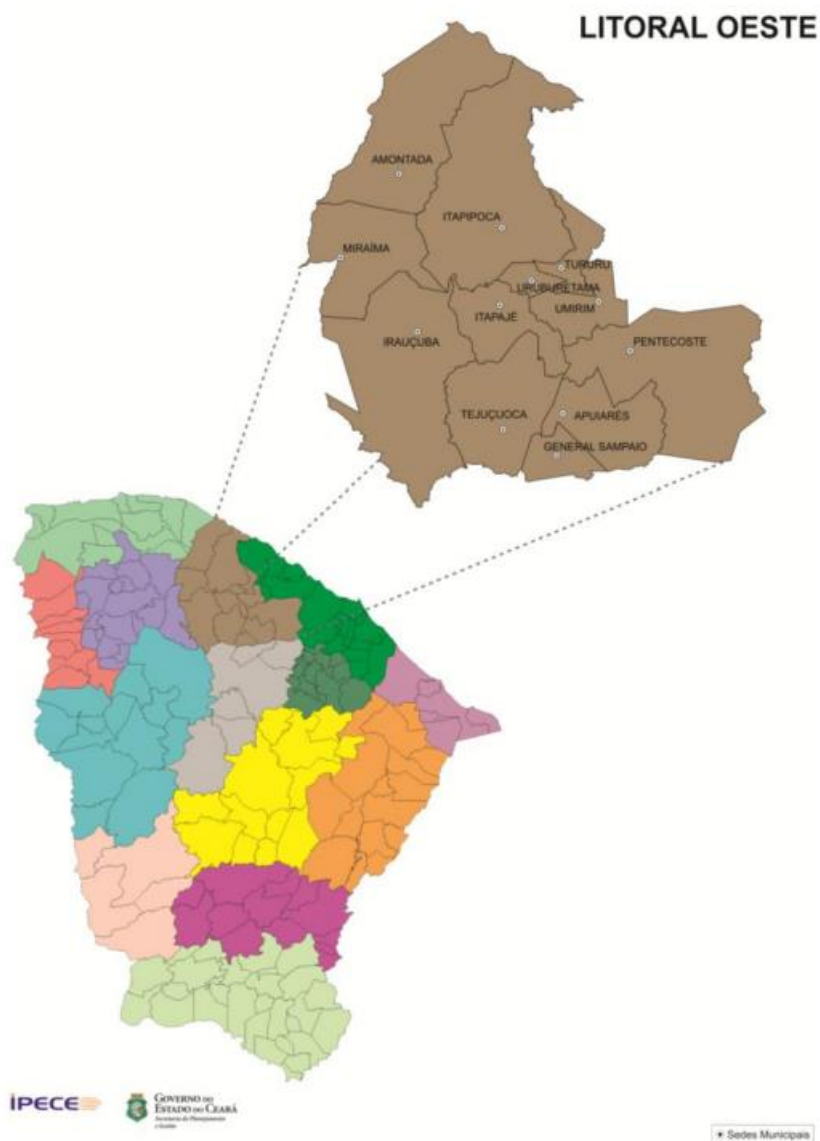


Figura 03: Localização da região de planejamento do Litoral Oeste / Vale do Curu

IBGE, (2014) <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ce/pentecoste.html>?
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2014) último acesso 18 de janeiro de 2022.

Mapa do estado do Ceará com o município de Pentecoste (em destaque).



Figura 04: Mapa do estado do Ceará com a localização do município de Pentecoste

IBGE, (2014)

<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ce/pentecoste.html>? Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2014) último acesso 18 de janeiro de 2022.

Mapa 3- Estado do Ceará com o município de Juazeiro do Norte (em destaque).



Figura 05: Mapa do estado do Ceará com a localização do município de Juazeiro do Norte.

<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ce/pentecoste.html>? Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2014) último acesso 18 de janeiro de 2022.

Os objetivos da investigação

Os objetivos delimitados para a pesquisa são os que abaixo se referem.

Como **objetivo geral** definimos o seguinte:

- Analisar a utilização da língua portuguesa oral em duas cidades de duas regiões do Estado do Ceará, Pentecoste e Juazeiro do Norte, municípios que mesmo localizados dentro um mesmo estado distam aproximadamente 600 (seiscentos) quilômetros.

E como **objetivos específicos** os que se enunciam de imediato:

- Observar as diferenças linguísticas orais existentes entre dois municípios do Estado do Ceará.
- Verificar as variações do vocabulário da língua portuguesa a partir de várias gerações.
- Comparar a língua mãe e a vigente e sua repercussão na aprendizagem nos dias atuais.

Com esta investigação, aspiramos a contribuir para a desconstrução do preconceito linguístico existente no país e para implantar mudanças no ensino da língua portuguesa.

É nesse cenário de dificuldades comunicacionais e até mesmo de aceitação da diversidade linguística, ou seria de riqueza de possibilidades linguísticas que as pessoas passam a conversar mais, tornam-se mais curiosas, vivenciam e trocam mais suas experiências comunicacionais dentro de um mesmo estado “falante de um mesmo idioma”, que nasce a pesquisa, a fim de fortalecer a educação e a riqueza da comunicação cearense através do trabalho com a linguística para diminuição do preconceito linguístico na escola, facto que refletirá em toda a sociedade cearense.

A estrutura da Dissertação

Como percurso teórico – e estrutura da dissertação - foram desenvolvidos os seguintes temas, por capítulo:

- Capítulo I – Raízes históricas da língua portuguesa no Brasil – iniciando-se uma jornada histórica e linguística a partir do ano do descobrimento da terra em 1500, expondo as variações pelas quais a língua portuguesa brasileira passou neste período, apresentando à língua nativa, tupi-guarani, a chegada da língua portuguesa de Portugal, a língua espanhola

que também era corrente e de prestígio na colônia, e a língua geral, advinda da mistura destas três línguas. Como também a contribuição jesuítica na educação brasileira.

- Capítulo II – Influências na língua portuguesa brasileira, a partir da chegada dos imigrantes europeus – mostrando a influência que a língua da colônia brasileira sofreu com a chegada de imigrantes europeus de várias nacionalidades. E principalmente o percurso pedagógico trilhado pelo ensino brasileiro nesta época, observando todas as melhorias no ensino, implantadas pela vinda da família real portuguesa ao Brasil, em 1808. Passando pela revolução francesa e industrial, que fizeram com que aumentasse a demanda de imigrantes de várias nacionalidades ao Brasil, em busca de melhores condições de vida, e consequentemente trazendo uma bagagem cultural singular, e dentre esta singularidade está a língua falada, que resultou no surgimento de variantes linguísticas no português brasileiro, que consequentemente desembocaram dentro da escola.

-Capítulo III – Diversificação vocabular nas diversas regiões brasileiras – Este capítulo trata das variantes linguísticas faladas nas 05 regiões brasileiras, apresentando uma pequena amostragem do léxico de cada região.

- Capítulo IV – Metodologia da Pesquisa – Este capítulo trata do desenvolvimento desta pesquisa, da coleta e análise de dados, do tratamento desses dados e dos sujeitos da pesquisa.

- Capítulo V - Apresentação e análise dos resultados – Este capítulo trata da apresentação e análise comparativa dos dados coletados e das conclusões e resultados da pesquisa.

Justificativa da investigação

A presente dissertação de mestrado busca desenvolver uma pesquisa sobre o tema: *A utilização da língua portuguesa em duas regiões do estado do Ceará*. Atualmente, a discussão deste tema faz-se importante e necessária uma vez que, no Brasil há uma grande preocupação em transformar a escola em um ambiente de inclusão, no qual não deveria haver nenhum tipo de preconceito, seja ele sexual, físico, intelectual, religioso ou linguístico.

Portanto, essa iniciativa decorre da necessidade da resolução de uma problemática bem mais ampla visto que, durante séculos em nosso país, a saber, desde a ascensão do marquês de Pombal ao governo português, que foi instituído o uso de uma língua padrão no Brasil, então colônia portuguesa na época, proibindo o uso de todas as demais variantes linguísticas vigentes. E, segundo Gomes (2015), passando pela chegada da corte portuguesa nestas terras além mar, em 1808, quando a população do Rio de Janeiro fez questão de adotar, ou copiar, o dialeto falado pela corte, recém chegada da Europa, e, segundo Aranha (2020) aos dias atuais, nos quais ainda se discrimina uma pessoa em grandes emissoras de televisão, ao vivo, com milhões de telespectadores assistindo, devido a sua forma de falar.

Neste sentido da discriminação linguística, há dois casos notórios: o primeiro sofrido pela repórter e apresentadora brasileira da “Rede Record de televisão”, Renata Alves de origem nordestina, natural do estado de Sergipe, Brasil, formada pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) com o curso Bacharel em rádio e televisão. E o segundo, representado pela advogada Juliete Freire, nordestina, natural de Campina Grande, Paraíba, Brasil, formada pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) participante do “Big Brother” Brasil 21ª edição (BBB 21), programa exibido na Rede globo de Televisão, considerada a maior emissora do país.

Segundo o “site R7.com”, mantido pela “Rede Record de Televisão” em fevereiro de 2016, a apresentadora do programa “Hoje em dia” sofreu um ataque virtual em suas redes sociais devido a sua forma de falar. Uma seguidora teria escrito a seguinte frase “Tem que mudar é o sotaque! Você não está mais em Sergipe. O povo brasileiro não merece isso!” Em um claro ataque xenofóbico culminado supostamente, devido ao dialeto falado pela jornalista.

No ano 2021, segundo o “site UOL”, mais precisamente no mês de fevereiro, a participante do “Reality show”, supracitado, foi vítima de preconceito, pois seus colegas de confinamento a todo momento imitavam a sua forma de falar, faziam chacota de seu sotaque e recusavam-se a conversar com a moça. O caso chegou ao extremo quando uma das participantes, artista brasileira, declarou que, “tinha medo de dormir no mesmo quarto que a paraibana, pois temia que esta pudesse matá-la!” Todo esse caos tinha como causa o sotaque da moça, que é identitário de uma região.

Partindo do pressuposto que a constituição Federal brasileira em seu “artigo 5º” assegura que:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

I - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição;

II - ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei;

III - ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante;

IV - é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato.

Constituição da República Federativa do Brasil, Artigo 5º (2021, p. 12)

Ela garante a liberdade de expressão de todo e qualquer cidadão, bem como de estrangeiros erradicados no país. Assim, pode-se afirmar que o preconceito linguístico fere esta garantia constitucional pois inibe o falante, impedindo-o de manifestar com clareza suas ideias e opiniões.

Partindo dos acontecimentos citados acima, cita-se Bagno (2015), que sustenta a necessidade que haja no ambiente escolar “a crítica dos preconceitos e o exercício da tolerância a fim de torna-lo um ambiente mais democrático” (p. 94). Bem como os Parâmetros Curriculares Nacionais, 1997, (p.21) que rege o ensino básico no país, afirma a necessidade de se refletir sobre a linguagem, pois é necessário que o estudante aprenda a participar do processo educacional de forma ativa, a fim de garantir o pleno desempenho de sua cidadania, como se pode observar na citação abaixo.

No mundo contemporâneo, marcado por um apelo informativo imediato, a reflexão sobre a linguagem e seus sistemas, que se mostram articulados por múltiplos códigos e sobre os processos e procedimentos comunicativos, é mais do que uma necessidade, é uma garantia

de participação ativa na vida social, é a cidadania desejada. Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua portuguesa (1997, p.21)

Desta forma destaca-se que há a necessidade que a escola desenvolva um trabalho linguístico, junto aos seus sujeitos ativos, professor, aluno e demais agentes institucionais, a respeito da diversidade linguística existente em sua comunidade escolar. Assim como suas causas e a necessidade de respeito e aceitação de cada uma delas, para maior eficiência do ensino aprendizagem da língua portuguesa.

Neste sentido, há pesquisas anteriores desenvolvidas a respeito do tema pela pesquisadora Aragão (2012, 2020), que é pioneira nos estudos linguísticos no Ceará. E pelo pesquisador Rodrigues (2013). Ambos contribuíram com o mapeamento linguístico cearense. No entanto, Aragão desenvolveu seu trabalho no campo da fonologia, deixando a questão dialetal a desejar enquanto Rodrigues (2013), trabalhou no campo dialetal, inclusive fazendo o levantamento de léxico de algumas regiões do estado, todavia em sua pesquisa ainda há lacunas em relação ao estudo comparativo do lexico. Lacuna esta que, se pretende preencher com este estudo, pois, aqui propõe-se a comparação dialetal por faixa etária e por sítio de ocorrência, o que não foi feito em pesquisas anteriores.

A Problemática da investigação

Partindo do exposto acima, atrevo-me a declarar que, o Brasil vive um problema de falta de aceitação linguística, por parte de seus falantes, que segundo Bagno (2015) é perpetrado por um círculo vicioso do preconceito linguístico, conforme citação abaixo:

Esse círculo vicioso se forma pela união de três elementos que, sem desprezar meus amigos teólogos, costumo denominar “santíssima trindade do preconceito linguístico.” Esses três elementos são a gramática tradicional, os métodos tradicionais de ensino e os livros didáticos. Como é que se forma esse círculo? Assim: a gramática tradicional inspira a prática de ensino, que por sua vez provoca o surgimento da indústria do livro didático, cujos autores — fechando o círculo — recorrem à gramática tradicional como fonte de concepções e teorias sobre a língua. (Bagno, 2015, pp. 93 e 94)

Na visão do autor (Bagno, 2015), a escola está diretamente ligada a construção deste preconceito, uma vez que esta é a responsável direta pelo trabalho com o livro didático, usando-o como base irrefutável no processo de ensino -aprendizagem, alimentando assim não somente a indústria do livro didático, mas também a perpetuação do preconceito linguístico.

O esquema abaixo representa o tripé de sustentação do preconceito linguístico na sociedade, segundo Bagno (2015):

Esquema 1 Tripé de sustentação do preconceito linguístico, na sociedade



Fonte: Adaptado de Bagno (2015, p.74)

Vale salientar que Bagno, (2015, pp.94-95) reconhece um certo esforço por parte da instituição escola para amenizar este problema. Uma vez que em livros didáticos mais modernos há capítulos dedicados a variação linguística e ao preconceito linguístico, tentando aclarar a questão de que a norma padrão é apenas mais uma variante da língua portuguesa falada no Brasil. E que esta convive com muitas outras variantes como veremos nos anexos

desta dissertação. No entanto, o autor também destaca que essas mudanças ainda são tímidas e que não estão fazendo o efeito desejado. O que o faz refletir sobre a existência de uma outra pilastra que sustenta o círculo vicioso supracitado, que o próprio autor denomina como comandos paragramaticais, trata-se na verdade de instrumentos como livros, manuais de redação de empresas jornalísticas, programas de rádio e televisão entre outros, que para Bagno (2015), apenas reproduzem a norma culta e tudo o que os livros didáticos já propagam, consequentemente empobrecendo a língua portuguesa e dando mais ênfase ao preconceito linguístico.

Portanto, esta pesquisa tem como objetivo mostrar a importância da co-existência de vários dialetos em nossa sociedade, a riqueza linguística cultural existente no território brasileiro, especificamente no estado do Ceará e suas causas, bem como contribuir para a desconstrução do preconceito linguístico, colocando a escola como palco principal de uma convivência pacífica, harmoniosa e democrática, na qual todos os seus atores podem e devem expressar-se livremente, observando a obediência a legislação brasileira, incentivando a troca de informações e enriquecimento cultural linguístico, através da livre convivência destes dialetos proporcionada pela interação de estudantes advindos de localidades diversas dos municípios estudados.

Observando as informações já citadas neste percurso teórico será proposto um estudo bibliográfico sobre a língua portuguesa desde sua chegada ao Brasil nas caravelas de Pedro Álvares Cabral, mostrando as principais transformações dialéticas sofridas por ela no país, observando os dialetos regionais, bem como suas causas, afunilando-se na região Nordeste, adentrando o estado do Ceará, especificamente as regiões, Litoral – Oeste e a região Sul do estado, representadas respectivamente pelos municípios de Pentecoste e Juazeiro do Norte.

Também será realizada uma pesquisa de campo, objetivando a coleta de dados, tendo como pano de fundo duas escolas destas regiões, sendo uma de cada município, onde conta-se com a solicitude de um coordenador escolar, e um idoso pertencente a comunidade escolar de cada região, ambos representando aos idosos; dois professores, ambos representando aos adultos e dois alunos de cada escola, ambos representando aos jovens, que responderam de muito bom grado aos questionamentos propostos.

Em seguida, propõe-se a análise destes dados segundo o método da análise de Bardin, o qual faz análise comparativa do material coletado, a saber, fala dos entrevistados dos dois

municípios participantes da pesquisa, observando encontrar as convergências e divergências dialetais existentes dentro do mesmo sítio linguístico e também em sítios linguísticos diferentes. Assim como, procurando entender suas causas, visando provocar uma transformação de comportamento dentro da escola que repercutirá na sociedade brasileira.

Desta forma, busca-se a transformação do ambiente escolar, tornando-o um lugar onde os estudantes, que não se utilizam do dialeto padrão, sintam-se a vontade para participar das aulas e possam através da troca, da interação, aprender a variedade padrão da língua portuguesa, além de, contribuir para a não inferiorização das demais variantes e o reconhecimento dos seus falantes como cidadãos de fato e de direito, como manda o artigo 5º da Constituição Federal brasileira.

A seguir o enquadramento teórico da presente pesquisa que se utilizando de vários teóricos e pesquisadores da área da educação pretende contextualizar a história linguística e educacional do Brasil desde os tempos de seu achamento até os dias atuais.

I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

A cultura de um povo é criada a partir de elementos como língua, usos e costumes, folclore, conhecimentos, crenças e artes. E a língua como elemento de suma importância faz parte não só da cultura, mas da identidade do povo. No caso do Brasil, a formação da língua denominada portuguesa, está intrinsecamente ligada à história desta terra, já que ela foi formada a partir da mistura de outras línguas, tendo esse processo se iniciado no exato momento em que começou a história desse país. E este capítulo vai contemplar exatamente o início da formação da língua brasileira ocorrido no período histórico brasileiro chamado Brasil colônia, que se iniciou em 1500 d.c., com a chegada dos portugueses ao Brasil, que ao chegarem com sua linguagem encontraram a concorrência de outras línguas, pois, os nativos da terra tinham suas próprias línguas e ainda havia o idioma espanhol que também era uma língua de prestígio muito falada na colônia. A junção e a variação de vernáculos das línguas citadas geraram uma variante linguística singular, a língua geral, que ganhou reforços com a chegada dos africanos que vieram como escravos, porém, nem mesmo essa condição submissa os impediu de deixarem suas marcas linguísticas que permanecem até hoje na variação da língua portuguesa falada no Brasil. Portanto a linguística brasileira já nasceu como uma grande variante da língua portuguesa e persiste até os dias atuais.

1.1 O que é a “língua”?

Para Saussure (2012), a língua é uma parte da linguagem, porém a parte mais importante é produzida socialmente por seus falantes, ao mesmo tempo em que precisa ser adotada por esses falantes para existir. Portanto, ao mesmo tempo em que é um fator social também é individual. É classificada como um conjunto de convenções adquiridas, aprendidas que deveria obedecer ao instinto natural. Saussure (2012), ainda separa a língua da fala com a denominação de “langue” e “parole”, a fim de estudá-la melhor.

Baseado nessa definição de língua, a qual é um objeto criado social e individualmente e que precisa do ambiente social e do ser humano para existir, é que se coloca a questão linguística brasileira. Nomeada oficialmente de língua portuguesa do Brasil, a língua brasileira é multifacetada, com suas características próprias sendo diferenciada do Português dos demais países de língua lusófona, quando comparada com a língua mãe, a saber, a língua portuguesa de Portugal e também dentro do território brasileiro.

1.2 A linguagem é dinâmica

Na história da humanidade, a linguagem sempre desempenhou um papel significativo, pois desde o início dos tempos as pessoas sentem a necessidade de se comunicar. E foi essa comunicação que possibilitou a criação da sociedade como se conhece. Haja vista que, junto com as primeiras formas de linguagem nasceram às primeiras comunidades e as duas caminharam lado a lado como parceiras inseparáveis ao longo do tempo. Depois a linguagem foi se expandindo e surgiram as primeiras civilizações. Afonso (2015)

Atualmente, se está na era da tecnologia digital, na qual a evolução linguística facilita a interação entre as pessoas. Muitos linguístas têm estudado a evolução da língua ao longo do tempo e esta pesquisa focaliza de maneira especial exatamente esse aspecto dinâmico da língua portuguesa falada em 02 (duas) cidades cearenses, mostrando a diversidade existente entre a fala nessas regiões dentro do mesmo estado e trazendo à tona essa riqueza linguística que é própria e, que muitas vezes, não se tem noção de sua existência.

Segundo Ostrower (2014), o homem cria não apenas porque quer, ou porque gosta, e sim porque sente a necessidade. Ele só pode crescer, enquanto ser humano, coerentemente ordenado, dando forma, criando.

Desde tempos muito remotos, conhecidos como Pré-história, o ser humano tinha necessidade de se comunicar, de se fazer entender. Então começou a buscar caminhos, a criar formas para registrar a sua presença no mundo. Prova disso, são as pinturas rupestres, encontradas em paredes de cavernas, datadas de 50.000 a 18.000 a. C. nas quais representavam através de desenhos o seu cotidiano. Acredita-se que nessa época o ser humano se expressava com ruídos, grunhidos e gestos como os animais irracionais, falando pouquíssimas palavras. Grobel (2014).

Dessa forma foi inventada a fala e desde então se passou por vários processos de modificação. A língua portuguesa é um bom exemplo desse fenômeno, pois, ao ser transportado de Portugal para o Brasil sofreu inúmeras modificações. Strickland (2018).

1.3 O Português abraçeirou-se

A língua portuguesa é falada em países dos continentes africano, asiático, europeu e na América do Sul. É o idioma oficial de oito países: Portugal, Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné

– Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor Leste. E também é falado como segunda língua em outros países: Macau, Malaca e Goa. Reto (2012)

Nas Américas, o Brasil é o único país que fala o português, os demais em sua maioria falam o espanhol, com raras exceções. Isso se deve ao facto de que a língua falada no Brasil é uma herança cultural deixada pelos colonizadores portugueses, com variações, pois, o “português brasileiro” inicialmente também recebeu influências das línguas dos africanos que foram trazidos para cá como escravos, das línguas faladas pelos povos nativos, dos holandeses e demais imigrantes que aqui se estabeleceram em colônias ao longo dos séculos XIX e XX. Sem falar nos anglicismos que estão presentes no dia-a-dia. Guimarães (2012).

Segundo Guimarães (2012), até consolidar-se como língua oficial da colônia no século XVII, o português passou por um longo processo. Inicialmente enfrentou a concorrência da língua geral da colônia que era o tupi e do espanhol que também era uma língua de prestígio. Apenas no Século XVIII, em 1.759 com a expulsão dos jesuítas pelo Marquês de Pombal é que esta conseguiu consolidar-se.

Um novo afastamento entre o português falado no Brasil e o de Portugal ocorreu no século XVIII, quando houve a franca entrada de africanos (escravos) no Brasil. Já de 1808 a 1821, com a chegada da família real ao Brasil, houve uma nova reaproximação. Após a Proclamação da Independência, a língua passou por novas transformações devido à chegada de imigrantes europeus. Guimarães (2005 e 2012)

E no século XX, com o movimento literário Modernismo e as ideias de exaltação do nacionalismo, além da chegada de novas levas de imigrantes houve um rompimento real entre as duas línguas.

Guimarães (2005 e 2012), deixa claro que não há uma unidade homogênea a qual se possa chamar de lusofonia, pois, a palavra lusofonia preserva o conceito de homogeneidade e na verdade, o que acontece no Brasil é uma pluralidade linguística.

A Educação no Brasil, inicialmente, segundo Aranha (2020), não era prioridade, já que era um país agrícola e o processo educativo acabou se confundindo com o processo de colonização da terra e também com a evolução da linguagem. Entretanto no século XVI com a chegada dos jesuítas é possível vislumbrar um início de educação.

Com espírito empreendedor, o padre Manuel da Nóbrega organizou as estruturas do ensino, atento as condições novíssimas aqui encontradas. O primeiro jesuíta a aprender a língua dos índios foi Aspilcueta Navarro, também pioneiro na penetração dos sertões em missão evangelizadora. Aranha (2020).

Desta forma, pode-se notar o caráter político colonizador da Educação Jesuítica, que foram os primeiros a catequizar e a educar os índios brasileiros e também os primeiros a fundar um colégio. A saber, o colégio São Vicente no litoral baiano. Além desse primeiro caráter havia o caráter missionário que, para os jesuítas era o mais importante e neste momento também já se pode notar a adaptação da língua, uma vez que, o padre Aspilcueta Navarro teve que aprender a língua indígena para se comunicar com os nativos. Pode-se também alegar que a metrópole portuguesa tinha sérios interesses na missão jesuítica, pois procurava usar os habitantes da terra como mão de obra escrava.

Ainda sobre a língua, em Fausto (2019), é possível ver a riqueza linguística existente entre os nativos que falavam as línguas: tupi, aruaque, macro-jê e caraíba. Essas línguas foram desaparecendo pouco a pouco ou sofreram grandes alterações ao entrar em contato com outros povos.

Pode-se afirmar que aos silvícolas⁴ era ensinado o idioma português a partir de o excerto a seguir:

Em 1552, instalou-se o primeiro bispado em salvador. Seu titular, o bispo Pero Fernandes Sardinha. Logo se desentendeu com os jesuítas a respeito dos povos indígenas. Os jesuítas colocavam a cristianização em primeiro plano e eram mais tolerantes com os costumes indígenas. Já o bispo entendia a catequese como meio de atrair o indígena para a cultura europeia. Achava que um índio só devia ser batizado quando falasse o português, se vestisse e comportasse como um europeu (Luckesi, 2009 p.34).

Luckesi (2009, p. 197) relata que ao chegarem ao Brasil, os colonizadores portugueses mantiveram seus primeiros contatos com os nativos que habitavam a costa, estes falavam línguas bem próximas ao tupi, o que facilitou a comunicação e o entendimento. Então houve uma adaptação da língua, a qual o autor denomina *koiné*, e essa língua foi chamada de língua “*geral da costa brasileira*” ou simplesmente “*língua geral*”. O uso dessa língua foi primordial para a comunicação e também para os negócios, pois foi através dela que, ocorreram as negociações para a exploração do trabalho dos povos nativos, inicialmente na

⁴ Silvícolas: pessoa que vive na selva; indígena.

extração do pau-brasil e com a escassez deste nas lavouras canavieiras, de tabaco e algodozeiras.

Observa-se então, que os idiomas nativos originais sofreram modificações ao se misturarem com o português europeu e a recíproca também é verdadeira, pois se fazia necessário que, ambas as partes cedessem em seus idiomas nativos para que houvesse uma comunicação. Este facto contribuiu e muito para o enriquecimento da língua portuguesa no Brasil, porque, a língua geral formada pela mistura dos idiomas indígenas e português, tornou-se a língua oficial da colônia e deu origem a uma imensa gama de variantes da língua portuguesa.

Houve também, ainda segundo Luckesi (2009), uma ampla contribuição dos jesuítas na formação da língua portuguesa, pois eles também se favoreceram da língua geral utilizada aqui para seu trabalho missionário. Mas foram além, pois também a modificaram e chegaram a categorizá-la e sistematizá-la.

Ao perceberem a exploração imposta pelos colonizadores, os silvícolas não tardaram a negarem-se ao trabalho, logo acabou a diplomacia, a troca, o escambo⁵ e surgiu soberana a coerção, o uso da força, para que o trabalho continuasse, entrando em cena a escravização. Nesse momento, a cena também foi roubada pelos missionários da Companhia de Jesus que tratavam da submissão espiritual dos nativos, enquanto os colonizadores cuidavam da física. Os Jesuítas ensinavam-lhes a cultura portuguesa, pela sua fé e seus dogmas, mostrando-lhes principalmente, a superioridade de seu Deus. Porém, para obterem êxito também tiveram que lançar mão da língua geral e pode-se dizer que, se tornaram especialistas no assunto, pois segundo Luckesi (2009 e 2017), entre outros linguistas e historiadores, chegaram a codificá-la e a registrá-la, haja vista que é atribuído ao padre José de Anchieta a escrita de uma gramática da língua geral, onde há a união de registros de palavras oriundas do português europeu, do tupy e até mesmo do espanhol. Dessa forma, observa-se que a língua geral demonstrava certa complexidade como pode-se comprovar no excerto abaixo:

(i) a *koiné* empregada na comunicação entre as tribos de línguas do tronco tupi da costa brasileira;

(ii) a sua versão como língua franca usada no intercuro dos colonizadores portugueses e indígenas;

⁵ Escambo: troca de mercadorias ou serviços sem fazer uso de moeda.

(iii) a versão nativizada predominante nos núcleos populacionais mestiços que se estabeleceram no período inicial da colonização; e

(iv) a versão “gramaticalizada” pelos jesuítas sob o modelo do português e utilizado largamente na catequese, até de tribos de língua não tupi- chamadas por estes de tapuias, que significa ‘bárbaro’, em tupi. (Luckesi, 2009, p.46)

Outro factor que contribuiu para o desenvolvimento da língua geral foi o advento das entradas e bandeiras⁶ que, segundo Luckesi (2015 e 2017), adentraram os territórios das atuais regiões que compreendem o estado de Minas Gerais e a região Centro-oeste. Pois, ali houve a miscigenação não só das línguas, mas, também dos povos, principalmente de homens portugueses com mulheres indígenas. Dando assim, origem a pessoas de raças misturadas, os chamados mamelucos. Estes por sua vez, ainda segundo o mesmo autor, tornaram-se hábeis caçadores de índios chegando a escravizar sua própria gente, na tentativa de ascender socialmente e serem reconhecidos como brancos. Negando suas origens nativas, passaram a utilizar a língua geral, o que contribuiu para a expansão dessa língua e sua adoção pela sociedade paulista da época. Esse mesmo facto também ocorreu no Maranhão, para onde fugiram os Tupinambás, depois de serem expulsos do litoral.

No entanto, com as entradas e bandeiras a língua geral foi difundida também pelo interior da colônia e adotada como segunda língua por povos de língua não tupy, como mostra o trecho a seguir:

Por outro lado, as bandeiras difundiram o uso da língua geral pelo interior do país até entre as tribos de língua não tupi, o que define uma quinta situação recoberta pelo termo língua geral:

(v) língua franca de base tupi utilizada como língua segunda por tribos de língua não tupi (podendo também nesses casos ocorrer a sua nativização). (Luckesi, 2009. P. 47)

Dessa forma, com o processo de colonização, a língua geral, segundo Luckesi (2017, p. 363), chegou a Amazônia onde foi chamada de “nheengatu” que significa “língua boa”. Considerando-se que os povos amazônicos falavam outro tipo linguístico advindo dos grupos Aruaque e Macro-gê, a adoção da língua geral foi um grande avanço dos povos dominantes em relação aos dominados, uma vez que, a língua se constitui um importante instrumento de dominação.

⁶ Bandeiras: expedições organizadas e financiadas por particulares, principalmente paulistas. Partiam de São Paulo e São Vicente principalmente, rumo às regiões centro-oeste e sul do Brasil com o objetivo de desbravá-las.

Já D'Angelis (2014), afirma que, os índios brasileiros são na verdade muitos povos, cada povo com sua maneira própria de expressão que atende as suas necessidades comunicativas. Afirma também a existência de 170 (cento e setenta) línguas indígenas no Brasil atual e que na época da chegada dos primeiros europeus a estas terras, existiam aproximadamente o dobro de línguas, que foram desaparecendo devido principalmente, ao extermínio ou a caça a escravos promovidos pelos europeus. Destaca também que as áreas mais prejudicadas foram aquelas mais colonizadas, como: o Sudeste, o Nordeste e Sul do Brasil. E cita línguas sobreviventes em alguns pontos: a língua yatê, no sul de Pernambuco; a dos Maxakali no nordeste de Minas Gerais; A dos Xokleng em Santa Catarina; e grupos de falantes do guarani no leste paulista, no litoral dos estados do Paraná, Rio de Janeiro e Espírito Santo. D'Angelis (2014, pp.19-20).

Algumas línguas antes de sumir foram documentadas. É o caso do *Tupy* e do *tupinambá*. Esta última língua mais conhecida dos brasileiros, gozou de grande prestígio, tornando-se uma das línguas gerais da nação, pois era usada para a comunicação entre o branco colonizador e o nativo brasileiro. E tornou-se tão importante que seu uso chegou a ser proibido pelo governo português através de decretos, contudo, ainda sobrevive de forma modificada e adaptada a língua portuguesa pode ser encontrada principalmente na fauna e na flora. Luckesi (2017). Observe os exemplos na tabela abaixo:

Tabela 1 Palavras do tupinambá adaptadas ao português brasileiro

PLANTAS	ANIMAIS	CASA/ INSTRUMENTOS	QUALIDADES	NOMES COMPOSTOS
Ýba-árvore	Jaguára-onça	Óca- casa	Ún- preto	Ý-guaç-ú: rio Grande.
Ybirá-pau, madeira	Guyrá-pássaro	Taba- aldeia	Pirang- vermelho	Y-tinga: rio branco.
Capi'i- capim	Pirá-peixe	Ocára- pátio da Aldeia	Porang- bonito	Ý-ún-a: rio preto, preta
Jaçapé- capim-sapê	Mbóia-cobra	Urapára- arco	Mirí- pequeno	Ý-piráng-a: rio vermelh
Tacuára- taquara	Tejú-lagarto	U'úbá- flecha	-Guaçú, -uçú- Grande	y-býpéb-a: terra plana
Ycipó- cipó	Jacaré	Yú- machado	Tining-seco	Yby-poranga: terra bon
Ca'á- mato	Jaboti-cágado	Kycé- faca	Péb- chato, plano, baixo	ybytyr-um-a: morro preto, serra negra
Nhû- campo	Jundi'á-bagre	Iní- rede de Dormir	Ún- preto	Ý-guaç-ú: rio Grande.

Fonte: D'Angelis (2014, pp.21-22).

É necessário lembrar que outros povos europeus além dos portugueses, também estiveram presentes no Brasil no Período Colonial e também deixaram sua contribuição linguística, embora não tão vultosa como a portuguesa. Entre esses povos, aportaram aqui, franceses, espanhóis, italianos, ingleses e holandeses. Destaca-se a colaboração dos holandeses na língua portuguesa brasileira, que segundo Nobre (2013), foi de pouca importância tendo deixado maior influência no Nordeste, principalmente nos estados do Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco. Lugares onde segundo Abreu (2019), invadiram territórios por duas vezes, a saber, 1624 e 1630. A primeira invasão durou cerca de um ano, já a segunda só terminou em 1653.

De acordo com o historiador Capistrano de Abreu (2019), os invasores franceses chegaram à terra brasileira, quase que simultaneamente aos portugueses e logo surgiram os primeiros conflitos, devido a vários motivos, tais como:

- Invasão de terras brasileiras, já que o “Tratado de Tordesilhas” dividia as terras brasileiras entre Brasil e Espanha;
- A extração ilegal de madeira e outros tipos de matéria prima, além de uma concorrência desleal praticada no comércio, na Europa. Isto ocorria devido ao não pagamento de impostos dos franceses, uma vez que, a mercadoria que comercializavam era retirada de forma ilegal do Brasil. Abreu (2019, p.41)

Segundo Perrone, (2013,), os franceses fizeram duas tentativas de estabelecerem-se no Brasil Colonial, entre os séculos XVI e XVII. A primeira tentativa ocorreu no ano de 1555 no Rio de Janeiro, quando Nicolas Durand de Villegaignon desembarcou em uma ilha, na Bahia de Guanabara e lá fundou uma colônia chamada França Antártica. Os empreendedores enfrentaram diversos problemas como: dissensões religiosas, complôs e rebeliões, além da fúria dos portugueses. Essas adversidades internas fizeram com que a colônia viesse a cabo e os seus remanescentes juntaram-se aos tupinambás.

A segunda tentativa ocorreu meio século depois, em 1612, quando a rainha regente francesa Maria de Médici apoiou a criação de uma colônia chamada França Equinocial, no que hoje em dia corresponde ao estado do Maranhão. La Ravardière e de Razilly foram os responsáveis por essa empreitada. No entanto, essa segunda tentativa durou apenas três anos e em 1615, os franceses foram expulsos definitivamente do Brasil. Tendo fim o sonho francês de possuir uma colônia nos trópicos. Porém, segundo Perrone (2013), os tupinambás

aprenderam a cultura francesa, principalmente a religiosa, portanto acredita-se que traços de galicismos foram incorporados à língua brasileira do Brasil colonial⁷ dos séculos XV e XVI.

Os povos nativos brasileiros dividiam-se entre os povos colonizadores, os Tupinambás apoiavam os franceses, já os Tupiniquins apoiavam os portugueses. E a disputa pela terra entre os dois povos colonizadores era tão séria que Abreu (2019), chega a dizer que durante anos não se sabia definir, a qual desses dois povos pertencia o Brasil.

Segundo o historiador Fausto (2019), a primeira invasão holandesa no Brasil ocorreu por ocasião da passagem do trono português para o rei Espanhol, Filipe II, pois as relações entre Espanha e Holanda não eram amistosas. Irrompida no estado da Bahia, tendo duração de apenas um ano, não trouxe contribuições significativas para a cultura brasileira, uma vez que ficou presa apenas a sede da capitania, Salvador, pois, os habitantes da cidade haviam se refugiado nas fazendas próximas e organizaram a resistência liderados por Matias de Albuquerque e pelo bispo dom Marcos Teixeira, utilizando-se de táticas de guerrilha e da chegada de reforços vindos da Europa.

A segunda invasão, ainda segundo Fausto (2019), teve contribuições mais significativas para o Nordeste brasileiro, dessa vez invadiram o estado do Pernambuco, ocorrida em 1630, durou até 1653 e passou por três fases diversas:

- A primeira, teve início em 1630 e durou até 1637. Durante todo esse período desenvolveu-se uma guerra de resistência que foi vencida pelos holandeses. Fausto (2019)

- A segunda fase desenvolveu-se de 1637 a 1644, tendo passado o período de guerra, os flamengos consolidaram-se como senhores do território no qual veio estabelecer-se o príncipe Maurício de Nassau, que trouxe contribuições positivas para o Nordeste brasileiro. Tais como: venda dos engenhos abandonados por seus donos a crédito, facilitando assim a aquisição de terras e estabilizando a economia que era desenvolvida a base do açúcar; preocupou-se em sanar a fome na província, mandando que cada senhor de engenho ou fazendeiro plantasse a mandioca na proporção de sua posse de escravos; implantou a tolerância religiosa, pois sendo ele calvinista, foi benevolente com católicos e judeus, permitindo-lhes inclusive que prestassem seus cultos livremente; favoreceu ao desenvolvimento cultural e artístico trazendo pintores, escultores, naturalistas, letrados e artistas em geral, para difundirem a cultura em

⁷ Brasil colonial- período no qual o território brasileiro foi colônia de Portugal, iniciando-se em 1530 com a expedição colonizadora de Martim Afonso de Souza e terminando em 1822 com a proclamação da independência por D. Pedro I.

seus domínios, e fundou a cidade Maurícia, existente até hoje em dia, como réplica de Amsterdã com seus canais e traçados geométricos. Devido a essa construção, até a atualidade, Recife é considerada a Veneza brasileira. No entanto esse período de conquistas teve fim com o desentendimento do príncipe com a Companhia das Índias Ocidentais e este teve que partir para a Holanda. A Companhia das Índias Ocidentais, segundo Barléu (2016), foi uma empresa fundada pelos cidadãos mais ricos e hostis a Espanha, com o objetivo de explorar e obter lucro com as riquezas tanto das Índias quanto do Brasil.

- O terceiro período, que se prolongou de 1645 a 1654, coincide com o fim da dominação espanhola em Portugal. No entanto, este facto não pôs fim ao domínio espanhol no Brasil, muito pelo contrário, a guerra de retomada pela posse da terra intensificou-se com o conflito no qual se destacaram, André Vidal de Negreiros e João Fernandes Vieira, ricos donos de terra da região. Juntaram-se a eles nessa empreitada o negro Henrique Dias e o índio Filipe Camarão. Nessa situação reflete-se mais uma vez o uso da ignorância popular em favor dos objetivos dos poderosos. Fausto (2019).

Esse grupo inicialmente logrou êxito, mas logo a luta entrou em um impasse que foi quebrado nas duas batalhas de Guararapes ocorridas em 1648 e 1649, que foram vencidas pelos revoltosos. Além disso, muitas outras circunstâncias favoreceram a saída dos holandeses do Brasil, tais como: a existência de um grupo holandês favorável a paz com Portugal, o declínio da Companhia das Índias Ocidentais e o início da guerra entre Holanda e Inglaterra. A exemplo dos conquistadores portugueses, os holandeses também converteram os nativos da terra à fé cristã e nos dizeres de Barléu (2016, p. 67) “abriram aulas para que se formasse o caráter dos meninos, e compuseram cartilhas e compêndios de doutrinas cristãs”. Proibiram a prática de costumes portugueses e instituíram orfanatos e hospitais públicos.

Daí pode-se perceber que os holandeses deixaram grandes legados em sua passagem pelo Nordeste brasileiro, inclusive cultural, pois além de outras coisas, sua língua foi instituída nas escolas de doutrinação, assim como os jesuítas fizeram com a língua portuguesa. E também se compreende o uso do idioma holandês como língua do estado ou como língua oficial para comunicação no Brasil holandês, como declara Barléu (2016). Pois fica evidente que com tantas regras e leis, inclusive no que se refere a proibição de costumes portugueses, a língua portuguesa tenha sido colocada em segundo plano, tendo como forte concorrente o holandês. Desse modo, este último idioma citado deixou sua contribuição para

o português brasileiro, ajudando a desconsolidar a ideia de hegemonia lusófona na Língua Portuguesa.

Outra língua europeia que também se destacou no Brasil, inclusive tendo espaço na gramática da língua geral, escrita pelo Padre Anchieta, foi o espanhol. Ainda citando Nobre (2013), observa-se que os espanhóis ocuparam territórios na região Sul do Brasil desde o início da colonização. A saber, territórios onde a geografia dos Pampas predominava, estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná e ainda participaram da colonização em outros territórios, tanto como colonos, como jesuítas, como é o caso do Padre José de Anchieta. É claro que, nas missões jesuíticas, esses missionários espanhóis utilizavam seus idiomas nativos, tanto para comunicarem-se entre si, como para entenderem-se com os nativos. Temos então a explicação do facto dessa língua ter tido espaço na gramática da língua portuguesa escrita por Anchieta.

Segundo Lima (2017), a entrada dos espanhóis no Brasil ocorreu a partir de 1580, período da história checado como União Ibérica, no qual o monarca Felipe II da Espanha tomou posse do reino português, unindo-o a Espanha. Sendo neto dos reis católicos Isabel de Castilla e Fernão de Aragão, tornou-se rei do império luso com a morte do cardeal D. Henrique, tio avô de D. Sebastião, monarca português casado com dona Juana, irmã de Felipe II, que morreu na lendária batalha de Alcácer Quibir, o que concedeu ao monarca espanhol o direito ao trono português.

Para Lima (2017) o período conhecido como União Ibérica trouxe um grande crescimento para a então colônia brasileira, pois foi neste período que o território brasileiro, antes delimitado pelo Tratado de Tordesilhas, foi ampliado. Esta ampliação envolveu todo o território da costa brasileira; a consolidação da posse do interior das regiões Sul e Centro Oeste; a expulsão dos invasores franceses das regiões Norte e Nordeste; além do desbravamento dos estados do Pará e das amazonas.

Além da expansão do território físico do Brasil, segundo Lima (2017), também houveram influências no que concerne a organização administrativa e jurídica do Brasil. Pois o governo filipino dividiu as terras em dois estados, a saber: estado do Brasil com sede administrativa na Bahia e estado do Maranhão ou grão Pará com sede administrativa em São Luís. Quanto as mudanças jurídicas, aprouve a *el rei* instituir o Código filipino em substituição ao código manuelino vigente na época.

Ainda consoante Lima (2017), também houveram influências culturais, pois a partir deste momento teve início a literatura brasileira, com o poema Prosopopeia, marco referencial do Barroco no Brasil, escrito por Bento Teixeira. A literatura produzida nesta época, “influenciada pelo referencial castelhano iria caracterizar a cultura lusitana gerada na colônia.” Lima (2017, p. 99)

De volta à educação, enquanto os “gentis” eram educados apenas para a servidão, os filhos dos colonos aprendiam a ler e a escrever e segundo Aranha (2020), no século XVI foram montados três cursos, segundo o modelo português. Os cursos eram: Letras Humanas, Filosofia e Ciências ou Artes e Teologia e Ciências Sagradas.

Quanto a educação da população negra do Brasil no século XVI, segundo Bastos (2016) esta se resumia a aprendizagem de um ofício como alfaiate, vendedor, carpinteiro e outros, para que estes, chamados negros de ganho, pudessem trabalhar dando uma renda extra a seus senhores. Ainda segundo Bastos (2016 p. 746), a legislação da época proibia expressamente “a escolarização de crianças escravas”. Logo conclui-se que a educação, no Período Colonial atendia apenas a pequenos grupos privilegiados de filhos de senhores brancos. Portanto, neste período a educação mostrou-se elitista pois atendia apenas a homens livres e desde que fizessem parte da elite brasileira. Dessa forma, tornou-se mais um instrumento de dominação do homem branco sobre os povos negros.

1.4 A Influência da língua geral

No século XVII, o ensino brasileiro seguia os mesmos moldes concebidos no século XVI. Então, a elite brasileira, segundo Aranha (2020), que queria seguir outras carreiras, que não as dos cursos oferecidos no Brasil, tivera que se deslocar para Portugal ou para a França. E somente a elite tinha poder econômico suficiente para isso. Quanto às línguas dominantes chamadas línguas gerais, formadas pela mistura de línguas indígenas e do próprio português, estas perderam prestígio, sobrepondo-se a elas o português lusófono, tal como nos relata Matos e Silva (2021), pois, a partir do século XVII, o português foi favorecido, dentre outras razões, pela extrema fragmentação do quadro linguístico ameríndio.

A este quadro pode-se acrescentar a presença da cultura africana que também veio enriquecer nossa linguagem como nos mostra a citação abaixo.

Na proporção em que as hostilidades infligidas pelos colonos aos indígenas faziam diminuir a oferta de mão-de-obra autóctone, a procura por braços escravizados

africanos aumentava. Caso diminuíssem as remessas de africanos, os colonos novamente estimulavam o apresamento dos indígenas, a despeito da legislação que os protegia da escravização. Portanto, a dinamização da economia mercantil escravista exigia incessante deslocamento de escravizados africanos para a colônia brasileira. (Gileno, 2019, p. 12)

Com o declínio do extrativismo do pau-brasil, a introdução da cultura açucareira na colônia e a resistência dos nativos ao trabalho escravo, que encontraram apoio nos jesuítas, os colonizadores foram forçados a novos empreendimentos para a busca de mão-de obra. Encontrando no tráfico de pessoas, vindas da África, a solução para seus problemas. Pois, dessa forma, os africanos foram trazidos ao Brasil para trabalharem como mão de obra escrava, a princípio na lavoura de cana-de-açúcar e posteriormente na extração de metais e pedras preciosas. O que acabou contribuindo não só para o enriquecimento capitalista, mas também para o enriquecimento linguístico. Como afirma Severo (2015).

Quanto ao aspecto linguístico, a partir da chegada dos africanos alguns autores como Severo (2015), falam em açucaramento da língua portuguesa, pois o modo de falar do colonizador acabou sofrendo modificações, já que seu sotaque era classificado como duro e grosseiro, como podemos ver no excerto abaixo.

A miscigenação das raças como um traço característico da engrenagem colonial teria deslizado para as línguas. A natureza adocicada, amolecida, deliciosa, dengosa, servil e suave, valores que são transpostos para a língua falada no Brasil e que a distinguiriam do português da metrópole, seriam efeitos das relações entre um colonizador mais adaptável, solidário, protetor e tolerante com escravizados submissos, obedientes e servis (Severo, 2015, p. 95).

Ainda citando Severo (2015), a miscigenação das raças, branco português e negro africano, teria propiciado à língua portuguesa no Brasil uma característica menos dura, mais lenta e atrevo-me a dizer que com certa “ginga”.⁸ E isso tudo em decorrência do relacionamento do senhor de engenho português, que tentava de certa forma “conquistar” o escravo e também do africano, que muitas vezes se conformava com a situação escravagista.

Ainda segundo Severo (2015), a língua portuguesa no Brasil passa a incorporar uma lentidão na fala, o que a diferenciaria do português lusitano, que é um falar rápido com /rs/ dobrados, esses (S) chiados-vogais abertas, e palavras modificadas como por exemplo “sinhá” para “senhora”.

⁸ Gíngia: Balançar o corpo; bambolear;

Vale lembrar que na história da construção da língua portuguesa, o sistema econômico açucareiro desempenhou um papel preponderante, pois foi a pedra angular no desenvolvimento de nossa colonização, embora a intenção não fosse essa, segundo Severo (2015). Pois, a verdadeira intenção era criar um sistema capitalista lucrativo aos senhores portugueses. Junto com esse sistema ocorreu à exploração do povo africano, tanto da mão-de-obra quanto sexual. Os senhores de engenho se valiam de favores sexuais das mulheres escravizadas, por isso o termo conquista usado anteriormente. E assim se deu o adoçamento da língua.

Mattos e Silva (2021), afirma que aproximadamente a partir de 1549 dá-se o início do tráfico de africanos ao Brasil que, pertencendo a diversas nações ou tribos, trazem consigo uma vasta diversidade de culturas e com elas uma grande variedade linguística, que daria origem a língua geral da colônia ou o português geral brasileiro⁹ - a saber, entre 200 e 300 línguas. Ainda segundo a autora Mattos e Siva (2021, pp. 30-33), “a grande maioria era da família Sul-equatorial bântu, logo seguida das línguas benuê-kwa, do Oeste africano. Outro consenso é o da constante bântu ao longo do tráfico escravista”. Mattos e Silva (2003), defende a tese de que não há conservadorismo da língua portuguesa no Brasil e concordo com essa teoria visto que, ao chegarem a esta terra, os africanos tiveram que se adequar à cultura do colonizador. Dessa forma, tiveram que abdicar de sua língua falada e aprender de forma desorganizada e assistemática, a cultura dominante. Essa transmissão se deu apenas de forma oral o que abriu espaço para as adaptações e adoções de palavras. Lembrando que chegaram a ser 50% da população da colônia no século XIX, portanto, um número superior aos nativos, que representavam cerca de 20% da população, e a uma minoria branca portuguesa que chegavam apenas a 30%, mas, ainda assim dominados por essa minoria branca.

Luckesi (2015), corrobora com o pensamento de Mattos e Silva (2003), em relação a população brasileira da época, mostrando números exatos da população do século XIII no Brasil, quando o país contava com 300.000 mil habitantes, sendo 51% da população negra, entre escravos africanos e negros nascidos no Brasil; 10% mulatos; 32% brancos, entre brasileiros e europeus; e apenas 8% de nativos integrados.

⁹ A autora se refere a uma língua geral formada por vernáculos oriundos das línguas indígenas, africanas, portuguesa e espanhola.

Tanto Mattos e Silva (2021), como Oliveira (2016), defendem a tese de que as línguas gerais adotaram diversas palavras dos idiomas africanos, devido à situação de aquisição da língua falada na colônia pelos africanos.

Já Luckesi (2009, 2017), defende um esmaecimento da língua geral, a partir da chegada dos africanos ao Brasil¹⁰, pois esta era difundida pelos nativos escravizados e estes além de encontraram-se em menor número não se sujeitavam à escravidão. Sendo assim, segundo o autor não houve um contato representativo entre esses dois povos. Pois, ao passo que o convívio do africano com os portugueses colonizadores se estreitava, os indígenas se afastavam. Portanto, a língua geral foi sendo gradativamente substituída pelo português, falado pelo colono e suas adequações feitas pelos escravos. E é claro que não se ignora o facto de que os povos escravizados falavam suas línguas originais em situações de comunicação entre si.

Como já foi citada acima, a situação de aquisição da língua portuguesa pelo cativo africano ocorreu de forma assistemática, o que favoreceu a inclusão e a formação de novas palavras ao idioma, principalmente, ainda segundo Luckesi (2009), se considerar que havia escravos servindo nos lares dos senhores, conjectura-se obviamente que esse contato foi uma via de mão dupla, na qual tanto o negro aprendia o idioma do senhor, quanto implantava palavras de sua própria língua dentro da casa grande.

Há outra questão que pesa a favor dessa tese: o facto das escravas cuidarem das crianças brancas desde o seu nascimento. Sendo amas de leite e babás, participando assim de sua educação e influenciando-as em seu aprendizado no momento da fala. Torna-se evidente que as novas gerações de colonos tiveram seu português miscigenado pelo falar imperfeito do português falado por suas babás e pela apropriação de palavras oriundas do idioma dos dominados.

Rodrigues (2019), ressalta e lamenta o facto de não haver uma filologia histórica para o estudo das línguas africanas no Brasil. E afirma que estes passaram por muitas dificuldades linguísticas de adaptação, pois precisavam falar o português para se comunicar com os senhores e a língua geral para se entender com os companheiros de escravidão. Fala-se em uma língua geral também para os negros, diferentemente daquela usada pelos índios, já que os

¹⁰ Aqui o autor se refere ao esmaecimento das línguas gerais da colônia constituídas pela mistura das línguas indígenas, portuguesa e espanhola.

africanos eram de diferentes nações e falavam várias línguas, então também tiveram que adaptar uma língua na qual todos se compreendessem.

Gostaria de lembrar que a proposta do presente capítulo não é discutir a criouliização da língua portuguesa ou sua reestruturação, mas perfilar historicamente a contribuição das línguas africanas para a língua portuguesa brasileira.

Ainda segundo Rodrigues (2019), as línguas africanas no Brasil foram divididas ou reunidas em três grupos. São eles: línguas do norte; línguas sudanesas ou do centro; línguas austrais ou bantus. Deste último grupo, duas foram adoptadas como línguas gerais no Brasil, o Nagô ou iorubá na Bahia; quimbunda ou congolesa no Norte e no Sul do país.

O idioma nagô sobreviveu na Bahia canalizado pela cultura popular na fala de velhos descendentes africanos, crioulos e mulatos, em seus rituais religiosos e também na cultura sistemática, pois foram encontrados documentos escritos nessa língua em “casas de comércio de negros e em templos ou pêsquisas feticistas”. Segundo Rodrigues (2019, p. 142).

Fiorim (2014), fez o levantamento dos léxicos africanos usados no Brasil, sejam eles por decalque ou por empréstimo. Reunindo assim, várias palavras produzidas na língua brasileira por influência das linguagens africanas faladas pelos escravos introduzidos no Brasil. Cita-se alguns exemplos na tabela abaixo:

Tabela 2-Palavras provenientes dos idiomas africanos adaptadas à Língua Portuguesa

Camundongo	Mulambo	Mandinga	Corcunda
Cachaça	Angu	Caçamba	Mocambo
Quilombo	Marimbondo	Acarajé	Quitanda
Orixá	Carimbo	Caruru	Bunda
Mandinga	Miçanga	Vatapá	Babaca
Mucama	Canga	Cochilar	Sacana
Fubá	Caçula	Cafundó	Mocotó
Dengo	Bobó	Candomblé	Zumbi
Xingar	Muquirana	Tanga	Moleque
Catinga	Muamba	Caxumba	Abadá
Macaco	Banguela	Capanga	Quitute

Fonte: Guerreiro, 2016 (pp.09-17) Fiorim (2014, pp. 150-170)

Fiorim (2014), ainda afirma que muitos destes vocábulos são apenas regionais. E encerra esse tópico falando das mudanças fonológicas e semânticas que, não entrarão nessa discussão.

E assim encerra-se este capítulo, que teve por objetivo principal clarificar a contribuição linguística à língua portuguesa, herdada tanto dos indígenas, que eram naturais da terra Brasil, quanto dos povos africanos, trazidos a força. No entanto, não se tem a pretensão de encerrar as discussões sobre o assunto, visto que este ainda há muito com o que contribuir, tanto no que se refere a cultura, quanto a heterogenia da língua portuguesa.

Seguindo esta mesma linha, no que se refere as contribuições de outras línguas à língua portuguesa, o próximo capítulo tem como tema principal, a contribuição linguística dos imigrantes europeus no século XVIII. Tendo como pano de fundo, a ascensão do marquês de Pombal ao poder em Portugal; a revolução industrial, que ocorrera na Inglaterra; e a crise econômica portuguesa, que gerou a exploração do ouro no Brasil colônia.

CAPÍTULO II - INFLUÊNCIAS NA LÍNGUA PORTUGUESA A PARTIR DA CHEGADA DOS IMIGRANTES EUROPEUS NO BRASIL, NO SÉCULO XVIII.

No século XVIII, a situação de Portugal, Segundo Gomes (2015), configurava-se no cenário mundial como um país agrário, atrasado tecnologicamente e com sérios problemas econômicos.

Já a Inglaterra era a nação mais avançada da época, devido ao advento da Revolução Industrial ocorrida na segunda metade do século XVII. Como consequência, Portugal tornou-se dependente economicamente da Inglaterra, pois, comprava produtos manufaturados caríssimos desta, enquanto vendia-lhes seus vinhos a baixos preços. Gomes (2015)

Em meio a este cenário caótico, segundo Oliveira (2016), surge uma personagem de grande destaque no cenário português, Sebastião José de Carvalho e Melo, mais conhecido como Marquês de Pombal, que durante a crise que o país lusitano atravessava, no século XVIII, ascendeu ao poder como primeiro ministro português. E tomou medidas duras e polêmicas na tentativa de alavancar a economia lusa e devolver ao país a glória de outrora. E sendo o Brasil colônia portuguesa, evidentemente, também foi atingido por essas medidas, segundo Oliveira (2016). Cita-se a seguir as medidas:

- a) Industrialização de Portugal;
- b) Aumento dos impostos sobre produtos importados;
- c) Fundação da Companhia dos Vinhos do Douro que monopolizou o comércio de vinhos em Portugal, em detrimento do vinho que a nobreza produzia em suas quintas;
- d) Incentivou a agricultura e a construção naval;
- e) Reformou a instrução pública;
- f) Promoveu a reorganização do exército português;
- g) Acabou com a distinção entre cristãos-novos e cristãos-velhos e expulsou os jesuítas de Portugal bem como de suas colônias. Oliveira (pp.27-34).

Segundo Oliveira (2016), no Brasil, o palco das mudanças instituídas pelo Marquês de Pombal foi o estado do Maranhão e Grão-Pará, nesse estado, governado por Francisco Xavier de Mendonça Furtado, meio-irmão do Marquês de Pombal, onde, desde há muito, havia uma disputa entre colonos e missionários pelo controle da população indígena da região, base da mão-de-obra local. Enquanto a economia missionária prosperava devido ao poder espiritual que estes exerciam sobre os índios, os colonos reclamavam da falta de mão-de-obra.

A coroa tomou medidas para reverter esse quadro beneficiando os colonos portugueses e conseqüentemente o reino. Entre essas medidas estavam a criação da Companhia Geral do Maranhão e Grão-Pará, a política indigenista do período e a supressão do poder temporal dos jesuítas. Oliveira (2016).

A Companhia do Maranhão e Grão-Pará foi criada com a intenção de desenvolver o comércio da região, comercializando as chamadas “drogas do sertão” e também negros africanos, acabando com o monopólio exercido pelos jesuítas sobre a economia local. Entenda-se por “drogas do sertão”, o cacau, a baunilha, a canela, a castanha, o cravo, o guaraná, o urucum,¹¹ entre outros.

Quanto a política indigenista, segundo oliveira (2016) foi criado o directório dos índios, que era um órgão destinado a exercer uma espécie de tutoria sobre os gentis, através da pessoa de um diretor e que também criou e implantou a “Lei de Liberdade” dos índios, que propunha a remuneração do trabalho destes, que era usado pelos jesuítas sem retorno pecuniário. No entanto, deixa-se claro que essa “Lei de Liberdade”, na verdade, era contraditória, uma vez que trazia várias restrições e proibições aos povos indígenas. Entre elas estava à proibição dos indígenas deixarem permanentemente suas aldeias, indo instalar-se em outra região. E também estabelecia a criação de aldeias com o mínimo de 150 (cento e cinquenta) habitantes, podendo juntar aldeias pequenas para que esse número fosse atingido. Esta lei também tratava da cristianização e da civilização dos gentis. A cristianização seria assunto tratado pela igreja, já a civilização seria preocupação do diretor. Designava-se por “civilização” o trabalho na lavoura e no comércio. Segundo Oliveira (2016) na verdade, o que acontecia nesse estado era a desapropriação da terra dos jesuítas, que a própria coroa alegava serem os responsáveis pela falência do estado, já que detinham o controle da mão-de-obra existente na região e não pagavam impostos. Vale lembrar que os colonos pobres não tinham como concorrer com o poder dos jesuítas, pois estes detinham o poder espiritual com o qual controlavam os gentis. Os colonos também não tinham condições de comprar escravos africanos para trabalharem em sua lavoura, pois tinham baixo poder aquisitivo.

¹¹ Urucum: árvore pequena (*Bixa orellana*) da fam. das bixáceas, nativa de regiões tropicais das Américas, com folhas ger. trilobadas, flores róseas em panículas, e cápsulas grandes, rosadas ou roxas, quando secas pardo-escuras, com espinhos moles e várias sementes; açafrão, açafrão-da-terra, achiote, bixa, iricuzeiro, urucueiro, urucuuba, urucuzeiro, ururu [É cultivada no Brasil como ornamental e pelas sementes e polpa medicinais e esp. us. no fabrico de corantes.].

Dessa forma, os jesuítas e suas missões passaram a ser um entrave no desenvolvimento econômico do estado, uma vez que, tinham regalias como, o não pagamento de tarifas alfandegárias. Então se decidiu pela partilha de suas terras para civis e que os jesuítas passassem a viver de *côngruas*¹². Oliveira (2016)

Então, todas as reformas citadas acabaram por culminar na expulsão dos jesuítas da colônia no ano de 1760. Ainda segundo Oliveira (2016), essa determinação favoreceu ao uso da língua portuguesa no Brasil em detrimento das demais, pois estabelecia a importância do ensino da língua portuguesa, a concessão a respeito de honras e privilégios da utilização de nomes e sobrenomes portugueses.

Para Aranha (2020), o que mais marcou a histórica do século XVIII no Brasil foi o facto do Marquês de Pombal ser o novo governante da colônia. Esse período ficou marcado como a “Era Pombalina”. Segundo Aranha (2020), esse período trouxe muitas mudanças e definiu o destino do português como idioma oficial da colônia, pois temendo o poder dos jesuítas, que naquele momento eram muito ricos, Pombal expulsou-os do país com a acusação de que teriam o interesse de formar “um império temporal cristão” e formou escolas leigas, onde a língua estudada era a portuguesa.

O destino do português no Brasil se definiu em meados do século XVIII, quando o Marquês de Pombal, por “Lei de 03 de Maio de 1757”, primeiro aplicada ao Pará e ao Maranhão, deu início a uma nova política linguística e cultural na colônia americana, que depois se estendeu a todo o Brasil, ao criar a primeira rede leiga de ensino. Com a saída dos jesuítas, e ao estabelecer um ordenamento jurídico e administrativo em que a língua portuguesa passa a ser obrigatória, proscrevendo-se o uso de quaisquer outras línguas. Esse facto histórico marcou definitivamente o fim de um processo que poderia ter definido outro destino linguístico para o Brasil (Matos e Silva, 2021). Vale ressaltar que neste período houve uma descontinuação/ desconstrução da educação no Brasil colônia, pois com a expulsão dos jesuítas acabou-se o ensino no Brasil e os indígenas ficaram à sua própria sorte.

E essa situação só foi modificada em 1772, quando foi implantado o Ensino Público Oficial na colônia, a coroa encarregou-se de fazer várias mudanças, tais como, a nomeação de professores e o estabelecimento do Plano de Estudos e Inspeção.

¹² *Côngruas*: pensão paga aos párocos para seu sustento.

Guimarães (2012), concorda com Mattos e Silva (2021), quanto ao destino da língua portuguesa no Brasil e ainda deixa claro que, a proibição do uso das línguas gerais nas escolas foi uma atitude direta da política de línguas, a fim de tornar o português a língua mais falada no Brasil e acrescenta que, a criação do Diretório dos Índios que, entre outras coisas, proibiu o uso da língua geral na colônia, ficando restrita apenas ao uso da língua portuguesa. Com essas ações em favor da língua portuguesa, esta que já era a língua oficial da colônia, isto é a única usada e aceita em documentos oficiais, também passou a ser a mais utilizada por todos.

Seguindo o curso histórico, no século XVIII, período no qual a Europa iniciava seu processo de expansão capitalista, especialmente a Inglaterra, e populacional, principalmente, Portugal, a saber: as regiões de Entre-Douro-e-Minho, factos que culminaram em um fluxo migratório internacional de trabalhadores europeus, principalmente portugueses para a América, ocorrido a partir do século em questão. Pois além do mercado de trabalho europeu não conseguir absorver toda a mão-de-obra em sua recém criada indústria, Portugal enfrentava sérios problemas econômicos, sendo sua economia pautada na agricultura e no comércio, a primeira, sofria com a divisão desigual das terras, e com o regime senhorial. Tendo também, uma indústria atrasada, dependia de outros países para adquirir produtos manufaturados, o que implicava na falta de gêneros diversos. Junte-se a estes problemas a intervenção da igreja, na perseguição aos cristãos novos e a dificuldade do reino em reter suas riquezas. Factos que geraram o cenário ideal para uma imigração em massa de seu povo. Esses imigrantes europeus se deslocaram principalmente para países como os Estados Unidos, em franco desenvolvimento econômico, Brasil e demais países sul-americanos, localizados na bacia do Prata, que estavam em processo de povoamento e onde podiam continuar exercendo a atividade agrícola. Segundo Ferreira (2015).

Estima-se que, no período compreendido entre 1846 e 1875, um número de 9.000.000 (nove milhões) de europeus deixaram seus países de origem para fixarem-se e tentar a vida em outros países. Para o Brasil, durante o período imigratório, que se iniciou no fim do século XVIII e início do XIX, vieram cerca de 1,2 milhões de europeus. Gonçalves (2017)

Para Ferreira, (2015), muitos foram os fatores que provocaram o processo migratório:

A entrada para o século XVIII, as causas para a emigração pareciam ser múltiplas. Logo no início do século, e pouco tempo depois da guerra de restauração (1640-1668), Portugal participa ao lado de outras potências europeias na guerra de sucessão de Espanha

(1702-1714). Verificam-se perdas de vidas, deslocações de população e perturbações na economia. Muitos homens fogem com a possibilidade de recrutamento neste período, outros continuarão a fugir devido à perseguição religiosa. Até ao final deste século, Lisboa foi também um porto comercial muito importante e um eixo de ligação entre os portos da África, Ásia e América, assim como com os portos mais importantes da Europa, aproximando as populações de outros destinos. Apesar da sua importância comercial, Portugal tinha problemas económicos estruturais - tendo dificuldade em fixar as riquezas do império, dependendo de outras nações europeias no abastecimento de bens manufaturados e não conseguindo uma autossustentabilidade na produção de cereais, consequências de uma indústria atrasada e de problemas variados na agricultura. Estes fatores limitavam os recursos de que a população dispunha, sendo que em algumas regiões a situação piorava pela pressão do regime senhorial e pelas disposições legais respeitantes aos procedimentos sucessórios não igualitários, que prejudicavam os filhos segundos, obrigando-os a procurar outros caminhos e oportunidades, mesmo que pudesse implicar por vezes, algum tipo de desclassificação social. Ferreira, (2015).

Como se vê no excerto acima, o historiador defende que as causas da imigração internacional no século XVIII foram sobretudo devido a problemas económicos. A saber: as novas formas de produção industrial, que empregavam menos trabalhadores e dessa forma gerou um número excedente que se deslocaram para outros países menos “industrializados”, ou que empregavam técnicas antigas de produção, como Portugal, Brasil colônia. Outro fator preponderante foi a “globalização” ocorrida naquele século devido à necessidade de abertura do comércio, imposta pelos novos meios de produção para o escoamento da produção manufaturada.

Logo percebe-se que o papel do Brasil neste cenário mundial, no século XVIII foi acolher muitos imigrantes europeus, que acorreram-lhe, principalmente de Portugal. Estes vieram inicialmente para colonizar a terra através da produção agrícola. No entanto, com a descoberta da existência de ouro na colônia (Brasil), estes voltaram-se para a exploração do ouro na esperança de obterem um enriquecimento rápido. Esse facto fez com que a língua falada no país se aproximasse ainda mais do português falado em Portugal.

Como confirma Del Priori (2016), no final do século XVII e início do século XVIII, devido à decadência do açúcar, que sofria forte concorrência das Antilhas e de outras regiões açucareiras, o centro económico da colônia deixou o litoral e adentrou ao interior, levado pela

busca de riquezas encontradas em metais e pedras preciosas. Nesse momento, as bandeiras tiveram um papel importantíssimo, pois foram elas que desbravaram os sertões. E essa mudança econômica atraiu muitos portugueses ao território colonial, havendo uma forte corrente imigratória em busca de enriquecimento rápido, pois os lusitanos vieram objetivando a exploração do ouro, que surgia nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo.

Sobre os portugueses que migraram para o Brasil nesse período, de Menezes (2014), refere que, em sua maioria eram provenientes dos arquipélagos da Madeira e dos Açores. Zamberlam (2004), detalha que Neste mesmo ano, chegaram às terras brasileiras mil açorianos com destino ao Pará e ao Maranhão. Em 1720 uma nova leva desses trabalhadores imigrantes chegou ao Brasil, indo estabelecer-se no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Laguna e Rio Grande de São Pedro. Já em 1748 houve um crescimento desse fluxo migratório, que foi estabelecido com a chegada de 7.139 açorianos à capitania de Santa Catarina. Entretanto, parte deste contingente foi deslocada para a Capitania do Rio Grande do Sul, a fim de defender as fronteiras sulistas de invasores. No entanto, alguns estudiosos não consideram a vinda de portugueses ao Brasil, na época em que este era colônia de Portugal, como imigração, pois esta só ocorre de um país para outro e tecnicamente estavam apenas circulando dentro do mesmo país, Portugal.

Segundo Zamberlam, (2004), os principais motivos da vinda dos portugueses estão relacionados à apropriação militar e econômica da terra, ao desenvolvimento da economia colonial que estava atrelado as atividades agrícolas, mineradoras e comerciais. Estes, em sua maioria, vinham com a intenção de enriquecer e em seguida retornar a sua terra natal. No entanto não se pode esquecer que, nesta mesma leva de imigrantes também haviam as famílias pobres, que vinham tentar a sorte no novo mundo e se dedicavam às atividades braçais, como, a agrícola e a infraestrutura. É necessário observar que, este fenômeno de imigração estava intimamente ligado à promulgação da Lei de Terras¹³ e da Lei Eusébio de Queiroz¹⁴ Pois, neste período histórico, o Brasil também passava por mudanças sociais e econômicas, visto que, pela primeira vez na história da colônia, surgia uma legislação que, legitimava a posse da terra e proibia o tráfico de escravos.

¹³ Lei de terras: como ficou conhecida a lei nº 601 de 18 de setembro de 1850, foi a primeira iniciativa no sentido de organizar a propriedade privada no Brasil. Até então, não havia nenhum documento que regulamentasse a posse de terras.

¹⁴ Lei Euzébio de Quiroz: foi aprovada em 4 de setembro de 1850, durante o segundo reinado do império brasileiro. Esta lei teve por principal objetivo proibir o tráfico atlântico de escravos, vindos do continente africano ao Brasil.

2.1 Fatores que influenciaram a utilização da língua portuguesa no Brasil

Outro importante momento para a língua portuguesa no Brasil, ocorreu com a chegada da família real na Colônia, em 1808. Segundo Guimarães (2012), muitos fatores contribuíram para a popularização do português no Brasil naquele momento. Entre esses fatores estão:

- O aumento do número de portugueses na cidade do Rio de Janeiro, aproximadamente 15 mil chegaram à colônia naquele período;
- A transferência da capital do império para a colônia, especificamente para o Rio de Janeiro; a criação da imprensa e a fundação da Biblioteca Nacional (p. 24).

Essas mudanças promoveram a homogeneidade da língua entre colônia e metrópole, pois, com a chegada de uma leva substancial de portugueses a colônia, aumentou não somente o número de falantes do português, mas também, a fala dos que aqui já moravam foi modificada. O mesmo ocorrendo com a transferência da capital do império para o Rio de Janeiro, pois todos queriam pertencer à nobreza e acabavam adotando o modo de falar usado em Portugal, surgindo assim uma verdadeira lusofonia.

Quanto à criação da imprensa e da Biblioteca Nacional, estas foram instrumentos diretos de circulação da língua portuguesa no Brasil. Antes da chegada da corte a colônia não tinha imprensa, portanto, não havia a circulação de escritos com a língua de Portugal, a língua mais usada era a língua geral e o português ainda enfrentava a concorrência de outra língua de estado que era o espanhol. Portanto, conclui-se que havia vários escritos circulando em outras línguas. Então, o advento da imprensa socializou e tornou acessível, à maioria dos brasileiros, a língua portuguesa.

A situação de Portugal na Europa naquele momento era delicada, pois se vivia o auge da Revolução Francesa e o país luso fora declarado inimigo da França. Para entender melhor essas questões volta-se um pouco no tempo. O país luso mantinha relações comerciais com a Inglaterra, essa nação era a principal credora de Portugal. Nesse momento histórico havia uma guerra entre as duas superpotências da época: França, comandada por Napoleão Bonaparte, que já havia conquistado boa parte dos países europeus, e Inglaterra, que era o único país que havia resistido ao imperador francês. Os ingleses haviam evitado o confronto com os franceses em terra e também os haviam vencido em uma batalha marítima, que ficou conhecida como a “Batalha de Trafalgar, se consagrando como os senhores dos mares. Em

represália, Napoleão decretou o Bloqueio Continental, medida que fechava os portos proibindo os demais países europeus de comercializarem com a Inglaterra. Portugal, sendo aliado e alienado a Inglaterra, descumpriu essa medida, o que provocou a ira napoleônica. E como consequência desta desobediência, pela primeira vez na história, um rei e toda a sua corte saía dos limites da sede de seu reino e partia para uma colônia ultramarina. Esse facto inusitado ocorreu em 1807 e os personagens principais eram D. Maria I, a rainha, D. João VI, o príncipe regente, a princesa Carlota Joaquina e sua corte. Gomes (2015).

Portanto, devido aos factos já citados, no século XIX, Portugal, era totalmente dependente da colônia brasileira, e isto se dava dentre outras coisas, devido às parcas condições econômicas da metrópole que por ter um território muito pequeno e escassez de mão-de-obra não tinha como expandir a sua economia. Logo, a Inglaterra percebendo essa dependência, ameaçava bombardear e invadir o país lusitano apossando-se de seu território e consequentemente de suas colônias. Seguindo esse raciocínio, o Brasil seria tomado e não tardaria a proclamar sua independência, apoiado pelo país britânico, seguindo o exemplo dos Estados Unidos. Em suma, ou era atacado pelos franceses ou pelos ingleses. Gomes (2015).

A possibilidade de ficar e enfrentar o inimigo, nem ao menos foi cogitada, aceitando de muito bom grado a retirada estratégica para a colônia, a fim de evitar o confronto. Escoltados por naus britânicas com cerca de 7.000 (sete mil) homens, partiram de Lisboa, quatro barcos, levando a família real, outros 40 (quarenta) barcos que os escoltava. Além dos tripulantes, também havia todo o séquito de servidores do rei e suas famílias e ainda os empresários lusos mais importantes da época. Eram eles nobres, conselheiros reais, militares, juízes, advogados, comerciantes e suas famílias, médicos, bispos, padres, damas de companhia, camareiros, pajens, cozinheiros e cavaleiros. Algo em torno de 10.000 (dez mil) a 15.000 (quinze mil) pessoas, considerando que, Lisboa tinha uma população de aproximadamente 20.000 habitantes, mais da metade da cidade. Gomes (2015).

Quanto aos bens da realza e seus súditos, estes trouxeram tantos tesouros quanto puderam, sabe-se que cerca de setecentas carroças com bagagens contendo roupas, louças, joias e objetos pessoais foram embarcadas. Ainda havia a prata das igrejas, o ouro, os diamantes, o dinheiro do tesouro real e os 6.000 (seis mil) volumes da Real Biblioteca. (Gomes, 2015). Ressalta-se também a existência de uma impressora adquirida em Londres. (Gomes, 2015). Então, no dia 29 de novembro de 1807, D. João não vendo outra saída, se transfere com toda a sua corte para o Brasil, transferindo para cá também a sede de seu reino.

Para a colônia brasileira foi um acontecimento que trouxe grande avanço, pois para se estabelecer com todo o conforto, o príncipe teve que desenvolver várias ações que beneficiaram o desenvolvimento econômico, social e cultural do país.

O Brasil, naquela época, não era uma unidade, era apenas um amontoado de regiões autônomas que nem sequer, comunicavam-se umas com as outras e a única coisa que as ligava entre si era o uso da língua portuguesa, segundo Gomes, (2015). Um vasto território com aproximadamente 3.000.000 (três) milhões de habitantes e onde, em cada três, um era escravo. Quanto a população indígena, esta era de aproximadamente 800.000 (oitocentos mil). A colonização concentrava-se principalmente no litoral e havia apenas algumas cidades no interior de São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, e ao longo do Rio Amazonas. Após dois meses e meio de viagem, a corte portuguesa chega ao Brasil. D. João dirige-se primeiramente à Bahia, onde ficou hospedado durante um mês e tomou decisões importantes para o comércio brasileiro. No dia 28 de janeiro de 1810, assinou o “Tratado de livre comércio” e abertura dos portos às nações amigas (Gomes, 2015). O que beneficiou o desenvolvimento da colônia em direção à independência. A bem da verdade essa medida era imprescindível, já que, os produtos brasileiros eram geradores de receita para Portugal, sendo antes da medida levados e negociados na metrópole, agora, com Portugal invadido e seu comércio paralisado, a única solução seria negociar com os países estrangeiros na própria colônia. Mas, ocorre que com a Europa sob o domínio de Bonaparte, a única nação apta a negociar com o Brasil era a Inglaterra. O que veio a advir, pois D. João, antes da partida, havia acordado com os ingleses que lhes abriria os portos coloniais em troca de proteção na viagem marítima. Gomes (2015).

Continuando suas ações para o desenvolvimento da colônia, o príncipe aprovou a criação da primeira Escola de Medicina; e da primeira companhia de Seguros; autorizou a construção de uma fábrica de vidros e outra de pólvora; autorizou a cultura da moagem do trigo; mandou abrir estradas e preocupou-se em fortificar as defesas baianas. Já no Rio de Janeiro concedeu liberdade de comércio e indústria manufatureira no Brasil. Essa medida juntamente com a abertura dos portos impulsionou a economia brasileira, pois a partir de então, o Brasil podia negociar livremente libertando-se do monopólio português, dessa forma estava extinto o sistema colonial no Brasil. Fundou também escolas, bibliotecas e tipografias. Criou a imprensa régia que foi responsável pelas publicações de livros, folhetos e periódicos. Criou o Jardim Botânico, à época, Jardim de Aclimação. E por fim, oficializou o que já

acontecía na prática, em 1815, elevou o Brasil à categoria de reino unido junto a Portugal e Algarves. Del Priori, (2016).

A colônia segundo Del Priori (2016), era muito monótona, as mulheres dedicavam-se apenas a afazeres domésticos e artesanais como bordados e costuras e eram analfabetas. Isso ocorria porque os pais e maridos temiam o mau uso da leitura e escrita, a saber, para namoros e adultérios. Apenas uma ou outra mulher de família abastada sabia ler e escrever. A diversão na colônia acontecia através de reuniões simples em casas de família. No entanto, com a família real também vieram muitos artistas, entre eles os renomados Joaquim Cândido Guilhobel, arquiteto, pintor, cartógrafo e militar; e Henrique José da Silva, pintor que foi o primeiro diretor da “Academia Imperial de Belas Artes”, do Brasil. Em 1816, chegou a “Missão Artística Francesa”, chefiada por Joachim Lebreton, secretário do Instituto de Belas-Artes da França, a fim de desenvolver as artes na colônia.

Durante o período em que a família real esteve no Brasil, de 1808 a 1822, a população negra triplicou, passando de 12.000 (doze mil) para cerca de 36.000 (trinta e seis mil). Daí pode-se vislumbrar a importância desse acontecimento para o crescimento econômico colonial. Aranha (2020)

Logo, no século XIX, a educação brasileira deu um grande salto com a chegada da família real ao Brasil, embora ainda não houvesse uma política educacional organizada, o facto é que segundo Aranha (2020), o rei D. João VI viu-se obrigado a criar escolas de nível superior para atender às necessidades da colônia. E junto com a educação a língua portuguesa se estabeleceu como língua oficial como se vê na citação a seguir.

Daí por diante a escolarização em português, o processo de urbanização crescente, a vinda da corte para o Brasil no início do século XIX, entre outros fatores, definiram a Língua Portuguesa como língua nacional e oficial, é óbvio que com suas marcas próprias, devidas não só a um processo natural de mudança intrínseca a qualquer língua, mas diferentemente marcada do processo de mudança do português europeu, não só pelas interferências das línguas indígenas como das línguas africanas que aqui se encontraram com o português (Mattos e Silva, 1988).

Del Priori (2016), complementa a respeito da educação, que El Rei não teve que criar apenas escolas de nível superior, mas também escolas régias, que equivalem atualmente ao Ensino Médio, apoiando também as primeiras letras, o que hoje em dia corresponde ao

Fundamental, e as cadeiras de artes e ofícios, o que corresponderia a uma espécie de Ensino Técnico.¹⁵

Enquanto o Brasil prosperava com a presença da monarquia portuguesa, em Portugal acontecia exatamente o contrário, o país, abandonado por seu rei, passava por graves agruras e em meio a revoluções e ideias libertárias, o povo clamava pela volta de D. João, o que ocorreu em 26 de abril de 1821. E com ele partiram apenas 4.000 (quatro mil) pessoas, aproximadamente a terça parte do total que o acompanhara ao Brasil. Entretanto, em terras brasileiras também já haviam chegado as ideias da Revolução Francesa e o Império já havia enfrentado várias revoltas. Uma delas, conhecida como o Massacre da Praça do Comércio, foi duramente reprimida e terminou com trinta mortos e outros tantos feridos. Entre outras coisas, os revoltosos queriam que, D. João permanecesse no Brasil e adotasse a constituição espanhola no país.

Quanto à imigração, no período em que a família real esteve no Brasil, segundo Gonçalves (2017), estima-se que aproximadamente 40.000.000 (quarenta) milhões de europeus imigraram para o Brasil, pois, nessa época havia uma política econômica que incentivava a vinda de imigrantes para a colônia. Pois um decreto aprovado em 25 de novembro de 1808¹⁶ permitia a posse de terras na colônia, aos estrangeiros que quisessem povoar e colonizar a terra. Essas terras eram doações do governo para os imigrantes, mas essa política não contemplava a qualquer estrangeiro, na verdade buscavam-se colonos, artesãos, enfim, pessoas voltadas para o trabalho. Gonçalves (2017)

No entanto, apenas na metade do século XIX é que essa política passou a funcionar na prática, pois com a abolição gradativa da escravatura, percebeu-se nitidamente a necessidade

¹⁵ Estrutura da atual educação brasileira segundo a LDB (Lei de Diretrizes e Bases)

TÍTULO III

Do Direito à Educação e do Dever de Educar

Art. 4º O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de:

I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, organizada da seguinte forma: [\(Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013\)](#)

a) pré-escola; [\(Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013\)](#)

b) ensino fundamental; [\(Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013\)](#)

c) ensino médio; [\(Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013\)](#)

II - educação infantil gratuita às crianças de até 5 (cinco) anos de idade; [\(Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013\)](#)

III - atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, transversal a todos os níveis, etapas e modalidades, preferencialmente na rede regular de ensino; [\(Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013\)](#)

¹⁶ Decreto de 25 de novembro de 1808 - O governo brasileiro permite a concessão de sesmarias aos estrangeiros residentes no Brasil.

de substituição da mão-de-obra. Ocorreram também algumas mudanças, dentre elas os subsídios deixaram de ser apenas do governo imperial, passando também às províncias e à iniciativa privada. Outro contraponto foi o facto da lei que distribuía terras gratuitas a estrangeiros ter sido modificada; a partir de então só poderiam apropriar-se da terra mediante compra. Gonçalves (2017)

O Brasil pretendia seguir o modelo norte-americano da pequena propriedade agrícola, mas havia vários empecilhos que o impediram de funcionar no Brasil. Tais como: as terras brasileiras, na verdade eram latifúndios; a existência da escravidão e a associação entre vida civil e religiosa.

No entanto, ao passo que os grandes latifundiários pressionavam o governo para que houvesse imigração, a fim de substituir o trabalho escravo do negro africano, estes não se prepararam para os imigrantes e queriam dar-lhes igual tratamento ao dos escravos. Outro problema era a existência de escravos que ainda povoavam o meio brasileiro e um terceiro problema era causado pela igreja católica, que não admitia a presença de colonos protestantes no país. À revelia de todos esses problemas, os imigrantes chegaram e espalharam-se por boa parte da terra, indo trabalhar inicialmente nas lavouras de café do oeste paulista e nas pequenas propriedades do Rio Grande do Sul. Gonçalves (2017).

Quanto aos trâmites legais referentes à vinda dos trabalhadores imigrantes, coube ao governo responsabilizar-se. Segundo Gonçalves (2017, pp 328-337): “Cabendo assim ao estado recrutar os trabalhadores, arcar com os custos da viagem e encaminhá-los as fazendas de café”.

2.2 A influência da imigração europeia na pluralidade linguística no Brasil

No Decreto sobre Colonização, em 1808, o imperador brasileiro fazia várias concessões a imigrantes alemães para atraí-los ao Brasil, tais como: terra suficiente para todos que aqui viessem e para a formação de uma cidade tão logo houvesse população para tal; isenção de tributos, dízimos e igualdade de direitos e privilégios aos súditos portugueses. Mas, também havia condições impostas pela colônia. Gonçalves (2017, pp 333-337). São elas:

- a) O reconhecimento do direito dos empresários, que trouxessem colonos, a metade da terra cedida, no caso da aquisição de terras já cultivadas;

- b) A obrigação tributária seria igual à que era paga pelos nativos e como os súditos portugueses, também seria uma obrigação o pagamento do quinto do ouro, assim como dos impostos alfandegários sobre mercadorias para fins de comércio;
- c) No caso do retorno da família à Europa antes de dez anos de estadia no Brasil, perderiam o direito à terra e esta voltaria à coroa para nova realocação;
- d) Os colonos que ganhassem a terra seriam de imediato reconhecidos como súditos brasileiros, estando sujeitos às leis e aos costumes do país. E por último deveriam professar a religião católica e serem comprovadamente pessoas de bem. Esse Decreto não foi de grande importância para a imigração, pois oferecia como subsídio apenas as terras e nada mais. Gonçalves (2017, pp 333-337).

A iniciativa privada também fundou órgãos com o objetivo de trazer trabalhadores europeus para o Brasil, conforme Gonçalves (2017) cita:

Em 1885, a Lei n. 14, de 11 de fevereiro, possibilitou que a verba pública fosse concedida a empresas ou particulares que introduzissem imigrantes. Favorecidos por essa lei, que abriu caminho para articulação de uma organização para fomentar a imigração, em 2 de julho de 1886, os cafeicultores paulistas, cientes da importância de controlar o processo em seus diversos níveis – propaganda no exterior, recrutamento, condições de transporte, recebimento, alojamento e colocação nas fazendas – constituíram a Sociedade Promotora de Imigração. Entre seus fundadores destacavam-se renomadas figuras do oeste paulista: Martinho da Silva Prado Júnior, Rafael Aguiar Paes de Barros e Nicolau de Souza Queiroz.... Os grandes contratos, porém, não terminaram, mas passaram a ser acordados diretamente com agências introdutoras de imigrantes: contrato de 21 de agosto de 1894, para trazer 50 mil europeus; contrato de 07 de março de 1896, introdução de 45 mil europeus e 10 mil canadenses; contrato de 06 de agosto de 1897, recrutar 10 mil austríacos, 30 mil italianos, 10 mil espanhóis, 5 mil portugueses e 5 mil alemães, belgas, suecos e dinamarqueses, com subvenções diferenciadas – valores menores para portugueses e italianos. Relatório apresentado à Assembléa Legislativa Provincial de São Paulo pelo Presidente da Província Exm^o. Sr. Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves no dia 10 de janeiro de 1888, p. 34. Termo de contrato celebrado entre o Governo da Província de São Paulo e os Banqueiros Louis Cohen and Sons. Anexos. Relatório apresentado à Assembléa Legislativa Provincial de São Paulo pelo Presidente da Província Dr. Pedro Vicente de Azevedo no dia 11 de janeiro de 1889. Almanack, Guarulhos, n. 17, p. 307-361, Dez. 2017 <http://dx.doi.org/10.1590/2236-463320171710> 347 dossiê Imigrações Paulo Cesar Gonçalves Escravos e imigrantes são o que importam: fornecimento e controle da mão de obra para a economia agroexportadora Oitocentista. (Gonçalves 2017, pp 341-347).

Os trabalhadores estrangeiros enfrentavam inúmeros problemas, tais como:

- Primeiro, tinham que deixar sua terra natal, sua família e sua cultura para mudar-se para um lugar totalmente desconhecido, onde não sabiam o que iriam encontrar, baseados apenas em promessas de desconhecidos que os recrutavam.

- Outro problema, é que muitas vezes as promessas feitas estavam longe de serem cumpridas, muitos senhores da terra não tinham condições propícias para recebê-los, colocando-os nas senzalas onde haviam vivido os ex-escravos.

No entanto, um dos maiores problemas a ser enfrentado era a questão linguística, pois ao chegarem à outra nação que não a sua, deparavam-se com uma língua totalmente diferente, que tinha que ser aprendida para que houvesse comunicação e uma boa adaptação. Então passou a existir a questão do bilinguismo, fenômeno no qual, a convivência ou a competição entre as duas línguas, a da pátria de origem e a da nova pátria coexistem. Muitas famílias enfrentaram esse problema, principalmente no que se refere às crianças, pois na escola a língua exigida era o português e em casa a língua da pátria mãe.

Segundo Schroder (2003), a primeira concessão de terras a imigrantes alemães ocorreu em 1818, na Bahia e recebeu o nome de “Leopoldina” em homenagem a imperatriz brasileira. No entanto, esse assentamento não obteve sucesso, pois não se tornou colônia de agricultores e sim plantações de escravos, sua população constava de 133 (cento e trinta e três) homens livres e 1.243 (mil duzentos e quarenta e três) escravos. Em 1822 foi fundada uma segunda colônia alemã, desta vez em São Jorge de Ilhéus também na Bahia, com 161 (cento e sessenta e uma) pessoas, e afirmava que ainda em 1818 houve uma nova concessão de terras para a fundação de uma colônia em Nova Friburgo, no Rio de Janeiro. Ainda segundo Schroder (2003), esses colonos eram atraídos pela propaganda que se fazia da qualidade de vida no Brasil e muitas vezes até iludidos por aliciadores. Como exemplo, encontra-se no arquivo estadual de Brenen, na Alemanha, um escrito do Dr. Gildemeister para o embaixador de Brenen, Smith, que afirmava que o poder dos alemães no Brasil cresceria muito e ainda dizia que os colonos que aqui residiam tinham costumes, língua, modos e tradições semelhantes aos dos alemães e por esse motivo procuravam colonizadores nessa referida pátria.

Zamberlan (2004), afirma que grupos de famílias francesas imigraram para o Paraná nos anos de 1847, 1852, 1869 e 1876 e que um grupo de aproximadamente 13.000 (treze) mil pessoas que vieram para Montevideú, acabaram estabelecendo-se em Pelotas e Uruguaiana, devido à guerra do ditador Rosas, e ainda cita a presença de 42 (quarenta e duas) famílias que deram origem as colônias Conde D’Eu e Garibaldi no Rio Grande do Sul.

Os holandeses voltaram a colonizar o Brasil no período imperial, chegaram por estas terras em 1823, estabelecendo-se na região de Santa Leopoldina, no estado do Espírito Santo, mas, foi em 1909, que famílias vindas de Roterdã se instalaram no estado do Paraná, em cidades como: Irati e Carambei, preparando o caminho para os demais que chegariam depois da II Guerra Mundial, que formaram colônias em Holambra (SP), 1948; Não-Me-Toque (RS) 1950, e Castrolanda (PR), 1951. Schroder (2003, p. 47).

Para Figueiredo (2017) a maior colônia de imigrantes a se instalar no Brasil foi a italiana, inicialmente, vieram de forma tímida, porém entre os anos de 1884 a 1933 chegaram a um total de 1.401.335 (Um milhão, quatrocentos e um mil, trezentos, trinta e cinco). Segundo Zamberlan (2004), eram provenientes das cidades de Gênova, Nápoles e Sardenha e em sua maioria eram artesãos, artistas e profissionais liberais. Porém, esse fluxo foi intensificado nos anos de 1863 a 1874, pouco mais de 10.000 (dez mil) italianos chegaram ao Brasil, mas enfrentaram problemas econômicos e cerca de 50% desse contingente regressou a terra natal. Houve outra leva de imigrantes que chegou ao país, porém oficialmente a imigração em massa teve início com a chegada de 150 (cento e cinquenta) famílias em 1875. Estas foram locadas no estado do Espírito Santo. E outras que chegaram no mesmo ano foram estabelecidas no Paraná. Quanto aos italianos residentes no Rio Grande do Sul, estes chegaram inicialmente no ano de 1872, eram cerca de 1.350 (mil trezentos e cinquenta) famílias, e no espaço de tempo localizado entre 1873 e 1875 chegaram aproximadamente 2.500 (duas mil e quinhentas) famílias.

Quanto à imigração alemã, Zamberlan (2004), afirma que estes foram a segunda maior quantidade de imigrantes a chegarem ao Brasil; os primeiros teriam sido os suíços, que vieram em 1824 e estabeleceram-se no Rio Grande do Sul, a saber, na colônia de São Leopoldo. E daí até 1929 esse fluxo intensificou-se, chegando novos imigrantes que se instalaram em novas colônias sendo elas: Dom Pedro de Alcântara/Três Forquilhas, no Rio Grande do Sul; São Pedro de Alcântara em Santa Catarina e Rio Negro no Paraná. Alguns se direcionaram a Santo Amaro e Itapeverica da Serra em São Paulo. Com o propósito de defender a colônia de 1824 a 1830, foram destinados 7.000 (sete mil) alemães para colonizar o Rio Grande do Sul. Esse processo imigratório foi interrompido durante 15 (quinze) anos, devido a motivos políticos e econômicos, sendo retomado apenas em 1845, com a fundação de colônias alemãs ao Sul do Rio de Janeiro, a saber, Petrópolis, e nas terras altas do Espírito Santo. Em seguida há registro da chegada de um grupo de famílias à Minas Gerais em 1856.

Spinassé (2015), pontua os fatores mais relevantes da imigração alemã. Segundo a autora muitas foram às causas da diáspora alemã. Entre elas estavam as questões econômicas e as questões religiosas, pois havia uma pobreza muito grande, no início do século XVIII na Alemanha e o governo não conseguia intervir nessa situação, mas o sistema de produção agrícola feudal, a crescente natalidade e uma colheita desfavorável também interferiram causando uma séria crise de recessão entre os anos de 1816 e 1817, em Baden. Assim, viram oportunidade no Brasil para a busca de uma vida melhor, sendo ainda colônia portuguesa, mas que estava em processo de povoamento, principalmente na região Sul e que precisava de braços para a mão-de-obra e para a defesa da terra.

Porém, nessa época, a Alemanha ainda não era hegemônica, os povos que lá residiam ainda não tinham uma unidade nacional. Vieram de vários lugares, eram: prussianos, pomeranos, austríacos, suíços, renanos, bávaros entre outros. E consequentemente falavam várias línguas, sendo, portanto, a variação linguística dentro do país muito grande. Inicialmente, a maioria dos alemães que vieram para o Brasil era de uma região denominada Hunsrück, e sua língua materna era o francônio-renano. E devido ao facto de serem maioria, sua língua acabou se impondo e todos os componentes da colônia falavam essa variante. E essa situação ocorreu em várias colônias com vários dialetos, uma vez que as colônias eram isoladas do restante do mundo, pois eram autossuficientes, produzindo tudo o que necessitavam, em forma de ilha. Dessa maneira, ocorreram as primeiras contribuições linguísticas, não no português, mas, mas na língua natural de cada pessoa, porquanto, ao adotarem uma nova língua sempre acrescentavam ou adaptavam palavras da sua língua natal. Spinassé (2015).

Já na década de 1870, do século XIX, inicia-se um processo de integração entre imigrantes e brasileiros, com a chegada dos italianos. Os alemães acabaram saindo da zona de conforto, identificando-se mais com esse novo povo estrangeiro recém-chegado. Quanto aos brasileiros, começaram a penetrar o interior das capitanias chegando até as colônias para fazer negócios. Entretanto, o comércio não era tão frequente assim, e a língua portuguesa era classificada como muito difícil e quem a dominava tinha certo “status” dentro da colônia, sendo designado para representá-la em situações necessárias, (Spinassé, 2015). A partir desse momento em que falar o português foi reconhecido como necessidade para comunicação e participação cidadã e política, os teuto-alemães iniciaram certa aproximação com os vizinhos brasileiros, assim como um aprendizado da língua brasileira. Porém, adquirir esse

conhecimento não era muito fácil, falavam com um sotaque característico de sua região de origem e muitas vezes tornavam-se ininteligíveis. Esse acontecimento causou o bilinguismo ou a identidade híbrida, pois as futuras gerações viram a necessidade de se integrarem e isso só poderia ocorrer por meio do aprendizado da língua, porém não queriam abdicar de sua cultura alemã. Então, eram brasileiros porque nasceram no Brasil, no entanto, com cultura alemã advinda dos ensinamentos familiares. Spinassé (2015).

Com o processo de nacionalização empreendido por Getúlio Vargas em 1937, criou-se uma dualidade, pois se por um lado ajudaria na integração dos filhos de imigrantes á sociedade brasileira, uma vez que a aprendizagem se daria na língua do país, por outro, os expulsou da escola, pois não conseguiam compreender a língua falada pelos novos professores (Spinassé, 2015). Em seguida surgiu outro fator que foi a proibição da língua alemã no Brasil, em decorrência da II Guerra Mundial. Todos os artigos publicados nessa língua foram apreendidos e outras medidas recessivas foram tomadas contra a sociedade alemã residente no Brasil. Mas é evidente que nas colônias as pessoas falavam o alemão, afinal o fizeram a vida toda, principalmente, os mais velhos, que não sabiam falar outra língua. No entanto, os mais jovens, que já haviam iniciado o processo de aprendizado da língua portuguesa, foram ajudados por essa medida, e também os dialetos próprios das colônias que misturavam a língua natural de cada um ao português ganhou força nesse período com a proibição do alemão padrão. Há que se observar também, o preconceito contra esse idioma, por ocasião da política nazista empreendida por Hitler. Devido a esses fatores tiveram que se aperfeiçoar na língua portuguesa (Spinassé, 2015). Segundo o mesmo autor, outros dois fatores também são determinantes para o processo de hibridização da língua. São eles:

- Os filhos, a nova geração se desloca até os grandes centros em busca de trabalho e escolarização, entre outras coisas e convivem diretamente com falantes mais ativos da língua portuguesa.
- O outro fator foi o advento da televisão na década de 1970. Através dela o português invade as casas dos colonos, literalmente, facilitando assim a hibridização da língua, criando até mesmo uma terceira língua, ou variante que mantinha a base alemã e agregava elementos variados de empréstimos à língua que, até hoje em dia vive em processo evolutivo. Spinassé (2015, pp. 7-8).

Nesse meio tempo, o Brasil passou por profundas mudanças políticas. Com a volta de D. João a Portugal, assume o trono brasileiro seu filho Pedro, como príncipe regente. E logo houve o processo de eleição das cortes, uma vez que, as que governavam o Brasil tinham se retirado para Portugal juntamente com o rei. D. João. Por sua vez, já não era mais príncipe regente e sim rei, pois com a morte de sua mãe D. Maria I, ele havia sido coroado. Para as cortes, em sua maioria foram eleitos brasileiros, que eram favoráveis à proclamação da independência do Brasil em relação a Portugal, inclusive alguns como Cipriano Barata, da Bahia, que já tinha participado de revoluções que tinham esse propósito.

Os nobres portugueses, segundo Fausto (2019), já prevendo que o Brasil poderia se desligar de Portugal, tomaram medidas contra uma possível proclamação da independência, que desagradaram em muito aos brasileiros. A primeira delas é que as províncias deveriam doravante dirigir-se diretamente a Lisboa e não mais ao Rio de Janeiro; outra medida foi a que determinou o regresso de D. Pedro a Portugal. Essas medidas reacenderam a chama revolucionária, o que culminou com a Proclamação da Independência brasileira por Pedro de Alcântara, filho de D. João e príncipe regente do reino do Brasil, em 07 de setembro de 1822.

Inicia-se então, o período imperial brasileiro, fase histórica turbulenta, na qual o Imperador D. Pedro I enfrenta várias revoltas e outorga uma constituição ao país. No campo da imigração, o imperador também enfrentou problemas, pois o senado opositor alegava não haver dinheiro, impedindo o investimento nessa área. Essa fase política-administrativa brasileira durou até abril de 1831, ano no qual o imperador D. Pedro I foi forçado a abdicar do trono em favor de seu filho de apenas 05 (cinco) anos, D. Pedro II. Terminando assim, a fase da política brasileira conhecida como “Primeiro Reinado”. Fausto (2019).

A partir de então, o Brasil passou por um período de governo regencial, pois a menoridade de D. Pedro II o impedia de governar. Inicialmente foi composta a Regência Provisória, que cuidou da transição política logo após a renúncia do imperador. Ela era formada por três senadores: Francisco de Lima e Silva, Nicolau Pereira de Campos Vergueiro e José Joaquim Carneiro de Campos. Logo em seguida, veio a Regência Trina Permanente composta pelos deputados José da Costa Carvalho, da Bahia e João Bráulio Moniz, do Maranhão, e pelo senador Francisco de Lima e Silva, do Rio de Janeiro. E ainda houveram as regências Unas, de Padre Antônio Diogo Feijó e a de Pedro de Araújo Lima. Nesse período também houveram muitos reveses. Só na capital do império ocorreram cinco levantes, fora os

ocorridos nas demais províncias, como a Cabanagem no Pará, e a Farroupilha no Rio Grande do Sul, entre outras. Fausto (2019).

Segundo Fausto, (2019) o último regente teve a incumbência de preparar o cenário político brasileiro para a ascensão ao trono de D. Pedro II, em 1840. O governo de D. Pedro II teve o mérito de unificar e estabilizar o território brasileiro dando término às rebeliões separatistas ocorridas no “Primeiro Império”¹⁷, (1822 a 1831) e no “Período Regencial”¹⁸ (1831 a 1840). Foi também no “Segundo Reinado”¹⁹, (1840 a 1889), segundo Fausto (2019), que o Brasil assinou a “Lei Eusébio de Queiroz”, lei n. 581, de 4 de setembro de 1850, imposta pela Inglaterra, que colocava término ao tráfico negreiro. Quanto à economia, o país cresceu consideravelmente, principalmente devido ao café e à entrada de imigrantes no país, esta última reestabelecida em 1840. Em 1850 iniciou-se o processo de modernização do país, que passava pela reforma das vias de transportes. Em 1871 foi assinada a Lei Áurea, que colocava finalização à escravidão no Brasil, o que definitivamente abriu as portas da nação para o processo migratório que ocorreria no século seguinte (Brito, 2005). Brito (2005) afirma que depois da década de 1870 foi intensa a chegada de imigrantes ao Rio Grande do Sul e, entre 1882 e 1889 contabilizava-se um total de 41.616 (quarenta e um mil, seiscentos e dezesseis) imigrantes nessa província, dos quais 34.418 (trinta e quatro mil, quatrocentos e dezoito) eram de origem italiana. Esses eram colonos provenientes de Vêneto, de Tirol e da Lombardia que estabeleceram colônias, dentre as mais importantes estava Caxias. Eles se especializaram no cultivo da uva e na produção de vinho. Fausto (2019).

A economia praticada entre imigrantes e criadores de gado da região era muito divergente, pois enquanto os estrangeiros se dedicavam à produção agrícola, os estancieiros²⁰ brasileiros se dedicavam à criação do gado e à manufatura dos produtos derivados deste, como é o caso do couro e à produção do charque²¹. Outro fator que os diferenciava é a localização, pois os segundos estabeleceram-se nas fronteiras da terra com o Uruguai, na região dos Pampas. Fausto (2019).

¹⁷ Primeiro império: período iniciado em 1822, no qual D. Pedro I proclamou a Independência do Brasil, separando-o de Portugal, no dia 07 de setembro de 1822 findando em 1831, quando o então imperador D. Pedro I, abdicou do trono em favor de seu filho D. Pedro II.

¹⁸ Período regencial: Período histórico da História do Brasil (1831 a 1840), com a renúncia ao trono brasileiro, de D. Pedro I, em favor de seu filho, menor de idade, D. Pedro II, no qual o país foi governado por ministros.

¹⁹ Segundo reinado: Período iniciado em 1840 quando D. Pedro II foi emancipado aos 14 anos de idade, sendo declarado imperador do Brasil e tendo seu fim em 1889 quando este foi deposto.

²⁰ Estancieiros: donos de fazenda de criação de gado, fazendeiros.

²¹ Charque: carne bovina cortada em mantas, salgada e seca ao sol ou por processos afins, inclusive com utilização hoje de produtos químicos; jabá.

Já os ingleses, segundo Zamberlan (2004), sendo mais afortunados, vieram ao Brasil como empresários, empregando-se em atividades como a navegação fluvial, a abertura de estradas de ferro, à iluminação pública a gás, à construção de hidráulicas, às pesquisas e à indústria. Estabeleceram-se principalmente no Paraná, município de Açungí; em São Paulo, Santos e Piracicaba; e no Rio Grande do Sul.

A imigração espanhola, segundo Figueiredo (2017), iniciou-se no Brasil por volta do ano de 1880 e até ao ano de 1933, um total de aproximadamente 588.000 (quinhentos, oitenta e oito mil) espanhóis chegaram ao Brasil. Os primeiros a chegarem foram destinados à cafeicultura paulista. Já os demais, no século XX, foram empregados na indústria e no comércio em São Paulo. No Rio Grande do Sul, com a anexação da Banda Oriental (1821-28), a imigração espanhola foi facilitada. Outro local de preferência foi à cidade de Rio de Janeiro.

Algumas correntes migratórias menos expressivas como os ucranianos, os lituanos, os poloneses, e os russos também se fizeram presentes no país. A imigração de ucranianos ocorreu nos anos de 1876, 1884 e 1891 com a chegada de algumas famílias no Paraná. Posteriormente, um número significativo de aproximadamente 15.000 (Quinze mil) chegaria nos anos de 1895 e 1896, mas a sua identificação original foi prejudicada, pois muitos identificavam-se como provenientes da Polônia ou Áustria, estavam fugindo do Império Austro-húngaro. Com a fuga em massa, o Brasil recebeu mais de 50 mil ucranianos, que em sua grande maioria estabeleceram-se no Paraná, mas houve exceções, pois famílias fixaram-se também em Santa Catarina, Rio Grande do Sul e São Paulo. Zamberlan (2004).

Os primeiros lituanos chegaram por volta de 1886 a 1890. Seguindo o curso de um pequeno fluxo de imigração, mais 25 (vinte e cinco) famílias que foram estabelecer-se em Ijuí, Rio Grande do Sul. Porém no início do século XX, de 1923 a 1938, observou-se o aumento desse fluxo com a chegada de 48.000 mil pessoas que se fixaram em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Ruseishvili afirma que (2016, p.112-118), A imigração polonesa teve início no Brasil no ano de 1870 e foi impulsionada pela derrota de uma revolução contra o czar russo, chamada “Levante Popular de Janeiro”. A Polônia era subjugada à Rússia, na época. Esses primeiros imigrantes estabeleceram-se no Paraná e posteriormente em 1886 no Rio Grande do Sul. Seguindo o curso histórico, entre os anos de 1890 e 1894 chegou uma leva significativa

de 63.500 (sessenta e três mil e quinhentas) pessoas. Estes eram camponeses que foram direcionados para a região Sul, estando presentes nos três estados da região. Após, estes imigrantes muitos outros vieram. Até a Segunda Guerra Mundial, no Brasil havia mais de 195.000 (cento e noventa e cinco mil) poloneses.

Segundo Ruseishvili (2016), os russos chegaram ao Brasil em duas fases: a primeira ocorreu no início do século XX, em 1905, quando agricultores foram distribuídos entre as cidades de Nova Odessa, no estado de São Paulo e Santa Rosa, no Rio Grande do Sul. A segunda fase ocorreu por ocasião do acontecimento da “Revolução Russa”, em 1917. E esses se estabeleceram nos estados de São Paulo, Paraná, Goiás e Rio de Janeiro. A terceira fase deu-se em 1947 e foi composta por trabalhadores de profissões variadas, que inicialmente foram destinados a lavoura, mas depois retornaram as grandes cidades, em busca de serviço de acordo com a especificidade profissional de cada um. Estabeleceram-se em cidades como Santos, Rio de Janeiro e São Paulo. De 1952 a 1954 aconteceu a quarta e última etapa da imigração russa no Brasil. Advindos da China, ao chegarem ao Brasil, instalaram-se em Campinas das missões, no Rio Grande do Sul e na cidade de São Paulo. Segundo informações fornecidas pelo Ministério das Relações Exteriores, cerca de 123 mil russos fixaram-se no Brasil durante o século XX.

Já para Ruseishvili (2016), a imigração iniciada em 1818 foi uma questão racial, que entendia a raça branca superior à negra, por esse motivo tinha-se a pretensão de investir na pequena propriedade familiar ao invés dos grandes latifúndios, que usavam o negro africano como mão-de-obra. Essa linha de pensamento desembocou na fundação de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, colônia onde foi alocado um batalhão de 150 (cento e cinquenta) suíços, que poderiam colaborar nos regimentos portugueses. Em seguida, foi criada a colônia de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul em 1824, a fim de proteger a terra de invasores vindos dos países vizinhos.

No Brasil Império, ainda, houve a criação de outra colônia em terras catarinenses, a colônia D. Pedro de Alcântara em 1829, que recebeu imigrantes alemães oriundos de Bremen e um grupo de soldados, também alemães, afastados de suas funções, que se mantinham no Rio de Janeiro. A partir de então, o processo imigratório brasileiro começou a passar por dificuldades, tendo sua primeira fase encerrada em 1830, pois o parlamento brasileiro aprovou uma lei que impedia o investimento nessa área. E as terras tropicais brasileiras não eram

exatamente atraentes aos estrangeiros, estes só vinham para cá devido aos subsídios que lhes eram concedidos e com o corte destes a imigração parou.

Em 1845, 15 (quinze) anos após o término da primeira fase migratória, a imigração teve um novo capítulo escrito no Brasil. Com a assinatura, quase que simultaneamente, das leis, 601 ou Lei de Terras, pela qual ficava expressamente proibida a doação de terras, e também da Lei Eusébio de Queiroz, que atendendo as imposições inglesas, proibia o tráfico negreiro entre Brasil e África. Esse contexto favoreceu, mais uma vez, a entrada de estrangeiros no país, a saber, alemães, que se alocaram no Vale do Rio dos Sinos, no Rio Grande do Sul; em Santa Catarina, no Vale do rio Cubatão; e nas terras altas do Espírito Santo e do Rio de Janeiro. Waldman (2012).

Nessa segunda fase, o governo federal continuou a investir no processo imigratório através do Ministério da Agricultura, que seguiu os mesmos moldes na busca por colonos, preferindo os germânicos, dessa forma vieram estabelecer-se em terras brasileiras, Rio grande do Sul e Santa Catarina, colônias de alemães. Além de contingentes de franceses, suecos, suíços, poloneses, noruegueses e irlandeses que também se fixaram em Santa Catarina. Ruseishvili (2016).

Nesse ínterim, no cenário político brasileiro ocorria outra mudança importante. Apesar do crescimento do país, do relativo prestígio do imperador, do suposto êxito do desenvolvimento agrário em seu governo e das sucessivas medidas em prol do desenvolvimento, inúmeras foram as causas que levaram ao fim do império e ao início da república, em 15 de novembro de 1889. Entre essas causas estão segundo Fausto (2019), a ação do exército e da burguesia cafeeira, um tinha o domínio da força e das armas e a outra, o domínio econômico respectivamente; E a ausência do imperador, devido a problemas de saúde, pois sofria de diabetes, e acabou ausentando-se da cena política brasileira, onde muitas vezes resolvia conflitos entre o exército e a elite. E ainda havia o agravante facto da herdeira do trono, princesa Isabel ser casada com conde D’Eu, um “francês de personalidade discutível”. Fausto, (2019)

Para Fausto (2019), o exército teve papel fundamental no processo de transição entre império e república, chefiado pelo Marechal Deodoro da Fonseca, declarou a Proclamação da República do Brasil em 15 de novembro de 1889. O processo de transição efetivou-se de forma pacífica sem lutas armadas ou guerras. Apesar disso, o país enfrentou graves crises

econômicas e mais uma vez recorreu à ajuda externa. Nesse meio tempo, os intelectuais brasileiros passaram a defender a libertação dos escravos, o que ocorreu em 1888, no final do segundo reinado. Então, a república com sua economia fundamentada nas lavouras de café e no processo de industrialização, novamente, abriu as portas à imigração estrangeira. Entre 1887 e 1930 o país recebeu cerca de 3,8 milhões de imigrantes de diversas nacionalidades. O estado de São Paulo foi o maior receptor desses estrangeiros, abarcando sozinho cerca de 52,4%. Isso se explica devido à oferta de oportunidade de emprego, alojamento e passagens.

Quanto aos imigrantes, os três grupos principais foram os italianos com 35,5%, instalaram-se principalmente nos estados de São Paulo e Rio Grande do Sul, tanto que em 1920 essa etnia configurava 9% da população do último estado citado. Já os portugueses, com 29%, concentraram-se principalmente no Distrito Federal e em São Paulo, e em 1920 cerca de 11 % da população da capital paulista era portuguesa e 15% da população do Rio de Janeiro. Ou seja, esses imigrantes fixaram-se principalmente nas cidades, trabalhando no comércio e na indústria e não na lavoura como pretendia o governo. E o terceiro maior contingente, os espanhóis, 14,6%, esses se fixaram realmente no campo e nas pequenas cidades dedicando-se ao trabalho agrícola.

Contudo, o Brasil não recebeu apenas imigrantes europeus, também recebeu japoneses, libaneses, sírios, chineses e muitos outros grupos “com sua cultura própria, seus usos, costumes, língua... transplantando-os para cá e adequando-os a nova pátria.” Waldman (2012, pp 26-36).

A educação no século XX sofreu várias mudanças, que iniciaram-se com o fim do império e início da república, como nos relata Aranha (2020). Nesse período, aumentou o interesse pela educação que foi foco de debates, por meio de conferências pedagógicas em prol de sua melhoria. Ademais, houve a criação de bibliotecas e a difusão de livros e jornais como artigos pedagógicos. Neste momento, foi elaborado um modelo de educação baseado na seriação, havendo também a criação do “Ministério da Instrução, Correios e Telégrafos”. No entanto, todo esse esforço foi insuficiente, pois esbarrava na falta de verbas. Além disso, o estado oferecia uma “Educação Dualista”, para a elite era reservada a continuidade dos estudos, enquanto que para as camadas menos favorecidas da população, eram reservados os Ensinos Básico e Profissional. Como mostra o excerto a seguir.

O Projeto Político Republicano visava a implantar a educação escolarizada, oferecendo o ensino para todos. É bem verdade que se tratava ainda de uma escola

dualista, em que para a elite era reservada a continuidade dos estudos, sobretudo científicos – já que os republicanos recusavam a educação tradicional humanista - enquanto o ensino para o povo ficava restrito ao elementar e profissional. (Aranha, 2020 p. 666).

2.3 A educação no Brasil diante das inúmeras tendências pedagógicas

Devido ao facto do Brasil ainda estar se estruturando, a educação passou por várias tendências pedagógicas, como por exemplo, o “Projeto Positivista”, 1870²², que teve como simpatizantes os oficiais das escolas militares; escolas de cunho anarquistas que tiveram como incentivadores imigrantes espanhóis e italianos, e que foram os responsáveis pela introdução dessas ideias no país; o Escolanovismo que tinha como simpatizantes os liberais democratas; e por fim, o Tecnicismo que visava atender aos interesses da sociedade industrial e tecnológica da época. Aranha (2020).

Waldman (2012), afirma que quanto à educação dos imigrantes, estes enfrentavam grandes obstáculos, além dos culturais, ainda havia a ineficiência do estado em ofertar vagas suficientes. É tanto que em 1890, 80% da população brasileira era analfabeta. Já na década de 1920 apenas 28% da população em idade escolar no estado de São Paulo, tinha acesso à escola.

Como solução para esse problema (Waldman, 2012), afirma que o governo brasileiro incentivou a criação de escolas particulares de imigração. E alguns grupos como os alemães, italianos, poloneses e japoneses criaram as escolas comunitárias, que eram divididas por etnia, por comunidade e ainda por religiosidade. Segundo (Waldman, 2012), Também houve a criação de escolas particulares masculinas e femininas, que eram mantidas por congregações religiosas e que também eram de cunho etnicistas. Além dessas escolas, também foram criadas escolas particulares laicas nos centros urbanos. Esses estabelecimentos educacionais organizavam-se em torno de núcleos comunitários, que davam apoio ao processo escolar, religioso e sociocultural. Essas organizações eram formadas e organizadas em torno das famílias imigrantes e suas propriedades, que variavam em número de 80 (oitenta) a 100 (cem) em cada formação. Vale lembrar que, cada comunidade era um centro de atividades,

²² Projeto positivista de 1870: o positivismo no Brasil teve como maior entusiasta Benjamin Constant, ministro da educação, correios e telégrafos e foi uma linha teórica educacional que defendia o acesso de todos a escola. Porém primava apenas pelo conhecimento científico em detrimento do empirismo. E tinha como propósito a construção de uma nova sociedade pautada na disciplina, no caráter, na moral e na ética. Desta forma foi instituída uma nova disciplina nas escolas, com a nomenclatura de Educação Moral e cívica.

socioculturais, religiosas e educacionais, pois, continha em seu entorno comércios, artesanatos, escolas, igrejas entre outros.

O Brasil foi o país com o maior número de escolas étnicas segundo (Waldman, 2012), Os alemães ocuparam o primeiro lugar na criação dessas instituições com 1.579 (mil quinhentos, setenta e nove) estabelecimentos em 1937; em segundo lugar vieram os italianos com 396 (trezentos, noventa e seis) escolas em 1913; e os poloneses em terceiro com a criação de 349 (trezentos, quarenta e nove) estabelecimentos educacionais. Waldman (2012)

A língua falada nas escolas foi objeto de discussão nas colônias migrantes nesse período, pois as aulas eram ministradas no idioma original de cada povo estrangeiro. Waldman (2012) relata que em 1890, o administrador da colônia de São Leopoldo, núcleo dos imigrantes alemães, protestou junto ao governador da província, o facto de haver apenas 03 escolas públicas naquele núcleo comunitário, enquanto havia 20 escolas particulares. E também reclamou que em apenas uma dessas escolas era usada a língua portuguesa, sugerindo que o governo, mediante decreto obrigasse a esses estabelecimentos a lecionarem em língua portuguesa. Ao invés de atender a essa solicitação, o governante provincial instituiu o ensino de alemão, também nas escolas públicas. Waldman (2012).

Já na década de 1920, as escolas étnicas italianas no estado de São Paulo, em áreas urbanas, tiveram uma diminuição, ao contrário dos demais estados, nos quais as colônias de imigrantes eram rurais e conseqüentemente as escolas, continuaram crescendo. Entretanto, a partir da primeira guerra mundial, o governo iniciou as providências para a nacionalização do ensino. E uma das providências tomadas foi à construção de escolas públicas próximas as escolas comunitárias e não as impedia de funcionar, entretanto as restringia. Nos anos de 1938 e 1939, ápice da nacionalização do ensino, essas escolas ou foram fechadas ou transformadas em escolas públicas através de decretos. Waldman (2012)

O Decreto nº 406, de maio de 1938, em seu caput VIII determina que nos núcleos, centros ou colônias, todas as escolas fossem elas oficiais ou particulares deveriam ser regidas por brasileiros natos (Art. 41). Já no cap, XVI (DAS DISPOSIÇÕES GERAIS E TRANSITÓRIAS) se direcionando particularmente as escolas rurais do país, assevera que a língua portuguesa deveria ser adotada em todas as matérias ministradas e em todo o material utilizado no ensino primário, que os seus diretores deveriam ser brasileiros natos, e que o currículo escolar do Ensino Primário e Secundário deveria incluir instrução de história e geografia do Brasil. O ensino de língua estrangeira era proibido para menores de 14 anos e nas escolas direcionadas a estrangeiros adultos deveria ser ensinado o essencial acerca das instituições políticas do Brasil (Art.85). Já

com o decreto 1.006 de 10 de dezembro de 1939, o constituiu-se como competência do Ministro da Educação a supervisão de toda a biografia usada na rede de ensino elementar e de 2o Grau. Com o importante decreto nº 1.545, de 25 de agosto de 1939. Instruíam-se os secretários estaduais de educação, dentre outras, a necessidade de implementar e conservar escolas em área de colonização estrangeira; de incitar o patriotismo por parte de estudantes; de fiscalizar o ensino de línguas estrangeiras; assim como, prescrevia que a Educação Física nas escolas fosse coordenada por um oficial ou sargento das Forças Armadas indicadas pelo comandante militar da região. (Waldman, 2012, pp. 38-39)

Como se vê no excerto acima, as providências tomadas pelo governo brasileiro para a nacionalização do ensino priorizavam a língua portuguesa em todos os sentidos. Foi uma tentativa de construir a unidade em um país de estrangeiros. No entanto, os elementos que unem um povo vão muito além da língua falada, há também aspectos como, o folclore, os usos e costumes, a religiosidade e muitas outras questões que são inerentes a cada povo. E um fator interessante é que embora a língua estrangeira desses povos tenha sido suprimida de todas as formas na escola, não se pode esquecer a família, que é um importante núcleo de transmissão de cultura e conhecimento. Além da própria comunidade, já que essas famílias viviam em colônias de uma mesma etnia, que embora fossem provenientes de regiões diferentes do país onde moravam, não os impediu de fixarem-se em um mesmo local e conviver socialmente repassando sua cultura, sobretudo a língua, as futuras gerações.

Spinassé (2015), pesquisou uma variante advinda do “dialeto hunsrückisch”, língua falada em regiões da Alemanha, na qual ocorre o fenômeno conhecido como “apócope”, que é a perda de fonemas no início e no fim das palavras. Vejamos os exemplos abaixo:

- No início da palavra: cai o [a] da palavra “abacaxi” [a'bakaʃi] do português e passa para bacaxi [b'akaʃi] (nhd22. Ananas).
 - No fim da palavra: cai o [e] da palavra “bonde” [b'ondʒi] do português e passa a bond [b'ont] (nhd. Straßenbahn)
 - Concomitantemente no início e no fim da palavra: caem o [e] e o [a] da palavra “espoleta” [ispo'lete], que passa, assim, para spolet [ʃpolet] (nhd. Zünder)
- Além da apócope, podemos citar ainda outros fenômenos linguísticos. Algumas vezes eles ocorrem ao mesmo tempo, isto é, numa mesma palavra, como no exemplo dado por Ziegler com o vocábulo “abóbora” [a'bɔbɔrɐ] da língua portuguesa (nhd. Kürbis). Primeiramente, ela passa a bobor (apócope: a vogal inicial e vogal final caem); depois, a consoante [b] varia, de acordo com a tendência no meio de palavra, para [v] ([bɔvɔr]); num próximo passo, o [o] passa para [e] ([bɔvɛr]) e, como também ocorre no alemão-padrão, o [er] no fim de palavras é pronunciado como um tipo de <a> – a saber [ɐ]. Conclusão: o que inicialmente fora tomado por empréstimo como “abóbora”, é denominado no hunsrückisch como produto final de bova [bɔvɐ] (Spinassé, 2015, p. 10).

Como se pode ver, com os empréstimos e influências, algumas palavras perdem apenas fonemas, como é o caso de “abacaxi”. E outras ficam totalmente irreconhecíveis no caso da “abóbora”. Há outras formações híbridas que pegam emprestada a pronúncia, Spinassé, (2015) cita a palavra “balcão” que os imigrantes pronunciam como balkón e se refere a “varanda”.

Há outras formas de empréstimos adaptados como é o caso do lexema português mais sufixo alemão. Exemplo: sufixo *er* que especifica substantivos do sexo masculino com a junção da palavra português caboclo, que dá a variante cabocler e pode tornar-se verbo quando acompanhada do prefixo ver. Dando origem ao verbo cabocler que significa tornar-se caboclo.

Outro caso é a junção de lexema português mais a forma flexional do alemão.

Exemplo: O plural de *guri*, *menino* no Rio Grande do Sul é *gurie*.

Há outras palavras germanizadas que pertencem ao dia-a-dia dos colonos, como mostra o quadro abaixo retirado da pesquisa de Spinassé (2015, p.11).

Tabela 3-Palavras do idioma germânico adaptadas a língua portuguesa brasileira

Hunsrückisch	Português	hunsrückisch	Português
Prosch Kramma Pikot Schilet Schuraske	Brocha Grama Picada Gilete Churrasco	Panz Fußballkamp Pegamot Canega	Pança Campo de futebol Bergamota Caneca

Fonte: Spinassé (2015, p.11).

Varotto (2019, pp. 330-332), afirma que o sistema lexical de uma língua está sempre se renovando. Afinal, a língua é um instrumento vivo e essas mudanças são necessárias a sua sobrevivência como instrumento de comunicação, pois é dessa forma que o latim sobrevive até hoje nos léxicos português e espanhol, por exemplo. Ainda afirma que há três tipos de neologismos: formal, semântico e por empréstimo.

- a) O **formal** - é criado por meio de processos formadores de palavras como a derivação, a composição e a redução de palavras, além das siglas.

- b) O **semântico** - refere-se à criação de novos significados para o léxico.
- c) O **empréstimo** - resulta da adesão de palavras de outras línguas, a saber, línguas estrangeiras.

Nesse caso, se reflete sobre a proposição da autora que trata as adoções estrangeiras ao léxico como estrangeirismo ou empréstimos e propõe a sua classificação como: morfossintático, semântico, fonológico e de frequência. A seguir apresenta-se a referida classificação:

O critério **morfossintático** subdivide-se em:

- **Composição e derivação:** ocorre quando um léxico é incorporado a uma língua e dele surgem novas palavras compostas adicionando sufixos ou prefixos a uma base que é a palavra estrangeira.
- **Classe gramatical:** geralmente os estrangeirismos adotados de outras línguas pertencem à classe dos substantivos e em menor escala a dos adjetivos e verbos e ao serem adotados continuam com essa classificação, sendo raríssimas as mudanças.
- **Gênero e número:** as palavras estrangeiras adotadas seguem as regras de flexão da língua adoptante, embora haja exceções e em alguns casos essas palavras levem tempo para serem adaptadas.
- **Decalque:** forma de assimilação linguística na qual o estrangeirismo é aceito e adoptado de forma literal, sem que haja mudanças ou adaptações. A única exceção é no caso das expressões sofrerem mudança na ordem dos termos, para adequarem-se à regra linguística da língua receptiva.

Quanto ao **critério semântico:** esse indica palavras estrangeiras que ao serem popularizadas, por conseguinte, da adopção de uma nova língua, ganham vários sentidos, passando a designar várias coisas, tornando-se polissêmicas.

O **critério fonológico:** É importantíssimo para a inclusão de estrangeirismos em uma língua, uma vez que só se considera que certo termo faz parte da língua após ter se adaptado foneticamente.

Quanto ao **critério de frequência:** averigua-se que nem sempre a palavra adoptada precisa sofrer mudança para ser aceita, ao contrário, a frequência com a qual é utilizada como vernáculo original contribui para sua aceitação na língua receptora. Dando uma espécie de *status* ao termo. (Alves, 1984, pp 119-124)

No Brasil, houve a adoção de muitos estrangeirismos à língua, independentemente do processo utilizado, os povos que mais contribuíram ao léxico do português foram: os ingleses, os franceses, os italianos e os espanhóis. Abaixo seguirão tabelas com os estrangeirismos mais recorrentes em nossa língua. E de imediato, segue tabela com exemplos de palavras da língua inglesa que foram incorporadas ao léxico português, sua adaptação e significados transcritos da pesquisa de (Alves 2013, Varotto 2019).

Tabela 4- Lista de palavras adotadas da língua inglesa pela língua portuguesa.

Léxico Inglês.	Semântica inglesa	Léxico português.	Semântica portuguesa
Hot dog	Alimento típico dos estados unidos constituído por uma salsicha colocada em meio a um pão de características alongadas, temperado com molho de mostarda e chucrute.	Hot dog ou cachorro quente.	Lanche constituído por uma salsicha colocada em meio a um pão de características alongadas, temperado com molho de mostarda e catchup, milho verde, cebola, maionese e demais acompanhamentos dependendo da região do país.
Scanner	Equipamento de reprodução de imagens ou documentos através da digitalização.	Scanner	Equipamento de reprodução de imagens ou documentos através da digitalização.
Basket	Pode ter mais de um significado. Cesta, objeto onde se pode guardar outros objetos menores e jogo de origem norte americana, no qual é utilizada uma cesta pela qual os jogadores têm que perpassar a bola para marcar pontos.	Basquete	Jogo de origem norte americana no qual é utilizada uma cesta pela qual os jogadores têm que perpassar a bola para marcar pontos.
Cheeseburger	É um hambúrguer coberto de queijo. Tradicionalmente, a fatia de queijo é colocada em cima da	X burger	É um hambúrguer coberto de queijo. Tradicionalmente, a fatia de queijo é colocada em cima da

	carne, mas o hambúrguer pode incluir muitas variações na estrutura, ingredientes e composição.		carne, mas o hambúrguer pode incluir muitas variações na estrutura, ingredientes e composição.
Baby	Criança recém-nascida; bebê.		Criança recém-nascida; bebê. [Popular] Pessoa com a qual se mantém uma relação maternal ou paternal; pessoa amável ou querida.
“Check up”	O <i>check up</i> médico consiste na realização de uma série de exames clínicos, laboratoriais e de imagem, com a finalidade de avaliar a saúde do paciente como um todo, podendo diagnosticar doenças ou condições predisponentes de forma precoce.	Check up	O <i>check up</i> médico consiste na realização de uma série de exames clínicos, laboratoriais e de imagem, com a finalidade de avaliar a saúde do paciente como um todo, podendo diagnosticar doenças ou condições predisponentes de forma precoce.
“Blog”	Página pessoal, atualizada periodicamente, em que os usuários podem trocar experiências, comentários etc. geralmente relacionados com uma determinada área de interesse.	Blogue	Página pessoal, atualizada periodicamente, em que os usuários podem trocar experiências, comentários etc., geralmente relacionados com uma determinada área de interesse.
“Doping”	Doping é caracterizado pelo uso de substâncias que podem alterar a resposta do corpo frente a um estímulo.	Doping	<i>Doping</i> é caracterizado pelo uso de substâncias que podem alterar a resposta do corpo frente a um estímulo
“Jeans”	Calças de tecido de algodão grosso e de cor azul.	Jeans	Nome dado a tecido de algodão grosso e com boa duração.
“Outlet”	Centro comercial não luxuoso, cujas mercadorias são comercializadas a preços	Outlet	Centro comercial não luxuoso, cujas mercadorias são comercializadas a preços

	mais baixos, em geral diretamente do produtor ao consumidor.		mais baixos, em geral diretamente do produtor ao consumidor.
“Shopping “	Estabelecimento comercial onde se vai comprar. (comprando na loja)	Shopping center	Centro comercial que reúne várias lojas.
“Insight”	Expressão usada para denominar entendimento, compreensão ou aprendizagem repentina de algo.	Insight	Expressão usada para denominar entendimento, compreensão ou aprendizagem repentina de algo.
“Shampoo”	Produto usado para a limpeza do cabelo.	Xampú	Produto usado para a limpeza do cabelo.
“Rock”	Nomenclatura dada a um gênero musical de origem norte-americana de ritmo muito marcado.	Roque	Nomenclatura dada a um gênero musical de origem norte-americana de ritmo muito marcado.
“Stress”	Pressão psicológica fora do normal gerada por situações arrebatadoras.	Estresse	Pressão psicológica fora do normal gerada por situações arrebatadoras.
“Handball”	Modalidade esportiva na qual os jogadores se utilizam de uma bola conduzindo-a exclusivamente com a mão.	Handball	Modalidade esportiva na qual os jogadores se utilizam de uma bola conduzindo-a exclusivamente com a mão.

Fonte: Alves (2013, pp. 35-39), Varotto (2019, pp. 332-341).

Apesar dos léxicos citados acima terem sido adotados do inglês, na língua portuguesa alguns passam por variações. O “hot dog”, por exemplo, também conhecido como “cachorro quente” sofre variações de pronúncia como “dogão” ou cachorrão, dependendo da variação diatópica. Isso ocorre devido ao processo de variação ocorrido por derivação, nesse caso a sufixal. Já o “cheeseburger” sofreu variação na escrita, perdendo o “cheese” e incorporando a letra x e nesse processo de transmutação ainda sofreu variações dando origem a vários outros lanches criados a partir do mesmo prefixo e da mesma composição lexical. Exemplo: “x-, bacon”, “x-egg”, “x-catupiry”, “x-cheddar”, entre outros. Outra palavra que também sofreu processo de transmutação foi “scanner”, mas ao contrário de x-burger a grafia foi conservada. No entanto, deu origem a outras palavras como o verbo “escanear” e o adjetivo

“escaneado”, ou seja, foi totalmente incorporado ao léxico e segue as regras de derivação na formação de palavras, seguindo o critério morfossintático (Furtado, 2010).

A palavra “basquete” pertence aos estrangeirismos classificados pela classe gramatical advindo do Inglês *basket* sofrendo mudança gráfica e semântica, mas permanece como substantivo. Já os termos, “shampoo, rock e stress” popularizaram-se no país inicialmente pelo critério da morfologia, depois veio o acréscimo ou troca de letras. No caso de stress este passou a ser grafado como estresse e também houve modificação semântica, pois tanto representa, a resposta do organismo a determinados estímulos em circunstâncias súbitas ou ameaçadoras no qual o organismo ativa a produção de hormônios como a adrenalina, como também designa situação de irritação. A apropriação da palavra estresse com o segundo significado pela população menos letrada mostra o quanto à palavra foi incorporada e absorvida pelo léxico brasileiro. Já em xampu e roque, houve a troca de letras e em estresse o acréscimo (Furtado, 2010).

Já as palavras “jeans, handball e insight”, representam a categoria de frequência, não tendo sofrido nenhuma modificação, o número de vezes a qual são usadas na forma original contribui para a sua adesão à língua portuguesa sem falar que a forma escrita e falada conservada, lhes concede certo “status” (Furtado, 2010).

A palavra “shopping center” foi totalmente incorporada ao léxico e popularizada, mas apenas na versão “shopping”. E com mudança semântica, pois enquanto no Inglês indica loja ou comprando na loja, no Brasil designa um conjunto de lojas reunido em um só lugar.

Outra língua que fez vários empréstimos para o português foi à francesa. O léxico nacional incorporou muitos vernáculos dessa língua, tantos estão tão arraigados no português que se faz necessário um estudo aprofundado para distingui-los. Abaixo segue uma lista de galicismos transcritos do dicionário de mesmo nome de Rosa (2013).

Tabela 5- Lista de palavras do idioma francês adotadas pela língua portuguesa

Galicismo	Significado	Versão em língua portuguesa	Significado
“Aéroport”	Superfície terrestre dotada de pista, prédios e equipamentos necessários ao tráfego aéreo, à manutenção de	Aeroporto	Superfície terrestre dotada de pista, prédios e equipamentos necessários ao tráfego aéreo, à manutenção de aeronaves,

	aeronaves, ao embarque e desembarque de passageiros, à carga e descarga de mercadorias e aos serviços de voo; aeródromo.		ao embarque e desembarque de passageiros, à carga e descarga de mercadorias e aos serviços de voo; aeródromo.
“Ambulance”	Carro equipado para o transporte de doentes e feridos.	Ambulância	Carro equipado para o transporte de doentes e feridos.
“Avion”	Aeronave utilizada como meio de transporte, equipada com asas, mais pesada que o ar e propelida por motor de explosão, que aciona uma (ou mais de uma) hélice, ou por turbina a gás, nos modelos a jato, podendo aterrisar em solo ou na água.	Avião	Aeronave utilizada como meio de transporte, equipada com asas, mais pesada que o ar e propelida por motor de explosão, que aciona uma (ou mais de uma) hélice, ou por turbina a gás, nos modelos a jato, podendo aterrisar em solo ou na água.
“Bohême”	Modo de vida da pessoa que não segue regras, que é livre e gosta de se divertir e de beber com os amigos.	Boemia	Modo de vida da pessoa que não segue regras, que é livre e gosta de se divertir e de beber com os amigos.
“Chapeau”	Proteção para a cabeça dos homens ou das mulheres, de forma e aspecto variável.	Chapéu	Proteção para a cabeça dos homens ou das mulheres, de forma e aspecto variável.
“Contrôller”	Submeter a exame e vigilância estritos; fiscalizar, monitorar.	Controlar	Submeter a exame e vigilância estritos; fiscalizar, monitorar.
“Département”	Subdivisão do território francês e de outras nações para fins administrativos.	Departamento	Seção, setor, repartição em qualquer organização pública ou privada.
“Dossier”	Coleção de documentos relativos a um processo, a uma instituição, a um indivíduo ou a qualquer assunto.	Dossiê	Coleção de documentos relativos a um processo, a uma instituição, a um indivíduo ou a qualquer assunto.
“Détail”	Ação ou efeito de detalhar, de expor algo de maneira pormenorizada, minuciosa; o que resulta dessa exposição; pormenor, minúcia.	Detalhe	Ação ou efeito de detalhar, de expor algo de maneira pormenorizada, minuciosa; o que resulta dessa exposição; pormenor, minúcia.
“Emotion”	Reação moral, psíquica ou física, geralmente	Emoção	Reação moral, psíquica ou física, geralmente causada

	causada por uma confusão de sentimentos que, diante de algum fato, situação, notícia etc., faz com que o corpo se comporte tendo em conta essa reação, expressando alterações respiratórias, circulatórias; comoção.		por uma confusão de sentimentos que, diante de algum fato, situação, notícia etc., faz com que o corpo se comporte tendo em conta essa reação, expressando alterações respiratórias, circulatórias; comoção.
“Extravagance”	Particularidade daquilo que é extravagante; comportamento desprovido de bom senso; ação que não denota bom gosto.	Extravagância	Particularidade daquilo que é extravagante; comportamento desprovido de bom senso; ação que não denota bom gosto.
“Embrayage”	Mecanismo para pôr uma máquina em movimento ligando-a ao motor: embreagem automática.	Embreagem	Mecanismo para pôr uma máquina em movimento ligando-a ao motor: embreagem automática.
“Frontière”	Limite; linha que divide ou delimita, separando um país ou de território de outro(s).	Fronteira	Limite; linha que divide ou delimita, separando um país ou de território de outro(s).
“Fricassée”	Guisado de carne (vitela, porco, coelho ou aves domésticas) cortada em pedaços e cozida num molho.	Fricassê	Guisado de carne (vitela, porco, coelho ou aves domésticas) cortada em pedaços e cozida num molho.
“Finance”	Doutrina ou prática de utilização do dinheiro, dos títulos financeiros, geralmente se refere às instituições do Estado	Finanças	Doutrina ou prática de utilização do dinheiro, dos títulos financeiros, geralmente se refere às instituições do Estado
“Guillotine”	Instrumento que, por meio de uma lâmina afiada, era usado para decapitar os condenados à morte.	Guilhotina	Instrumento que, por meio de uma lâmina afiada, era usado para decapitar os condenados à morte.
“La grève”	Paralisação; interrupção que, feita de modo voluntário e determinada pelo trabalhador ou pelos trabalhadores, reivindica direitos ou protesta contra ameaças ou situações desvantajosas no trabalho.	Greve	Paralisação; interrupção que, feita de modo voluntário e determinada pelo trabalhador ou pelos trabalhadores, reivindica direitos ou protesta contra ameaças ou situações desvantajosas no trabalho.
“Gallon”	O galão é uma unidade	Galão	O galão é uma unidade de

	de volume anglo-saxão usado para medir líquidos e não faz parte do sistema internacional de unidades.		volume anglo-saxão usado para medir líquidos e não faz parte do sistema internacional de unidades.
“Hôtel”	Um hotel é um estabelecimento que se dedica ao alojamento de hóspedes ou viajantes.	Hotel	Um hotel é um estabelecimento que se dedica ao alojamento de hóspedes ou viajantes.
“Humanité”	Usado para exprimir o conjunto dos seres humanos.	Humanidade	Usado para exprimir o conjunto dos seres humanos. E também ganha o sentido do adjetivo benignidade;
“Héboriste”	Que ou quem coleciona planta para herbário	Heborista	Que ou quem coleciona planta para herbário
“Intermédiaire”	Mediador; diz-se da pessoa que interfere, buscando obter algo para alguém. Intermediário; localizado no meio de ou entre dois: nível intermediário, entre o excelente e o ruim.	Intermediário	Mediador; diz-se da pessoa que interfere, buscando obter algo para alguém. Intermediário; localizado no meio de ou entre dois: nível intermediário, entre o excelente e o ruim.
“Impasse”	Situação de resolução praticamente impossível; algo muito difícil de se resolver: impasse judicial.	Impasse	Situação de resolução praticamente impossível; algo muito difícil de se resolver: impasse judicial.
“Internat”	Rede de computadores através da qual é possível conectar e interligar computadores ao redor do mundo.	Internet	Rede de computadores através da qual é possível conectar e interligar computadores ao redor do mundo.
“Bijou”	Objeto pessoal muito valioso, cuidadosamente trabalhado, geralmente feito com pedras preciosas e usado como enfeite.	Bijuteria	Objeto de enfeite fabricado de modo a imitar joias verdadeiras, geralmente confeccionado em vidro ou plástico, com pedras falsas.
“Lingerie”	Conjunto de peças íntimas que compõe o vestuário feminino, geralmente confeccionadas em tecido fino e leve, com bordados e rendas: a modelo fará desfiles de confecções e lingerie em bares da zona	Lingerie	Conjunto de peças íntimas que compõe o vestuário feminino, geralmente confeccionadas em tecido fino e leve, com bordados e rendas: a modelo fará desfiles de confecções e lingerie em bares da zona sul de São Paulo.

	sul de São Paulo.		
“Manipuler”	Compor, misturar ou amassar, certas substâncias químicas ou farmacêuticas: manipular componentes medicamentosos.	Manipular	Compor, misturar ou amassar, certas substâncias químicas ou farmacêuticas: manipular componentes medicamentosos.
“Nicotine”	Substância alcaloide, de fórmula C ₁₀ H ₁₄ N ₂ , de consistência líquida e incolor, encontrada no tabaco, sendo muito utilizada como inseticida por ser altamente venenosa.	Nicotina	Substância alcaloide, de fórmula C ₁₀ H ₁₄ N ₂ , de consistência líquida e incolor, encontrada no tabaco, sendo muito utilizada como inseticida por ser altamente venenosa.
“Nuancer”	Diferença quase imperceptível entre coisas, quando comparadas; sutileza. Alteração ou modificação gradativa de uma cor; tonalidade.	Nuance	Diferença quase imperceptível entre coisas, quando comparadas; sutileza. Alteração ou modificação gradativa de uma cor; tonalidade.
“Opaline”	Gênero de infusórios que se encontra no ventre das rãs.	Opaline	Gênero de infusórios que se encontra no ventre das rãs.
“Omelette”	Comida feita a base de ovos batidos recheada com carnes e temperos.	Omelete	Comida feita a base de ovos batidos recheada com carnes e temperos.
“Pédicure”	Especialista que trata das afecções epidérmicas do pé, extirpação de calos e desencravamento de unhas.	Pedicure	Especialista que trata das afecções epidérmicas do pé, extirpação de calos e desencravamento de unhas.
“Profiteroles”	Bolinho feito com uma massa leve, composta de farinha, manteiga e açúcar. Geralmente, é recheado com nata e coberto com uma calda de chocolate.	Profiteroles	Bolinho feito com uma massa leve, composta de farinha, manteiga e açúcar. Geralmente, é recheado com nata e coberto com uma calda de chocolate.
“Réveillon de nouvel an”	Festa, geralmente com ceia e baile, para comemorar a chegada do Ano-Novo. Véspera do Ano-Novo.	Réveillon	Festa, geralmente com ceia e baile, para comemorar a chegada do Ano-Novo. Véspera do Ano-Novo.
“Rappel”	Ação que consiste na descida de uma superfície vertical, paredão ou	Rapel	Ação que consiste na descida de uma superfície vertical, paredão ou

	vertente, com o auxílio de cordas específicas.		vertente, com o auxílio de cordas específicas.
“Surprende”	O que provoca espanto; aquilo capaz de surpreender, de espantar.	Surpresa	O que provoca espanto; aquilo capaz de surpreender, de espantar.
“Signataire”	Que assina ou escreve o próprio nome em um documento, geralmente um texto, uma carta, um manifesto etc	Signatário	Que assina ou escreve o próprio nome em um documento, geralmente um texto, uma carta, um manifesto etc
“Tour”	Viagem com o roteiro detalhado que um cantor, uma companhia teatral, uma banda, um conjunto, um artista etc., realiza pelo interior de um país ou para o exterior, divulgando o seu trabalho.	Turnê	Viagem com o roteiro detalhado que um cantor, uma companhia teatral, uma banda, um conjunto, um artista etc., realiza pelo interior de um país ou para o exterior, divulgando o seu trabalho.
“Transe”	Estado de intensa abstração, de exaltação ou de absorção, através do qual alguém sente que transcendeu a realidade sensível, e está conectado com algo fora do nosso mundo.	Transe	Estado de intensa abstração, de exaltação ou de absorção, através do qual alguém sente que transcendeu a realidade sensível, e está conectado com algo fora do nosso mundo.
“Centrale électrique”	Estabelecimento industrial equipado de máquinas, onde se processa a transformação de matéria-prima em produtos finais ou semiacabados; fábrica.	Usina	Estabelecimento industrial equipado de máquinas, onde se processa a transformação de matéria-prima em produtos finais ou semiacabados; fábrica.
“Urée”	Substância (CH ₄ N ₂ O) encontrada na urina dos mamíferos como produto natural do metabolismo das proteínas, também pode ser produzida sinteticamente; carbamida	Uréia	Substância (CH ₄ N ₂ O) encontrada na urina dos mamíferos como produto natural do metabolismo das proteínas, também pode ser produzida sinteticamente; carbamida
“Vitrine”	Armário com portas envidraçadas no qual se colocam objetos de coleção destinados à exposição ou à venda. Compartimento cuja face principal é envidraçada, no qual se expõem mercadorias.	Vitrine	Armário com portas envidraçadas no qual se colocam objetos de coleção destinados à exposição ou à venda. Compartimento cuja face principal é envidraçada, no qual se expõem mercadorias.

“Le vinaigre”	Molho preparado com vinagre, óleo de oliva, pimenta do reino e sal, a que se pode acrescentar cebola, salsa, cebolinha, alho, mostarda e outros condimentos, us. para acompanhar saladas, legumes, carnes e peixes servidos frios.	Vinagrete	Molho preparado com vinagre, óleo de oliva, pimenta do reino e sal, a que se pode acrescentar cebola, salsa, cebolinha, alho, mostarda e outros condimentos, us. para acompanhar saladas, legumes, carnes e peixes servidos frios.

Fonte: Rosa (2013, pp. 47-56).

As palavras acima são apenas uma pequena representação do número de palavras adotadas da língua francesa ao português brasileiro. Algumas com modificação semântica como é o caso de “bijou” e poucas modificações fonológica, “Le vinaigre” como exemplo “”.

A grande maioria das palavras obedece ao critério da classe gramatical, conservando na língua portuguesa a mesma classe gramatical proveniente da francesa. Quanto ao gênero e ao número, todas sem exceção obedecem às regras da língua portuguesa. No demonstrativo acima também há incidência de critérios de decalque ou de frequência.

Os empréstimos italianos à língua portuguesa, segundo Oliveira (2017), ocorrem em sua maioria no campo da gastronomia. Teoria que é apoiada por Ortale (2015). A seguir apresenta-se uma tabela demonstrativo do léxico retirada dos artigos dos dois autores mencionados.

A **tabela seguinte** reúne uma pequena coletânea de palavras dessa língua usadas no Brasil.

Tabela 6-Italianismos incorporados ao português.

Italianismos	Significado	Versão em português	Significado
“Terracotta”	Produto obtido a partir do cozimento da argila em forno.	Terracota	Produto obtido a partir do cozimento da argila em forno.
“All’erta”	Adjetivo que tem por sinônimos atento e vigilante.	Alerta	Adjetivo que tem por sinônimos atento e vigilante.
“Arlecchino “	Personagem da comédia italiana que usava roupas feitas de retalhos e	Arlequim	Personagem da comédia italiana que usava roupas feitas de retalhos e

	tinha por função divertir o público nos intervalos.		tinha por função divertir o público nos intervalos.
“Carnevale”	Período de quatro dias em que ocorrem festas pagãs que antecedem a quaresma na religião católica.	Carnaval	Período de quatro dias em que ocorrem festas pagãs que antecedem a quaresma na religião católica.
“Balaustro”	Consiste em elementos em forma de colunas usados para a ornamentação.	Balaústre	Consiste em elementos em forma de colunas usados para a ornamentação.
“Acquerello”	Técnica de pintura na qual as tintas são a base de água.	Aquarela	Técnica de pintura na qual as tintas são a base de água.
“Guazzo”	É uma espécie de tinta em aquarela de cor opaca.	Guache	É uma espécie de tinta em aquarela de cor opaca.
“Burrasca”	Ventania forte e repentina seguida por chuva ou neve.	Borrasca	Ventania forte e repentina seguida por chuva ou neve.
“Bussola *”	É um instrumento usado para orientação no qual uma agulha imantada aponta para os pontos magnéticos da terra.	Bússola	É um instrumento usado para orientação no qual uma agulha imantada aponta para os pontos magnéticos da terra.
“Bagatela”	Pequeno valor em dinheiro pago por um objeto.	Bagatela	Pequeno valor em dinheiro pago por um objeto. Objeto barato, de pouco valor.
“Estampa*”	Figura impressa em papel, tecido, couro etc. por meio de chapa gravada de metal ou madeira, de pedra ou outro material duro.	Estampa	Figura impressa em papel, tecido, couro etc. por meio de chapa gravada de metal ou madeira, de pedra ou outro material duro.
“Modelo*”	Imagem, desenho ou objecto que serve para ser imitado (desenhando ou esculpindo). 2.	Modelo	Imagem, desenho ou objecto que serve para ser imitado (desenhando ou esculpindo). 2.

	Molde, exemplar.		Molde, exemplar.
“Soprano “	Cantora que tem uma voz bastante aguda.	Soprano	Cantora que tem uma voz bastante aguda.
“Tenore”	Intérprete musical masculino com voz aguda.	Tenor	Intérprete musical masculino com voz aguda.
“Palcoscenico”	Local usado para apresentação de artistas.	Palco	Local usado para apresentação de artistas.
“Banca *”	Instituição financeira que tem por objetivo o financiamento de empreendimentos comerciais.	Banco	Instituição financeira que tem por objetivo o financiamento de empreendimentos comerciais. Assento feito de madeira ou outros materiais.
“Concerto”	Composição musical desempenhada por instrumentos musicais.	Concerto	Composição musical desempenhada por instrumentos musicais.
“Fiasco”	Fracasso.	Fiasco	Fracasso.
“Quarteto “	Grupo formado por quatro pessoas.	Quarteto	Grupo formado por quatro pessoas.
“Colina*”	Pequeno morro,	Colina	Pequeno morro,
“Opereta”	Pequena peça musical de caráter leve.	Opereta	Pequena peça musical de caráter leve.
“Gazzetta “	Jornal em forma de tabloide.	Gazeta	Jornal em forma de tabloide.
“Piano*”	Instrumento musical tocado através de teclado.	Piano	Instrumento musical tocado através de teclado.
“Stella”	Corpo celeste que produz energia e ilumina os astros ao seu redor.	Estrela	Corpo celeste que produz energia e ilumina os astros ao seu redor.
“Papalina “	Tecido de boa qualidade feito de algodão.	Popelina	Tecido de boa qualidade feito de algodão.
“Spaghetti *”	Massa de origem italiana feita de farinha de trigo, macarrão, e que é consumida com molho de tomate.	Espaguete	Massa de origem italiana feita de farinha de trigo, macarrão, e que é consumida com molho de tomate; Fio feito de matéria

			plástica, que recobre fios condutores de energia.
“Polenta *”	Alimento salgado da cozinha italiana feito a base de farinha de milho; Papa.	Polenta	Alimento salgado da cozinha italiana feito a base de farinha de milho; Papa.
“Cappuccino *”	Bebida alimentícia a base de café e leite a qual se pode acrescentar canela, chantilly, chocolate e é consumida quente.	Cappuccino	Bebida alimentícia a base de café e leite a qual se pode acrescentar canela, chantilly, chocolate e é consumida quente.
“Al dente”	Ponto de cozimento da massa do macarrão, cuja oferece uma certa resistência a mastigação.	Al dente	Ponto de cozimento da massa do macarrão, cuja oferece uma certa resistência a mastigação.
“Pizza *”	Alimento típico da cozinha italiana a base de farinha de trigo com recheios de carnes, queijos, linguiça e presunto entre outros. E temperada com tomates, orégano, catchup e maionese.	Pizza	Alimento típico da cozinha italiana a base de farinha de trigo com recheios de carnes, queijos, linguiça e presunto entre outros. E temperada com tomates, orégano, catchup e maionese.
“Cantina *”	Restaurante italiano.	Cantina	Restaurante italiano. Local dentro da escola no qual se serve a merenda dos alunos.
“Risotto *”	Prato italiano feito a base de arroz, caldo, pedaços de carnes e legumes.	Risoto	Prato italiano feito a base de arroz, caldo, pedaços de carnes e legumes.

Fonte: Ortale Oliveira (2017, pp 693-696).

Das palavras apresentadas na tabela acima, a maioria conserva a sua forma original escrita, com a perda de apenas uma letra quando esta é dobrada. Como é o caso de “risoto” que era grafado com “tt”. Portanto, caracterizam-se pela fonologia, caso em que a palavra primeiro se estabelece através do som e em seguida adequa-se na escrita (Alves, 1984). Já a

palavra “banco” pode ser caracterizada dentro do critério morfossintático por formação derivada, já que no italiano a palavra original é “banca” e em português assume a forma “banco” e dela deriva-se a expressão “bancarrota”. Algumas palavras como “cantina” e “espaguete” classificam-se no critério semântico, pois além de continuarem com os significados que trouxeram da língua nativa, assumiram ainda, novos significados.

Outra língua imigrante que deixou herança na língua portuguesa foi o espanhol. Segue tabela demonstrativa retirada da obra de Anocibar (2016).

Tabela 7-Palavras de origem espanhola incorporadas ao Português brasileiro

Castelhano.	Significado	Língua Portuguesa	Significado.
“Aquerenciar”	Acostumar o animal a lugar estranho, ao seu pouso habitual ou a determinado campo	Aquerenciar	Acostumar o animal a lugar estranho, ao seu pouso habitual ou a determinado campo
“Canastra”	Variedade de cesta quadrangular entretecida com ripas flexíveis de madeira; larga e pouco alta, pode ter tampa ou não.	Canastra	Variedade de cesta quadrangular entretecida com ripas flexíveis de madeira; larga e pouco alta, pode ter tampa ou não.
“Chúcaro”	Diz-se do animal não domado, bravio, esquivo, que não possui treino.	Chucro	Diz-se do animal não domado, bravio, esquivo, que não possui treino.
“Despojar”	Roubar, saquear, privar da posse com violência.	Despojar	Roubar, saquear, privar da posse com violência.
“Escotilla”	Construção naval, abertura grande ou médio tamanho feita em qualquer pavimento de uma embarcação para trânsito pessoal, de carga, aeração ou iluminação.	Escotilha	Construção naval, abertura grande ou médio tamanho feita em qualquer pavimento de uma embarcação para trânsito pessoal, de carga, aeração ou iluminação.
“Esquadriha”	Esquadra constituída de pequenas embarcações de guerra.	Esquadriha	Esquadra constituída de pequenas embarcações de guerra.
“Façanha”	Feito heroico; proeza impressionante.	Façanha	Feito heroico; proeza impressionante.
“Galã”	Personagem ou ator de teatro, cinema televisão que representa o herói de boa aparência e atitudes,	Galã	Personagem ou ator de teatro, cinema televisão que representa o herói de boa aparência e

	inteligente e corajoso.		atitudes, inteligente e corajoso.
“Jeringonça”	Gíria ou coisa mal feita e de duração ou estrutura precária.	Geringonça	Gíria ou coisa mal feita e de duração ou estrutura precária.
“Gorare”	1-Malogar, frustrar, inutilizar; 2- Impedir a incubação do ovo.	Gorar	1-Malogar, frustrar, inutilizar; 2- Impedir a incubação do ovo.
“Iguana”	Espécie de relógio antigo a que marcava as horas usando areia.	Ampulheta	Espécie de relógio antigo a que marcava as horas usando areia.
“Invernador”	Vaso cilíndrico de boca estreita.	Botija	Vaso cilíndrico de boca estreita.
“Jaleco”	Aparelho que indica a direção dos ventos.	Biruta	Aparelho que indica a direção dos ventos; amalucado.
“Lagartixa”	Pequeno réptil de hábitos noturnos que anda por paredes e muros e se alimenta de insetos.	Lagartixa	Pequeno réptil de hábitos noturnos que anda por paredes e muros e se alimenta de insetos.
“lantejoula”	Jogo no qual se derruba pinos com bola de madeira.	Boliche	Jogo no qual se derruba pinos com bola de madeira.
“Mezquinho”	Diz-se do cavalo que não deixa por o freio ou da pessoa arisca difícil, medrosa.	Mesquinho	Pessoa muito apegada; agarrada ao dinheiro, a bens materiais; avarento.
“Ojeriza”	Sentimento de má vontade, aversão, antipatia gerada pela intuição, uma percepção, um ressentimento.	Ojeriza	Sentimento de má vontade, aversão, antipatia gerada pela intuição, uma percepção, um ressentimento.
“Pangaré”	Referente a equídeo ou muar de pelo mais claro do que o douradilho, apresentando a parte inferior da barriga e as regiões entre os membros, a garganta e o focinho esbranquiçados.	Pangaré	Referente a equídeo ou muar de pelo mais claro do que o douradilho, apresentando a parte inferior da barriga e as regiões entre os membros, a garganta e o focinho esbranquiçados.
“Pecha”	Defeito grave que compromete aquele que o possui.	Pecha	Defeito grave que compromete aquele que o possui.
“Tilde”	Sinal diacrítico ou notação léxica que serve para indicar o caráter nasal das vogais “a” e	Til	Sinal diacrítico ou notação léxica que serve para indicar o caráter nasal das vogais “a” e

	“o”.		“o”.
“Zapoti”	Fruto da sapota.	Sapoti	Fruto da sapota.
“Provincianismo”	Palavra ou locução própria duma ou mais províncias.	Provincianismo	Palavra ou locução própria duma ou mais províncias.

Fonte: Anocibar (2016, pp. 99-131).

A maioria dos estrangeirismos da língua espanhola incorporados à língua portuguesa citados acima, obedecem ao critério fonológico, tendo raríssimas exceções como as palavras “zapoti” e “chúcaro”, Alves (1984).

A pesquisa ora apresentada envolveu apenas as línguas que mais contribuíram com estrangeirismos para o léxico brasileiro. E as palavras apresentadas foram apenas uma pequena amostra de um conjunto universo bem maior, havendo ainda o levantamento feito no primeiro capítulo desta dissertação que mostra que há uma presença maciça das línguas indígenas nativas, embora em sua maioria, sejam apenas nos nomes de plantas, animais e lugares. Também deve-se considerar a presença da linguagem africana advinda de várias nacionalidades deste continente, através do povo escravo que foi transportado para esta pátria.

Salienta-se que no período compreendido apenas entre as décadas de 1930 e 1960 cerca de 1.106. 404 imigrantes de diversas nacionalidades vieram para o Brasil. E o que mais impressiona é que os livros didáticos de Língua portuguesa adotados nas escolas brasileiras, bem como, os currículos educacionais ignoram totalmente estes factos. Factos que seriam de extrema importância, visto que, cada povo estrangeiro trouxe consigo o seu modo de falar e de uma forma ou de outra deixou marcas no português brasileiro.

Logo, de posse de tal levantamento linguístico conclui-se e se afirma que é impossível haver hegemonia na língua portuguesa. E isto ocorre devido à forma como a etimologia da língua portuguesa foi construída no Brasil, visto que, ao longo dos séculos admitiu-se a intervenção de várias línguas estrangeiras, que por sinal, sobrevivem no Brasil incorporadas à língua portuguesa.

Outro facto que chama a atenção é a instituição escolar brasileira ignorar totalmente a contribuição linguística dos imigrantes à língua portuguesa brasileira. Pois em nenhum momento da educação básica, a disciplina de Língua portuguesa sequer, apresenta este assunto. O que causa estranhamento pois, de certa forma há várias línguas sobrevivendo dentro de outra, pois somente, os léxicos francês, inglês e espanhol são responsáveis, separadamente cada um, por mais de mil palavras faladas no português brasileiro, o que

contribui para a existência de uma grande variedade linguística dentro do país. E no capítulo seguinte, será abordada, exatamente, a temática da diversidade lexical de cada região brasileira.

CAPÍTULO III - DIVERSIFICAÇÃO VOCABULAR NAS DIVERSAS REGIÕES BRASILEIRAS

Neste capítulo procura-se mostrar a diversidade vocabular existente no Brasil, através de uma amostragem do léxico de cada uma das regiões nas quais o país é dividido. Com isso procura-se provar que a língua portuguesa sofre grandes variações diatópicas, de acordo com o lugar no qual ocorre.

3.1 A diversidade linguística no Brasil.

As características peculiares da língua brasileira decorrem do que se chama de “variação linguística”, que é um fenômeno ocorrido com línguas em uso. Esse fenômeno caracteriza-se pelas mudanças que ocorrem na língua, e isso acontece, porque os falantes tornam isso possível, com suas formas peculiares de falar devido a características próprias, que ocorrem por diversos motivos. Que podem ser desde a baixa escolarização, até o lugar onde moram. Portanto, a língua é variável, mutável, passiva de modificações, tendo como determinantes fatores culturais, sociais, econômicos, geográficos, políticos, ideológicos e até mesmo temporais. Segundo Belini (2014).

Ela afirma também que, as variações ocorrem devido a contextos ou situações aos quais os falantes são submetidos, classificando-as em função do falante e do ouvinte. Aí surgem as variações dialetais, por classe social, por gênero, por gerações e etárias, referentes ao falante e as de registro em função do ouvinte, como é o caso da língua brasileira falada pelos escravos no “Período Colonial”, que por não ter um ensino sistemático, foi aprendida somente pelas conversas e gerou um linguajar bem diferente da língua mãe. E, além disso, ainda existem as variantes históricas, pois as línguas mudam com o passar do tempo, com algumas palavras sendo esquecidas e outras sendo adotadas, como foi o caso do latim, que através dos tempos se difundiu em línguas românicas como o português, o italiano e o espanhol. Belini (2014).

A língua portuguesa é o idioma oficial do Brasil, porém é falada de forma diferente nas diversas regiões brasileiras, segundo Teyssier (2014). E a fundamentação conseguida e provada nos capítulos anteriores, mostra que, uma das causas para tal ocorrência é devido às influências das várias outras línguas que já existiam no país. Como exemplo, apresenta-se as línguas indígenas e também as que foram trazidas pelos imigrantes, como é o caso da língua espanhola, pois os espanhóis foram uns dos primeiros povos a aportar nessas terras. E também das línguas produzidas aqui, como a língua geral da nação, que no primeiro capítulo deste

artigo foi descrita como uma língua mista composta pela língua tupy, pelo português e pelo espanhol. Lucckesi (2017).

Lucckesi (2017), classifica a **história sociolinguística da língua no Brasil** em 04 fases distintas, Sendo assim classificadas:

- a) **A primeira fase** – chamada de “tupinização da costa” ocorreu de 1000 a 1532. Neste período os povos tupis expulsaram os povos primitivos que viviam na costa do Brasil e ali se fixaram. Sendo estes falantes das línguas tupinambá e tupy, logo estas tornaram-se as mais faladas deste território. Luckesi (2017, pp. 363-364)
- b) **A segunda fase**- chamada de “multilinguismo generalizado”, ocorreu de 1532 a 1695. Este período caracterizou-se pelas tentativas mal sucedidas de colonização da terra, momento em que o português de Portugal começa a ser enxertado na colônia e passa a conviver com outras línguas aqui existentes. Sendo elas: as línguas gerais, as línguas francas africanas, as várias línguas indígenas dos povos não contactados e ainda as variedades “pidginizadas²³ e crioulistadas²⁴ do português”. Lucckesi (2017, p. 365). Todas essas línguas eram faladas na colônia naquele momento, embora as chamadas línguas gerais fossem as mais praticadas. Quanto ao português, este era apenas a língua oficial usada na documentação e também por um número pequeno de pessoas que cuidavam da administração da colônia. Lucckesi (2017, p. 365)
- c) **A terceira fase**- Conhecida como fase da homogeneização linguística, foi a mais longa de todas. Iniciando-se em 1695 e findando em 1930. Esse período destacou-se devido ao facto do português ter sido instituído como única língua do Brasil, portanto ocorrendo uma tentativa de homogeneização da língua. Neste momento a economia colonial também estava sofrendo mudanças, com o declínio do ciclo da cana de açúcar e ascensão da extração de minerais preciosos que ficou conhecido como ciclo do ouro, momento em que milhares de portugueses e africanos vieram ao Brasil, com o objetivo de trabalharem na extração dessas riquezas minerais. Outro fator decisivo foi

²³ Pidginizadas- Processo de formação de um pindgin. Pindgin: Sistema linguístico que resulta do contacto prolongado entre pelo menos duas línguas de prestígio socio-económico desigual, dentro de um contexto específico (escravatura, comércio, viagens de reconhecimento), que se caracteriza por não possuir falantes nativos.

²⁴ Crioulizadas – Nomenclatura dada a uma língua que se originou através do contato de uma língua europeia com a língua nativa de uma região, tornando-se a língua materna de uma comunidade.

a transferência do centro do poder português para o Brasil, representado pela família real e toda a sua corte, aproximadamente 15.000 (quinze mil) pessoas. Houve também a declaração da Independência política que incidiu sobre o processo de urbanização, incluindo as ocorrências de 1826, pois nesse ano o parlamento brasileiro decreta o português como língua oficial do Brasil. Com a chegada de tantos falantes da língua portuguesa e principalmente devido ao prestígio do qual gozava a família real, as condições se tornaram favoráveis para o florescimento da língua portuguesa no Brasil, pois todos queriam falar a língua da corte, devido ao status que tal idioma daria ao seu usuário. Houve também outras contribuições nesse período que foram a fundação da Biblioteca Nacional e a imprensa. A criação dessas duas instituições facilitou a circulação e popularização da língua portuguesa no Brasil. E por fim, a partir de 1850 foi decretado o fim do tráfico de africanos para o trabalho escravo no Brasil, o que como consequência provocou uma forte onda de imigrantes europeus de todas as nacionalidades e asiáticos, para substituir a mão de obra escrava nas lavouras de café e também para fins de colonização do território brasileiro. Lucckesi (2017, pp. 365-375)

- d) **A quarta fase-** é o último período, iniciou-se em 1930 e dura até os dias atuais, conhecida como fase do nivelamento linguístico, onde a urbanização favoreceu a propagação da norma culta em detrimento da norma popular. Entretanto, isto não significa que houve uma lusitanização da língua, ao contrário, a língua falada no Brasil torna-se definitivamente uma variante da língua Portuguesa. No entanto a polarização sociolinguística é mantida e consequentemente, surge também o preconceito linguístico. Lucckesi (2017, p. 375)

A seguir cita-se uma grade com alguns léxicos em língua portuguesa brasileira e seus equivalentes em língua portuguesa de Portugal para exemplificar o que foi escrito acima. Esses léxicos foram retirados de Teyssier (2014); de da Silva (2021) e de dos Santos (2014)

3.2 Contrastes entre o léxico português brasileiro e o português de Portugal.

Tabela 8-Palavras divergentes no português falado no Brasil e o português falado em Portugal.

Língua portuguesa no Brasil	Língua portuguesa em Portugal
Adoção	Adopção
Trem	Comboio
Contável	Contábil
Aspecto	Aspecto

Ônibus	Autocarro
Bonde	Eléctrico
Aeromoça	Hospedera
Aqui	Acá
Caneta tinteiro	Caneta de tinta permanente
Espátula	Faca de cortar papel ou corta-papel
Terno	Fato
Metrô	Metro
Escanteio	Canto
Gandula	Apanha-bolas
Goleiro	Guardarredes
Tiro de meta	Ponta-pé de baliza
Rodada	Mão
Cavadinha	Chapéu
Moça	Rapariga
Meter	Colocar
Café da manhã	Pequeno almoço
Banheiro	Casa de banho
Meias masculinas	Peúgas
Calcinha	Cueca
Diarista	Mulher a dias
Bola	Esférico

Fonte: Fonte: Teyssier (20014, 70- 110), da Silva (2021, pp-89-116) dos Santos (2014, pp. 07-10) Editora P. (2013, pp 09-18)

Fazendo uma análise dos léxicos vocabulares apresentados anteriormente, percebe-se que há certa dualidade quanto entre os termos citados, do Brasil. Pois, enquanto aproximam-se bastante na escrita com algumas diferenças, distanciam-se tanto na fala quanto na semântica. Havendo diferenças que Teyssier (2014) atribui às contribuições linguísticas de origem tupy e africana; e Lucckesi (2017) as atribui às contribuições estrangeiras.

Os dois linguístas citados pontuam a existência de outras diferenças que vão além do campo vocabular. São variações morfológicas sintáticas e semânticas entre outras. Mas, há também exceções, aqui citadas, que são léxicos usados nos dois países com poucas modificações como, por exemplo, adoção, contável e aspeto. E são essas exceções que fazem a base da variante da língua portuguesa falada no Brasil.

A seguir uma lista de expressões e vocábulos que são usados nos dois países, com nenhuma ou pouquíssimas diferenças, retirados da pesquisa de Almeida (2014).

Tabela 9-Lista de expressões e vocábulos da variante da língua portuguesa falada no Brasil e da variante da língua portuguesa falada em Portugal.

Variante da língua portuguesa falada no Brasil	Variante da língua portuguesa falada em Portugal.
Bater a bota = morrer.	Bater as botas: morrer.
Abotoar o paletó	Abotoar o paletó: morrer
Abjeto	Abjecto: aquele ou aquilo que exala mau cheiro ou causa náusea (por razões físicas, psicológicas ou comportamentais)
Abrir o jogo	Abrir o jogo: denunciar algo, dizer a verdade, revelar os detalhes, clarificar as intenções
Baitola: homossexual masculino passivo indivíduo efeminado	Baitola: homossexual masculino passivo indivíduo efeminado
Cadeia: penitenciária, esquadra da polícia	Cadeia: penitenciária, esquadra da polícia
Dar um toque: avisar alguém que algo está a acontecer, ou que estamos à espera dele	Dar um toque: avisar alguém que algo está a acontecer, ou que estamos à espera dele
Escandalizar: tornar-se notado	Escandalizar: tornar-se notado
Fevereiro: é um mês. É uma subdivisão do ano	Fevereiro: é um mês. É uma subdivisão do ano
Galera: grupo coeso de pessoas.	Galera: grupo coeso de pessoas.
Hipócrita: pessoa enganadora, que parece um santo e é um hipócrita sin.: fingido; farsola; farsante; fiteiro	Hipócrita: pessoa enganadora, que parece um santo e é um hipócrita sin.: fingido; farsola; farsante; fiteiro
Incomodar sin.: chatear; aborrecer; melgar	Incomodar sin.: chatear; aborrecer; melgar
Juba: cabelo grande de preferência suja e desganhada sin.: gandufa; gadelha; gaforina; trunfa	Juba: cabelo grande de preferência suja e desganhada sin.: gandufa; gadelha; gaforina; trunfa
Kiwi: é um fruto	Kiwi: é um fruto
Lágrimas de crocodilo: choro ou atitude de pesar hipócrita.	Lágrimas de crocodilo: choro ou atitude de pesar hipócrita.
Manga: fruto; insulto.	Manga: fruto; insulto
Na flor da idade: juventude.	Na flor da idade: juventude.
Olha quem fala! Usa-se quando alguém apresenta uma crítica que também se aplica a si próprio.	Olha quem fala! Usa-se quando alguém apresenta uma crítica que também se aplica a si próprio.
Por as barbas de molho = precaver-se, prevenir-se.	Por as barbas de molho = precaver-se, prevenir-se.
Quando as galinhas tiverem dentes: nunca.	Quando as galinhas criarem dentes: nunca.
Rabo: referente à região das nádegas ou ânus, frequentemente usado em expressões brejeiras de apreciação estética sin.: bunda.	Rabo: referente à região das nádegas ou ânus, frequentemente usado em expressões brejeiras de apreciação estética sin.: bunda.
Ser unha com carne = ser íntimo de alguém.	Ser unha com carne = ser íntimo de alguém.
Tirar a sorte grande: obter algo muito bom contra todas as probabilidades.	Tirar a sorte grande: obter algo muito bom contra todas as probabilidades.
Última palavra: conclusão final; frase para a qual não há mais resposta.	Última palavra: conclusão final; frase para a qual não há mais resposta.
vir ao caso: tornar-se assunto da conversa.	vir ao caso: tornar-se assunto da conversa.
Xadrez: penitenciária, esquadra da polícia.	Xadrez: penitenciária, esquadra da polícia.
Zarolho: com desvio ou deficiência ocular.	Zarolho: com desvio ou deficiência ocular.

Fonte: Almeida (2014, pp. 03-261)

Atualmente, no Brasil se fala cerca de 210 (duzentas e dez) línguas, segundo Soares (2020). Sendo aproximadamente 190 (cento e noventa) línguas indígenas e 20 (vinte) línguas de imigrantes. Destas últimas, cerca de 1.500.000 (Um milhão e meio) de brasileiros não usam a língua portuguesa como primeira língua ou não a consideram sua língua materna. Soares (2020).

Segundo Lucckesi (2017), a variedade linguística no Brasil ocorre em parte devido à diferença étnica dos colonizadores, pois para ele, territórios como o Rio Grande do Sul, que foram colonizados por imigrantes europeus não podem ter a mesma conotação linguística que o território do Rio de Janeiro, que foi colonizado por povos mestiços nativos. E tanto o escritor quanto Teyssier (2014), ainda levantam como questão relevante o fator escolaridade que para ambos interfere no falar brasileiro, pois, dificilmente uma pessoa analfabeta terá a mesma riqueza lexical de um letrado.

As variações linguísticas também são chamadas de “dialetos”, que Paulista (2016, p. 165), define como, um termo empregado há muitos séculos, desde a Grécia antiga, para designar o modo característico de uso da língua de um determinado lugar, região ou província.

Este capítulo da pesquisa pretende enfocar as diferenças vocabulares encontradas nas regiões brasileiras. Na maioria das vezes as variantes ocorrem de região para região, mas também há diferenças dentro de uma mesma região. Isso acontece quando os vocábulos apresentam significados diversos em cada estado.

3.3 Região Nordeste e o falar nordestino.

É uma região formada por nove estados, que são: Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Sergipe, banhada pelo rio São Francisco, na maior parte das extensões de suas terras, com clima subtropical e baixa densidade pluviométrica. Foi berço do Brasil colonial e palco de muitas revoluções e invasões estrangeiras nesse período. Nessa região foram fundadas colônias alemãs como “Dona Leopoldina” e espanholas como “Filipeia”, além de cidades holandesas como Mauricéia, no período em que o Nordeste brasileiro viveu a invasão holandesa, segundo Abreu, (2019). E caracteriza-se por um falar único, ímpar no país. A seguir apresenta-se uma tabela com vocábulos pertencentes à região em questão, retirados de um compilado de Navarro (2013)

Tabela 10- Vocábulos pertencentes à região em estudo

Termo	Significado
Abestado, Abestalhado	Otário, tolo.
Abilolado, abiobado, abiscoitado	Maluco, desorientado.
Aratu	Caranguejo (<i>Aratus pisoni</i>) da família dos grapsídeos, com a carapaça quadrada e acinzentada, capaz de subir com habilidade nas árvores do mangue, onde se alimenta e se acasala.
Babão	Puxa saco, xeledéu.
Babujar	Comer a erva, a babuja, o pasto.
Baixa da égua	Lugar muito longe, cafundoca, caixa-pregos.
Cabeça de frade	Obstáculo de cimento em forma de meia bola para impedir o trânsito.
Cabeça de prego	Furúnculo.
Cabra	Mestiço de mulato, negro e índio, e também de branco. •
Dar	Equivale a bater, surrar, sovar.
Dar fim	1. Gastar, consumir. 2. Acabar, concluir, encerrar, matar.
Dar o prego	Enguiçar.
Empurrada	Equivale a ‘em grande quantidade’, pra valer.
Empeleitada	Variação fonética para ‘empreitada’, jornada de trabalho.
Encalcar	Comprimir, apertar, calcar.
Falar mais que o homem da cobra	Falar muito.
Fastioso	Diz-se da pessoa que tem falta de apetite.
Fato	Intestinos de animal.
Gabiru	Rato escuro e grande. No sentido pejorativo: aproveitador, espertalhão.
Gaitada	• Risada, gargalhada, deboche.
Garapeiro	Preguiçoso, pessoa que se aproveita dos outros.
Havera	Forma popular (variação fonética) para ‘houvera’.
Inferno da pedra	Lugar muito longe, afastado de tudo
Inimigo de sangue a fogo	Inimigo mortal, jurado de morte.
Inticage	Implicância, provocação, embirrança, quizila, intica.
Jagunço	Alcunha dada aos seguidores de Antônio Conselheiro, chefe religioso da rebelião de Canudos (1896-1897)
Jabiraca	Roupa velha, rasgada, gonga; Pessoa malvestida, mal-amanhada, mal-apresentada.
Jacó	Pão francês.
Labrocheiro	Pessoa sem requinte, sem classe, sem modos.
Lachar	Partido, trincado.
Lambedor	Xarope caseiro feito com açúcar queimado e seiva de plantas para curar doenças respiratórias; Terreno alagado de

	água salgada, camboa, laguna.
Macacão, macaco	Jogo de amarelinha. Um tipo de brincadeira infantil.
Macaxeira	Mandioca.
Machucar	Amassar, esmagar ou triturar alimento com a mão ou algum instrumento como um talher ou pilão.
Não ser esse balaio todo	Não ser o que se pensa, não ser nada demais.
Não frescar	Não tirar onda, não zoar, não grear com a cara de alguém.
Não se misture	Diz o baiano quando alguém pisa em uma tulha de merda.
Ousadia	Intimidade, falta de cerimônia.
olhar de cabra morta	Olhar triste, vazio, sem expressão.
Óxe	Redutivo (forma apocopada) de oxente
Pacaio	Cigarro de palha. Maconha.
Pau de dar em doido	Pessoa maluca, doida, tereré do quengo, sem limites.
Peba	De baixa qualidade, falsificado, sem valor.
Quartinha	Jarra de água (geralmente feita de barro).
Quebra queixo	Doce feito a base de coco, limão ou goiaba.
Queimadeira	Azia, má digestão.
Rama	Folhas que aparecem nas árvores depois das primeiras chuvas no sertão (novembro e dezembro) ou na zona da mata (fevereiro e março).
Rapadura batida	Espécie de rapadura com temperos, que se bate ou mexe numa gamela até cristalizar.
Ranger	Produzir ruído por atrito entre partes duras. Ex.: A cama está rangendo.
Rapapé	Confusão, briga.
Sambada	• Moça namorada, festeira,
Sandália japonesa	Chinela japonesa.
Sangrar	Transbordar água do açude ou tanque.
Tamãe	Forma popular (variação fonética) para ‘tamanho’.
Tamboeira	Equivale a capucho, sabugo de milho.
Tanborete	• Assento (banquinho) para uma pessoa, sem ‘braços’ ou encosto, de madeira (em geral)
Urupemba	- Arupemba. Peneira.
Usura	Ambição, avareza.
Último tiro da macaca.	Diz-se de uma mulher que completou 30 anos e não casou.
Varão	Quadro (armação de tubos metálicos) das bicicletas, que liga o guidom à parte traseira; Estrado, lastro. Grade de madeira onde se assenta o colchão.
variado da bola	Enlouquecer, perder a bola, pirar, endoidar.
Vazante	Pequena cultura agrícola, típica dos períodos

	de estiagem, na beira dos açudes ou nas margens dos rios.
Xerém	Dança de roda, ao som da sanfona; Resíduo do milho que, após pilado e peneirado, permanece na peneira. É servido para as galinhas.
Xumbregar	Beber, ingerir bebidas alcoólicas.
Xexo	Seixo. Calotear. Não pagar a prostituta.
Zerado	Produto ou objeto novo em folha, que ainda não foi usado.

Fonte: Navarro (2013, pp. 32-1466)

Os verbetes apresentados acima são apenas uma pequena amostra da variação linguística nordestina. Foram escolhidos aleatoriamente de um dicionário que reúne cerca de cinco mil expressões. Mas, é facto, que ainda existem várias palavras ou expressões que não foram notificadas. Dessa forma, pode-se dizer que, o léxico nordestino brasileiro é bem mais abrangente e constitui um verdadeiro dialeto, convivendo e disputando espaço com a norma padrão.

3.4 Região Sudeste e o dialeto caipira.

O Sudeste é a região mais populosa do país, por ser a mais industrializada. Formada por quatro estados, que são: Espírito Santo; Minas Gerais; São Paulo e Rio de Janeiro. Ela abriga as duas maiores metrópoles do país, cidade de São Paulo e cidade do Rio de Janeiro. É banhada pelos rios, São Francisco, Tietê e Paraná e tem uma forma de falar bastante variada, pois compreende os falares metropolitanos, interioranos e migracionais. Com destaque para o dialeto caipira, linguajar do interior dos estados, praticado pelos caboclos e pela população rural. Amaral (2020).

Sobre esse último dialeto, Amaral (2020), entre as décadas de 1920 e 1960, empreendeu uma vasta pesquisa no estado de São Paulo sobre a fala. Dessa empreitada nasceu o *Dicionário do dialeto caipira (2020)*, que reúne expressões faladas pelas pessoas que vivem nessa região. No entanto, o autor alegava que este tipo de fala se encontra ameaçado de extinção, devido principalmente à concorrência com a linguagem culta, adquirida através da escolarização e da entrada de imigrantes no país. Entretanto, essa previsão futura não se concretizou, pois esses termos dialetais ainda subsistem na fala dos paulistas e dos migrantes, compondo o falar daquele estado em muitas regiões, principalmente em seu interior. E Moreira (2020), acrescenta que este dialeto também é usado no interior de Minas Gerais e no Norte do Paraná.

A seguir, apresenta-se uma tabela com uma amostra do dialeto caipira retirada do *Dicionário de dialeto caipira*, de Amaral (2020).

Tabela 11- A região sudeste e o dialeto caipira

Norma culta	Variante (Dialeto caipira)
Sentar, Fugir.	Abancá (r).
Borbulha	Burбуia vevuia.
Vassoura	Bassôra e vassora.
Bilhete	Biête e viête.
Jaboticaba	Jabuticaba e jabuticava.
Vamos	Bamo e vamo.
Música	Musga.
Carlos	Carlo.
Senhor	Nhô, seô, seu siô, sô.
De não	Num.
Ocupar	Acupá.
Estômaga	Estâmego.
Igreja	Eigreja.
Agradecer	Agardecê.
Perplexo	Aéreo.
Senhora	Dona.
Saldar	Salvar.
Quantidade qualquer	Contia.
Canção pequena, cançoneta.	Modinha, moda.
De veras	De verdade.
Outrora	De primeiro.
Capado	Porco castrado.
Despotismo	Enormidade.
Faltar dolosamente a uma dívida.	Fintar.
Aguardente de cana.	Pinga.
Águas	Direção das fibras da madeira.
Cantar (o pássaro), repicar (o sino).	Dobrar.
Ladrão	Desvio de uma regueiraou açude; broto de cafeeiro.
Locomotiva	Vapor.
Qualificar	Chamar de...
Atoleimado, pateta	Abobado.
Peixe	Acará.
Casualidade	Acaso.
Torcer como corda	Acochá.
Aonde	Adonde.
Anteontem	Antonte.
Certo doce de ovos.	Baba de moça.
Acabou-se!"	Babau!
Pássaro também chamado curiango e, algures, méde-	Bacurau.

léguas: "Nyctidromus albicollis"	
Nome de várias espécies de peixe de couro, da fam. "Siluridae".	Bagre.
Animal eqüino de cor amarelada.	Baio.
Bebida alimentícia: mistura de café e leite.	Café-cum-leite.
Parotite.	Cachumba.
O filho mais novo.	Caçula.
Zangado, furioso; duro, malvado; teimoso; ágil, forte, esperto; hábil, finório.	Danado.
Comida, provisão de comida.	De cumê.
Descobrir, encontrar, entregar.	Definição.
Desde.	Desde.
Ovo que se coloca no lugar onde a galinha deve fazer a postura.	Eindeiz.
Diz-se do café baixo, de que se separaram os grãos melhores.	Escoia.
Muito usado como insulto.	Excomungado.
Cada um dos lados de uma casa, em relação aos pontos cardeais.	Face.
Garridice, ostentação de vestidos.	Facerice
Mato delgado, paus esguios.	Fachina.
Falta, lacuna, omissão.	Fáia.
Árvore do gênero "Ficus", cuja madeira é geralmente empregada no fabrico de gamelas, colheres de cozinha, etc.	Gamelêra.
Caldo de cana de açúcar.	Garapa, guarapa.
Agarrar, v. t. - principiar;- tomar (uma direção, um caminho); entrar, enveredar	Garrá.
Espécie de pistola de cano longo	Garrucha.
Muito usado como interjeição para denotar: receio, espanto, reflexão súbita.	Home.
Representa o nosso vulgar "homem, esta!"	Homesta.
Umbigo	Imbigo.
Fibra vegetal que se emprega como corda.	Imbira.
Teimosia, embirração, acinte.	Imbirrância.
Cesto de taquara.	Jacá.
Mistura de açúcar, ou rapadura com farinha e água.	Jacuba.
Águas	Direção das fibras da madeira.
Geleia	Jaleia.
Ladinice.	Ladineza.
Farroma, jactância, conversa fiada.	Lambança.
Casa comercial onde se vendem fazendas a retalho.	Loja.
Choro sem motivo (especialmente de criança).	Manha.
Em grande quantidade	Despotismo.
Andar suave ou macio da cavalgadura.	Marcha.
Humilde, inofensivo.	Miseráve(l).
De orelha cortada.	Nambi.
Pequena porção (de sal ou outra substância em pó) que se	Narigada.

toma entre o polegar e o indicador; pitada.	
Quantidade de negros.	Negrada.
Teimosia; firmeza numa ideia.	Opinião.
Vocativo usado quando se bate a uma porta.	Oh de casa!
Orelha	Orêa, oreia.
Pé de café muito novo, quando deita as duas primeiras folhas.	Oreia de onça.
Carne pilada com farinha; amendoim pilado com farinha e açúcar;	Paçoca.
Tulha de milho.	Paió (l).
Quase.	Quage.
Lugar a que um animal está habituado	Querência.
Cabana, geralmente de sapé, que se faz nas roças para abrigo de trabalhadores	Rancho.
Bando, súcia, caterva.	Récula.
Fazer travessuras.	Reiná(r).
Repreensão	Sabão.
Forte, valente.	Sacudido.
Saluçô	Soluço.
Cestinho de taquara para conduzir frutas, flores ou pássaros.	Samburá.
Terra branca azulada, que se emprega no fabrico de louça rústica e de pelotas de bodoque.	Tabatinga.
Não ser aceito em proposta de casamento.	Levar tábua.
Tira de couro, geralmente empregada em relhos.	Tala.
Força, destreza.	Talento.
Casa abandonada.	Tapera.
Guarnições laterais das redes de descanso, geralmente em "filet", com franjas, também usado no Norte.	Varanda.
Diz-se da cavalgada que tem manchas, habituada a dar corcovos.	Veiaco.
Interjeição de surpresa ou espanto.	Uai! Uiai! Ué!
indivíduo que tem o mesmo nome que outro.	Xará.

Fonte: Fonte: Amaral (2020, pp.41-149).

As variantes na tabela acima são apenas uma pequena amostra do dialeto caipira retiradas de um universo de milhares de palavras, com as quais se pretende exemplificar as mudanças ocorridas no léxico original ou língua mãe, dando origem assim a variante linguística em questão. Dentre o léxico apresentado há várias categorias de mutações significativas de palavras dentre as quais a fonológica é a mais recorrente. Como exemplo tem-se as palavras “borbulha” e “vassoura”, que tem os fonemas trocados ficando “borbuia” ou “vervuia” e “bassoura”, respetivamente. Outro exemplo é a palavra “senhor” que assume várias formas tais como: “nhô, seô, siô”. Outra forma de variação é a perda do fonema no final da palavra, que pode ser exemplificada pelas palavras “paió” e “agardecê”. Há também

palavras de origem tupi como o nome de plantas e animais, as palavras “gameleira” e “imbira” são exemplos desse tipo de variação.

Há também, as alterações semânticas, principalmente, em palavras de origem portuguesa como é o caso de “despotismo”, que tem o sentido de “poder arbitrário, absoluto e isolado” e no dialeto caipira virou sinônimo de “grande quantidade”. E há aquelas que conservam seu sentido original e ganham outros sentidos como é o caso de “águas”, que ganha o sentido de “direção das fibras da madeira”. Há também modificações morfológicas como na expressão “chamar de usada” em lugar de classificou-me de usada.

3.5 Dialeto da região norte

A Região Norte Brasileira é formada por nove estados, são eles: Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins. Caracterizada pela existência de uma vasta floresta em todo o seu território que recebe o nome de Floresta Amazônica que também se estende por outros estados da região Nordeste, como o Maranhão segundo Azevedo (2013), e é banhada por diversos rios importantes, como o Amazonas, que dá vida à população que vive ao seu redor.

O conjunto formado pela bacia hidrográfica Amazônica e pela floresta tropical é o berço de uma população de vasta cultura, de origem indígena. Visto que, ainda há muitas tribos vivendo na floresta, que foi muito afetada pela colonização espanhola empreendida pelos jesuítas da “Companhia de Jesus”, com suas missões jesuíticas. O povo dessa região no século XVI, usava as línguas gerais para comunicarem-se. Essas línguas tinham base nas línguas indígenas e na língua espanhola. No entanto, com a saída dos espanhóis do Brasil, os dialetos indígenas subjugaram as demais línguas. E consolidaram-se dentro da língua portuguesa com imensas contribuições. O que resultou em uma variante muito rica desta língua.

A seguir tabela de nº 12 com amostras do vocabulário falado nessa região, retiradas das pesquisas feitas por Jacob (2021) e Azevedo (2013).

Tabela 12- Dialeto da região amazônica

Léxico amazonês	Significado
A como?	Quanto custa?
A la vonté	Como queira.
A perigo	Sem dinheiro.
Abiorana	Árvore nativa do Brasil.
Abacateiro	Mentiroso

Axila, sovaco, cutico	Cavidade entre o braço e o ombro
Babão, baba-ovo	Puxa-saco.
Babau	Punição que um grupo confere a alguém por um malfeito. Todos batem com as mãos, ao mesmo tempo, na cabeça do indivíduo.
Babita	Dinheiro, grana.
Babugem	Resto de comida.
Bacurau	Pássaro noturno.
Barriga da ´perna, batata, panturrilha e curva-da-perna.	Parte trazeira da perna, formada por músculos gastrocnêmicos e sólidos.
Caiçuma	Bebida indígena.
Cabrocha	Mulher de raça cruzada e cabelos lisos.
Cacuri	Armadilha de pesca.
Catitu	1. Pequeno porco-do-mato. 2. Peça principal do aparelho de ralar mandioca: um cilindro de madeira ao longo do qual se adaptam serrilhas metálicas, com uma das extremidades conformada em roldana de gorne para a passagem da correia ou corda que imprime a rotação; rodete.
Caldeirada	Prato regional feito com peixe, ervas, legumes, temperos e condimentos.
Candiru	– Peixe intruso que se entranha nos orifícios humanos, erigindo as espinhas nas suas guelras e de lá saindo só após muito esforço ou ação de bisturi.
Corno, chifrudo, safado	Designação do homem traído pela mulher.
Dadau	Mingau de mamadeira.
Dar a cara a bufete	Apostar.
Dara as caras	Aparecer
Dar de mil	Ser muito superior.
Djúcu	Caboco.
... È apelido	É pouco.
Ègua	Ègua pode ser usado em várias situações. Tomou um susto: “ègua! ” Alguém faz algo que você não entendeu: “ègua...”. Uma situação estapafúrdia? “Èéèguaa, maninho...”. A entonação faz parte do sentido.
Embuá	Piolho-de-cobra.
Enfiada	Quantidade de peixe vendida junta num fio.
Extrato	Perfume.
Estrela d’alva, e estrela das 4, estrela do amanhecer, estrela grande, estrelão, estrela da manhã e estrela do dia.	É uma das muitas denominações dadas ao planeta Vênus.
Fazer meuá	Fazer careta, cara feia, geralmente para intimidar.

Fazer pezinho	Fazer embaixada com a bola.
Fom-fom e fanhoso	É a pessoa que fala nasalizando.
Fora-a-parte	A mais, em separado.
Ficar de bubuia	Ficar sem fazer nada, ficar flutuando na água.
Garera, gamela, caixa, coxo, masseira, canoa e caçapa	É o recipiente onde é posta a massa da mandioca depois de serrada.
Garganta, goela	Parte anterior do pescoço, que contém as vias para o estômago e para o pulmão.
Garça	Aves ciconiformes da família dos ardeídeos, em sua maioria paludícolas, que possuem porte variado, pernas e dedos compridos, pescoço fino, bico longo e pontiagudo.
Geral, pira, manja e macha.	É uma brincadeira que envolve dois grupos de participantes, na qual um tenta pegar a vara ou um poste, enquanto o outro, que defende o poste ou a vara, tenta pegar os demais participantes com a mão para ganhar o jogo.
Guererê, farofa, picadinho, guerêu, guerrelé, sarrabulhado, gueleguelé, fígado cozido, guerreguerré, guereguegué e sarapatel.	Comida preparada com o bucho do peixe tambaqui.
Havera	Haveria.
Iacá	Quelônio da família das tartarugas.
Insônia, sem sono, cuíra, aguniado e infadado.	Pessoa que não conseguiu dormir durante a noite.
Igapó	Floresta pantanosa, encharcada e sombreada pelo mato.
Igara-açú	Canoa grande.
Igara-apé	Pequeno rio, riacho, arroio.
Kamiranga	Urubu.
Ketchback	– Um lance amoroso, rolo.
Kikão	Cachorro-quente.
Jacumã	Direção da canoa com o remo de mão numa das extremidades.
Jará	Charque.
Jaburú	Pessoa feia.
Juquiri, ispinheiro, abre a porta mariquinha, mariazinha e juquira	Pequeno arbusto, que cresce à margem dos rios e lagos amazônicos.
Jirau	Pia rústica e improvisada. A fonte de água, na maioria dos casos, é um balde com água do igarapé.
Levantador de toada.	Cantor de toada de boi.
Librinar	Chuviscar.
Leleta, de vez, amarelinha	Designação da manga quando fica madura e com a coloração amarela ou rosada.
Louva-a-deus, ponhamesa, mão-da-lua e	Designação do inseto, que possui as

esperança.	pernas anteriores raptorais.
Lode, navio.	É uma denominação antiga para os grandes cargueiros regionais.
Macaxeira	Mandioca comestível, aipim.
Maçaranduba	Árvore da família dos ébanos, que produz madeira de lei de cores avermelhadas até vermelho escuro.
Mucha, holandês, Zebu	É a designação dada à vaca, que não tem chifres.
Mãe-d'água	Entidade mítica que habita os rios.
Meruíim	Inseto de picada dolorosa. Transmite a filariose.
Neblina, neve e catorze e orvalho, fumaça, fumaceiro, nublagem, névoa e nevoeiro.	É uma nuvem baixa, ou seja, que fica próxima à superfície da terra, da água ou do rio.
No cabresto	– Na linha dura, sem folga, preso.
No olho	Expressão utilizada para indicar que alguém recebeu uma resposta certa.
Olhos de peteca	Olhos grandes e claros.
Ovada	Grávida, prenhe.
Osga, calanguinho, briba, lagarto, lagartixa e papa-vento.	É um pequeno lagarto de 9 a 11 mm de comprimento.
Pajurá, gogó-de-guariba, piquirana	É uma fruta arredondada, cuja poupa possui coloração amarela. A casca é rugosa com pintas brancas e marrons.
Pari, tapagem, curral, cacuri e capaçá.	Artefacto de pesca muito usado em décadas do século passado quando os peixes eram mais abundantes.
Piaçoca	Ave charadriiforme, paludícola, da família dos jacanídeos (Jaçanã).
Penca, trunqueira, mexerico, currícu, mariquita e pinoacacom.	Um instrumento de pesca formado por quatro anzóis
Que nem	Expressão de comparação.
Queimoso	Com muita pimenta.
Quiriri	Deserto, silencioso, calmo.
Riba! pega!, busca!, riba!, isca!, arriba! e vai!	A maneira de fazer o cachorro avançar sobre algum animal.
Rótula, bacia, patela, prato, tabuleta do joelho, joelho e boceta.	O osso do joelho, que é também chamado de patela.
Roela	Variante lexical do peixe tambaqui.
Sanguessuga, chãmbichuga, sãnichuga chimichuga e sãmissuga	Anelídeo da classe dos hirudíneos, que pode ser marinho, terrestre ou de água doce.
Sardinha, chulipa, sulipa, cachuletada, caçoleta, chibata, celo e petecada.	Golpe aplicado com o dedo indicador e médio juntos no braço de alguém.
Sucuri	– Enorme cobra sem veneno, que mata apertando, sufocando e quebrando os ossos do infeliz para depois engolir a vítima.

Surema	Alimento passado, muito maduro.	Fon te: Jac ob (20 21, pp. 8- 154) Aze ved o (20 13, pp. 75- 76). N a
Ticar	É um processo de cortar as espinhas do peixe em parte menores.	
Tacacá	Mingau quase líquido de goma de tapioca temperado com tucupi, jambu, camarão e pimenta. “Vou tomar um tacacá bem grande hoje! ”	
Titinga, pano-branco	É a designação antiga para as manchas brancas causadas por fungos na pele do caboclo.	
Tuco, toco, titi, tutu, tchutchu, tchoco, tiú, tioco, tchuco e tututu,	Designação usada para chamar as galinhas para comer.	
Ubri, mama, peito e teta.	Designação da mama da vaca, onde o bezerro costuma se amamentar.	
Umbora, quiqui	Designação usada pelo caboclo para chamar o cachorro para caçar.	
Urucum	Pigmento natural utilizado de várias formas.	
Vai te lascar	Expressão de raiva ou de decepção.	
Virado	Pessoa trabalhadora.	
Forno-de-boto, apé, forno-de-cobra, forno-de-apé, forno, forno d’água e casa-de-pirarucu.	Vitória-régia.	
X-caboquinho	Sanduíche de pão com queijo e tucumã, fruta regional de carne alaranjada.	
Xodó	Favorito.	
Xumbrega	Sem valor, comum.	
Zagaia	Tipo de arpão artesanal, lança.	
Zambeta	Tonto	

tabela acima, há muitas palavras de origem indígena, principalmente as que são referentes a fauna, a flora e a alimentação da região. Por exemplo, é de influência tupy o nome dos peixes e aves dessa região, “piraíba e piaçoca” respectivamente.

3.6 Dialeto da Região Sul

A região Sul do Brasil é formada por três estados, Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina. Esta região sofreu uma colonização diferente das demais regiões brasileiras, como já se pôde observar nos capítulos anteriores dessa pesquisa. Colonizada sobretudo, por imigrantes alemães, italianos e espanhóis, tem uma caracterização linguística atípica em relação às demais regiões brasileiras. Essa atipicidade existe até mesmo dentro da própria região, uma vez que os imigrantes estrangeiros não falavam o mesmo dialeto, pois vieram de regiões diferentes de seus países.

No quadro a seguir, demonstra-se alguns exemplos do léxico dessa região, retirado do trabalho de Fisher (2022).

Tabela 13- Dialeto falado na região Sul do Brasil

Variação Dialeto	Português
A coisa é feia e vem se debruçando	Frase usada para descrever uma situação ruim tendendo a piorar.
A la louca	Expressão adverbial que descreve o modo alucinado com que alguém faz alguma coisa.
A la pucha	Interjeição de espanto, que alterna na fala como uma pronúncia espanholada.
Bolita, bolinha de vidro, búlica, búrica, burca, burquinha, quilica, clica e peca	Bolinha de gude
Baia	Sinônimo de casa
Barbaridade	A palavra é usada aqui como exclamação genérica, para aplaudir ou reprovar uma situação, para concordar com algo que foi dito, para enfatizar; etc.
Cacetinho	Nome duvidoso do pão francês.
Cabrita	Serviço eventual, bico
Cacho	O namoro ou a namorada.
De valde	Ociosos, inútil, desocupado.
Dinheirama	Grande quantidade de dinheiro.
Deu pros cocos	Morreu.
Enrabichado	Sujeito que esteja enrabichado está de amores com alguém, tem rabicho com alguém.
Estorricado	Empanturrado.
Esticar as canelas	Falecer
Faceiro	Alegre, contente.
Fodão	Sujeito ou muito forte, ou muito briguento, ou muito qualquer coisa, inclusive no sentido civilizadamente positivo.
Fatiota	Terno.
Guaieca	Cachorro vira-lata.
Guampa torta	Pessoa mal-humorada, murrinha, do contra.
Garfo	Diz-se de quem come bem e/ou bastante e/ou não rejeita comida.
Inticar	Provocar.
Inhanha	Situação de difícil resolução, confusa, complicada.
Indiada	Programa ruim, que mete a gente numa situação constrangedora, chata, terrível.
Joça	Coisa, treco, bagulho
Joãozinho do passo certo	É o epíteto do sujeito que se julga o único certo entre todos os demais, que estão em sua opinião errados.
Joga	No jogo de bolita, a bolita com que se joga, com que se ataca o gude (v.) ou a joga de outro jogador.
Lancheria	Lanchonete.
Lomba	Ladeira.

Lagartear	Ficar sem fazer nada, ao sol.
Mate	Chimarrão.
Macanudo	Forte, encorpado, usado tanto para pessoas quanto para objetos.
Melena	Cabelo longo
Mina	A guria, a namorada, a possível namorada, a gata.
Mexido	Comida improvisada que mistura as sobras do almoço
Negrinho	Brigadeiro (doce).
Na ponta dos cascos	Refere-se a cavalo que está pronto para corrida (favorito).
Níver	Aniversário em forma reduzida.
Partir pra ignorância	Descer o nível dos debates, por exemplo, e começar a insultar o oponente, é partir pra ignorância; pode também ser dito com sentido positivo, quando se referir a alguém que deixou de mesuras e começou a fazer logo o que de fato queria desde sempre.
Pantorrilha	A barriga da perna, trazida diretamente do espanhol, <i>pantorrilla</i> .
Pandorga	Aquele instrumento de brincadeira que no Brasil se chama de “pipa” ou de “papagaio”.
Quartear	Repartir algo (uma conta, uma comida) e também, mais raramente, compartilhar um serviço.
Rabicó	Objeto usado para prender o cabelo. Geralmente feito com elástico.
Roleta	Catraca.
Roda	Trata-se de uma das mais sólidas instituições do Sul: é o grupo que está tomando mate.
Sestear	Fazer a sesta, aquele pequeno descanso depois do almoço.
Será o pé do bicho?	Frase brincalhona para expressar espanto, incredulidade.
Sinaleira	Semáforo.
Talagaço	Um gole caprichado na bebida alcoólica que esteja em caso.
Tremer	Intimar, cobrar claramente
Tri	Prefixo que significa "muito".
Veranear	Passar as férias.
Vivaraço	Significa muito esperto.
Vila	Favela.
Xarope	Pessoa chata, desagradável, talvez doce e melancólico.
Xiti	Interjeição para afastar chatos ou crianças
Xis	Hambúrguer.

Fonte: Fisher (2022, pp.3-10).

Na tabela acima apresentam-se amostras do dialeto “porto-alegrês” que incorpora o léxico de ao menos três povos, com palavras de origem tupi como “xiti”, que significa

“silêncio”, “Xis”, originária de hambúrguer, palavra da língua alemã e “la pucha”, proveniente do espanhol, com a pronúncia “la pucha”.

3.7 Região Centro-Oeste e seu dialeto

A região Centro-oeste, composta por três estados e um distrito federal, a saber: Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Brasília, capital do país, respetivamente, tem um índice populacional relativamente baixo, com precipitações pluviométricas irregulares e má distribuídas. É banhada pelos rios da bacia Amazônica, Tocantins Araguaia e Platina e seus falares são influenciados tanto por espanhóis, quanto por línguas indígenas.

A história da colonização da região pode explicar a origem dessas influências linguísticas. O território dessa região inicialmente pertencia à Espanha de acordo com o Tratado de Tordesilhas e até 1750, segundo Costa (2015), integravam a província do Paraguai, passando ao domínio português nessa data conforme o Tratado de Madri, 1750. Segundo Costa, (2015). Além disso, os demais países americanos, fronteiriços a esse território, pertenciam à Espanha e a cultura predominante era e ainda é a espanhola. E como a língua é um aspeto cultural, ela foi influenciada por essa convivência entre os povos dos dois países, o que explica os espanholismos existentes nessa região.

Quanto ao linguajar de origem indígena, segundo Costa (2015), viviam na região, na época do descobrimento, muitos indígenas como os Guató, Guaycuru e Terena, Paiguá, Guarani e Caiuá. Esses povos, embora dizimados, deixaram elementos linguísticos que acabaram prevalecendo na fauna, flora, alimentação, usos, costumes e topônimos dessa região.

Apresenta-se quadro abaixo com amostragem do léxico dessa região retirada das pesquisas realizadas por Costa (2015) e da pesquisa de Lacerda (2021).

Tabela 14- Dialeto falado na região Centro-Oeste do Brasil

Varição dialetal	Conceito requisitado.
Abiscoitar	Receber dinheiro, herdar, apropriar-se de...
Aceiro	Terreno devastado ao redor dos postes de cerca a fim de evitar que o fogo os queime.
Afogado	Refogado (expressão culinária).
Arara, nandaia	A ave de penas coloridas que quando presa pode aprender a falar.
Bacuri	A ave que faz a casa com terra, nos postes, nas árvores e até nos cantos da casa.

Borrachudo e mosquito	Designativos para aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, a noite.
Badulacos	Utensílios pobres de casa.
Bugre	Índio, tapuia, selvagem.
Cabano	Bovino de chifres inclinados para baixo.
Caruara	O animal que tem a perna mais curta e que puxa de uma perna.
Cola	Crina da cauda do boi/cavalo.
Curumim	O passarinho bem pequeno, que bate muito rápido as asas, tem bico comprido e fica parado no ar.
De grito	Expressão usada pelos sertanejos para indicar distância perto.
Desenfurnar	Pôr para fora; desentocar; tirar da fuma.
Doce	Açúcar.
Divino pai eterno!	Interjeição em Goiás. É o "meu Deus" dos goianos.
Estrada real	Estrada principal.
Êta	Exclamação que indica admiração; muito comum em Goiás.
Encafuar	Esconder; guardar.
Esturrar	Urro da onça pintada, canguçu.
Galinha carijó	Galinha sem rabo
Gás	Querosene.
Guariroba	Espécie de coqueiro que fornece um palmito amargoso, muito apreciado.
Horta	Quintal, mesmo sem qualquer plantação.
Ingá	Fruto do ingazeiro, de gosto adocicado e muito apreciado pelas crianças, vende-se nas feiras. Serve para iscar anzol para peixes de escamas.
Jacuba	Farnel de rapadura e farinha, socadas em pilão.
Jardineira	Ônibus, diligência, auto para transporte de passageiros.
Jaú de cama	Um dos maiores peixes de couro de agua doce mora enlocado nas pedras, onde faz a sua cama (de pedras).
Jirisa	Ojeriza.
Jaratataca	Bicho que solta cheiro ruim quando se sente ameaçado.
Kula	Gay.
Lameirão	Grande lamaçal.
Lencar	Negar fogo (tiro)
Larica	Fome
Macaia	Fumo de péssima qualidade.
Matinê	(Para tarde dançante)
Mocho/mucho	Nomes, respetivamente, para o “boi sem chifre” e para a “cabra sem chifre”
Mulata, periquito e catorra	Designativos para a ave de penas coloridas que, quando presa, pode aprender a falar.
Nambuca, nhambu, sururu	Galinha sem rabo.
Nangive	Vadia.
Nambi	Animal de orelha caída.

Paia	Chato.
Peba	Roceiro.
Pampeiro	Alvoroço, briga com algazarra; forte altercação.
Quijeiro	Roceiro, matuto.
Quenquêm	Formiga carregadeira, de porte menor que a saúva; não é cabeçuda".
Quentão	Bebida das festas juninas e das portas de circos; a base de sua fabricação é cachaça, gengibre e canela.
Quitanda	Doce seco, rosca, biscoito, bolo de qualquer farinha ou fécula.
Rabo de égua	Garrucha de carregar pela boca.
Rejume	Hábito.
Riba	Lugar mais alto; em riba, para riba: em cima, para cima.
Roxa	Morena.
Sapiroca	Terçol.
Sem cerimônias	Sem cerimônias, acessível.
Siriri	Mariposa de cupim.
Sungar	Levantar; erguer.
Toró	Cachorro de rabo cortado.
Tinhoso	Diabo, capeta.
Tiú	Lagarta, teiú.
Tchá por Deus	Expressão de espanto ou indiferença.
Ubá	Canoa dos índios; é feita de um pau só, como um cocho.
Vôte	Credo.
Varejar	Usar o varejão, ou vara comprida que vai ao fundo do rio, impulsionando a canoa.
Vau	Lugar do rio que dá passagem.
Viajado	Indivíduo que lucrou em viagens grande experiência da vida.
Zoeira	Barulho; atordoamento da cabeça, dos ouvidos; zumbido.
Zonzo	Tonto.

Fonte: Costa (2015, pp.12-121); Lacerda (2021, pp.16-113).

As palavras: “mulata, periquito, chifre, mocho/mucho, borrachudo e mosquito”, apresentadas na amostragem acima configuram influências da língua espanhola na região Centro-Oeste. Já as palavras “ubá, tucum e tiú” entre outras são representativas do léxico tupy advindo dos muitos povos indígenas existentes nessa região. Algumas dessas palavras e expressões também são usadas e conhecidas em outras regiões do país, tais como: “viajado, zonzo e gás”. Costa (2015).

3.8 Como a escola trata a variação linguística?

O Brasil é um país de dimensões muito grandes com vasta cultura e rico em variantes linguísticas. E a escola é uma amostra dessa variedade. Isso ocorre porque essa instituição

acolhe pessoas de todas as camadas sociais e de todos os lugares e cada indivíduo traz consigo seu glossário próprio, adquirido, ora pelas experiências vivenciadas, ora pelo meio onde vive.

No caso da escola, em particular, há uma mistura de dialetos, no entanto ela privilegia a linguagem padrão, que é a linguagem adotada pelo livro didático em detrimento das linguagens regionais e das gírias, esta última, muito utilizadas pelos jovens. Andrade (2012).

Andrade (2012), discute a questão da aprendizagem da língua portuguesa na escola, afinal, todos os brasileiros natos já a falam. Então, o que realmente acontece é o ensino da gramática e da norma culta. Havendo então, uma total desatenção para com as variantes linguísticas das quais os alunos, e muitas vezes até mesmo os professores, são portadores. O que acarreta um grave problema, pois ainda há a classificação de certo e errado no uso da língua. Por exemplo: “O uso da norma padrão está correto, o uso de variantes está errado”... Quando na verdade é sabido que, no processo comunicacional o importante é que haja entendimento. Nas situações de fala, por exemplo, o uso da língua é como o uso de roupas, há situações adequadas e determinadas para cada tipo de variante. A pessoa não vai à praça de biquíni, isso porque este é um traje de banho para ser usado na praia ou na piscina; e também não vai à praia ou a piscina de fato, porque este é um traje para ser usado em ambiente de trabalho. Da mesma forma é a língua: não é adequado falar com uma pessoa que não tem escolarização usando apenas a norma culta ou padrão, porque não haverá entendimento; e da mesma forma, não se pode redigir um trabalho acadêmico usando gírias, porque este tipo de linguagem não é adequada para este tipo de situação. Andrade (2012).

Para Andrade (2012), a metodologia de ensino da língua, que desconsidera totalmente as variações linguísticas está descaracterizando esta língua, pois ignora totalmente a realidade social, uma vez que não está considerando a sua complexidade e o seu dinamismo. Pois ela é um organismo vivo, falada por pessoas vivas, que estão em constante aprendizado, seja através do meio acadêmico ou por interações. Portanto, a língua também varia de acordo com essas interações, ou aprendizados, tornando-se flexível dinâmica e múltipla. Como consequência, dessas questões surge a crença muito propagada nos meios estudantis de que o português é muito difícil, quando na verdade todos já o sabem. E o que ocorre realmente é a dificuldade de uso de apenas uma variante, a padrão.

Cunha (2018), em sua pesquisa propõe um método de ensino para o Ensino Médio, quanto as variantes linguísticas, partindo do pressuposto que a noção de erro é preconceito

linguístico e que é preciso que haja a desmitificação e o combate dessa ideia. Apontando também a necessidade de que haja um estudo dessas diferenças, além da divulgação dessa nova visão que considera este tipo de linguagem como variação e não como erro.

Cunha (2018), também afirma que a criança ao chegar à escola já traz consigo uma bagagem cultural, consequentemente, também traz a gramática internalizada do uso da língua. O que ela precisa é desenvolver sua competência comunicativa. E isso ocorre por meio da aprendizagem de outras variações linguísticas, como a da norma culta ou a padrão, que são variantes de prestígio. E é mais do que isso, os estudantes têm o direito de aprender novas formas de linguagem, porque no caso da norma culta, esta se torna essencial para aqueles que almejam ascender na vida. Portanto, a escola não deve ignorar o vocabulário básico trazido pelo aluno e sim enriquecê-lo com a aprendizagem de outras variantes. Logo, não deve haver a substituição de uma variante por outra, mas sim a aquisição de conhecimentos de outras variedades para que haja a diminuição do preconceito, gerado pela ideia vigente de que a norma padrão é a única correta.

A observação que se faz é que não se está afirmando que a norma culta é fator determinante para a ascensão social, mas também não se pode ignorar o facto de que essa variante é usada por aqueles que dominam a sociedade e que estes, quiçá, por expressarem-se melhor, consequentemente, terão melhores oportunidades do que aqueles que não a dominam. Portanto, é necessário que o aluno tenha consciência de que há uma língua de prestígio, a culta, que poderá lhe oferecer diversas oportunidades, em detrimento das demais variações. Mas também é imprescindível que ele entenda, que não há língua superior ou língua inferior a outra. E que a língua é uma construção social e histórica e que depende de fatores como o “sexo, a etnia, o grau de escolaridade, comunidade, tensão discursiva, profissão e o contexto em que o falante está inserido além da modalidade, que pode ser oral ou escrita”. Cunha (2018, pp.28-41).

Andrade (2012), afirma que as variedades linguísticas são sistemas completos e adequados para a comunicação e suprem as necessidades comunicativas dos falantes. E dizer que uma variante é melhor que outra é a mesma coisa que usá-las para discriminar as pessoas que as utilizam. Afirma também, que a escola deve ensinar a língua padrão, uma vez que esta variação é usada por aqueles que detêm o conhecimento e pelas classes dominantes. Até como forma de defesa, pois quem domina a língua culta consegue entender melhor os discursos propagados, que na maioria das vezes, são desfavoráveis às classes menos favorecidas.

Outro fator que Andrade (2012), levanta é a questão da discriminação, para ela a escola e o professor, têm que ser diretamente responsável e intervir de forma direta para que esta não aconteça, explicando as razões geracionais das diferentes formas de expressão. E ao mesmo tempo, exercer o papel democrático na disseminação da língua padrão.

A (BNCC) Base Nacional Comum Curricular de 2017, prevista na LDB, Lei nº 9.394/1996 que deverá nortear os currículos das universidades federais assim como propor propostas pedagógicas a todas as escolas do ensino básico sejam elas públicas ou privadas, no capítulo referente a Língua portuguesa, também coloca a importância das variantes linguísticas serem incutidas no currículo escolar e não apenas a variante padrão.

No entanto para esta dissertação, a BNCC, é tardia, pois para nós professores do estado do Ceará, esta só chegou ao nosso conhecimento no ano de 2022, pós-pandemia, para ser colocada em prática na escola pública.

Andrade (2012), ainda diz que é papel do professor preparar os estudantes para que eles falem não somente a língua padrão, mas também suas línguas de origem. Tornando-o assim um “poliglota dentro de sua própria língua”. Andrade (2012, p. 544). Para tanto observa-se a necessidade de uma preparação dos professores para que possam trabalhar com as variações linguísticas, pois muitos ainda confundem erros ortográficos e gramaticais com variação.

O facto é que a língua portuguesa é composta por um amplo leque de variantes, como se pode ver neste capítulo e isso ocorre não só com esta língua, mas com todas as línguas faladas no mundo. Porque a língua é um organismo vivo, mutável, que precisa adaptar-se as diferentes situações. E dessa forma vão surgindo novas maneiras de escrever e de falar.

Ao final deste capítulo, acredita-se que ficou claro que a língua portuguesa não é homogênea, ao contrário, pois é composta de muitas variantes linguísticas que a enriquecem e a tornam única. Ficando isto provado, o capítulo seguinte vai tratar da metodologia da pesquisa aplicada nesta dissertação, que contou com a contribuição de escritores como Minayo e Gherardt, para definir o melhor método de pesquisa. Apresenta-se também o *locus* da pesquisa, procurando fazer uma contextualização histórica, social, política e econômica e os respectivos sujeitos participantes da pesquisa, procurando mostrar as diferenças sociais, históricas, culturais e geopolíticas, que permeiam suas vidas e que acredita-se serem

diretamente responsáveis pelas diferenças linguísticas encontradas entre estes falantes da variante da língua portuguesa falada no Brasil.

CAPÍTULO IV – ABORDAGEM METODOLÓGICA

Neste capítulo apresenta-se a metodologia de pesquisa utilizada no desenvolvimento desta dissertação. Levando-se em conta desde a pesquisa bibliográfica, passando pela pesquisa de campo, procurando definir o *locus*, destacando os sujeitos da pesquisa e suas características, assim como o tipo de estudo e a natureza da pesquisa, fazendo um resgate dos objetivos propostos desde o início do projeto de pesquisa, mostrando os instrumentos utilizados na recolha de dados e deixando claro todas as etapas pelas quais estes dados passaram, a fim de obter-se um resultado o mais fidedigno possível.

Minayo (2016), denomina como metodologia da pesquisa o caminho percorrido para se chegar a resultados práticos. Esse caminho, inicialmente, é elaborado no pensamento pelo pesquisador, este faz um esboço mental daquilo que pretende colocar em prática para atingir seus objetivos práticos.

Nesta concepção, a metodologia é formada por um tripé do qual fazem parte o embasamento teórico, as estratégias ou instrumentos usados na investigação e o investigador. A teoria e a metodologia devem caminhar juntas sendo inseparáveis. Já a estratégia tem que dispor de instrumentais claros, coerentes e muito bem elaborados, a fim de resolver questões na prática.

Gerardt (2009, p. 29), conceitua metodologia como “o estudo da organização dos caminhos a serem percorridos, para se realizar uma pesquisa ou um estudo, ou para se fazer ciência”. Apesar de sua conceituação ser semelhante à de Minayo (2016), elas discordam quanto à concepção de metodologia e método porque para Gerardt (2009), apesar de serem muito próximos metodologia e método, não são a mesma coisa. A autora vê metodologia como algo bem mais abrangente. Para ela metodologia é o caminho a ser percorrido, enquanto que método são os procedimentos a serem utilizados durante o percurso, portanto, para Gerardt (2009), método está dentro da metodologia. Mas, ambas concordam com a afirmação de que metodologia e método caminham juntos. E partindo desses pressupostos teóricos é que essa pesquisa visa organizar as informações coletadas para chegar a uma conclusão que corresponda a realidade.

4.1 Tipos de estudo e método

A metodologia de pesquisa utilizada nesta dissertação foi determinada por vários fatores, são eles: objetivos do estudo, as questões e a natureza dos fenômenos a serem investigados, bem como o contexto em que os sujeitos estão inseridos. Como se pode

observar estes fatores não podem ser quantificados e foi por este motivo que se optou pela realização de uma investigação do tipo qualitativo, conforme está expresso mais abaixo, no tópico sujeitos da pesquisa, presente neste mesmo capítulo.

Segundo Gherardt (2009), a pesquisa qualitativa tem como foco o conhecimento e a compreensão de um determinado grupo social, uma comunidade, uma organização, em detrimento da quantificação. E os pesquisadores que optam por esse tipo de abordagem, rejeitam a ideia de que há um modelo único de pesquisa a ser aplicado para todas as ciências, uma vez que as ciências sociais têm características próprias, o que também indica que devem ter uma metodologia de pesquisa própria.

Os pesquisadores, que utilizam esse método de pesquisa, preocupam-se com os dados não palpáveis como, por exemplo, o motivo das coisas acontecerem dessa ou daquela forma e estipulando o que deve ser feito.

Minayo (2016), afirma que a pesquisa qualitativa se ocupa de um universo particular, respondendo a suas questões e com informações que não podem ser quantificadas. “Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (Minayo, 2016, pp.21-22). No entanto, e para a pesquisadora, as abordagens qualitativas e quantitativas não se opõem, ao contrário se complementam, pois uma explica o lado humano das coisas, o como elas acontecem e porque acontecem, e a outra mede com exatidão os acontecimentos. Havendo dessa forma uma interação entre os dados colhidos.

É importante ressaltar que, apesar de não se opor a abordagem quantitativa, a abordagem qualitativa se opõe a outros tipos como o positivismo, por exemplo, teoria que aplica métodos matemáticos para a compreensão dos fenômenos sociais, tentando medi-los e quantificá-los deixando de lado sua natureza humana.

Ao contrário, é impossível contar o número de pessoas que fala determinada palavra para um determinado sentido semântico, ao passo que é bem mais prático e adequado fazer um estudo aprofundado, a fim de saber como surgiram essas diferenças, quais fatores sociais as influenciaram, em qual contexto surgiram, entre outros. Enfim, o que está em pauta aqui é o processo de formação da fala de pessoas de uma determinada região e a ocorrência, neste processo, de diferenças e coincidências vocabulares.

No entanto a pesquisa qualitativa também oferece riscos, segundo Gherardt (2009). Tais como:

- A postura do pesquisador enquanto instrumento de coleta de dados tem que ser cuidadosa. Pois este não pode demonstrar confiança excessiva em si mesmo e muito menos pensar que sabe antecipadamente a quais resultados e conclusões irão chegar. O que também não deve haver é o envolvimento do pesquisador com a situação pesquisada ou com os sujeitos pesquisados.

- Outro erro é o caso da pesquisa tornar-se exaustiva, e isso ocorre quando o pesquisador tenta trabalhar a totalidade do objeto estudado, esquecendo-se que a ele cabe apenas a análise de uma amostra. A minúcia também é imprescindível na descrição dos processos usados para se chegar aos resultados.

Assim como a observação de aspetos diferentes vistos sob diferentes óticas. Em resumo a postura do pesquisador tem que ser imparcial e cuidadosa, para que este possa chegar a conclusões, que reproduzam a realidade com fidedignidade. Gherardt (2009).

4.2 Naturezas da pesquisa

Segundo Fonseca, (2017, p.32), toda pesquisa científica inicia-se com a pesquisa bibliográfica, porquanto é ela: “que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto”. E sua realização ocorre através de referências teóricas que já foram publicadas em meios escritos e/ou eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas da web e sites. Nesta citação de Fonseca, (2017), se percebe que a pesquisa bibliográfica é de suma importância para o desenvolvimento do trabalho científico, pois é ela que trará a base teórica para o desenvolvimento da pesquisa, esclarecendo factos obtusos, ampliando o conhecimento do pesquisador e abrindo novos caminhos para a construção do conhecimento.

Portanto, o primeiro passo para o desenvolvimento desta pesquisa científica foi a **Pesquisa Bibliográfica**, que seguindo as especificações científicas valeu-se da leitura de livros científicos e artigos, como também por meio de publicações *on-line* credenciadas pelas revistas científicas especializadas. Esta pesquisa valeu-se da bibliografia de pesquisadores sobre a educação, como: Aranha (2020), Andrade (2012), Traváglia (2017), entre outros. Linguistas como: Bagno (2015), Bechara (2020), Lucckesi (2012, 2015, 2017) e os historiadores, Abreu (2019), Fausto (2019) e Del Priori (2016). E estes foram escolhidos

porque têm uma bibliografia vasta, aprofundada e atualizada sobre o assunto, além de serem bastante respeitados no meio acadêmico. A exemplo do linguista Bagno, que tem tido um grande destaque na obra linguística brasileira, pois discute com muita seriedade e propriedade os fenômenos linguísticos existentes em nosso país, abordando uma nova perspectiva do ensino da língua portuguesa, sugerindo inclusive, que suas variantes sejam consideradas na escola, a fim de evitar o preconceito linguístico que relega muitos cidadãos brasileiros a ridicularidade e ao esquecimento, causado devido ao preconceito sofrido pelo léxico de seu dialeto de origem.

Abre-se parêntese para citar também os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997 e 2000), (PCNs), documento que norteia a educação brasileira.

Quanto à **Pesquisa Documental** para Fonseca (2017) esta é parecida com a pesquisa bibliográfica, a grande diferença é que enquanto a pesquisa científica recorre a fontes mais elaboradas, publicações, a pesquisa documental vale-se de fontes “diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico”, Fonseca (2017, p.32). Tais como: relatórios, tabelas estatísticas, jornais, revistas, documentos oficiais, dentre outros.

Nesta dissertação, a realização da pesquisa documental observou os paradigmas citados por Fonseca (2017), analisando-se os projetos, relatórios, textos, portarias e outros documentos referentes a organização dos municípios estudados em questão. Utilizando-se de textos escritos sobre a cultura, a história e a economia dos *lócus* da pesquisa. Estes textos foram adquiridos mediante os ofícios enviados as secretarias de educação, cultura e comércio dos municípios em questão. Bem como através do acesso ao “site” do IBGE, para também obter textos com informações sobre os municípios pesquisados.

A pesquisa documental dá acesso à informações reais sobre a vivência dos municípios, assim como sua situação financeira, política, educacional e social. Também nos dá acesso à informações históricas, levando o pesquisador a compreender fenômenos que ocorrem em determinado lugar. No caso desta pesquisa específica, essa relação nos leva a compreender o porquê do léxico dessas regiões.

Outro tipo de **pesquisa** utilizada foi a **de Campo**, e esta, segundo Fonseca (2017), é realizada através da coleta de dados junto às pessoas e pode ser de diferentes tipos, tais como: pesquisa *ex-post facto*, pesquisa de levantamento, pesquisa com *survey*, estudo de caso, pesquisa participante, pesquisa ação, pesquisa etnográfica e pesquisa etnometodológica.

Neste caso específico o tipo de pesquisa que nos interessa é o etnometodológico. Pois, este tipo de pesquisa estuda as ações dos sujeitos na vida cotidiana e a coleta de dados é feita com base em vários instrumentos como: a observação direta, entrevistas, estudos de relatórios e documentos administrativos, além de gravações em áudios e etc. Fonseca, (2017).

E foram exatamente os instrumentos supracitados no parágrafo anterior, que foram usados na coleta de dados desta dissertação. E Isto ocorreu através da observação das pessoas em estudo, por cerca de uma semana (07) sete dias; a visitação e observação dos municípios envolvidos assim como, de seus pontos culturais mais importantes; o estudo, a observação e a coleta de dados feita por meio de relatórios e documentos administrativos das escolas participantes da pesquisa; as entrevistas realizadas com os sujeitos participantes da pesquisa; as gravações de áudios contendo essas entrevistas; e a transcrição fidedigna das mesmas.

Vale ressaltar que, a pesquisa de campo ao coletar o material a ser analisado, é considerada um dos pontos mais interessantes no desenvolvimento do trabalho científico e onde o estudioso deve agir de maneira cuidadosa, a fim de não interferir nos resultados.

A entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despreocupada e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos factos relatados pelos atores, enquanto sujeitos objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada. Suas formas de realização podem ser de natureza individual e/ou coletiva. (Minayo, 2016, p. 57).

A entrevista foi semiestruturada. Esse tipo de entrevista foi escolhido devido à facilidade de se combinar perguntas abertas e perguntas fechadas, onde o entrevistado pode falar livremente sobre o assunto proposto. Apesar desta flexibilidade, o entrevistador deve sempre estar atento para interferir quando o entrevistado tiver perdido o foco, reconduzindo-o quando necessário, para o tema que lhe interessa, fazendo perguntas adicionais que lhe ajudem a esclarecer e a focar em pontos principais da conversa apresentando-se como um mediador. Além de ser possível esclarecer alguns equívocos dos informantes. dos Santos (2021).

A entrevista semiestruturada ocorre em forma de uma conversa descontraída, porém tem como objetivo delinear e delimitar a quantidade de informações obtidas para que haja êxito no alcance de seus objetivos. Este tipo de entrevista é bem mais eficaz que os demais tipos. E isto acontece devido ao facto das pessoas serem mais abertas a falar sobre

determinados assuntos quando há interação entre entrevistador e entrevistado. Dos Santos (2021).

4.3 Locus da pesquisa

O *locus* da pesquisa segundo Minayo (2016), é o espaço a ser estudado pelo pesquisador, levando em consideração tanto as concepções teóricas que fundamentam a investigação, quanto sua realidade empírica. O que envolve fundamentalmente as observações da cultura, dos usos e costumes que permeiam esse *lôcus*, definindo assim, quem é esse povo. No caso desta pesquisa o *locus* é dois municípios do estado do Ceará: Juazeiro do Norte, que está localizado no Cariri cearense; e Pentecoste, localizado em uma zona conhecida como Litoral-Oeste.

4.3.1 Um breve relato sócio, histórico e econômico do Ceará.

Ceará, estado brasileiro localizado na parte norte da região Nordeste, faz limites com o oceano Atlântico a norte e a nordeste; com os estados cearenses, Rio Grande do Norte e Paraíba a leste; Pernambuco ao sul; e Piauí a oeste. Tendo como cidade mais importante a capital Fortaleza que também é a mais desenvolvida economicamente e a mais populosa, com uma área de aproximadamente 148 920,472 (cento quarenta e oito milhões, novecentos e vinte mil, quatrocentos setenta e dois) km² e com uma população estimada em aproximadamente 9.000.000 (nove milhões) de habitantes. (Lei Nº16.821, 2019)

O estado é dividido em 184 municípios, tendo destaque para cidades cearenses como: Juazeiro do Norte, que se destaca principalmente por sua forte religiosidade e Crato, que tem no comércio o seu principal desenvolvimento econômico, no Cariri; Sobral, o segundo município mais desenvolvido do estado na região noroeste; Itapipoca, conhecida como a cidade dos três climas, por possuir regiões de praias, serras e sertão, também se destaca por ser um centro comercial regional, que abriga grandes empresas na região norte; Iguatu, que é o principal polo econômico da região centro-sul com suas indústrias moveleiras e calçadistas; Aracati, cidade em franco desenvolvimento, é a terceira em criação de empregos no estado, também conhecida pelo seu carnaval, pela indústria pesqueira, pelo polo comercial e pelas belas praias, na região do Vale do Jaguaribe; e Quixadá maior cidade do sertão central cearense, destacando-se pela existência de monólitos na região, o mais famoso deles é conhecido como a pedra da Galinha Choca, e também se destaca por abrigar instituições universitárias como um campus da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e outro da

Universidade Federal do Ceará (UFC); e Quixeramobim, município que se caracteriza por ter a segunda produção leiteira do estado e é o segundo maior na região dos sertões cearenses; Quanto a região metropolitana de Fortaleza, capital do Ceará, os municípios de maior importância são: Caucaia que se destaca por seu potencial turístico com seus 44 km de litoral e por sua proximidade com a capital; Eusébio, que atualmente se destaca pela qualidade de vida de seus habitantes, pois possui uma grande área verde e pela construção de condomínios de luxo; Horizonte, município que se destaca pela industrialização, possuindo mais de quarenta indústrias: calçadistas, têxteis, automobilísticas e de granito e pelo comércio com cerca de mil estabelecimentos. Juntos, esses dois últimos setores econômicos citados geram cerca de vinte mil empregos; Maranguape, município localizado a 27 km de Fortaleza, evidencia-se por seu potencial econômico nas áreas industriais, agropecuária e de serviços; Maracanaú, a 24 km de Fortaleza, abriga o maior centro industrial do estado, possuindo o segundo maior PIB (Produto interno Bruto) estadual, perdendo apenas para Fortaleza; Aquiraz, a primeira capital cearense situada a 32 km de Fortaleza, banhada por belas praias, atualmente distingue-se pela economia pautada na agricultura, na industrialização e no turismo. Este último destaca-se pelas visitas à cidade velha, que tem uma arquitetura barroca portuguesa e pelas praias do Iguape, Porto das Dunas, Prainha, Marambaia, Barro Preto e Batoque; E São Gonçalo do Amarante, sede do Complexo Industrial e Portuário do Pecém (CIPP). Indicadores (2015)

Pentecoste, um dos *lócus* dessa pesquisa, também faz parte dessa região litorânea e portuária, no entanto é um município bem menos desenvolvido economicamente, como veremos mais a frente nesta dissertação. Esses dois territórios diversos e distantes, onde estão localizados respectivamente os municípios de Pentecoste e Juazeiro do Norte, foram colonizados através da pecuária e apesar de terem esse facto em comum cada região difere em sua história e em suas peculiaridades e é isto que será exposto doravante.

4.3.2 Juazeiro do Norte

O município de Juazeiro do Norte está localizado no Cariri, microrregião localizada ao sul do estado do Ceará, que compreende uma área de 5.460,084 Km² e está dividida em 29 municípios, a saber, Abaiara, Altaneira, Antonina do Norte, Araripe, Assaré, Aurora, Barbalha, Barro, Brejo Santo, Campos Sales, Caririaçu, Crato, Farias Brito, Granjeiro, Jardim, Jati, Juazeiro do Norte, Lavras da Mangabeira, Mauriti, Milagres, Missão Velha, Nova

Olinda, Pena Forte, Porteiras, Potengi, Salitre, Santana do Cariri, Tarrafas e Várzea Alegre, com uma população estimada em aproximadamente 600.000 habitantes. (Batista, 2020)

A região é caracterizada como uma espécie de oásis no meio do deserto, devido a fertilidade de suas terras, com suas árvores sempre verdes em meio a seus rios perenes. Devido a isso muitos carirenses não aceitam que ela seja chamada de sertão, porém o Cariri está localizado no sertão cearense e a sua vegetação é a caatinga. O nome da região foi herdado do grupo indígena homônimo, que vivia nessa região, quando os brancos invasores chegaram. Eram guerreiros valentes e ferozes que combateram os inimigos e para serem vencidos foi necessária uma espécie de coalisão feita por bandeirantes de São Paulo, Bahia, Pernambuco, Paraíba e Ceará. Em sua maioria foram perseguidos e mortos pelos conquistadores. Batista (2020)

A diversidade linguística da região está presente até mesmo em sua denominação, pois este nome Cariri é de origem indígena e podendo significar segundo Pinheiro e Batista (2020) tristonho, calado, silencioso. Não se sabe ao certo de onde os primeiros habitantes desta terra vieram, mas em suas vastas andanças foram expulsos das terras litorâneas pelos povos Tupiniquins e Tupinambás. Estabeleceram-se as margens de rios como o Acaraú, Apodi, Assú e Jaguaribe e eram falantes da língua geral. Esse povo foi incorporado a atual população brasileira segundo o historiador. E a cabeça chata, característica de alguns sertanejos, inclusive do cearense é advindo desse povo. A economia da região desenvolveu-se através da pecuária que ali encontrou solo fértil e adequado à criação de gado e logo as sedes das fazendas deram lugar às freguesias, que em geral nasciam em volta de uma igreja ou capela, que logo era elevada a condição de paróquia. Batista (2020)

Para (Batista 2020), o município de Juazeiro do Norte, *locus* dessa pesquisa, originou-se de uma capelinha erguida em data incerta, por volta do século XIX, pelo padre Pedro Ribeiro da Silva. Correu o tempo, a igreja deteriorou-se e em 1872 foi substituída por outra, erguida pelo padre Cícero Romão Batista, importante figura da história cearense. Esse município localizado na região metropolitana do Cariri a 491 Km da capital, Fortaleza, era inicialmente um distrito da cidade do Crato, denominado Tabuleiro Grande e só com a chegada do padre Cícero é que alcançou desenvolvimento. Isto devido a forte religiosidade que foi desenvolvida na região, pois segundo o historiador (Batista 2020), sob o comando do padre, o município cearense participou ativamente da vida política no estado, sendo que em 1911, padre Cícero e mais dezesseis fazendeiros da região firmaram um pacto de apoio ao

governador da província, Antonio Pinto Nogueira Accioli, ficando esse movimento conhecido na história brasileira como “Pacto dos Coronéis”. No entanto, em 1912 aprouve ao presidente do país, Hermes da Fonseca, depor o governador e em seu lugar colocar um interventor. Coube então a Franco Rabelo o cargo, mantendo eleições para vice-governador, cargo para o qual Padre Cícero foi eleito. Porém o interventor empreendeu severa perseguição ao Padre Cícero, que também era prefeito de Juazeiro do Norte, chegando a destituí-lo de seu cargo. Porém, não contava ele com a popularidade de seu rival, que sendo muito bem quisto na região, logo contou com o apoio do povo que partiu em seu socorro, dando origem a uma revolta que ficou conhecida como “Sedição de Juazeiro”.

Atualmente, Juazeiro do Norte, município com 100 anos de emancipação política, tem uma população de aproximadamente 268.248 (duzentos e sessenta e oito mil, duzentos e quarenta e oito) habitantes, distribuídos em uma área de 248.232 km² sendo o mais populoso do interior do estado, estando localizado a aproximadamente 500 km de distância de Fortaleza, capital do estado do Ceará. Fazendo limites com os municípios de Caririçu e Pernambuco, ao norte; Missão Velha ao leste; Barbalha ao sul; e Crato ao oeste. Seu nome foi tomado de uma árvore homônima do sertão nordestino e muito comum na região. Este é um importante centro regional de negociações exercendo grande influência na região Sul do estado, atraindo romeiros, peregrinos e negociantes de todas as regiões cearenses e de estados circunvizinhos. Batista (2020)

E também é uma das três cidades carirenses que sofreu um processo de cornubação²⁵ juntamente com Crato e Barbalha, ficando a junção dos três municípios conhecida como CRAJUBAR, tendo sua economia local desenvolvida principalmente a base do comércio e da indústria, sendo um grande polo comercial regional com cerca de 6.400 (seis mil e quatrocentos) estabelecimentos, distribuídos em: 6.290 (seis mil, duzentos e noventa) varejistas e 120 (cento e vinte) atacadistas, mas também contando com cerca de 1387 estabelecimentos industriais (um mil, trezentos e oitenta e sete) perfazendo um PIB anual de R\$ 3.379.837.000,00 (três bilhões, trezentos e setenta e nove milhões, oitocentos e trinta e sete mil reais) outro setor que alavanca a economia juazeirense é o turismo, já que durante todo o ano há a visita de romeiros ao município, e estes movimentam bastante o comércio, os restaurantes e o setor hoteleiro da cidade (Relatório da secretaria de cultura de Juazeiro do Norte, 2016). Ocorre que esta cidade é antes de tudo um grande polo religioso, que além de

²⁵ cornubação: fenômeno urbano no qual duas ou mais cidades limítrofes expandem-se, a ponto de fundirem-se em um mesmo espaço geográfico, sendo impossível identificar seus limites.

sua localização privilegiada contou com a fama de seu benfeitor, padre Cícero Romão Batista, o qual reza a tradição popular teria realizado milagres, como crê o sertanejo simples e boa parte das pessoas de fé. Então a fama do padre milagreiro espalhou-se pela região, transformando aquele lugar em um grande centro de visitação, sendo seus pontos turísticos quase que exclusivamente, com raras exceções, monumentos religiosos como igrejas, capelas, museus e o horto, complexo religioso e cultural localizado na colina de mesmo nome erigido em alusão a memória de padre Cícero, dentre outros. Recebendo cerca de 2,5 milhões de romeiros por ano, pois estes acreditam que padre Cícero santificou-se após sua morte e faz milagres. Relatório da cultura de Juazeiro do Norte (2020).

Dessa forma, Juazeiro do Norte é considerado o 3º maior centro religioso do país, ficando atrás de Aparecida do Norte e Nova Trento. Essa cidade ainda segue o lema ensinado por Padre Cícero que é “fé e trabalho”. Segundo o Relatório da cultura de Juazeiro do Norte (2020).

O facto deste município ser um centro cultural religioso foi fator crucial para que se tornasse um grande polo cultural, pois criou espaço à típica cultura cearense desenvolvida através do cordel, do artesanato e da xilogravura, tendo 681(seiscentos e oitenta e um) artesãos cadastrados chegando a ostentar o título de: “A metrópole do Cariri”.

O artesanato é desenvolvido com materiais como couro, palha, barro, ferro e gesso e é inspirado em grandes personagens da terra como padre Cícero e Lampião, além da tradição sertaneja, das festividades religiosas e das danças regionais. Há ainda, o desenvolvimento de outras manifestações culturais como folclore e reisado, contando ao todo com 72 (setenta e dois) grupos cadastrados na secretaria de cultura do estado. Há também espaço para o repente, para uma orquestra de rabecas e para o teatro, o município conta com três atualmente, e com vários grupos teatrais. Relatório da cultura de Juazeiro do Norte (2020).

Quanto à educação o município atende a aproximadamente 60.302 (sessenta mil, trezentos e dois) alunos, segundo dados do censo de 2021, com a seguinte distribuição de matrícula, 11.667 (onze mil, seiscentos e sessenta e sete) alunos no Ensino Infantil; 36.747 (trinta e seis mil, setecentos, quarenta e sete) alunos no Ensino Fundamental; e 11.888 (onze mil, oitocentos, oitenta e oito) no Ensino Médio. Estes alunos estão alocados em 129 (cento, vinte e nove) escolas de Ensino Pré-escolar, 142 (cento, quarenta e duas) escolas de Ensino Fundamental e 25 (vinte e cinco) escolas de Ensino Médio. Estando aos cuidados de 676

(seiscentos, setenta e seis) docentes lotados na pré-escola; 1654 (Um mil, seiscentos, cinquenta e quatro) no Ensino Fundamental; e 595 (quinhentos, noventa e cinco) no Ensino Médio. Segundo o relatório IBGE, (2021). Ressalta-se o abrigo de um dos maiores polos acadêmicos do interior contando com 11 instituições de Educação Superior, dispoindo de 80 cursos de graduação, 62 de pós-graduação e três cursos de mestrado (IBGE, 2021).

Quanto à língua falada, foneticamente, esta difere bastante da forma praticada na capital, principalmente porque é fortemente marcada pela despalatização dos fonemas / ʃ / e / ø /, sendo pronunciados depois dos fonemas | d| t| n| ao invés de |ds| ts| segundo Rodrigues (2013). Esse facto deve-se à maior proximidade deste município com outros estados brasileiros, como: Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Piauí, que utilizam essas formas linguísticas. Essa vicinalidade cria condições favoráveis à interferência linguística, tais como: as características socioculturais, que são transmitidas de um lugar a outro, pois este é um centro religioso, cultural e comercial que diariamente recebe grande número de pessoas vindas dos estados próximos, citados no início deste parágrafo, para tratar de negócios e para peregrinar na região. Some-se a este fator o facto dos próprios juazeirenses irem e virem a outros estados vizinhos seja para estudar, há negócios, ou a passeios, uma vez que, a proximidade e a acessibilidade são mais favorecidas a estes estados do que a própria capital cearense. O que faz com que a linguística da região tenha características principalmente do falar paraibano.

4.3.3 Pentecoste

O município de Pentecoste está localizado no vale do rio Curú, na região norte do Ceará, que abriga entre suas serras 15 municípios cearenses. Sendo eles: Itatira, Canindé, Caridade e Paramoti no alto Curú; General Sampaio, Tejuçuóca, Apuiarés, Irauçuba, Itapajé, Pentecoste, Umirim e São Luís do Curu, no médio Curú; São Gonçalo do Amarante, Paraipaba e Paracuru, no Baixo Curu. Lei nº16.821, 09 de janeiro de 2019. (2019)

A região era habitada pelos povos conhecidos como Jaguaribaras, Jaguaruanas, Guanacés ou Anacés, Apuiarés e Canindés. Os Jaguaribaras viviam em territórios do Choró, Mundaú e serra de Baturité; os Jaguaruanas por sua vez ocupavam territórios entre os rios Curú e Acaraú; os Guanacés ou Anacés estabeleceram-se em territórios que iam das praias à Uruburetama; os Apuiarés eram fixados nos sertões de Canindé; e os Canindés nas cabeceiras do rio Curu, e nas ribeiras dos rios Quixeramobim e Banabuiú. Abreu (2019)

Esses povos tinham culturas diferenciadas, portanto falando línguas diversas, mas com a chegada do branco português todos eles tiveram o mesmo destino sendo aldeados e incorporados a população colonial ou extintos. Portanto conclui-se que com a chegada dos portugueses, os aborígenes da região do vale do Curu viram seu mundo desaparecer, pois perderam seu território e mais do que isso, seu ponto de referência, sua liberdade, seus costumes, sua religião, sua vida. Ficando a terra a cargo do branco português com sua língua, seus costumes, sua tradição, ignorando completamente o modo de vida e a cultura construída por seus antecessores (Abreu, 2019). Com a retirada dos nativos entram em cena os sesmeiros que adquiriram posses na ribeira do Curu. Vindos de Pernambuco e do Rio Grande do Norte, em busca de terras para criação de gado, trouxeram consigo sua cultura, usos e costumes, dos quais fazia parte a língua. Inicialmente os sesmeiros construíram duas capelas: a primeira era conhecida como capela do Pará e a padroeira era Nossa Senhora da Conceição, as margens do rio Siupé; e a segunda na localidade de Curral Grande em homenagem a Nossa Senhora dos Remédios. A partir daí surgiram às freguesias que depois foram transformadas em vilas e deu-se o total povoamento da região. Silva (2019).

Em 1860, segundo os historiadores José Herculano Verçosa e José de Anchieta e Silva, o fazendeiro Bernardino Gomes Bezerra, natural de Canindé e residente na região praieira do Acaraú, construiu uma casa próxima a fazenda Barrinha onde fixaria residência. Este trazia seu gado para pastar nas terras, atualmente, pentecostenses e então outros se juntaram a ele, formando assim o arraial. Em 1873, o povoado foi elevado à categoria de vila pela Lei de nº 1.542 de 23 de agosto de 1873 que posteriormente foi suprimida pelo Decreto nº 18 de 15 de abril de 1892, sendo novamente restaurado pela Lei nº 457 de 27 de agosto 1898, que foi suprimida mais uma vez e elevada definitivamente pelo Decreto-Lei nº 1540 de 03 de maio de 1935. Quanto a elevação à categoria de município, esta ocorreu pelo Decreto-Lei nº 448 de 20 de dezembro de 1938.

O nome do município Pentecoste, que inicialmente chamou-se Barra da Conceição e Conceição da Barra, deveu-se a 1ª missa celebrada na capela construída em homenagem a Nossa Senhora da Conceição, pois ela foi celebrada exatamente na data em que a igreja cristã celebra o domingo de Pentecostes e por um erro no momento em que se oficiou o nome, excluiu-se a letra “s”, ficando o município denominado apenas Pentecoste. Este, localizado a 85 km² de Fortaleza, capital do Ceará, com uma população de cerca de, 38.045 (trinta e oito mil, quarenta e cinco) habitantes e uma área de 1.379 km², com um PIB de aproximadamente

R\$ 193.000,00 (Cento e noventa e três mil reais). Fazendo limite com os seguintes municípios: São Gonçalo do Amarante, São Luis do Curu e Umirim ao norte; Apuiarés, Caridade e Paramoti ao sul; Maranguape e Caucaia ao leste; e Uruburetama e Itapajé a oeste. Com sua economia baseada na agricultura, com a produção de coco, feijão, milho, batata doce, mandioca e banana; na pecuária com produção de gado bovino, caprino e suíno; no comércio e em uma pequena indústria calçadista. Quanto a hidrografia, este é banhado pela bacia hidrográfica formada pelos rios Curu, Canindé e Capitão Mor, que ao serem embarreirados, formaram a barragem do açude Pereira de Miranda, importantíssimo para a economia local e sobrevivência da população. Relatório da Secretaria de Finanças de Pentecoste do ano 2019 (2020).

Em suma, um município simples e humilde que não alcança o mesmo desenvolvimento do outro município alvo desta pesquisa, principalmente porque está localizado numa região vitimada pela estiagem, escassez de chuvas. Devido a baixa pluviosidade, o comércio, juntamente com a prefeitura municipal e pequena indústria calçadista, atualmente, correspondem as maiores fontes de renda do município, pois os dois juntos empregam a maior parte da população. Com cerca de 347 empresas comerciais estabelecidas, e um grande número de comerciantes informais, totalizando um número de 4.061 pessoas assalariadas. Havendo ainda outras ocupações em empregos formais, órgãos públicos, que melhoram a economia da região. Relatório da Secretaria de Finanças de Pentecoste do ano de 2019 (2020).

Sendo um município pequeno, pouco desenvolvido, a cultura está intimamente ligada aos festejos religiosos, sendo desprovido de teatros, cinemas e demais casas culturais, possuindo apenas pequenas casas de shows e dependendo das ações culturais e folclóricas desenvolvidas pela Secretaria de Cultura Municipal ou com o apoio desta e também de pequenos grupos artísticos autônomos que trabalham com manifestações culturais como as quadrilhas, festejos juninos, o pastoreio, o reisado e o bumba-meu-boi. Relatório da Secretaria de Cultura de Pentecoste do ano 2019 (2021).

Quanto à educação, o município dispõe de uma matrícula de 8.424 (oito mil, quatrocentos, vinte e quatro) alunos estando distribuídos da seguinte forma: 1.056 (um mil, cinquenta e seis) no Ensino Pré-escolar; 5.055 (cinco mil, cinquenta e cinco) no Fundamental; e 1.663 (um mil seiscientos, secenta e três) no Ensino Médio. Sendo atendidos por 64 (secenta e quatro) escolas, sendo 29 (vinte e nove) pré-escolas; 28 (vinte e oito) de Ensino

Fundamental; e 03 de Ensino Médio. Instituições nas quais estão alocados 386 (trezentos, oitenta e seis) professores, estando distribuídos da seguinte forma: 55 (cinquenta e cinco) na pré-escola, 241 (duzentos quarenta e um) no Ensino Fundamental e 90 (noventa) no Ensino Médio. Esse número é quase que totalmente pertencente a rede pública. No entanto, há no município uma pequena representação da rede particular, são três escolas locais de Ensino Infantil e Fundamental que abarcam cerca de 650 (seiscentos e cinquenta) estudantes, todas localizadas na zona urbana do município. Há também uma pequena representação do Ensino Superior com um “*campus*” de uma faculdade particular, que atende aos estudantes que não puderam se dirigir a capital do estado para cursar uma graduação. Relatório do IBGE (2021).

Para Silva (2012), ao se estudar uma língua é necessário que se dê uma atenção especial ao contexto sociocultural no qual ela é produzida, já que ela é fruto deste contexto. E que sempre reflete a ideologia dominante, assim como suas lutas e tendências sociais. Tomando como base este argumento, afirma-se que a fala do município, reproduz a variante falada na capital do estado, Fortaleza, que tem como características a despalatização, a iotização e o apagamento dos fonemas /λ/ e /ñ/, representados graficamente, respetivamente pelos dígrafos “lh” e “nh” segundo a pesquisa de (Silva, 2012). Sendo uma variação social de prestígio, por ser uma variante urbana, a similaridade linguística ocorre devido a proximidade entre as duas localidades, já que, o município está localizado a apenas 85 km da capital cearense e também devido ao facto de haver um intenso e intermitente fluxo de pessoas entre os dois municípios, pois Fortaleza é a metrópole mais desenvolvida da região, lugar para o qual os pentecostenses se destacam diariamente, a fim de fazerem transações comerciais, para buscar empregos e também para complementar seus estudos através do Ensino Superior.

4.4 Objetivos da pesquisa.

A pesquisa em questão tem como objetivo geral:

Analisar a utilização da língua portuguesa oral, em duas cidades de duas regiões do estado do Ceará, Pentecoste e Juazeiro do Norte, municípios que mesmo localizados dentro de um mesmo estado distam aproximadamente 600 (seiscentos) quilômetros entre si.

E tendo como objetivos específicos:

- Identificar as diferenças linguísticas orais existentes entre dois municípios do estado do Ceará;

- Verificar as variações no vocabulário da língua portuguesa a partir de várias gerações;
- Comparar a língua mãe e a vigente e sua repercussão na aprendizagem nos dias atuais (século XXI).

4.5 Instrumentos da pesquisa

As informações foram colhidas através das seguintes técnicas de observação: entrevista semiestruturada, análise e estudo de documentos.

As entrevistas foram propostas, a fim de investigar as mudanças ocorridas na língua materna em duas cidades localizadas em regiões diferentes do estado do Ceará. São elas: Juazeiro do Norte e Pentecoste. Fazendo um paralelo entre as linguagens utilizadas nessas cidades, observando as mudanças, enriquecendo o dicionário vocabular do cearense e contribuindo para o entendimento de novos verbetes utilizados dentro da escola. As entrevistas foram gravadas e tiveram seu conteúdo transcrito, uma vez que, posteriormente foram encaminhadas aos entrevistados para leitura e autorização de publicação.

A parte teórica, que embasa esta dissertação, foi realizada através da pesquisa de documentos escritos sociolinguísticos. A pesquisa de campo realizada utilizou-se de instrumentos como a entrevista semiestruturada e de documentos que regem as unidades escolares, como, PPP (Projeto Político Pedagógico) e regimentos escolares das escolas participantes. Também foram observados relatórios das secretarias municipais das duas cidades das regiões em questão, assim como relatórios do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Também foi utilizada, como instrumento de pesquisa, a observação linguística, comportamental e cultural, envolvendo fatores como nível de escolaridade, usos, costumes, religiosidade e tradições culturais. Esses instrumentos foram empregados com a pretensão de recolher dados que foram analisados de forma criteriosa e utilizados para uma melhor compreensão e entendimento do objeto pesquisado em seu contexto usual, assim:

a) Entrevista semiestruturada: elaborada com cerca de 20 (vinte) questionários, dos quais foram escolhidos 06 (seis) para análise, que tiveram por finalidade inquirir ao entrevistado sobre a sua forma de falar, procurando destacar os regionalismos.

b) Gravador de voz; equipamento utilizado com o intuito de recolher dados com o máximo de precisão possível, para que, estes sejam transcritos posteriormente, com o máximo de fidedignidade.

c) Documentos que regem as escolas das quais os entrevistados fazem parte. Entre esses estão: PPP (Projeto Político Pedagógico) e Regimento Escolar. Esses documentos mostram uma fotografia detalhada e criteriosa de cada estabelecimento, possibilitando ao pesquisador compreender e conhecer sua linha de desenvolvimento de trabalho, assim como as condições sociais, políticas e econômicas do público alvo atendido.

d) Diário de campo: Esse instrumento foi utilizado para anotação das observações ocorridas em situações durante o desenvolvimento da pesquisa.

e) Relatórios: estes documentos levantados junto as secretarias municipais e ao IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) que tem por objetivo mapear a situação econômica, cultural e financeira da região, ajudando a gestão a usar e distribuir com responsabilidade os recursos adquiridos. Possibilitando ao pesquisador, o conhecimento da realidade da região, para que este possa compreendê-la e aplicá-la ao desenvolvimento de sua tese com o máximo de fidedignidade possível.

4.6 Sujeitos da Pesquisa

A pesquisa foi realizada em duas cidades de duas regiões diversas do Ceará. A saber: Juazeiro do Norte e Pentecoste.

Os sujeitos da pesquisa foram doze pessoas de faixas etárias variadas e de partes diferentes dos municípios sendo: zona urbana e a zona rural. Dessa forma em cada município com a ajuda de escolas estaduais locais, colheu-se informações sobre a linguagem de duas (02) pessoas idosas de cada cidade, aposentados, sendo uma da zona urbana e outra da zona rural; de duas (02) pessoas adultas, professores, sendo uma da zona urbana e outra da zona rural; de (dois) 02 jovens, alunos, sendo um da zona urbana e outro da zona rural. Para efeito de preservação de suas identidades receberam as nomenclaturas Su 01, Su 02; Sr 01. Sr 02; Au 01, Au 02; Ar 01, Ar 02; e Ju 01, Ju 02; Jr 01, Jr 02. Dessa forma os sujeitos desse estudo foram classificados de acordo com sua idade e a variedade linguística.

A escolha destes sujeitos pode ser justificada pela observação cotidiana que mostra a diversidade de linguagem tanto de região para região, quanto entre faixas etárias dentro da

mesma região. Os critérios utilizados para essa pesquisa foram: diversidade de regiões e de localidades onde habitam, estando divididas entre zona urbana e rural, linguística e variação de entrevistados por faixa etária, idade e escolaridade. Não sendo contemplada a variedade por sexo.

A diversidade regional consiste na escolha dos dois municípios que embora estejam localizados dentro do mesmo estado, estão separados pela distância, Pentecoste e Juazeiro do Norte, e o critério usado para essa escolha foi exatamente a grande distância territorial, para que haja a investigação sobre uma possível variação linguística entre eles. A diversidade de localidades está representada por um habitante da zona urbana e um habitante da zona rural de cada município em cada faixa etária, contemplados nas três faixas etárias citadas acima porque se acredita que haja variação linguística dentro do mesmo município.

A escolha de entrevistados por faixa etária, 02 (dois) jovens, alunos, entre 16 (dezesseis) e 18 (dezoito) anos de idade, 02 (dois) adultos, professores, entre 30 (trinta) e 45 (quarenta e cinco) anos de idade e dois anciãos, aposentados, entre 60 (sessenta) e 70 (setenta) anos de idade de cada município para que seja analisada a variação linguística existente entre essas três faixas etárias dentro do estado do Ceará, representado pelos municípios em questão.

Os sujeitos da pesquisa denominados Ju 01, Ju 02; Jr 01, Jr 02 são os jovens e estão todos no mesmo nível de escolaridade, pois todos pertencem ao Ensino médio. Já os sujeitos Au 01, Au 02; Ar 01, Ar 02 estes são representados por professores do Ensino Médio residentes em zona rural e em zona urbana, portanto não diferindo o nível de escolaridade. Quanto aos sujeitos da pesquisa representados por Su 01, Su 02, Sr 01 e Sr 02, estes são os anciões e foram os únicos que divergiram quanto ao grau de escolaridade sendo que apenas (01) um dos entrevistados tem nível superior, sendo professor de uma Universidade, quanto aos demais, há uma entrevistada que cursou o Ensino Médio e os outros 02 (dois) sendo apenas alfabetizados.

Vale ressaltar que Au 01 foi a nomenclatura dada ao adulto da zona urbana de Juazeiro do Norte. Já Ar 01 é abreviatura para adulto da zona rural do mesmo município; Su01 foi a sigla dada ao ancião da zona urbana de Juazeiro do Norte e Sr01 é a nomenclatura escolhida para o ancião da zona rural do mesmo município; Há ainda Ju01 que identifica o jovem da zona urbana de Juazeiro do Norte e Jr01 que identifica o jovem da zona rural do mesmo município.

Quanto à nomenclatura dos entrevistados de Pentecoste ficou assim: Au02 para o adulto da zona urbana de Pentecoste, Ar02 para o adulto da zona rural; Su02 para identificar o ancião da zona urbana e Sr02 para identificar o ancião da zona rural; e Ju02 para identificar o jovem da zona urbana e Jr02 para identificar o jovem da zona rural.

4.7 Etapas da pesquisa.

A recolha dos dados ocorreu de diversas formas, a começar pela pesquisa de campo ocorrida de maneira a observar a realidade da língua falada, e as circunstâncias de sua produção; e também através de entrevistas individuais a fim de investigar a língua mãe e a linguagem que é usada nas duas realidades nordestinas, que estão sendo pesquisadas, enfatizando suas diferenças e suas semelhanças.

Quanto à pesquisa bibliográfica, foi desenvolvida através da utilização de fontes como, livros e artigos, podendo ser publicações impressas e “on-line” credenciadas pelas revistas especializadas. Além de análise documental de relatórios, leis, decretos, projetos, portarias e planos, estes últimos referentes ao funcionamento legal das instituições envolvidas.

O levantamento das informações ocorreu através de entrevista, porque segundo Minayo (2016), é o processo mais usual no trabalho de campo e neste caso o mais eficaz e apropriado.

A entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos nas falas dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despretensiosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos factos relatados pelos atores, enquanto sujeitos objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada. Suas formas de realização podem ser de natureza individual e/ou coletiva (Minayo, 2016, p.57).

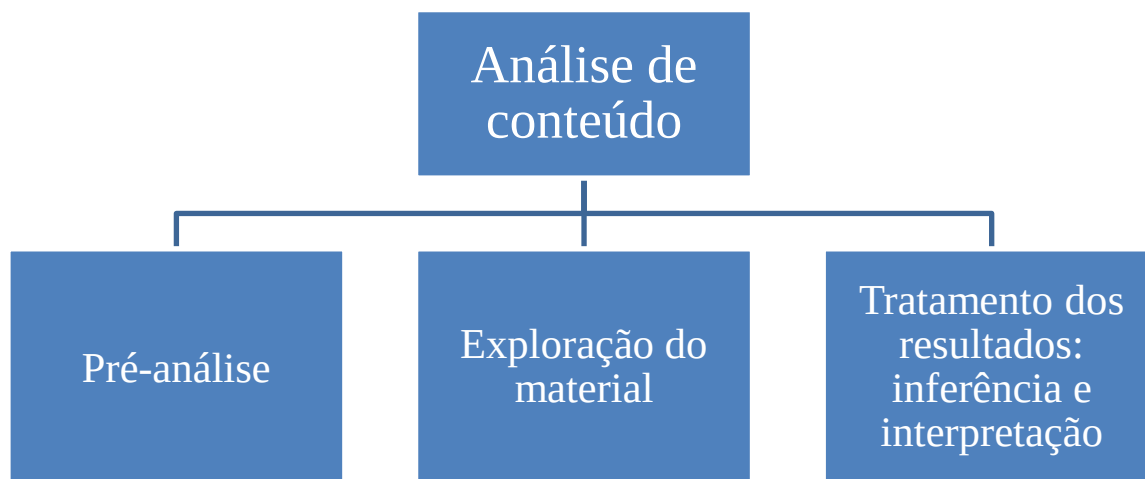
Segundo Minayo, a pesquisa é:

da arte e da poesia que se concebem na inspiração, a pesquisa é um labor artesanal, que se não prescinde da criatividade, se realiza fundamentalmente por uma linguagem fundada em conceitos, proposições, métodos e técnicas, linguagem esta que se constrói com um ritmo próprio e particular” (Minayo, 2016, p.25).

Portanto, a pesquisa é vista como um instrumento metódico, analítico e sistemático que segue um cronograma instituído, mas com suas particularidades que dependem do

andamento e do encaminhamento desta, assim como, da colaboração e disponibilidade de seus participantes. Tendo métodos e instrumentais próprios a serem utilizados.

Já no que refere a análise dos dados coletados foi utilizado o método de análise de Bardin (2011), que está organizada em três etapas, conforme cronograma a seguir:



Análise de conteúdo: Para Bardin consiste em uma técnica metodológica de análise aplicável a diversos conteúdos e a todas as formas de comunicação. Utilizando-se de “procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” que permitam ao pesquisador inferir significados através tanto do contexto de produção da mensagem quanto da própria mensagem.

Pré-análise: Pode ser definida como uma fase de organização dos dados coletados para análise. Nesta fase ocorre a escolha do material a ser analisado, a formulação das hipóteses, a elaboração dos indicadores que norteiam a interpretação final dos dados colhidos, bem como a escolha do esquema de trabalho que deve ser rigoroso, porém flexível. Por fim, é nesta fase que se constitui o corpus da pesquisa.

Exploração do material: Nesta fase é feito o estudo aprofundado do corpus escolhido com o objetivo codificar o corpus da pesquisa ou criar categorias para análise. Este deve ser orientado pelas hipóteses levantadas e pelos referenciais teóricos. Nesta fase as categorias são classificadas apontando os elementos que constituem significado na pesquisa. Nesta fase há o

desmembramento dos dados, posteriormente ocorre o agrupamento ou o reagrupamento destes, para a criação das categorias de análise iniciais.

Tratamento dos resultados: inferência e interpretação: É a fase na qual se procura significados nas mensagens ou na primeira mensagem. É o momento no qual o pesquisador utiliza-se tanto de sua intuição quanto da análise reflexiva e crítica em busca de informações no corpus da pesquisa, captando os conteúdos contidos no material coletado por meio dos instrumentos utilizados.

Seguindo a análise de conteúdo de Bardin para o método qualitativo esta dissertação observou as etapas descritas abaixo:

- a) **Primeira Etapa:** neste momento, denominado de pré-análise, iniciou-se a escolha dos documentos a serem analisados, tais como documentos que regem as duas escolas colaboradoras desta dissertação, tais como, PPP (Projeto Político Pedagógico) e Regimento escolar. Tais documentos são de fundamental importância no que concerne ao entendimento dos objetivos educacionais propostos pelos estabelecimentos escolares colaboradores de nossa pesquisa. Portanto de grande valia para o entendimento do ensino da língua materna naquelas instituições. E em seguida deu-se continuidade com a coleta de dados e estudo dos relatórios das secretarias de finanças, educação e cultura de cada município participante da pesquisa. Outros pontos igualmente importantes foram à escolha de fatores relevantes durante as observações e escolha dos dados a serem analisados.
- b) **Segunda etapa:** A exploração do material se deu da forma mais rigorosa possível, sendo ouvidas as gravações das conversas por diversas vezes, tomando-se sempre o cuidado de investigar o que estava implícito em cada resposta. Assim como foi feita a leitura das observações anotadas durante as entrevistas, para que houvesse um entendimento o mais fidedigno possível do universo estudado através da amostragem.
- c) **Terceira Etapa:** Nesta etapa foi utilizado-se a inferência e a interpretação dos dados através da prática da escuta e da leitura exaustiva dos dados coletados, observando sempre a comparação ao conhecimento teórico e ao rigor da interpretação.

Encerra-se assim este capítulo com a conceituação das etapas realizadas nesta pesquisa. E inicia-se o próximo e último capítulo. O qual tem como propósito a transcrição e

tratamento dos dados colhidos na pesquisa de campo, bem como sintetizar os resultados obtidos.

CAPÍTULO V - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo procura-se expor os dados da pesquisa de campo levantados através das entrevistas e das observações. E também sua análise através do método, Análise de Conteúdo de Bardin (2015), procurando explicar a ocorrência de fenômenos linguísticos variacionais nas duas regiões estudadas.

5.1 Técnicas de Análise de dados: Análise do Conteúdo de Bardin.

Segundo Bardin (2015), a análise de conteúdos trata-se de um conjunto de técnicas que objetiva analisar a comunicação, utilizando-se de vários instrumentos para atingir esse propósito ou apenas um instrumento, mas que se adapta, mudando de forma como a água, dependendo do receptáculo no qual se encontra. Ou seja, dependendo do campo no qual é aplicado, visto que é aplicável a um campo muito vasto. Desta forma, quanto mais complexo ou desconhecido for o objeto de estudo, mais necessitará de criatividade e técnicas inovadoras. Além disso, haverá também mais dificuldade na coleta de material para estudo. Portanto, para Bardin (2015), em um primeiro momento o conjunto dos tipos de comunicação deve ser estudado de forma exaustiva levando em consideração o número de pessoas envolvidas no estudo e a natureza do código e do suporte da mensagem.

No entanto, este tipo de método de análise é aplicado a várias ciências visto que é um campo transdisciplinar, mas neste caso foi aplicada à área das Ciências da Educação com ênfase em Língua portuguesa. Isto foi possível devido à natureza da aplicação deste método que visa analisar a comunicação, que é exatamente o tema proposto por esta pesquisa, à natureza da comunicação em sala de aula, tratando da comunicação em língua portuguesa, dando ênfase às suas variantes linguísticas que por vezes, dificultam esta comunicação.

Considera-se ainda que a obra de Bardin (2015), possui um rigor metodológico, com uma organização propícia à compreensão aprofundada do método e, ao mesmo tempo, traz ao pesquisador um caminho que produz sentido e significados na diversidade de amostragem presentes no mundo acadêmico. E isto se deve ao facto de que este tipo de análise se faz, principalmente, pela prática da escuta associada ao conhecimento teórico e ao rigor da interpretação, para uma aplicabilidade coerente do método, de acordo com os pressupostos de uma interpretação das mensagens e dos enunciados.

5.2 Contextos da Pesquisa

Essa pesquisa foi realizada em duas escolas estaduais de Ensino Médio do estado do Ceará. A saber, uma em Juazeiro do Norte e a outra em Pentecoste. Ambas subordinadas a Secretaria de Educação Básica do Estado, pertencentes à Rede de Ensino Oficial Pública, mantida pelo governo do estado do Ceará.

A escola de Ensino Médio de Pentecoste apresenta uma localização privilegiada, pois está em um bairro central. Como o próprio nome já discrimina é uma escola de Ensino Médio, ou seja, secundário, sem habilitação, que atende a jovens compreendidos entre uma faixa etária de 14 a 18 anos de idade, com algumas exceções, que são os chamados alunos fora de faixa, que estão acima da idade prevista. Esta instituição iniciou suas atividades educativas no ano de 1954, no entanto, só foi regulamentada pelo Decreto nº 11.493 de 17 de outubro de 1975, promulgado no (D.O.) Diário Oficial no dia 30 do mesmo mês e ano. Inicialmente ofertava apenas o Ensino Fundamental. Mas no final da década de 1990 foi implantado o 2º grau, atual Ensino Médio, cuja modalidade de ensino oferecia um curso profissionalizante-magistério do 1º grau e um curso não profissionalizante- científico. E além disso, houve uma mudança na nomenclatura do estabelecimento escolar, que passou a chamar-se de Ensino Fundamental e Médio. No entanto, por determinação do estado o Ensino Fundamental foi suprimido através do Decreto nº 25.104 de 23 de julho de 1998 e promulgado no (D.O.) Diário Oficial no dia 28 do mesmo mês e ano. Passando então, essa casa de educação a ofertar apenas o Ensino Médio.

Quanto a sua clientela, esta atende preferencialmente aos alunos egressos das escolas de Ensino Fundamental do município que estão aptos a ingressar na última etapa da Educação Básica. A escola tem por objetivo, oferecer o Ensino Médio sem habilitação, na forma da lei proporcionando ao educando a formação necessária ao pleno desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto realização, preparação para o trabalho e exercício consciente da cidadania, de modo a torná-lo apto a participar ativamente da vida em sociedade. No entanto, esta tarefa não é fácil, enfrentando dificuldades como:

- A maioria das famílias atendidas tem renda inferior a um salário mínimo;
- População com baixo nível de escolaridade e mão de obra não qualificada;
- Elevado índice de desemprego entre a população jovem;

- Falta de infraestrutura do município que gera a má qualidade dos serviços de atendimento básico prestados à comunidade – exclusão social;
- Elevado índice estatístico de jovens vitimados pelo uso de drogas lícitas e ilícitas e suas consequências devastadoras.

Atualmente, a escola funciona em regime de ensino em tempo integral. Estando fundamentada nos princípios da liberdade e nos ideais de solidariedade humana. A estrutura da organização básica da unidade abrange de forma hierárquica os seguintes órgãos: núcleo gestor, congregação de professores, corpo docente, corpo discente, apoio pedagógico, apoio administrativo, secretaria escolar, arquivo, biblioteca (Centro de Multimeios), laboratórios, serviços gerais e organismos colegiados. Estando organizados assim:

- **Núcleo gestor:** O núcleo gestor da escola está composto por um diretor geral e dois coordenadores escolares eleitos pelo voto direto, secreto, e nominal de todos os segmentos que fazem a escola. E um secretário escolar devidamente habilitado de acordo com a legislação vigente. Sendo responsável pela orientação, coordenação e controle das ações pedagógicas e administrativas da unidade escolar.

- **Congregação de professores:** constituída por todos os profissionais do magistério em efetivo exercício que atua como órgão consultivo e deliberativo.

- **Professores coordenadores de área:** esse organismo é composto por três professores devidamente habilitados na forma da lei, sendo que cada um atende a área na qual é formado. A saber, Linguagens e códigos e suas Tecnologias que abrange as disciplinas de: Língua portuguesa, Literatura, Redação, Língua estrangeira moderna: Inglês e Espanhol, Arte e Educação Física; Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias que abrange as disciplinas: Matemática, Física, Química e Biologia; e a área de Ciências Humanas e suas Tecnologias que é composta pelas seguintes disciplinas: Geografia, História, Filosofia e Sociologia. Esses profissionais têm como função colaborar com a coordenação pedagógica na seleção de métodos de ensino e dos meios necessários à consecução dos objetivos educacionais bem como promover o aperfeiçoamento constante do corpo docente, apoiar, orientar e coordenar o aperfeiçoamento constante

- **O corpo docente da escola:** constituído por cerca de 21 (vinte e um) professores todos habilitados na forma da legislação vigente ou autorizados pelos órgãos competentes. Sendo 11 (onze) temporários e 10 (dez) efetivos.

- **O corpo discente:** constituído por cerca de 322 (trezentos, vinte e dois) alunos, todos regularmente matriculados na unidade escolar. Esse organismo é bastante diversificado, uma vez que a escola recebe alunos de todos os bairros do município e também de várias localidades da zona rural. Tais como: Umburanas, Sítio do Meio, Distrito de Sebastião de Abreu e Umatias. Essa clientela é bastante jovem, estando em uma faixa etária entre 14 a 18 anos, com raras exceções. cursando entre a 1ª e a 3ª séries do Ensino Médio, secundário, e em sua grande maioria, pertencente à classe média baixa, economicamente falando. Essas comunidades e famílias assistidas pela escola são desprovidas de uma estrutura básica fundamental a vivência, em consequência da aplicação de políticas públicas falhas e devido à ineficácia do estado.

Em decorrência do exposto, os jovens em idade escolar, cedo ingressam no mercado de trabalho sem nenhuma qualificação, através de subempregos que alimentam a exploração da mão-de-obra barata. Aos que residem na sede do município são ofertadas vagas no comércio local ou na fábrica de calçados. E aos que residem na zona rural apresenta-se a oportunidade de ajudar aos pais na agricultura, contribuindo assim para o sustento da família. Entretanto, mesmo essas condições tão adversas vivenciadas por esses jovens não os impedem de desenvolver habilidades e competências, através das quais constroem o conhecimento e passam a interferir na realidade em que vivem, construindo caminhos diferentes para si próprios e para suas famílias. A organização pressupõe:

- **O apoio pedagógico:** constituído pela coordenação pedagógica representada por profissionais habilitados na forma da lei, além dos recursos pedagógicos oferecidos pelo Centro de Multimeios da escola.

- **O apoio administrativo:** ocorre através do Conselho Escolar e da 2ª CREDE representada pela: Orientadora e Técnicos da Secretaria de Educação.

- **A secretaria escolar:** composta por um secretário devidamente habilitado e seus auxiliares qualificados e quantificados de acordo com as normas estabelecidas pela Secretaria de Educação Básica, no momento a escola dispõe apenas de um auxiliar. E é responsável pela escrituração e arquivamento dos documentos escolares, bem como as atividades a que se

refere e compreendem: o planejamento, a operação, o controle e a avaliação de processos e rotinas relacionadas às pessoas, aos recursos materiais, ao patrimônio, à gestão escolar e ao sistema de informação.

- **O arquivo:** consiste na guarda dos documentos que comprovam o registro sistemático dos factos referentes à vida escolar do aluno, à vida funcional dos professores, pessoal, administrativo e de auxiliares de serviço da unidade escolar.

- **A sala de multimeios ou biblioteca:** dirigida por dois professores regentes devidamente autorizados pela CREDE, mas também pode ser regida por um bibliotecário ou um professor readaptado de função, ou ainda um funcionário administrativo devidamente treinado. Esse organismo tem como principal objetivo desenvolver o hábito pela leitura, pesquisa e manuseio de livros, revistas e catálogos, despertando o interesse do aluno para a aquisição de novos conhecimentos.

- **O laboratório de Ciências:** coordenado por um professor devidamente habilitado objetiva estimular a pesquisa científica favorecendo a aprendizagem das Ciências físicas, químicas e biológicas, mediante experiências onde serão colocados em prática os conteúdos adquiridos em sala de aula, além de também estimular a capacidade de investigação científica, bem como a de organização a sistematização do saber adquirido.

- **O laboratório de informática:** atualmente é regido por duas professoras da área das linguagens. É um instrumento moderno de apoio didático metodológico e tem como objetivo oportunizar a comunidade escolar, o acesso e o intercâmbio de informações, fazendo a interação sala de aula/sala de informática, além de oferecer cursos básicos para os alunos e a comunidade. Atualmente são ofertados (04) quatro cursos. São eles: informática, descritores do SPAECE, profissionalização e carreira e preparatório para concurso público, dispostos em quatro turmas.

- **Os serviços gerais:** são compostos por serviço de limpeza, serviço de vigilância e serviço de merenda. A escola dispõe de duas funcionárias para o serviço de limpeza, duas para o serviço de merenda e seis para o serviço de vigilância, sendo todos terceirizados.

- **Os organismos colegiados:** são constituídos por: Conselho Escolar, Conselho de Classe e Grêmios Escolares.

- **O Conselho Escolar:** constituído por representantes de pais, alunos, professores, funcionários, direção e representantes da sociedade civil, eleitos pela comunidade escolar. É um órgão colegiado de caráter deliberativo, normativo, consultivo e fiscalizador avaliativo que atua nos assuntos referentes à gestão pedagógica, administrativa e financeira da unidade escolar, respeitadas as normas legais vigentes.

- **O Conselho de classe:** constituído pelos alunos escolhidos por classe como líderes estudantis e tem o objetivo de representar suas turmas nos assuntos de interesse pedagógico na unidade escolar.

- **O Grêmio estudantil:** composto por uma diretoria que conta com os seguintes membros: presidente, vice-presidente, tesoureiro, 1º secretário, 2º secretário, orador, diretor do departamento de esportes, diretor social, diretor de imprensa, diretor cultural, 1º suplente, 2º suplente. Em consonância com a Lei Federal nº 7.398 de 1985.

Quanto a Escola de Ensino Médio de Juazeiro do Norte, esta encontra-se localizada no bairro de Santa Tereza, próximo à área central da cidade. O bairro é desenvolvido economicamente. Sendo uma escola de Ensino Médio, ou seja, secundário, sem habilitação, que atende a jovens compreendidos entre uma faixa etária de 14 a 18 anos de idade, com algumas exceções, que são os chamados alunos fora de faixa, que estão acima da idade prevista. Iniciou suas atividades educativas no ano de 1977, sendo portanto, uma das escolas mais antigas do município, sendo regulamentada pelo Decreto nº 12.311 de 11 de abril de 1977, promulgado no (D.O.) Diário Oficial no dia 13 do mesmo mês e ano. Inicialmente ofertava os Ensinos Fundamental, Médio, Técnico e Pedagógico, curso profissionalizante-magistério do 1º grau- e um curso não profissionalizante- científico. Posteriormente houve uma mudança na nomenclatura do estabelecimento escolar, que passou a chamar-se, de Ensino Fundamental e Médio, sendo abolidas as demais modalidades de ensino, por determinação do estado, através do Decreto nº 25.104 de 23 de julho de 1998 e promulgado no (D.O.) Diário Oficial no dia 28 dos mesmos mês e ano. Passando então essa casa de educação a ofertar apenas o Ensino Médio.

No que se refere a sua clientela, esta atende preferencialmente aos alunos egressos das escolas de Ensino Fundamental do município que estão aptos a ingressar na última etapa da Educação Básica. A escola oferece, a sua clientela, o Ensino Médio sem habilitação, na forma da lei tendo por objetivo capacitar aos alunos com um ensino de qualidade, garantindo-lhes o

acesso e permanência na escola, promovendo a cidadania, o desenvolvimento pleno e o sucesso de todos os educandos. Visando ser uma escola de referência em âmbito estadual, pelo compromisso de toda comunidade escolar, em prol dos resultados acadêmicos dos educandos na realização de projetos pedagógicos, tendo em vista o sucesso, a eficácia e a valorização de todos. No entanto esta tarefa não é fácil, pois a sociedade em si enfrenta dificuldades que acabam recaindo dentro da escola, tais como:

- Transporte escolar.
- Proximidade com área de vulnerabilidade social.
- A maioria das famílias atendidas tem renda inferior a um salário mínimo, vivendo no mercado informal;
- População com baixo nível de escolaridade e mão de obra não qualificada;

Atualmente a escola funciona em regime, de externato misto, distribuindo suas atividades nos turnos manhã, tarde e noite. A estrutura da organização básica da unidade abrange de forma hierárquica os seguintes órgãos: direção, coordenação escolar, professores coordenadores de área, corpo docente, professor diretor de turma, corpo discente, secretaria escolar, arquivos: sala de leitura e multimeios, biblioteca, laboratórios: informática e Ciências, serviços gerais, cantina e merenda escolar e organismos colegiados: conselho escolar, grêmio estudantil, congregação de professores e associação de pais.

- **Núcleo gestor:** O núcleo gestor da escola composto por um diretor geral, eleito pelo voto direto, secreto e nominal de todos os segmentos da comunidade escolar, três coordenadores escolares habilitados na forma da lei e um secretário escolar devidamente habilitado de acordo com a legislação vigente. Juntos são responsáveis pela orientação, coordenação e controle das ações pedagógicas e administrativas da unidade escolar.

- **Professores coordenadores de área:** esse organismo é composto por três professores devidamente habilitados na forma da lei sendo que cada um atende a área na qual é formado. A saber, Linguagens e códigos e suas Tecnologias que abrange as disciplinas de: Língua portuguesa, Literatura, Redação, Língua estrangeira moderna: Inglês e Espanhol, Arte e Educação Física; Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias que abrange as disciplinas: Matemática, Física, Química e Biologia e a área de Ciências Humanas e suas Tecnologias que é composta pelas seguintes disciplinas: Geografia, História, Filosofia e Sociologia. Esses profissionais têm como função colaborar com a coordenação pedagógica na seleção de métodos de ensino e dos meios necessários à consecução dos objetivos

educacionais bem como promover o aperfeiçoamento constante do corpo docente, apoiar, orientar e coordenar o aperfeiçoamento constante, o planejamento, a avaliação, e o estudo em prol da melhoria do ensino aprendizagem.

- **O corpo docente** da escola: é constituído por cerca de 62 (sessenta e dois) professores todos habilitados na forma da legislação vigente ou autorizados pelos órgãos competentes. Sendo 15 (quinze) temporários e 57 (cinquenta e sete) efetivos.

- **O corpo discente:** constituído por cerca de 1897 (um mil oitocentos e noventa e sete) alunos todos regularmente matriculados na unidade escolar. Esse organismo é bastante diversificado, uma vez que a escola recebe alunos de todos os bairros do município e também de várias localidades da zona rural. Tais como: Vila São Gonçalo e Carité, Vila padre Cícero, Vila três Marias, Sítio Porção, Sítio Gavião, Sítio Salgadinho, Sítio Leite, Sítio Espinho, e Carás do Umari. Essa clientela é bastante jovem, estando em uma faixa etária entre 14 a 21 anos, cursando entre a 1ª e a 3ª séries do Ensino Médio, secundário. E em sua grande maioria pertencente à classe média baixa, economicamente falando. Essas comunidades e famílias assistidas pela escola são de condições mínimas e desprovidas de uma estrutura básica fundamental a vivência. Isto decorre em consequência da aplicação de políticas públicas falhas e devido à ineficácia do estado. Em decorrência do exposto, uma parte dos jovens em idade escolar ingressa cedo no mercado de trabalho, através de estágios. Aos que residem na sede do município são oferecidas vagas no comércio local, e em empresas particulares como: fábricas de calçados e grandes mercantis. Aos que residem na zona rural são oferecidas as mesmas oportunidades devido ao fenômeno da cornubação, uma grande proximidade existentes entre os três municípios: Juazeiro, Crato e Barbalha. No entanto apesar da zona rural deste município ser pequena, ainda há algumas famílias que sobrevivem da agricultura de subsistência e os alunos advindos dessas famílias exercem esse tipo de trabalho, contribuindo assim, para o sustento da família. Há ainda destaque para o número de alunos que anualmente conseguem ingressar no Ensino superior, sendo cerca de 18%. Devido ao bom desempenho da escola e do desenvolvimento da região, que está sendo elevada a categoria de região metropolitana do Cariri, os alunos podem desenvolver habilidades e competências, através das quais constroem o conhecimento e passam a interferir na realidade em que vivem, construindo caminhos diferentes para si próprios e para suas famílias, modificando as suas realidades. A organização pressupõe:

- **A secretaria escolar:** é composta por um secretário devidamente habilitado consoante as exigências do Conselho de Educação do Ceará, e seus auxiliares qualificados e quantificados, de acordo com as normas estabelecidas pela Secretaria de Educação Básica, sendo (01) secretário e 05 (cinco) auxiliares. E são responsáveis pela escrituração e arquivo dos documentos escolares, ficando diretamente subordinada a diretoria da escola.

- **O arquivo:** consiste na guarda dos documentos que comprovam o registro sistemático dos factos referentes à vida escolar do aluno, à vida funcional dos professores, pessoal, administrativo e de auxiliares de serviço da unidade escolar dispondo de condição de segurança e classificação ordenada para a fácil e rápida localização e consulta.

- **A sala de multimeios:** ou biblioteca é dirigida por um professor regente devidamente autorizado pela CREDE²⁶, mas também pode ser regida por um bibliotecário ou um professor readaptado de função, ou ainda um funcionário administrativo devidamente treinado. Junto ao professor regente trabalham 04 (quatro) professores auxiliares, todos adaptados. Esse organismo tem como principal objetivo desenvolver o hábito pela leitura, pesquisa e manuseio de livros, revistas, catálogos, despertando o interesse do aluno para a aquisição de novos conhecimentos.

- **O LEI:** laboratório de Informática regido por três professores de áreas diversas, mas com cursos técnicos na área. Tendo como objetivo a adaptação e uso do computador como instrumento de apoio as matérias e aos conteúdos lecionados, além da função de preparar os alunos para uma sociedade informatizada. Há também neste mesmo espaço à oferta de disciplinas eletivas de acordo com a forma da lei.

- **O laboratório de Ciências:** é coordenado por um professor devidamente habilitado, tendo outro como apoio e objetiva estimular a pesquisa científica, favorecendo a aprendizagem das Ciências: Física, Química e Biológicas. Mediante experiências onde serão colocados em prática os conteúdos adquiridos em sala de aula, além de também estimular a capacidade de investigação científica, bem como a de organização e sistematização do saber adquirido.

²⁶ CREDE- São Coordenadorias Regionais de Desenvolvimento da Educação, responsáveis pelas escolas estaduais de todo o Ceará. E agem diretamente com os professores, coordenadores e demais sujeitos da educação do estado em atividades nas unidades de ensino. A Secretaria de Educação do estado do Ceará está dividida em 20 CREDE's

Os serviços gerais são compostos por serviço de limpeza, merenda e serviço de vigilância, que têm como objetivo zelar pela conservação, higiene, funcionamento e segurança da unidade escolar. Atualmente a escola dispõe de 05 (cinco) funcionárias para o serviço de limpeza; 03 (três) para o serviço de merenda; e 04 (quatro) para o serviço de vigilância, sendo apenas dois funcionários efetivos e os demais terceirizados.

Os organismos colegiados são constituídos por: Conselho Escolar; Conselho de Classe; e Grêmios Escolares.

- **O Conselho Escolar:** constituído pelo diretor da escola, pais de alunos, alunos, professores e representantes da sociedade civil, eleitos por voto direto, secreto e nominal. É um órgão colegiado de caráter deliberativo, normativo, consultivo e fiscalizador avaliativo, que atua nos assuntos referentes a gestão pedagógica, administrativa e financeira da unidade escolar, respeitadas as normas legais vigentes.

- **O Grêmio estudantil:** composto por uma diretoria que conta com 18 (dezoito) membros, tendo os seguintes cargos: presidente, vice-presidente, 1º secretário, 2º secretário, 1º tesoureiro, 2º tesoureiro, orador, diretor do departamento de esportes, diretor social, diretor de eventos, diretor de imprensa, diretor cultural, diretor estudantil, diretor de saúde e meio ambiente, diretor de direitos humanos, diretor de gestão, 1º suplente, 2º suplente e 3º suplente. Em consonância com a Lei Federal nº 7.398 de 1985. Tendo por finalidade promover atividades escolares que visem ao desenvolvimento do senso crítico, desportivo, artístico e sociocultural, de caráter técnico científico com atuação em grupo para o exercício da liderança e da responsabilidade.

- **Congregação de professores:** A congregação de professores é integrada por todos os professores que constituem o corpo docente e pelos coordenadores de área e outros profissionais técnicos em exercício no estabelecimento. Tendo como objetivo principal colaborar com a direção da escola na resolução de problemas.

- **A Associação de pais ou associações comunitárias** é um organismo formado pelo núcleo gestor, pais e professores que deverão trabalhar em conjunto visando a melhoria do processo educativo.

5.3 Apresentação das entrevistas

5.3.1 Análise comparativa das entrevistas dos sujeitos em idade adulta das zonas rural e urbana de Juazeiro do Norte. (CE.)

Nesta etapa da pesquisa ocorrerá a análise das entrevistas dos sujeitos da pesquisa de Juazeiro do Norte. A começar o comparativo pelos participantes em idade adulta, que estão entre 40 e 45 anos de idade, pertencentes respetivamente às zonas urbana e rural daquele município. E tendo como objetivo principal, mostrar as variações linguística presentes dentro do próprio município.

Quanto ao aspeto cultural, essas pessoas têm um nível de escolaridade bem parecido, pois ambos os sujeitos cursaram o nível superior completo, tanto Au01, que é coordenador de uma das escolas participantes da pesquisa, quanto Ar01, que é professor da mesma escola. A diferença entre a escolaridade dos dois está na área de formação. Au01 é formado na área de Ciências humanas e Ar02 é formada na área de Matemática.

Considerando que o município de Juazeiro do Norte parece fervilhar tanto quanto a cultura religiosa, a literatura, o artesanato, o teatro e demais manifestações artísticas e culturais é adequado supor que ambos os sujeitos destas entrevistas têm seu léxico muito influenciado culturalmente. O primeiro por viver no centro da cidade, onde esse eixo cultural impera e o segundo por viver na zona rural, com uma proximidade extrema da zona urbana.

Devido ao seu grau de instrução e a seu trabalho, o primeiro entrevistado tem seu eixo cultural e financeiro diretamente ligado à cultura e à educação formal. Enquanto que o segundo, por residir na zona rural e trabalhar na zona urbana, como professor de uma escola, tem seu eixo cultural e financeiro ligado à cultura e a educação formal e informal. Isso ocorre devido a cultura e educação formal as quais os dois participantes estão em contato direto no ambiente de trabalho. E também a cultura informal à qual Ar01 tem contato em seu lugar de origem, zona rural. Ambos, culturalmente falando, estão intimamente ligados pelo fator religiosidade, pois se pode observar que o município tem todo o seu desenvolvimento interligado através do fator cultural religioso. E este facto é comprovado tanto através do diálogo respeitoso em relação a religiosidade, quanto da ausência de palavrões no léxico utilizado pelos entrevistados.

Quanto ao vocabulário selecionado este está voltado para as diferenças linguísticas existentes dentro do próprio município, focando a pluralidade cultural existente ali.

Procurando ampliar o léxico da educação formal, já que, comprovadamente esta reproduz dentro da escola, apenas a variante padrão da língua portuguesa, deixando de lado o facto de que o Brasil é um país rico em dialetos e ignorando também o facto de que o estudante precisa ter liberdade ao se expressar, sem correr nenhum risco de constrangimento linguístico, ao levar o dialeto adquirido em sua comunidade, através da linguagem informal, para a escola. Travaglia (2017).

A primeira questão foi: Como você chama uma pessoa que parece não ter o juízo certo? E as respostas foram:

Au 01: abirobado.

Ar 01: biléu.

O termo “abirobado” está inserido em Navarro (2013, p. 40) com o sentido de “maluco”. Ex: Você parece que é abirobado. Quanto a palavra “biléu”, esta não foi encontrada nos dicionários. Acredita-se que seja fruto da criatividade caririense.

Observa-se então a linguagem regional adquirida informalmente pelos participantes da pesquisa, pois o facto de ambos os entrevistados terem nível superior e serem professores não foi suficiente, neste quesito, para que houvesse o suplantamento da linguagem regional em sua fala. Aqui o fator cultural e a linguagem aprendida através da educação informal predominaram.

Nesta questão observa-se também o que comenta Travaglia (2017), em relação aos mitos da língua portuguesa, que em um país como o Brasil há mais que uma língua de prestígio, mesmo que esta seja regional. O que a escola esconde e precisa ser elucidado.

A questão número 02- Qual é o nome dado as regiões que não pertencem a zona urbana do município? Obteve as seguintes respostas:

Au 01: sítio.

Ar 01: zona rural e sítio.

A expressão “zona rural” foi encontrada com o sentido citado acima no dicionário de Bechara (2020, p.1152), com o mesmo significado encontrado na entrevista. Exemplo: Joana mora na zona rural do município de Juazeiro do Norte. Já a palavra “sítio” foi encontrada no

mesmo dicionário (2020, p. 1053) e em Navarro (2013, p.1327) com vários significados, são eles: pequena lavoura; propriedade rural pequena; morada rural; terreno próprio para qualquer construção; Localidade pequena; povoação; e zona rural, respectivamente.

O primeiro sujeito fez uso de duas variedades que são a padrão e a regional e o segundo fez uso apenas de uma palavra classificada como regionalismo. Neste questionário observa-se o uso de expressões regionais entre ambos os entrevistados. Au01 usou uma expressão pertencente a variedade padrão, E isto se explica tanto devido a sua escolaridade, quanto ao facto deste ter acesso a meios de comunicação de massa que priorizam a linguagem padrão em detrimento das demais variedades, segundo Bagno (2015). Mas também usou uma variante regional e isto se explica pelo facto de haver um léxico de origem que está internalizado no vocabulário interno do sujeito, segundo Traváglia (2017). Quanto a Ar01, este utilizou-se apenas da variante regional, que é intrínseca a sua comunidade de origem. O que pode ser explicado pelo facto de, assim como AU01, Ar01 também tem um léxico de origem que está internalizado em seu vocabulário interno. (Traváglia, 2017).

A questão de número 03. Expressão usada para demonstrar que algo ou alguém vive por aí sem ter quem cuide? Obteve como resposta:

Au 01: rejeitado.

Ar 01: desbundado.

A palavra “rejeitar” foi encontrada como verbo, ao passo que na pesquisa é colocada como adjetivo. Esta é observada em Bechara (2020, p. 999) com vários significados, dentre eles o citado acima que é desprezado. Exemplo: Não rejeite os pobres. Já a palavra desbundado também é encontrada como verbo no infinitivo “desbundar” em Bechara (2020, p. 495), mas, com outros significados que são: perder completamente a compostura ou de deslumbamento.

Nesta questão, o primeiro sujeito faz uso da variedade padrão enquanto que, o segundo faz uso da variedade regional. Mais uma vez Au01, pertencente a zona urbana faz uso da variação padrão, isto mais uma vez é explicado pela questão da variedade de classes, que Traváglia (2017) relaciona, classe social de prestígio diretamente a variante padrão. Ora se Au01, é um sujeito financeiramente estável, com prestígio dentro de seu município por pertencer a classe média e letrada deste, ocupando um cargo de prestígio, sendo chefe,

coordenador, dentro de uma escola, além disso, tendo um título que lhe confere o domínio do saber, logo este tem seu convívio permeado por pessoas de um grupo social privilegiado, que busca “aperfeiçoar-se” linguisticamente, usando para isso uma busca constante pela variante padrão.

Já Ar01, residente à zona rural do município, mas também professor e pertencente a classe dominante intelectualmente, usa uma variação regional, advinda das classes sociais menos favorecidas a qual este representa, pois diferentemente de Au01, este não reside na zona urbana e não exerce uma posição de comando dentro da escola, uma vez que este exerce a função do magistério, lecionando para alunos do Ensino médio de classes sociais populares, humildes, portanto seu convívio não está diretamente ligado a classe social dominante daquele município, uma vez que esta está diretamente ligada a zona urbana do município.

A questão de número 04- Expressão usada para designar alguém ou algo muito arrumado? Obteve como resposta:

Au01: emperiquitado demais e apapagaiado.

Ar01: apapagaiado.

O termo emperiquitado é ma variante do termo “emperequitado” encontrado em Bechara (2020, p.557), como sinônimo de “empetecado”, significando exagero. Exemplo: A mulher se empetecou toda. Quanto ao termo “apapagaiado” é uma variação da palavra “papagaiado” encontrada em Bechara (2020, p. 894) como sinônimo de ato ou comportamento exibicionista e ridículo.

Neste item ambos os sujeitos recorreram a variante linguística regional para responder ao questionário. Au01 neste questionário usou a multiplicidade de formas de expressão citada por Travaglia (2017, p.82), segundo este há uma variação das formas consagradas usadas pelas pessoas com prestígio social e cultural, que são as que direta ou indiretamente acabam selecionando o que faz parte da variante de prestígio ou não. Quanto a Ar01 este linearmente usa a variação regional como marca representante da fala de sua comunidade. Neste questionário a expressão “apapagaiado” é coincidente, pois, ambos a citam. Isso se explica pelo facto da proximidade entre as zonas urbanas e rurais do município e ainda pela multiplicidade das formas de expressão que aqui já foi citada”. Pois não se deve esquecer que tanto Ar01, quanto Au01 são sujeitos que tem um nível de escolaridade bastante prestigiado.

A questão de número 05- Interjeição de espanto cearense. Obteve como resposta:

Au01: oxe!

Ar01: Ai meu Deus! E, meu padim Ciço!

A palavra “oxe”, sinônimo de “oxente” é encontrada em Navarro (2013, p. 1075) assim como também ” meu padim Ciço!“ (p. 990) Sendo ambas variedades regionais do Nordeste brasileiro. Ex01: Oxe! Que negócio é esse? Ex02: Ai meu Deus! E agora? O que seá de mim?

Entretanto as locuções “Ai meu Deus” e “Meu padim Ciço” são variações da locução interjetiva de apelo Ai Jesus! Encontrada em Cereja, (2020, p. 254). A variação meu padim Ciço! É uma adaptação da variante regional, valha-me meu padre Cícero, e deve-se a religiosidade do lugar, Juazeiro do Norte, que tem como padroeiro o padre Cícero Romão Batista.

Portanto, ambos os sujeitos da pesquisa fizeram uso da variante regional ao responderem a este questionário. Aqui se percebe o uso de “alto grau de diversidade e de variabilidade da língua” como cita Bagno (2015, p.16), já que ambos os entrevistados falam o português regional. No entanto, nem mesmo assim, os vocábulos coincidem.

A questão de número 06. Expressão usada para designar a pessoa que está apaixonada? Obteve como resposta:

Au01: Fulano tá doido por cicrano, que tá arriado os quatro pneus e o step.

Ar01: Não lembra.

A expressão “doido” é encontrada em Bechara (2020, p. 537) com vários sentidos, dentre eles, o que foi adquirido como resposta neste questionário”. A saber: apaixonado. Quanto à expressão “está arriado os quatro pneus e o step”, esta não foi encontrada em nenhum dicionário.

O primeiro sujeito dessa pesquisa usou apenas a linguagem regional para responder ao questionário em questão. Já o segundo sujeito não tinha conhecimento de nenhum tipo de variante para responder a este questionário. Aqui cai por terra o mito de que: “A língua portuguesa no Brasil apresenta uma unidade surpreendente” citado por Bagno (2015, 15) pois,

Au01 citou regionalismos que não eram conhecidos por Ar01. Ou seja, os dois, mesmo habitando o mesmo município apresentam diferenças categóricas em seu modo de falar.

5.3.2 Análise comparativa das entrevistas dos sujeitos em idade avançada, anciões, das zonas rural e urbana de Juazeiro do Norte. (CE.)

Dando continuidade a esta etapa da pesquisa, análise das entrevistas dos sujeitos da pesquisa de Juazeiro do Norte, coloca-se em evidência neste momento o comparativo dos dados coletados dos participantes em idade avançada, anciões, que estão entre 60 e 70 anos de idade, pertencentes respetivamente, a zona urbana e rural daquele município. Tendo como objetivo principal mostrar a diferença linguística dentro do próprio município.

Quanto ao aspeto cultural essas pessoas têm um nível de escolaridade bem diferenciado, pois, o senhor representante da zona urbana é professor mestre em Filosofia, aqui identificado como Su01 e o senhor representante da zona rural do município identificado como Sr01, tem como nível de escolaridade o Ensino Fundamental I incompleto. Ainda falando sobre o aspeto cultural, o município de Juazeiro do Norte parece fervilhar movido pela cultura religiosa, tendo tornado-se um grande centro cultural da literatura, do artesanato, do teatro e demais manifestações culturais e artísticas. E estes sujeitos estão intimamente inseridos nesse aspeto cultural, portanto tendo seu léxico muito influenciado culturalmente. O primeiro, por viver no centro da cidade, onde esse eixo cultural impera e o segundo, por viver no Horto, localidade na zona rural do município onde está localizado o centro cultural religioso da cidade, e com uma proximidade extrema da zona urbana.

O primeiro entrevistado é professor universitário e coordenador educacional das escolas do município tendo, portanto, seu eixo cultural e financeiro, diretamente ligados à cultura e à educação formal. Este é também pesquisador do comportamento humano, um cientista que valoriza a cultura da terra e busca apurar seus conhecimentos em relação a ela. Tendo como seu ambiente natural as universidades, nas quais leciona e atualmente a educação municipal, onde coordena projetos dentro do município, mantendo um contato íntimo com várias classes sociais e absorvendo as várias culturas com as quais tem contato.

Enquanto que o segundo, sendo um homem ligado ao serviço braçal, por residir e trabalhar na zona rural, como comerciante de artigos religiosos, mas com um pé na tecnologia, pois viu nas visitas dos romeiros e turistas ao Centro cultural padre Cícero Romão Batista, localizado no Horto, localidade da zona rural onde habita, uma oportunidade de se

conectar com o mundo e aprender através da cultura informal. Como fotógrafo e amante do rádio e da televisão, se conecta aos meios de comunicação e ao mundo, retirando deles o que é essencial para a sua sobrevivência, além de estar em contato direto com os turistas e romeiros vindos de outros municípios e estados vizinhos. Portanto tendo seu eixo cultural e financeiro ligados à cultura e a educação informal.

Apesar das diferenças de escolaridade, ambos culturalmente falando estão intimamente ligados pelo fator religiosidade, pois se pode observar que o município tem todo o seu desenvolvimento interligado através do fator cultural religioso. E este facto mais uma vez é comprovado através da ausência de palavrões no léxico utilizado pelos entrevistados.

Quanto ao vocabulário selecionado este está voltado para as diferenças linguísticas existentes dentro do próprio município, focando a pluralidade cultural existente ali. Procurando ampliar o léxico da educação formal, já que, comprovadamente esta reproduz dentro da escola, apenas a variante padrão da língua portuguesa, reproduzindo certo preconceito linguístico, ao deixar de lado o facto de que o Brasil é país rico em dialetos e ignorando também que o estudante precisa ter liberdade ao se expressar, sem correr nenhum risco de constrangimento linguístico, ao levar o dialeto adquirido em sua comunidade de origem, através da linguagem informal, para a escola. Travaglia (2017).

A questão de número 01. Como é que o senhor chama uma pessoa que parece não ter o juízo certo? Obteve como resposta:

Su 01: doido; Essa cruz pra carregar.

Sr 01: meio louca; retardada.

A palavra “doido” é encontrada em Bechara (2020, p. 537) com vários sentidos, dentre eles alienado que é o descrito acima. Ex: Não se importe porque ele é doido. Já a expressão “essa cruz pra carregar” não foi encontrada em nenhum dicionário. Quanto a “meio louca” é encontrada em Houaiss, (2015, p.537). E a expressão “retardada” é encontrada em Bechara (2020, p. 1011), com vários significados, dentre eles, o de “uma ofensa” que foi o encontrado na pesquisa de campo.

Ambos os entrevistados se valeram da variante linguística regional para responder a pesquisa, visto que, a variante linguística que não foi encontrada em nenhum dicionário da

língua portuguesa não é padrão e as demais variantes que foram encontradas estavam no sentido figurado, logo existe um sentido literal que é o padrão.

Nesta questão observa-se primordialmente, a pluralidade cultural existente dentro da língua portuguesa falada no Brasil, pois ambos os entrevistados falam a variante não padrão da língua. Porém mesmo assim, usam vocábulos totalmente diversos em suas respostas, retratando o mito da homogeneidade linguística observado por Bagno (2015), pois nem mesmo dentro do conjunto da linguagem falada em um mesmo município há homogeneidade,

A questão de número 02. Qual é o nome dado as regiões que não pertencem a zona urbana do município? Obteve como resposta:

Su 01: sítio; zona rural.

Sr 01: sítio.

A expressão “zona rural” foi encontrada com o sentido citado acima no dicionário de Bechara (2020, p.1152). Exemplo: Joana mora na zona rural do município de Juazeiro do Norte. Já a palavra “sítio” foi encontrada no mesmo dicionário (p. 1053) e em Navarro (2013, p.1327) com vários significados, são eles: pequena lavoura; propriedade rural pequena; morada rural; terreno próprio para qualquer construção; localidade pequena; povoação, aldeia; e zona rural respectivamente.

O primeiro sujeito fez uso de duas variedades que são a padrão e a regional. E o segundo fez uso apenas de uma palavra classificada como regionalismo. Neste questionário observa-se o uso de expressão regional entre ambos os entrevistados. Au01 usou uma palavra pertencente a variedade padrão e isto se explica tanto devido a sua escolaridade, quanto ao facto deste ter acesso a meios de comunicação de massa que priorizam a linguagem padrão em detrimento das demais variedades, segundo Bagno (2015). Mas também usou uma variante regional. E isto se explica pelo facto de haver um léxico de origem que está internalizado no vocabulário interno do sujeito, segundo Traváglia (2017). Quanto a Ar01, este utilizou apenas a variante regional, que é intrínseca a sua comunidade de origem. O que pode ser explicado pelo facto de, assim como Au01, Ar01 também tem seu léxico de origem que está internalizado em seu vocabulário interno. (Traváglia, 2017).

Observa-se que o questionário de número dois apresentou os mesmos resultados tanto para os adultos, quanto para os anciões do município de Juazeiro do Norte. Neste questionário Su01 ao utilizar-se totalmente da linguagem padrão, afirma mais uma vez, a teoria da relação

entre grupos sociais e língua, mostrando através de sua fala que pertence a um grupo social privilegiado. Traváglia (2017).

Já Sr01 também se utiliza da norma padrão, mas sempre com um pé na linguagem popular, advinda de seu grupo de origem como adverte Traváglia, (2017) e Parâmetros b (1998). Confirmando que há uma multiplicidade de formas de expressões e que estas podem e devem conviver em harmonia e é papel da escola ensiná-las.

A questão de número 03. Expressão usada para demonstrar que alguém vive por aí sem ter quem cuide? Obteve como resposta:

Su 01: desbundado.

Sr 01: Tá desgraçado; mendigo; e morador de rua.

O primeiro entrevistado usou a variante regional “desbundado” para responder a este questionário. Isso se justifica pelo facto desta palavra ter sido encontrada em dicionários da linguagem padrão, mas, em sentido figurado. Já o segundo entrevistado usou tanto a linguagem padrão representada por “mendigo”, quanto a regional representada pelas demais palavras que foram encontradas em dicionários da linguagem padrão, mas, em sentido figurado.

A palavra “desbundado” também é encontrada, como verbo no infinitivo “desbundar”, em Bechara (2020, p. 495), mas, com outros significados que são “perder completamente a compostura” ou de “deslumbramento”. A expressão, “desgraçado”, é encontrada em Bechara (2020, p. 507), com o significado citado acima. Ex: O homem está arruinado. Ele é um desgraçado. Já a expressão “mendigo” é encontrada no mesmo dicionário (p. 821), com o sentido de pedinte. E a expressão “morador de rua” foi encontrada separadamente em Silva 2020 (p.841 e 1022), respetivamente.

Su01 utilizou-se de uma linguagem totalmente regional ao responder a este questionário, mostrando a multiplicidade de formas de expressão existente dentro dos dialetos regionais como afirma Traváglia (2017, p.82) onde ele diz que: “mesmo para a norma culta há uma variedade consagrada pelas pessoas com prestígio social”.

Já Sr01 ao usar tanto formas de expressão regionais, quanto padrão, mais uma vez, mostra a influência da linguagem dos falantes de prestígio dentro de seu dialeto regional.

Estas advindas de situações de interação comunicativas em seu convívio social diário. Traváglia (2017).

A questão de número 04. Expressão usada para designar alguém ou algo muito arrumado? Obteve como resposta:

Su 01: papagaiado.

Sr: 01: só quer ser a rainha da cocada preta.

A palavra, “papagaiado”, foi encontrada em Bechara (2020, p. 894), como sinônimo de “ato ou comportamento exibicionista e ridículo”. Já a expressão “só quer ser a rainha da cocada preta”, apesar de ser muito utilizada no Nordeste não foi encontrada em dicionários. Ambos os entrevistados fizeram uso apenas da linguagem regional ao responderem a este questionário, pois, ambas as expressões utilizadas como resposta estão em sentido figurado e são utilizadas apenas no Nordeste brasileiro.

Embora Su01 tenha seu vernáculo constituído dentro da norma padrão, neste questionário ele fugiu à regra, que vigora nas gramáticas normativas que são a base do ensino da língua portuguesa. Isto pode ter ocorrido devido à convivência com pessoas de origem mais humilde, já que este é professor e convive com pessoas de várias classes sociais e cada classe, segundo Traváglia (2017, p.83), tem seu modo de falar. Outra hipótese aceitável, é que ele pode, até mesmo, ter resgatado esse vernáculo do seu grupo social de origem. Traváglia (2017, p.81).

Quanto a Sr01, este ao usar uma expressão totalmente popular, reproduz a fala do seu grupo social de origem, que muitas vezes, ao ser deslocado de seu ambiente natural, sofre preconceito linguístico ou, no mínimo, causa estranhamento em ambientes como a escola, por exemplo. E ainda em meio a um grupo social de prestígio. Bagno (2015).

A questão de número 05: Interjeição de espanto cearense. Obteve como resposta:

Su01: Uh! Oh!

Sr01: rapaz! Oxe! Valha-me meu padim pade Ciço!

A expressão “uh” foi encontrada em Houaiss (2015, p. 822), como interjeição. A interjeição “oh” também foi encontrada em Houaiss (2015, p. 593). A palavra, “rapaz”, foi encontrada em Silva e em Houaiss (2015, p.704), apenas como substantivo masculino

sinônimo de moço. A locução “meu Padim Ciço” é uma variação da locução interjetiva de apelo, Ai Jesus! Encontrada em Cereja (2020, p. 254). Vale ressaltar que a variação “valha-me meu padre Cícero”, deve-se a religiosidade do lugar que tem como padroeiro o padre Cícero Romão Batista.

O primeiro entrevistado usou palavras da variante padrão para responder a este questionário, já que a interjeição é uma classe gramatical. Já o segundo entrevistado usou apenas variantes da língua regional.

Su01 utilizou-se de expressões ensinadas na escola pela gramática normativa para responder a este questionamento. No entanto acredita-se que ele não as use realmente no dia-a-dia, mas que na verdade sejam reflexo de sua vivência cotidiana e de seus estudos, já que este é professor e domina perfeitamente a norma padrão ensinada pela escola. Traváglia (2017).

Sr01, nesta questão utilizou-se de palavras de seu vernáculo de origem e também de sua cultura, pois a expressão, “valha-me meu padim pade Ciço!”, é típica da vivência e da fé do sertanejo nordestino, porque este diante de algumas situações clama por socorro ao ícone da fé na sua região. Neste caso, em Juazeiro do Norte, este ícone é padre Cícero e as pessoas desta região clamam por ele. Traváglia (2017).

A questão de número 06. Expressão que designa a pessoa que está apaixonada? Obteve como resposta:

Su01: amarrado; arriado.

Sr01: Tá gostando.

A palavra “amarrada” é encontrada em Bechara (2020, p. 258), com vários sentidos. Dentre eles: sentido de ligado a alguém por laços afetivos. A palavra, “arriado”, foi encontrada em Silva (2020, p. 295) com os significados de caído, tombado, baqueado e descido. A palavra “gostando” é encontrada em Bechara (2020, p. 681), como verbo transitivo na sua forma infinitiva “gostar”.

O primeiro entrevistado usou palavras da variante regional para responder a este questionário, uma vez que as respostas encontradas estão em dicionários da língua portuguesa, mas em sentido figurado. Já o segundo entrevistado usou a variante padrão, uma vez que, esta palavra foi encontrada em dicionários da língua portuguesa na forma literal.

Nesta questão foram pedidos regionalismos, que Su01 prontamente respondeu, isto se explica pela multiplicidade de formas de expressão citadas por Traváglia, (2017, p.82). Sendo Su01 um homem vivido e letrado, viajado e mestre, este certamente tem um léxico rico e variado, podendo facilmente dominar as diversas variedades linguísticas existentes na região, tanto a regional como a culta. E isto não causa nenhum prejuízo a sua linguagem oral, pelo contrário há nesta pluralidade um enriquecimento da comunicação.

Já Sr01 tem um léxico um pouco mais empobrecido, citando apenas uma expressão óbvia que é “tá gostando”, isto se explica pelo baixo nível de ensino formal adquirido por este, vindo seu conhecimento apenas da cultura informal. Traváglia (2017).

5.3.3 Análise comparativa das entrevistas dos sujeitos classificados como jovens das zonas rural e urbana de Juazeiro do Norte, CE.

Dando continuidade a esta etapa da pesquisa, análise das entrevistas dos sujeitos da pesquisa de Juazeiro do Norte, coloca-se em evidência neste momento o comparativo dos dados coletados dos participantes que compõem a faixa etária jovem, pessoas que estão entre 15 e 22 anos de idade, pertencentes respectivamente, a zona urbana e rural daquele município. Tendo

como objetivo, principal, mostrar a diferença linguística dentro do próprio município.

Quanto ao aspeto cultural, essas pessoas têm um nível de escolaridade muito próximo, pois, ambos estão cursando o Ensino Médio. A jovem representante da zona urbana identificada como Ju01, cursa a 3ª série, e o jovem representante da zona rural do município, identificado como Jr01, cursa a 2ª série.

Considerando que quanto ao aspeto cultural, o município de Juazeiro do Norte é totalmente movido pela cultura religiosa, tendo tornado-se um grande centro cultural quanto a literatura, artesanato, teatro e etc. E estando estes sujeitos intimamente inseridos nesse aspeto cultural, portanto ambos sofrendo grandes influências culturais em seu léxico. A primeira por viver no centro da cidade onde esse eixo cultural impera e o segundo por viver na zona rural do município, a qual recebe a nomenclatura sítio que também tem uma grande proximidade da zona urbana do município.

A primeira entrevistada é aluna do Ensino Médio e trabalha durante meio período em um banco do município, através do programa primeiro emprego. Esta colocação no mercado de trabalho lhe rende certa posição social, por estar inserida em um local de trabalho com

peças de uma classe social privilegiada, o que acaba interferindo em seu léxico. Seu eixo cultural e financeiro está diretamente ligado à cultura informal, já que vive e é sustentada pelos pais, diferentemente da educação, que está diretamente ligada a cultura formal, uma vez que passa meio período na escola. Vale ressaltar que foi através da indicação desta que conseguiu colocar-se no mercado de trabalho.

Enquanto que, o segundo é um jovem ligado ao serviço braçal, por residir e trabalhar na zona rural com os pais, ajudando-os no serviço da agricultura de subsistência familiar, tendo seu eixo financeiro diretamente ligado a zona rural do município. Enquanto que seu eixo cultural está ligado a zona urbana do município, através da cultura formal, representada pela escola na qual estuda.

No entanto, ambos estão culturalmente ligados pelo fator religiosidade, pois se pode observar que o município tem todo o seu desenvolvimento interligado através do fator cultural religioso. E este facto mais uma vez é comprovado através da ausência de palavrões no léxico utilizado pelos entrevistados e também através do comportamento ético mostrado pela participante Ju01, que por diversas vezes até dificulta o bom andamento da entrevista.

Quanto ao vocabulário selecionado, este está voltado para as diferenças linguísticas existentes dentro do próprio município, focando a pluralidade cultural existente ali. Procurando ampliar o léxico da educação formal, já que, comprovadamente esta reproduz dentro da escola, apenas a variante padrão da língua portuguesa, reproduzindo certo preconceito linguístico, ao deixar de lado o facto de que o Brasil é um país rico em dialetos. E ignorando também que o estudante precisa ter liberdade ao se expressar, sem correr nenhum risco de constrangimento linguístico, ao usar o dialeto adquirido em sua comunidade de origem através da linguagem informal, na escola. Travaglia (2017).

A questão de número 01. Como você chama uma pessoa que parece não ter o juízo certo? Obteve como resposta:

Ju 01: disse que respeita e chama pelo nome.

Jr 01: doido, abestado, maluco.

A palavra “doido” é encontrada em bechara (2020, p. 537), com vários sentidos. Dentre eles, alienado que é o que corresponde a situação citada no questionário 01. Ex: Não ligue porque ele é doido. A palavra “abestado” é uma variação de abestalhado encontrado em Bechara (2020, p. 214). Quanto a palavra, “maluco”, esta também é encontrada em Bechara

(2020, p. 804), com o sentido de excêntrico.

O primeiro entrevistado alegou não usar nenhuma palavra específica. Já o segundo entrevistado valeu-se da variante linguística regional para responder a pesquisa, visto que, as variantes linguísticas que foram encontradas no dicionário da língua portuguesa utilizado estavam no sentido figurado, ou seja, não padrão.

A recusa de Ju01em utilizar-se de uma expressão regional para responder a este questionário, não se deve a ignorância, mas sim a ética e a postura que esta tenta demonstrar devido ao lugar que ocupa no mercado de trabalho e a sua religiosidade, ela faz parte de grupos religiosos em seu município. Pois esta durante a entrevista deixou transparecer em alguns momentos a importância que as instituições trabalhista e religiosa têm em sua vida. Traváglio (2017).

Já Jr01 não demonstrou nenhum desconforto ao responder a este questionário. Mesmo demonstrando nervosismo, respondeu de muito bom grado com léxicos pertencentes ao seu dialeto de origem, Traváglio (2017), que compõe o dialeto falado na zona rural de Juazeiro do Norte, onde o rapaz habita com seus pares.

A questão de número 02. Qual é o nome dado às regiões que não pertencem a zona urbana do município?

Obteve como resposta:

Ju 01: sítio

Jr 01: sítio

A palavra “sítio” foi encontrada em Bechara (2020, p.1053), com vários significados. São eles: pequena lavoura; propriedade rural pequena; morada rural; terreno próprio para qualquer construção; localidade pequena; povoação e aldeia.

Ambos os entrevistados usaram a variante regional da língua retratada na palavra “sítio”, que está em sentido figurado, portanto, compondo um regionalismo.

Nesta questão tanto Ju01 quanto Jr01deram vasão ao seu dialeto de origem, sendo os dois de classes populares, de origem humilde, e de baixa escolaridade, demonstrando a relação existente entre lasses sociais e língua citada por Traváglio (2017). Embora Ju01 esteja

no mercado de trabalho, juntamente com pessoas de classe social privilegiada, isto não foi o suficiente para mudar totalmente seu dialeto, embora se observe um grande esforço desta para falar a língua culta, que na escola é vista como “correto”.

A questão de número 03- Expressão usada para demonstrar que algo ou alguém vive por aí sem ter quem cuide? Obteve como resposta:

Ju 01: mendigo.

Jr 01: mendigo.

A palavra “mendigo” é encontrada em Bechara (2020, p. 821), com o significado de pedinte. Exemplo: O homem vive nas ruas a mendigar.

Ao responder a esta questão tanto Ju01 quanto Jr01 utilizaram-se de expressões pertencentes a língua padrão, isto explica-se pelo facto dos dois estarem na escola, na mesma instituição, ambiente onde se prima pela reprodução da linguagem padrão. Bagno (2015).

A questão de número 04. Expressão usada para designar alguém ou algo muito arrumado? Obteve como resposta:

Ju 01: palhaço.

Jr 01: amostrado.

A palavra “palhaço” também é encontrada em Bechara (2020, p.1014), mas, com outros significados. Exemplo: artista circense que diverte o público; pessoa que só diz tolices ou faz papel ridículo e ainda como insulto. Quanto a palavra “amostrado”, esta é uma variante de “mostrar” que é encontrada em Bechara (2020, p. 844), exatamente com este sentido.

Ambos os entrevistados usaram variações regionais para responder a esta questão visto que, a primeira palavra está empregada neste contexto em sentido figurado e a segunda palavra é uma variação de uma palavra da norma padrão. Mas apesar disso, não houve coincidência no vocabulário usado por ambos.

Ao responder a esta questão Ju01 demonstrou influência de seu dialeto de origem, sendo uma pessoa de origem simples, muito ligada à igreja e aos valores familiares, esta se despiu da capa com a qual a educação formal a revestia, acontecendo exatamente o que é sugerido por Traváglia (2017), ao propor que ao aprender a língua padrão, o estudante não se

esqueça de seu dialeto natural, que ao contrário saiba mesclá-lo e usá-lo nas situações adequadas.

Já Jr01 utilizou-se também de seu dialeto de origem. Sendo uma pessoa de origem humilde, e que mantém um convívio pequeno com as classes sociais que dominam a língua padrão, apenas na escola, este usa com mais facilidade uma variedade regional corrente na zona rural daquele município, muito provavelmente aprendida com os pais. Traváglia (2017).

A questão de número 05. Interjeição de espanto cearense. Obteve como resposta:

Ju 01: oxe!

Jr 01: Nossa! Que coisa essa!

A palavra “oxe” é encontrada em Navarro (2006 p. 1075), como sinônimo de “oxente” Exemplo: Oxe! Que negócio é esse? A expressão “nossa” é encontrada como interjeição em Houaiss (2015, p. 586). Já a expressão “Que coisa essa!” Não foi encontrada em nenhum dicionário.

Ambos os entrevistados usaram apenas a linguagem regional para responder a este questionário já que, a palavra “oxe” foi encontrada apenas em um dicionário regional e todas as demais são variantes de uma interjeição da norma culta. Mas apesar disso ambos usaram um vocabulário diverso.

Ao responder a este questionário Ju01 valeu-se de seu dialeto de origem, em Parâmetros b (1998), usando palavras ou expressões produzidas pelo grupo social da região onde ela vive. Sendo uma marca de linguagem adquirida informalmente, nem mesmo a educação formal, representada pela escola, foi capaz de excluí-la.

Já Jr01 também representa a fala produzida em seu grupo social de origem, que compõe o dialeto falado pelo povo daquela região. Traváglia, (2017). Sendo um rapaz de origem humilde, que recebe educação formal, entretanto, a língua falada na escola não foi capaz de se sobrepor a língua falada em sua comunidade natural.

A questão de número 06. Expressão usada para designar a pessoa que está apaixonada? Obteve como resposta:

Ju 01: tá gostano.

Jr 01: tá apaixonadim, tá gostano.

A palavra “gostando” é encontrada em Bechara (2020, p. 681), como verbo transitivo na sua forma infinitiva “gostar”. Quanto a expressão, “tá apaixonadim”, é uma variação de “estar apaixonado” encontrada em Bechara (2020, p.276).

Ambos os entrevistados usaram apenas a linguagem regional para responder a este questionário já que, a palavra “gostano” foi encontrada em um dicionário de língua portuguesa e é uma variante de “gostando”, que por sua vez já é o sentido figurado de apaixonado. E a expressão “tá apaixonadim” é uma variante da norma culta, “apaixonado”. Mas apesar disso ambos usaram um vocabulário diverso.

Ju01 usa um tipo de eufemismo de sua língua regional para responder a este questionário, sendo uma jovem de origem humilde, com pouca escolaridade e que diariamente está em contato permanente com a camada mais popular da população de seu município que faz parte de sua comunidade original, ainda pratica as várias modalidades linguísticas para se comunicar. Parâmetros Curriculares Nacionais, b (1998).

Jr01 usa apenas uma variação da norma culta comum no Nordeste brasileiro, sendo um regionalismo aprendido com sua comunidade de origem, pessoas simples pais, avós, amigos, com baixa escolaridade, e com um dialeto próprio, com as quais passa a maior parte de seu tempo e acaba reproduzindo esse tipo de fala. Parâmetros Curriculares Nacionais, b, (1998).

5.4 Análise das entrevistas de Pentecoste.

5.4.1 Análise comparativa das entrevistas dos sujeitos em idade adulta das zonas rural e urbana de Pentecoste. (CE.)

Nesta etapa da pesquisa ocorrerá a análise das entrevistas dos sujeitos da pesquisa de Pentecoste. A começar o comparativo pelos participantes em idade adulta, que estão entre 40 e 45 anos de idade, pertencentes respectivamente a zona urbana e rural daquele município. Tendo como objetivo principal mostrar a diferença linguística dentro do próprio município.

Quanto ao aspeto cultural essas pessoas têm um nível de escolaridade bem parecido, pois, ambos os sujeitos têm nível superior completo, tanto Au02 que é o coordenador de uma das escolas participantes da pesquisa, quanto Ar02, que é professor da mesma escola. A diferença entre a escolaridade dos dois está na área de formação. Au02 é formado na área de Ciências da natureza, matemática e Ar02 é formada na área de Linguagens e Códigos, Língua Portuguesa.

Quanto ao município de Pentecoste, este mantém algumas manifestações artísticas e folclóricas, destacando-se a cultura religiosa. Quanto às demais formas culturais como literatura, artesanato e teatro, o município mantém alguns expoentes regionais. Mas o eixo cultural da região encontra-se na capital do estado, Fortaleza. E isso ocorre devido a proximidade entre os dois municípios. Portanto, os habitantes de Pentecoste, tanto da zona urbana, quanto rural têm sua cultura intimamente influenciada pela capital cearense. E considerando que a fala é um elemento cultural, esta não foge à regra. No entanto, sendo os dois entrevistados muito ligados à família e a seu lugar de origem, nota-se em seus léxicos, a influência da fala produzida em suas comunidades.

O primeiro entrevistado é coordenador de uma das escolas participantes da pesquisa, e tanto habita como trabalha na zona urbana, portanto seu eixo cultural e financeiro está diretamente ligado a cultura e a educação formal. Enquanto que o segundo, por residir na zona rural e trabalhar na zona urbana, como professor de uma das escolas participantes da pesquisa tem seu eixo cultural e financeiro ligados tanto à cultura e a educação formal, quanto a informal.

Quanto ao fator religiosidade, o município de Pentecoste não tem uma tradição tão fervorosa, no entanto, tanto Au02 quanto Ar02 têm o hábito de cultivar práticas religiosas.

No que compete ao vocabulário selecionado, este está voltado para as diferenças linguísticas existentes dentro do próprio município, focando a pluralidade cultural existente ali. Procurando contribuir para a ampliação do léxico da educação formal, já que, comprovadamente esta reproduz dentro da escola, apenas a variante padrão da língua portuguesa, deixando de lado o facto de que o Brasil é país rico em dialetos e ignorando também o facto de que o estudante precisa ter liberdade ao se expressar, sem correr nenhum risco de constrangimento linguístico ao levar o dialeto adquirido em sua comunidade, através da linguagem informal, para a escola. Travaglia (2017).

A questão de número 01- Como é que a senhora chama uma pessoa que parece não ter o juízo certo? Obteve como resposta:

Au 02: abestalhado.

Ar 02: perturbada, sem nexos.

A palavra “abestalhado” é encontrada em Bechara (2020, p. 214), com o sentido de “abobado, tolo”. Já a palavra “perturbada” é encontrada em Bechara (2020, p. 919), com o

significado encontrado neste questionário. A saber, “distúrbio”. A expressão “sem nexos” também é encontrada em Bechara (2020, p. 859), significando “algo sem sentido”.

Ambos os entrevistados usaram a variação padrão para responder a esta questão, já que todas as palavras obtidas como resposta estão sendo usadas em seus sentidos literais. Embora não tenha havido coincidência no uso de vocábulos.

Ambos os adultos têm um alto nível de educação formal, por isso explica-se o facto de terem usado a norma padrão para responderem a este questionário, uma vez que, segundo Bagno (2015), a escola é uma das maiores propagadoras da língua padrão.

A questão de número 02. Qual é o nome dado às regiões que não pertencem a zona urbana do município? Obteve como resposta:

Au 02: zona rural, interior.

Ar 02: zona rural.

A expressão “zona rural” foi encontrada com o sentido citado acima no dicionário de Bechara (2020, p.1152). Exemplo: A Zona rural do município de Pentecoste é bem maior que a zona urbana. Já a palavra “interior” foi encontrada no dicionário de Bechara (2020, p.743), com os seguintes significados: a parte de dentro; interno; situado dentro dos limites de algo.

Ambos os entrevistados usaram a linguagem regional representada pela expressão “zona rural” para responder a esta questão. O que era esperado, pois ambos têm nível superior de escolarização e trabalham diretamente com a educação formal, que é uma das maiores propagadoras da língua padrão, segundo Bagno (2015). No entanto, Au02 também utilizou uma variante regional, a saber, “interior”. Palavra que está sendo empregada em seu sentido figurado e faz parte da variante de prestígio desta região. Como afirma Traváglia (2017), que os indivíduos com maior prestígio cultural é que definem o que faz parte da norma de prestígio ou não.

A questão de número 03. Expressão usada para demonstrar que algo ou alguém vive por aí sem ter quem cuide? Obteve como resposta:

Au 02: perambular.

Ar 02: a esmo

A palavra “perambular” é encontrada em Bechara (2020, p. 913), significando andar sem destino, vaguear e vagar. A expressão “a esmo” é encontrada em Bechara (2020, p. 596), significando cálculo sem rigor, estimativa, sem objetivo e ao acaso.

Ambos os entrevistados usaram a norma padrão para responder a esta questão, o que é esperado, pois ambos têm alto nível de escolarização e trabalham diretamente com a educação formal, que é a maior propagadora da língua padrão, segundo Bagno (2015)

A questão de número 04. Expressão utilizada para designar alguém ou algo muito arrumado? Obteve como resposta:

Au 02: papagaiado.

Ar 02: apapagaiado.

Ambos os entrevistados usaram a linguagem regional para responder a esta questão, pois todas as palavras obtidas como resposta a este questionário estão no sentido figurado. Embora não tenha havido coincidência de vocábulos.

A palavra, “papagaiado”, é encontrada em Bechara (2020, p. 894), como sinônimo de “ato ou comportamento exibicionista e ridículo”. Sendo a expressão apapagaiado uma variação linguística desta.

Mais uma vez os dois educadores entrevistados fizeram uso de léxicos que fazem parte da língua de prestígio regional, como já foi citado anteriormente, Traváglia (2017). E isto ocorre porque fazendo parte da elite cultural letrada, decidem o que faz parte da língua de prestígio.

A questão de número 05. Interjeição de espanto cearense. Obteve como resposta:

Au 02: Valha-me Deus!

Ar 02: horra!

A locução “Valha-me Deus” é variação da locução interjetiva de apelo, “Ai Jesus!” Encontrada em Cereja (2020, p. 254).

Ambos os entrevistados usaram a linguagem regional para responder a esta questão, pois, todas as palavras obtidas como resposta são variantes regionais. No caso da palavra “horra”, esta sequer foi encontrada em dicionários, embora seja de uso corrente no Nordeste brasileiro. Ambos os entrevistados usaram a linguagem regional para responder a esta

questão, pois todas as palavras obtidas como resposta são variantes regionais. Vale ressaltar que não houve coincidência no uso dos vocábulos.

Ao responder a esta questão observa-se o fator religiosidade desenhando-se na fala de Au02, enquanto que Ar02 usou apenas uma expressão de dialeto de origem. Parâmetros Curriculares Nacionais, b (1998).

A questão de número 06. Expressão usada para designar a pessoa que está apaixonada? Obteve como resposta:

Au 02: Tá arriado os quatro pneus e o step.

Ar 02: gamado.

A expressão “tá arriado os quatro pneus e o step” muito utilizada no Ceará não foi encontrada em nenhum dicionário. Já a palavra, “gamado”, foi encontrada como verbo na sua forma infinitiva e com o mesmo sentido citado na questão acima.

O primeiro entrevistado usou a linguagem regional para responder a esta questão. Já o segundo usou uma variação chamada gíria, que já se encontra em desuso.

Ao responder a esta questão Au02 valeu-se do seu dialeto de origem, praticado em sua comunidade ou grupo natural. Parâmetros Curriculares Nacionais, b, (1998). Já Ar02 valeu-se de uma gíria antiga, provavelmente, aprendida através dos meios de comunicação com os quais tem contato.

5.4.2 Análise comparativa das entrevistas dos sujeitos em idade avançada, anciões, das zonas rural e urbana de Pentecoste, (CE.)

Continuando a realização da análise das entrevistas dos sujeitos da pesquisa de Pentecoste, neste momento ocorrerá o comparativo da fala dos participantes em idade avançada. A saber, os anciões com idade entre, 60 (sessenta) e 70 (setenta) anos, pertencentes respectivamente a zona urbana e rural do município de Pentecoste. Tendo como objetivo principal mostrar a diferença linguística existente dentro do próprio município.

Quanto ao aspeto cultural essas pessoas têm um nível de escolaridade díspar, pois a senhora da zona urbana, denominada aqui como Su02, é professora aposentada, tendo o nível médio, é também escritora e membro da Academia de Letras Pentecostense (ALEP), e mantém contato permanente com os meios de comunicação de massa. Já a senhora representante da zona rural, aqui denominada Sr02, é dona de casa com escolaridade até o 5º

ano do Ensino Fundamental e assim como Su01, também está em contato permanente com os meios de comunicação de massa, principalmente, a televisão.

O município de Pentecoste mantém algumas manifestações artísticas e folclóricas, de forma tímida, tendo a cultura religiosa um maior destaque na região. Quanto às demais formas culturais como literatura, artesanato e teatro, o município mantém alguns expoentes regionais, dos quais a entrevistada Su02 faz parte, pois é poetisa. Porém, o eixo cultural da região encontra-se na capital do estado, Fortaleza, isso ocorre devido à proximidade entre os dois municípios. Portanto, os habitantes de Pentecoste, tanto da zona urbana, quanto da zona rural, têm sua cultura intimamente influenciada pela capital cearense. E como a fala é um elemento cultural, esta não foge à regra. No entanto, sendo os dois entrevistados muito ligados à família e a seu lugar de origem, nota-se a influência da fala produzida em suas comunidades em seu léxico.

A primeira entrevistada é professora aposentada, viúva e escritora, residindo na zona urbana de Pentecoste, tendo grande contato com a capital cearense e sendo uma distinta senhora da alta sociedade pentecostense. Seu eixo cultural e financeiro está diretamente ligado à cultura e a educação formal. Enquanto que a segunda entrevistada, sendo uma agricultora aposentada que sempre residiu e trabalhou na zona rural tem seu eixo cultural e financeiro voltado à cultura informal.

Quanto ao fator religiosidade, o município de Pentecoste não tem uma tradição tão fervorosa, no entanto tanto Su02 é militante da fé católica, participando de todos os seus festejos e tradições, quanto Sr02. No entanto, esta última não participa tão ativamente na comunidade em que reside.

Quanto ao vocabulário selecionado, este está voltado para as diferenças linguísticas existentes dentro do próprio município, focando a pluralidade cultural existente ali. Procurando contribuir para a ampliação do léxico da educação formal, já que, comprovadamente esta reproduz dentro da escola, apenas a variante padrão da língua portuguesa, deixando de lado o facto de que o Brasil é país rico em dialetos e ignorando também o facto de que o estudante precisa ter liberdade ao se expressar, sem correr nenhum risco de constrangimento linguístico, ao levar o dialeto adquirido em sua comunidade, através da linguagem informal, para a escola. Travaglia (2017).

A questão de número 01. Como você chama uma pessoa que parece não ter o juízo certo? Obteve como resposta:

Su 02: saltica: gosta de se mostrar.

Sr 02: é baldiado da cabeça.

A expressão, saltica, é uma variação da palavra “saltitar” encontrada em Bechara (2020, p. 1028), que significar saltar. A expressão “gosta de se mostrar” é encontrada como sinônimo de “exibir-se” em Bechara (2020, p.620). A expressão: “baldeado da cabeça” é sinônima da expressão “doido” encontrada em Bechara. (2020, p.537).

Ambas as entrevistadas usaram a linguagem regional para responder a esta questão, pois todas as palavras dadas como resposta são regionalismos da região Nordeste. Vale ressaltar que não houve coincidência no uso dos vocábulos.

Au02 usa vocábulos de sua época, por assim dizer. Com isso, tenta-se dizer que, essas expressões atualmente se encontram em desuso no município e que elas provavelmente, em algum momento da história linguística brasileira, fizeram parte da variante de prestígio, seja nacional ou regional. Pois sendo Su02, escritora e da alta sociedade, claro que esta dominou ou domina uma variante de prestígio, embora esta esteja ultrapassada se comparada a linguagem atual. Traváglia (2017).

Já Sr02 usou uma variante regional produzida em sua comunidade de origem. Brasil, (1997).

A questão de número 02. Qual é o nome dado as regiões que não pertencem a zona urbana do município? Obteve como resposta:

Su 02: zona rural.

Sr 02: interior, lá nos mato.

A expressão “zona rural” foi encontrada com o sentido citado acima, no dicionário de Bechara (2020, p.1152). Exemplo: A Zona rural do município de Pentecoste é bem maior que a zona urbana. Já a palavra “interior” foi encontrada no dicionário de Bechara (2020, p. 743), com os seguintes significados: a parte de dentro; interno; situado dentro dos limites de algo. Já a palavra “mato” foi encontrada em Bechara (2020, p. 737), com os seguintes significados: 1.vegetação constituída de plantas não cultivadas, de porte médio; 2.floresta; 3.área coberta com esse tipo de vegetação.

Para responder a questão Sr02 usou a variante denominada linguagem regional, pois todas as palavras usadas como resposta são regionalismos da região Nordeste.

Já Su02 usou uma variante de prestígio, língua padrão. E isto se explica pelo facto dela ter um certo prestígio cultural na sociedade pentecostense, e também ser uma pessoa letrada, pois segundo Traváglia (2017), são as pessoas com prestígio cultural que decidem o que faz parte da língua de prestígio.

A questão de número 03. Expressão usada para demonstrar que algo ou alguém vive por aí sem ter quem cuide? Obteve como resposta:

Su 02: desprezado.

Sr 02: desprezado.

A palavra desprezada é encontrada em Bechara (2020, p.516), com o sentido de ignorado, ou sem afeto.

Ambos os entrevistados usaram a linguagem variante padrão para responder a esta questão, pois todas as palavras dadas como respostas estão sendo empregadas em sentido denotativo.

Au02 utilizou-se de uma variante da língua padrão, isto é explica-se pelo facto de Au02 ter certo nível de conhecimento e ser participante ativa da classe social mais privilegiada do município. Traváglia (2017).

Já Ar02, é uma pessoa de origem humilde, que também usou a mesma variante de prestígio para responder a esta questão. Não tendo estudo e nem contato com a alta classe social dominante, isto é explica-se pelo contato que ela tem com os meios de comunicação de massa, que segundo Bagno (2015), juntamente com a escola são os maiores propagadores da língua padrão.

A questão de número 04. Expressão usada para designar alguém ou algo que muito arrumado? Obteve como resposta:

Su 02: parece um palhaço.

Sr 02: tá enfeitado! Tá bonito! Tá príncipe!

A palavra “palhaço” é encontrada em Bechara (2020, p.891), significando artista de circo que diverte o público, quem diz e faz, coisas engraçadas ou otário. A palavra

“enfeitado” é encontrada em Bechara (2020, p. 565), com o sentido de “adornado”. A palavra “bonito” é encontrada em Bechara (2020, p. 349), com o sentido de “belo, formoso”. A palavra “príncipe” é encontrada em Bechara (2020, p.954), significando filho de rei ou rainha.

Ambos os entrevistados usaram a linguagem regional para responder a esta questão, pois todas as palavras dadas como resposta estão sendo empregadas em sentido figurado. Entretanto os vocábulos utilizados não coincidem.

Ao utilizar-se de uma expressão regional para responder a esta questão Au02 mostra uma riqueza cultural do léxico pentecostense, adquirida através do convívio com os vários grupos sociais com os quais tem contato em sua vida cultural e religiosa. Traváglia (2017).

Já Ar02 mostra mais uma vez, através da escolha de vocábulos, sua origem simples, humilde, da zona rural, sem a influência da língua padrão, projetada tanto pela escola, quanto pelos meios de comunicação. Bagno (2015).

A questão de número 05. Interjeição de espanto cearense. Obteve como respostas:

Su 02: Valha-me nossa senhora da Conceição.

Sr 02: Valha-me nossa senhora!

As locuções “Valha-me nossa senhora da Conceição” e “Valha-me nossa senhora” são variações da locução interjetiva de apelo, Ai Jesus! Encontrada em Cereja (2020, p. 254).

Ambas as entrevistadas usaram a linguagem regional para responder a esta questão, pois todas as palavras dadas como respostas são variações de uma interjeição da norma culta. Entretanto, os vocábulos utilizados não coincidem.

Nesta questão, ambas as entrevistadas mostram o fator cultural existente no município, observando suas origens através da religiosidade que une todas as classes sociais. Traváglia (2017).

A questão de número 06. Expressão usada para designar a pessoa que está apaixonada? Obteve como resposta:

Su 02: babando, caidinho.

Sr 02: Tá desesperado para arrumar um amor.

A palavra “babando” é encontrada em Bechara (2020, p.319), com vários significados, dentre eles: “gostar mais”. A palavra “caidinho” é uma variação de caído encontrada em

Bechara (2020, p.367), significando “louco de paixão”. A palavra “desesperado, é encontrada em Bechara (2020, p. 505), com o sentido de que “perdeu as esperanças”.

Ambas as entrevistadas usaram a linguagem regional para responder a esta questão, pois todas as palavras dadas como respostas estão sendo empregadas em sentido figurado. Entretanto, mais uma vez, os vocábulos utilizados não coincidem.

Au02 escolheu palavras que estão em desuso atualmente, mas que há décadas eram muito populares nos meios de comunicação de massa, portanto mostrando a influência dos meios de comunicação na língua de um povo. Bagno (2015).

Já ar02 usou uma expressão produzida por sua comunidade local, demonstrando sua cultura linguística de origem. Parâmetros, Curriculares Nacionais, a, (1997).

5.4.3 Análise comparativa das entrevistas dos sujeitos em idade jovem das zonas rural e urbana de Pentecoste. (CE.)

Continuando a realização da análise das entrevistas dos sujeitos da pesquisa de Pentecoste, neste momento ocorrerá o comparativo da fala dos participantes em idade jovem, com idades entre, 15 e 20 anos, pertencentes respetivamente à zona urbana e rural do município de Pentecoste, tendo como objetivo principal mostrar a diferença linguística existente dentro do próprio município.

Quanto ao aspeto cultural, essas pessoas têm um nível de escolaridade bem parecido, pois ambos cursam o ensino médio, sendo que, o jovem da zona urbana, denominado aqui como JU02, está cursando o 2º ano do nível médio, e é caracterizado como um jovem que pratica esportes, tem bastante acesso as tecnologias e aos meios de comunicação, um bom desempenho em sua vida acadêmica e destaca-se em popularidade em sua vida social. Já o jovem representante da zona rural, aqui denominado como Jr02, não é simpatizante da prática esportiva, tem acesso limitado as tecnologias, já que vive na zona rural e a rede *INTERNET*, nesta área é precária, porém tem amplo acesso aos meios de comunicação de massa, televisão, é um ótimo aluno, com excelente desempenho em sua vida acadêmica e também tem uma vida social ativa.

O município de Pentecoste mantém manifestações artísticas e folclóricas, de forma tímida, tendo a cultura religiosa como maior destaque na região. Quanto às demais formas culturais como literatura, artesanato e teatro, o município também mantém alguns expoentes regionais. Porém, Ju02 tem seu eixo cultural voltado para a capital cearense, já que gosta de

viajar, divertir-se e interagir com os pontos turísticos e culturais da capital, dos quais fazem parte shoppings e cinemas. Este também utiliza-se de os meios de comunicação e tecnológicos, aos quais têm acesso permanente e a escola a qual frequenta. Já Jr02, por morar na zona rural, tem um acesso mais limitado a capital do estado, tendo seu eixo cultural voltado para os meios de comunicação, as tecnologias e a escola a qual frequenta e as tradições religiosas e folclóricas de sua comunidade. Visto que, o eixo cultural de Pentecoste encontra-se voltado para a capital do estado, Fortaleza, facto que ocorre devido à proximidade entre os dois municípios, não há o que estranhar no facto dos habitantes de Pentecoste, tanto da zona urbana, quanto rural terem sua cultura intimamente influenciada pela capital cearense. E como a fala é um elemento cultural, esta não foge à regra. No entanto, sendo os dois entrevistados muito ligados a família e a seu lugar de origem, nota-se a influência da fala produzida em suas comunidades em seu léxico.

O primeiro entrevistado é um jovem estudante do Ensino Médio, residente na zona urbana e tendo grande contato com a capital cearense, sendo um moço de uma classe social média, para os parâmetros do município de Pentecoste. Pois é filho de funcionários efetivos, sendo sua mãe, professora e seu pai policial, podendo ambos proporcionar uma vida confortável ao filho. Este, afeito a festas, ao esporte e a muitos amigos, de distintas classes sociais. Quanto ao jovem da zona rural, estudante do Ensino médio, que se desloca a escola todos os dias em transporte escolar público, sua casa dista cerca de 12 Km da escola onde estuda, filho de mãe professora contratada e pai agricultor. Sendo um moço de classe social baixa para os parâmetros do município. Em sua comunidade não há tantas festas e uma população bem pequena, cerca de 300 pessoas, aproximadamente. Seu eixo cultural está diretamente ligado à educação formal, aos meios de comunicação de massa, as tecnologias e a passeios esporádicos que faz a Fortaleza, capital do estado.

Quanto ao fator religiosidade, o município de Pentecoste não tem uma tradição tão fervorosa, e quanto a Ju02, este é católico, com pouca prática. Quanto a Jr02 este também é de tradição católica, e ao contrário do outro jovem entrevistado, praticante ativo das atividades religiosas desenvolvidas em na comunidade.

Quanto ao vocabulário selecionado este está voltado para as diferenças linguísticas existentes dentro do próprio município, focando a pluralidade cultural existente ali. Procurando contribuir para a ampliação do léxico da educação formal, já que, comprovadamente esta reproduz dentro da escola, apenas a variante padrão da língua

portuguesa, deixando de lado o facto de que o Brasil é país rico em dialetos e ignorando também o facto de que o estudante precisa ter liberdade ao se expressar, sem correr nenhum risco de constrangimento linguístico, ao levar o dialeto adquirido em sua comunidade através da linguagem informal, para a escola. Travaglia (2017).

A questão de número 01. Como você chama uma pessoa que parece não ter o juízo certo? Obteve como resposta:

Ju 02: perturbado.

Jr 02: doido.

A expressão, “perturbado”, é uma variação de perturbado encontrada em Bechara (2020, p. 919), significando distúrbio que ocorre no desempenho de uma função física ou psíquica. A expressão, “doido”, é encontrada em Bechara (2020, p. 537), significando entre outras coisas, insensatez.

Ambos os entrevistados usaram a linguagem regional para responder a esta questão, pois todas as palavras que compõem as respostas estão empregadas em sentido denotativo. Apesar disso é importante ressaltar que não houve coincidência de vocábulos.

Au02 usou um vocábulo típico do jovem pentecostense, grupo de origem e faixa etária a qual pertence. Segundo Traváglia (2017), é uma variação diastrática, ou seja, a fala muda de acordo com a faixa etária da pessoa.

Ar02 usou um vocábulo típico de sua comunidade de origem, sendo um rapaz residente a zona rural do município e tendo pouco contato com a língua padrão, sua linguagem nesta questão foi marcada pelo regionalismo. Traváglia (2017).

A questão de número 02. Qual é o nome dado as regiões que não pertencem a zona urbana de um município? Obteve como resposta:

Ju 02: mato.

Jr 02: zona rural, interior, comunidade.

A expressão “zona rural” foi encontrada com o sentido citado acima, no dicionário de Bechara (2020, p.1152). Exemplo: A Zona rural do município de Pentecoste é bem maior que a zona urbana. Já a palavra “interior” foi encontrada no dicionário de Bechara (2020, p.743), com os seguintes significados: a parte de dentro; interno; situado dentro dos limites de algo.

Já a palavra “mato” foi encontrada em Bechara (2020, p. 737), com os seguintes significados: 1.vegetação constituída de plantas não cultivadas, de porte médio; 2.floresta; 3.área coberta com esse tipo de vegetação.

Ambos os entrevistados usaram a linguagem regional para responder a esta questão, pois quase todas as palavras que compõem as respostas estão empregadas em sentido conotativo.

Ju02 mostra domínio sobre a linguagem regional comum nordestina, adquirida no seu grupo de convívio, amigos, avós, vizinhos e etc. Parâmetros Curriculares Nacionais, a, (1998).

Já Jr02 tem sua linguagem marcada pelo regionalismo, também adquirido no seu grupo de convívio, amigos, vizinhos, pais, avós e etc. Parâmetros, a (1998). Mas também tem sua fala marcada pelo conhecimento sistemático adquirido na escola, que segundo Bagno (2015), é uma das maiores propagadoras da língua padrão.

A questão de número 03. Expressão usada para demonstrar que algo ou alguém vive por aí sem ter quem cuide? Obteve como resposta:

Ju 02: não soube responder.

Jr 02: mendigo.

O verbete “mendigo” é encontrado em Bechara (2015, p. 821), significando, aquele que vive de pedir esmolas.

O primeiro entrevistado disse não saber responder a este questionamento. Já o segundo fez uso da linguagem coloquial visto que, a palavra utilizada como resposta está empregada no sentido conotativo.

Au02 mostrou ignorância quanto ao termo pedido, demonstrando uma falha em sua linguagem. Parâmetros Curriculares Nacionais, b (1998).

Já Ar02, ao utilizar a linguagem padrão para responder a esta questão, demonstrou a influência que os meios de comunicação têm sobre a sua linguagem. Bagno (2015).

A questão de número 04. Expressão usada para designar alguém algo que está muito arrumado? Obteve como resposta:

Ju 02: patricinha, boçal.

Jr 02: emperiquitada.

A expressão “patricinha” foi encontrada em Bechara (2020, p.905), significando moça de classe social média com preocupação excessiva com a maneira de se vestir. Já a expressão “boçal” é encontrada em Bechara (2020, p.345), com o sentido de estúpido. Ambas são classificadas como gírias. E a expressão “emperiquitada” é encontrada em Bechara (2020, p. 556), com o sentido de enfeitar-se exageradamente.

O primeiro entrevistado usou gírias para responder a esta questão. Enquanto que o segundo usou a linguagem regional visto que, a palavra utilizada como resposta está empregada no sentido figurado.

Au02 usou uma linguagem típica de sua faixa etária, que é seu grupo social de convívio mais próximo, confirmando a relação entre grupos sociais e língua, como diz Traváglia (2017).

Já Ar02 ao usar uma expressão regional corrente, mostra a influência de seu grupo de origem em sua cultura. Sendo um rapaz de origem humilde, da zona rural, com pouco acesso a língua padrão, pois seu grupo social a utiliza de forma precária. Traváglia (2017).

A questão de número 05. Interjeição de espanto cearense. Obteve como resposta:

Au 02: Vixe Maria!

Ar 02: arre égua! Oxe!

O jovem da zona rural usa a interjeição de espanto cearense “Arre égua! ”, que representa a variação de “arre” encontrada em (Bechara, 2020, p.293), indicando “irritação, zanga ou qualquer outra emoção forte”. E a palavra “oxe” é encontrada em Navarro (2013, p. 1075), como sinônimo de “oxente”. Exemplo: “Oxe! Que negócio é esse? ”

Ambos os entrevistados usaram a linguagem regional para responder a esta questão, pois, todas as palavras que compõem as respostas estão empregadas no sentido figurado. Apesar disso é importante ressaltar que não houve coincidência de vocábulos.

Au02 mostrou a influência cultural religiosa em sua fala, pois é de família católica praticante, sua mãe é um membro ativo da igreja católica no município de Pentecoste, embora este não o seja. E a padroeira do município onde este vive é Maria. Traváglia (2017).

Quanto a Ar02, este mostrou toda a influência de seu grupo de origem. Esquecendo-se

da norma padrão, citou uma expressão típica de seus pares e de sua cultura da zona rural. Parâmetros Curriculares Nacionais, b, (1997).

A questão de número 06. Expressão ou palavra usada para designar a pessoa que está apaixonado? Obteve como resposta:

Au 02: xonado.

Ar 02: apaixonado.

A expressão “xonado” é uma variante linguística da palavra “apaixonado” encontrada em Bechara. (2020, p. 276).

Aqui mais uma vez, nota-se a diferença linguística entre os jovens de mesma faixa etária marcada apenas pelo espaço geográfico no qual vivem. Pois o jovem da zona urbana teve sua coloquialidade marcada pela gíria, enquanto que, o da zona rural mais uma vez apresentou a língua padrão em sua fala.

Au02, ao utilizar-se de uma gíria, propagada pelos meios de comunicação e pelas redes sociais, mostra a influência que estes têm em seu grupo social, juventude. Bagno (2015); Traváglia (2020).

Ar02, ao utilizar-se da língua padrão mais uma vez, mostra a influência dos meios de comunicação, aos quais têm acesso e da escola em sua fala. Bagno (2015).

5.5 Paralelo entre as entrevistas de Pentecoste e Juazeiro do Norte.

No Brasil, atualmente, ocorre um fenômeno de conciliação das diversas variantes linguísticas, estas não sendo mais consideradas como errôneas diante da norma padrão. Ocorre que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), obra que norteia o ensino da Língua portuguesa, incentiva o uso das variantes regionais nas escolas, justificando-o através do seguinte argumento: o aluno precisa se expressar na sala de aula para desenvolver-se intelectualmente e se sua língua de origem for tratada com desrespeito e preconceito, isto prejudicará o desenvolvimento educacional deste aluno.

Dada a importância com a qual este assunto é tratado no âmbito educacional, buscando a melhoria da aprendizagem é que os livros didáticos do Ensino Médio trazem capítulos inteiros voltados para o ensino das variantes linguísticas.

E sua presença também se faz constante em provas como o (ENEM)²⁷ Exame Nacional do Ensino Médio, vestibulares de universidades públicas e avaliações externas a escola como o Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará (SPAECE)²⁸ e Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB)²⁹.

Tabela 15- Paralelo entre as entrevistas de Pentecoste e Juazeiro do Norte. Tabela representativa da análise da questão de número 01- Como é que se chama uma pessoa que parece não ter o juízo certo?

Entrevistados	Idade	Pentecoste	Juazeiro do Norte	Termos semelhantes.	Termos divergentes.	Significado
Su	55 a 70 anos	Saltica, gosta de se mostrar.	Doido, Essa cruz pra carregar.	Doido	Saltica; Essa cruz pra carregar; gosta de se mostrar; baldiado da cabeça; meio louca, retardada, abestalhado, abirobado, biléu, perturbado, sem nexo, abestado.	Pessoa que não age segundo o padrão, tendo um comportamento diferente.
Sr	60 a 70 anos.	É baldiado da cabeça.	Meio louca, retardada			
Au	40 a 45 anos.	Abestalhado.	Abirobado			
Ar	40 a 45 anos.	Perturbada, sem nexo.	Biléu			
Ju	16 a 18 anos	Pertubado	Respeita e chama pelo nome mesmo			
Jr	16 a 18 anos.	Doido	Doido, abestado, maluco.			

As palavras obtidas como resposta a questão 01, em sua maioria, não são tão desconhecidas assim de um lugar para o outro. Com exceção das palavras “saltica”, “biléu” e “essa cruz pra carregar”. Quanto a palavra “saltica” colocada pela idosa de Pentecoste, sendo desconhecida até mesmo dentro do vocabulário pentecostense, visto que, apenas esta entrevistada a citou. Esta palavra encontra-se em desuso, quase extinta da língua.

Já a palavra “biléu” usada pelo adulto de Juazeiro do Norte, ao ser usado em Pentecoste precisaria ser explicada, pois é uma palavra citada somente em Juazeiro e apenas

²⁷ ENEM: O Exame nacional do Ensino Médio foi criado em 1998 com o objetivo de avaliar a aprendizagem dos estudantes concluintes do Ensino Médio. Porém a partir de 2004 passou a ser usada como instrumento para o ingresso no Ensino Superior.

²⁸ SPAECE: Sistema de Avaliação Permanente da Educação Básica é um programa do governo do estado do Ceará que foi implementado em 1992 com o objetivo de avaliar a aprendizagem dos estudantes do Ensino Fundamental e Médio. Caracterizando-se como avaliação de larga escala.

²⁹ SAEB: Sistema de Avaliação da Educação Básica que consiste em um conjunto de avaliações externas em larga escala que permite ao Inep realizar um diagnóstico da educação básica brasileira e de fatores que podem interferir no desempenho do estudante.

um entrevistado a citou, não sendo observada em nenhum momento durante as entrevistas. A expressão “essa cruz pra carregar” citada pelo adulto de Juazeiro é totalmente alheia ao vocabulário pentecostense.

A expressão “gosta de se mostrar” citada pela senhora de Pentecoste não tem um grau de dificuldade tão elevado para a compreensão, mas neste contexto soa bastante estranha, de modo que o usuário desta expressão colhida em Pentecoste, ao usá-la em Juazeiro do Norte, teria que se explicar para ser compreendido. Já a expressão, “baldeado da cabeça” também não seria de difícil compreensão ao ser usada em Juazeiro do Norte, apesar de nenhum sujeito da pesquisa tê-la citado, mas é bem diferente e causaria reações estranhas. As expressões “meio-louca, retardada” citada pelo senhor da zona rural de Pentecoste, ou “abestalhada”, palavra usada pela adulta de Pentecoste e “abiobado, perturbado e abestado” usadas pelo representante da zona rural de Juazeiro também seriam de fácil entendimento neste contexto da questão, porque são regionalismos cearenses também usados em Juazeiro do Norte, apesar de não terem aparecido neste contexto. Já o jovem da zona urbana de Pentecoste usou a variante gíria “perturbada”, enquanto que a jovem da mesma zona de Juazeiro do Norte disse respeitar e chamar pelo nome.

O jovem da zona rural de Pentecoste citou a palavra, “doido”, variante regional neste contexto. E o jovem da mesma zona de Juazeiro citou as palavras “doido, abestado e maluco” também todas variantes regionais neste contexto.

Nota-se que há uma variação linguística entre Pentecoste e Juazeiro do Norte e que em vários momentos os falantes dessas variações seriam incompreendidos ao conversarem com seus conterrâneos do outro município e isto se dá devido a distância principalmente, pois Pentecoste fica a 600 Km de distância de Juazeiro do Norte.

Outro fator que influencia essas diferenças é a questão das relações sociais, pois a cidade de Pentecoste é bem mais próxima da capital cearense, 85 Km, que tem a fonética e a semântica bem mais próximas da língua padrão, Silva (2012). Consequentemente, seus habitantes têm o falar influenciado pela fala desta cidade.

Já os habitantes de Juazeiro do Norte, cidade fronteira aos estados de Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, têm sua fala fortemente influenciada pelos habitantes destes estados. Prova disso é a iotização e a despalatização no falar desta região, semelhante aos

estados vizinhos. O que não ocorre no município de Pentecoste e muito menos na capital cearense.

Esta questão tem relevância sociocultural, pois dentro de uma microrregião do país as pessoas não conseguiriam se entender se houvesse a necessidade de comunicação.

E a escola tem papel preponderante nesta questão, pois cabe a ela desmitificar essa questão da fala, visando acabar com preconceitos linguísticos, fornecendo informações básicas de vocabulário que permitam ampliar a diversidade sociocultural brasileira. Parâmetros Curriculares Nacionais, b (1998).

Neste contexto, temos as variações diatópicas³⁰, diastráticas³¹ e de sexo³². A variação diatópica ocorre entre todos os participantes da pesquisa. Não obstante a variação diastrática ocorre entre a fala das três faixas etárias entrevistadas e a variação de sexo ocorre entre as senhoras adultas das zonas urbanas e rural de Pentecoste e os senhores e adultos das zonas urbana e rural de Juazeiro do Norte. E também entre a jovem da zona urbana de Juazeiro e o jovem da zona urbana de Pentecoste.

Tabela 16- Paralelo entre as entrevistas de Pentecoste e Juazeiro do Norte. Tabela representativa da análise da questão de número 02- Nome dado as regiões que não pertencem a zona urbana de um município?

Entrevistados	Idade	Pentecoste	Juazeiro do Norte	Termos semelhantes.	Termos divergentes.	Significado
Su	55 a 70 anos.	Zona rural	Sítio.	Zona rural.	Sítio, interior, Mato e comunidade.	Expressão ou palavra usada para designar as zonas rurais dos municípios.
Sr	60 a 70 anos.	Interior, mato.	Sítio			
Au	40 a 45 anos.	Zona rural, interior.	Sítio; zona rural.			
Ar	40 a 45 anos.	Zona rural.	Sítio.			
Ju	40 a 45 anos.	Mato	Sítio			
Jr	16 a 18 anos.	Zona rural, Interior, Comunidade.	Sítio			

³⁰ Variação linguística diatópica: Classificam-se em virtude das diferenças entre as regiões no que tange ao modo de falar, sendo que tais diferenças podem se dar tanto em relação à semântica (relativa ao significado que as palavras apresentam), quanto à sintaxe.

³¹ Variação linguística diastráticas: Consideram-se **variações diastráticas** aquelas **variações** que se referem aos grupos sociais, cujos fatores, relacionados à faixa etária, profissão, estrato social, entre outros, imperam de forma preponderante.

³² Variação de sexo ou de gênero: Classificam-se devido as diferenças na fala observada em cada sexo, sendo que essas diferenças podem ocorrer tanto no campo semântico, quanto no sintático.

Neste item, a expressão “zona rural” foi usada em municípios diferentes, respetivamente em Pentecoste e Juazeiro do Norte, pela senhora da zona urbana de Pentecoste, pelos adultos das zonas urbanas dos dois municípios, pelo adulto e pelo estudante da zona rural de Pentecoste. É uma palavra pertencente a variação padrão que em Pentecoste é de uso comum as pessoas letradas de diferentes faixas etárias. Ao passo que em Juazeiro do Norte esta expressão foi citada apenas por um dos entrevistados, a saber, o adulto (professor) representante da zona urbana.

Tabela 17- Tabela representativa da análise do questionário de número 03. Palavra ou expressão usada para demonstrar que algo ou alguém vive por aí sem ter quem cuide.

Entrevistados	Idade	Pentecoste	Juazeiro do Norte	Termos semelhantes.	Termos divergentes.	Significado
Su	55 a 70 anos.	Desprezado	Desbundado	Mendigo	Desbundado, Perambular, A esmo, Tá desgraçado, Morador de rua, Rejeitado. Desprezado.	Expressão usada para demonstrar que algo ou alguém vive por aí sem ter quem cuide.
Sr	60 a 70 anos.	Desprezado	Tá desgraçado, mendigo, morador de rua.			
Au	40 a 45 anos.	Perambular	Rejeitado.			
Ar	40 a 45 anos.	A esmo	Desbundado			
Ju	40 a 45 anos.	Não soube responder.	Mendigo			
Jr	16 a 18 anos.	Mendigo	Mendigo			

Todas as expressões usadas como respostas a este critério referem-se a alguém e não a algo. Quanto à sua classificação: “perambular” citada pelo adulto da zona rural de Pentecoste, está na variação padrão; juntamente com as expressões “morador de rua” citada pelo senhor da zona rural de Juazeiro e “a esmo” citada pelo adulto da zona rural de Pentecoste; “rejeitado” citada pelo adulto da zona rural de Juazeiro e “tá desgraçado” citado pelo senhor da zona rural de Juazeiro assim como “desbundado” citado pelo adulto da zona rural de Juazeiro estão na variação regional.

Quanto à palavra, “mendigo”, variante regional, foi citada pelos jovens das zonas rurais dos dois municípios e pelo jovem da zona urbana de Juazeiro. Portanto, as expressões,

“perambular e morador de rua” seriam de fácil compreensão se empregadas por um falante de Juazeiro do Norte em Pentecoste. Quanto à expressão a esmo por ser uma linguagem menos acessível, pertencente a variante culta, para compreendê-la, o falante deve ter um nível vocabular culto. Já as palavras e expressão, “rejeitado, tá desgraçado e desbundado” são desconhecidas de um município para outro, principalmente a segunda expressão. O que poderia causar um estranhamento ao ouvinte e ao entendimento em conversas”. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, c, (1998), que propõe o uso de núcleos temáticos, cujos ofertem informações que propiciem a percepção social e cultural mais ampla e complexa que o mundo imediato da criança, para sanar essas deficiências.

Tabela 18- Tabela representativa da análise da questão de número 04. Expressão usada para designar alguém ou algo muito arrumado?

Entrevistados	Idade	Pentecoste	Juazeiro do Norte	Termos semelhantes.	Termos divergentes.	Significado
Su	55 a 70 anos	Parece um palhaço.	Papagaiado	Papagaiado, Emperiquitado, palhaço. Apapagaiado	Tá enfeitado; tá bonito; tá príncipe; só quer ser a rainha da cocada preta; patricinha; bossal; e amostrado.	Expressão usada para classificar algo ou alguém que exagerou ao se arrumar.
Sr	“60 a 70 anos.	Tá enfeitado! Tá bonito! Tá príncipe!	So quer ser a rainha da cocada preta.			
Au	40 a 45 anos.	Papagaiado	Emperiquitado demais.			
Ar	40 a 45 anos.	Apapagaiado	Apapagaia-do, Emperiquitado			
Ju	40 a 45 anos.	Patricinha, Boçal.	Palhaço			
Jr	16 a 18 anos	Emperequita-Da	Amostrado.			

As expressões “tá enfeitado” e “tá bonito” usadas pela senhora da zona rural de Pentecoste são de uso coloquial, portanto de fácil entendimento. Já as expressões “tá príncipe”, citada pela senhora da zona rural de Pentecoste; “só quer ser a rainha da cocada preta” citada pelo senhor da zona rural de Juazeiro; e “amostrado” citado pelo jovem da zona rural de Juazeiro pertencem a variante regional. Portanto de difícil entendimento se sua fala de

origem for aplicada em outro *locus*. Já as variantes “bossal” e “patricinha” faladas pelo jovem de Pentecoste pertencem a variação chamada gíria, mais conhecida entre os juvenis.

Quanto as expressões, “palhaço”, citada pela senhora da zona urbana de Pentecoste; “emperiquitado” citada pelos adultos das zonas urbana e rural de Juazeiro, assim como pelo jovem da zona rural de Pentecoste; e “papagaiado”, citado pelo senhor da zona urbana de Juazeiro e pelos adultos das zonas rurais de ambos os municípios pesquisados, vocábulos coincidentes, são variações regionais que estão presentes nos dois municípios.

Em suma, observa-se que há nesta questão três tipos de variações linguísticas. As variações regionais e gírias não são de fácil compreensão e entendimento, havendo portanto, a necessidade de um estudo sobre essas variações, para que os alunos possam compreendê-las e empregá-las em seu vocabulário, respeitando a pluralidade cultural existente no país. Parâmetros Curriculares Nacionais, d (1998).

Tabela 19- Tabela representativa da análise do questão de número 05. Interjeição de espanto cearense

Entrevistados	Idade	Pentecoste	Juazeiro do Norte	Termos semelhantes.	Termos divergentes.	Significado
Su	55 a 70 anos.	Valha-me nossa senhora da Conceição.	Uh! Oh! Oxe!	Valha-me Deus! Ai meu Deus!	Uh! Oh! Rapaz! Valha- me meu padim pade Ciço! Horra! Vixe Maria! Arre égua! Nossa! Que coisa essa!	Interjeição de espanto usada no estado do Ceará.
Sr	60 a 70 anos.	Valha-me nossa senhora!	Rapaz! Oxe! Valha-me meu padim pade Ciço!			
Au	40 a 45 anos.	Valha – me Deus!	Oxe!			
Ar	40 a 45 anos.	Horra!	Ai meu Deus! Meu padim Ciço!			
Ju	40 a 45 anos.	Vixe Maria!	Oxe!			
Jr	16 a 18 anos.	Arre égua! oxe!	Nossa! Que coisa essa!			

Nesta questão, as expressões “uh!” e “oh!” citadas pelo representante da zona urbana de Juazeiro apesar de ser norma culta, apresentaram certo grau de dificuldade de entendimento para o falante de outro município que não seja o do vocábulo de origem. Por exemplo, elas foram usadas pelo falante de Juazeiro do Norte, o falante de Pentecoste não as compreenderia. Quanto a expressão “rapaz!” citada pelo representante da zona rural de Juazeiro do Norte, também não seria entendida pelo falante de Pentecoste. Já as expressões “Valha-me meu padim pade Ciço!” citada pelo senhor e pelo adulto da zona rural de Juazeiro, “Nossa! Que coisa essa!” abreviatura de Nossa senhora, são específicas da região de Juazeiro do Norte, devido a cultura religiosa existente no lugar. Já as expressões horra! Vixe Maria! Arre égua! Todas são expressões regionais e, portanto, faladas em um município e desconhecidas para outro. Parâmetros Curriculares Nacionais, b, (1998).

Classificam-se essas expressões faladas somente em uma região, como o produto cultural de um grupo que precisam ser respeitadas, partilhadas e estudadas por outros grupos para serem compreendidas.

Tabela 20- Tabela representativa da análise da questão de número 06. Expressão ou palavra utilizada para designar a pessoa que está apaixonada.

Entrevistados	Idade	Pentecoste	Juazeiro do Norte	Termos semelhantes.	Termos divergentes.	Significado
Su	55 a 70 anos	Babando, caidinho	Amarrado, arriado.	Arriado; tá arriado os quatro pneus e o step;	Babando, amarrado, caidinho; tá desesperado para arrumar um amor; Tá gostando. Fulano tá doido por ciclano; gamado; xonado; Tá gostano.	Palavra ou expressão usada para designar o estado de paixão.
Sr	60 a 70 anos.	Tá desesperado para arrumar um amor.	Tá gostando.			
Au	40 a 45 anos.	Tá arriado os quatro pneus e o step.	Fulano tá doido por ciclano; que tá arriado os quatro pneus e o step.			
Ar	40 a 45 anos.	Gamado.	Não lembra.			
Ju	40 a 45 anos.	Xonado.	Tá gostano			
Jr	16 a 18 anos	Apaixonado.	Tá apaixonadim, tá gostano.			

A maioria dos vocábulos usados como resposta nesta questão pertence à variação regional, pois são falados apenas em um dos municípios, sendo de difícil compreensão para os falantes do outro. Como exemplo, temos as expressões: “babando, e caidinho” citadas pela senhora representante da zona urbana de Pentecoste, e “amarrado” citado pelo senhor representante da zona urbana de Juazeiro. Já as expressões, “Tá desesperado para arrumar um amor” e “Tá gostando”, citadas pelos representantes das zonas rurais dos dois municípios respectivamente, Pentecoste e Juazeiro; e “Fulano tá doido por cicrano” citado pelo adulto representante da zona urbana de Juazeiro, Também são regionalismos, mas são perfeitamente entendidos tanto em uma região quanto na outra, devido ao grau de familiaridade e facilidade dessas expressões. Ainda há a expressão “tá arriado os quatro pneus e o step” citada pelo adulto da zona urbana de Pentecoste, que é um regionalismo com alto grau de dificuldade de entendimento se deslocado do seu lugar de origem. Quanto ao vocábulo “apaixonado” citado pelo adolescente representante da zona rural de Pentecoste, este pertence a norma culta. Quanto a “gamado e xonado” são gírias, citadas respectivamente pela representante da zona rural de Pentecoste e pelo adolescente da zona urbana da mesma cidade.

A palavra, “gamado”, constitui uma gíria já em desuso, foi mencionada apenas por um adulto de Pentecoste. Já a palavra “xonado” foi mencionada pelo jovem do mesmo município. Devido a todas as observações já citadas acima se conclui que, nesta questão há variação diastrática, que é a diferença de linguagem devido à idade e a variação diatópica que é a diferença de linguagem devido ao lugar. Observa-se então, o choque de linguagens entre adultos, jovens e anciões que constitui uma pluralidade cultural que deve ser respeitada, compartilhada, aceita e aprendida na escola. Segundo Parâmetros Curriculares Nacionais, a (1998).

5.6 Análises dos Resultados

Esta proposta de pesquisa inserida na Linha de Pesquisa: “políticas públicas e contextos educativos com ênfase em literacias e letramento, da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias que tem como propósito investigar sobre as transformações sofridas pela Língua portuguesa em dois municípios de duas regiões do estado do Ceará e o porquê delas ocorrerem, bem como, suas implicações na prática docente e no cotidiano das pessoas que habitam essas regiões, a saber: Pentecoste e Juazeiro do Norte, pertencentes respectivamente, as regiões Litoral Oeste e Cariri, está chegando ao fim.

E após as pesquisas teóricas e de campo, cuidadosamente detalhadas, sobre o vocabulário e a análise do paralelo entre a língua falada em Pentecoste e Juazeiro do Norte, voltamos às questões que originaram esta dissertação, para melhor analisarmos os resultados.

01- **Objeto da pesquisa:** a utilização da língua portuguesa em 02 municípios do estado do Ceará.

02- **Pergunta de partida:** Quais as influências que a língua portuguesa sofre em cada uma das regiões elencadas e por quê?

03- **Objetivo geral:** Analisar a utilização da língua portuguesa oral em dois municípios de duas regiões do estado do Ceará. (Pentecoste e Juazeiro do Norte)

04- **Objetivos específicos:**

- Observar as diferenças linguísticas orais existentes entre dois municípios do estado do Ceará.

- Verificar as variações do vocabulário da língua portuguesa a partir de várias gerações.

- Comparar a língua mãe e a vigente e sua repercussão na aprendizagem nos dias atuais.

05- E por último a **hipótese:**

O Ceará é dividido por regiões e em cada região há uma maneira de falar.

06- **A análise.**

A análise ocorreu respeitando as faixas etárias, a região de origem e o sexo de cada participante. A seguir veremos como foram comparados os dados obtidos dos representantes do município de Pentecoste:

A fala da professora aposentada e escritora, que representa os anciões da zona urbana do município de Pentecoste foi comparada à fala da também anciã de terceira idade, representante dos anciões da zona rural de Pentecoste.

E seguindo este mesmo critério foi comparado o vocabulário da coordenadora escolar, que está na faixa etária adulta, representante da zona urbana de Pentecoste com a fala da

professora, que também se encontra na idade adulta representante da zona rural de Pentecoste. Quanto ao vocabulário do jovem que está entre as idades de 15 a 20 anos, representante da zona urbana de Pentecoste, este teve sua fala comparada ao vocabulário do jovem de mesma faixa etária representante da zona rural do município de Pentecoste.

A seguir, veremos como foram comparados os dados obtidos dos representantes do município de Juazeiro do Norte:

O senhor representante dos anciões, com escolaridade até à quarta série do Ensino Fundamental, representante da zona rural de Juazeiro do Norte, teve seus dados comparados ao senhor de mesma faixa etária, representante da zona urbana do mesmo município.

O professor de ensino médio, com faixa etária entre 30 e 45 anos, com nível superior, representante da zona rural de Juazeiro do Norte, teve seus dados comparados aos do coordenador da mesma faixa etária e mesmo nível escolar representante da zona urbana do mesmo município.

E o jovem, com faixa etária entre 15 e 20 anos, cursando o Ensino médio, representante da zona urbana do município de Pentecoste teve seus dados comparados aos do jovem da mesma faixa etária representante da zona rural do mesmo município.

Depois tivemos o cruzamento de todos esses dados, que é o que nos importa no momento. Ao final da análise de dados todos os objetivos da pesquisa foram atingidos e a hipótese formulada foi confirmada. Passo a dissertar sobre estes resultados a partir de agora.

1-A pergunta de partida: Quais as influências que a língua portuguesa sofre em cada uma das cidades das regiões elencadas e por quê?

Baseado na análise de dados do tópico anterior, pode-se afirmar que a língua portuguesa em ambas as regiões sofre influências da variante linguística regional, da variante padrão, e da variante gíria. E ainda sofre influências diastráticas, diatópicas e socioculturais. Isto ficou provado no quadro com o paralelo entre os dados obtidos em Pentecoste e Juazeiro do Norte. Confirmando assim, a existência da tese levantadas com os entrevistados desta pesquisa.

5.6.1 Entrevistados das zonas urbanas dos dois municípios participantes da Pesquisa.

A seguir, reflexões sobre os dados obtidos pela comparação dos vocabulários dos sujeitos da pesquisa das zonas urbanas de Pentecoste e Juazeiro do Norte, a saber, uma professora aposentada de Pentecoste e um professor na ativa, de Juazeiro, ambos da terceira idade.

A professora aposentada de Pentecoste, é uma anciã com faixa etária entre 65 e 70 anos de idade, que lecionou no Ensino Fundamental, quando estava ativa, na época chamava-se ginásio e era o mais alto grau de ensino no município. E um coordenador escolar de Ensino Médio da mesma faixa etária, de Juazeiro do Norte.

Conclusão: a senhora (anciã) da zona urbana de Pentecoste, embora com escolaridade de nível secundário, usou a linguagem regional para responder a 05 das 06 questões apresentados e apenas 01 vernáculo da variante padrão. Tendo assim sua linguagem marcada por essas duas variantes linguísticas. E isso ocorre, porque segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) cada povo constrói sua própria linguagem. Já o senhor (ancião) representante da zona urbana de Juazeiro do Norte com nível superior, mestre, teve 05 respostas marcadas pela variante regional e duas marcadas pela variante padrão, sendo que um dos questionamentos contemplou as duas variações.

Quanto à mulher na idade adulta da zona urbana de Pentecoste, esta também teve sua coloquialidade marcada pelo regionalismo, pois das respostas dadas aos questionamentos 05 pertencem a variante regional e 02 a variante padrão, sendo que um dos questionamentos contemplou as duas variantes. Quanto ao homem na idade adulta representante da zona urbana de Juazeiro do Norte, este também teve sua fala bastante marcada pela variante regional, pois das 06 questões propostas, 05 foram respondidas com a linguagem regional e apenas 01 com a variante padrão.

Quanto ao jovem da zona urbana de Pentecoste sua fala apresenta-se bem diversificada, pois dos 06 questões que lhe foram propostos, obteve-se 01 resposta classificada como gíria e 05 como linguagem regional não havendo linguagem padrão. Quanto à jovem da zona urbana de Juazeiro do Norte, das 06 questões que lhe foram propostas, esta respondeu usando 02 palavras classificadas como variação padrão e 04 como variação regional.

Ao fim da análise das variantes faladas pelos sujeitos da pesquisa das zonas urbanas de pentecoste e juazeiro do norte pode-se chegar a algumas conclusões.

5.6.1.1. Conclusão UM/ entrevistas - zonas urbanas dos dois municípios participantes

Nas três faixas etárias, apesar da variação socioeconômica, o que predomina é a variante linguística regional, diatópica ou geográfica, apesar de haverem pinceladas das variantes padrão e gíria, esta última principalmente entre os jovens.

No entanto, o número de coincidências lexicais foi bem pequeno, chegando a ser de pequena relevância, coincidindo apenas na resposta a **questão 04 (quatro) Qual é o nome dado as regiões que não pertencem a zona urbana do município?**

Aqui, os representantes dos adultos e dos anciões das zonas urbanas dos dois municípios usaram o mesmo léxico como resposta, a saber: **zona rural. Já na questão de número 10: Regionalismo dito da pessoa que está apaixonado?** Aqui, os coordenadores das zonas urbanas dos dois municípios entrevistados usaram a mesma expressão, a saber: **“arriado os quatro pneus e o step.”**

A variante regional é conceituada por Mattos (2021, p. 29), como sendo “a variante que está relacionada com as diferenças linguísticas existentes dentro de um mesmo país ou em países diferentes que falam a mesma língua. E essa variante recebe a nomenclatura de dialetos”. E, segundo o mesmo autor, isto ocorre porque “a língua é viva e está sujeita a mudanças. Este a classifica como historicamente situada e heterogênea e sujeita a variações no espaço e no tempo.” (2021, p.36), ou seja, está sujeita a mudanças devido as influências recebidas através das relações existentes entre a língua, a cultura e a sociedade.

Interpretando as afirmações de Aragão (2020), logo, se o povo de Juazeiro do Norte tem um contato maior com os habitantes da Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Piauí, devido à proximidade geográfica é lógico que seu léxico seja influenciado pelo léxico falado nesses estados e não pelo falado na capital do Ceará que fica a aproximadamente 300 km de distância deste município, enquanto que os outros estados aqui citados extremam com Juazeiro do Norte, além de haver um fluxo intenso de pessoas desses estados em Juazeiro, já que este município é um polo religioso, industrial, comercial e educacional da região, e ainda basead em Aragão, (2020), é possível afirmar que também é lógico que o município de Pentecoste, apesar de também ter bastante influência da variação regional, tenha seu léxico

influenciado pelo léxico da capital cearense, Fortaleza, já que este dista a apenas 85 Km de distância já que há um fluxo permanente e intenso de pessoas entre o município e a capital, uma vez que, esta é um polo regional ao qual a população das redondezas recorre para trabalhar, estudar e se divertir, dentre outros.

5.6.2 Conclusões – Análise das entrevistas de zonas rurais dos dois municípios participantes

A seguir, reflexões sobre os dados obtidos pela comparação dos vocabulários dos sujeitos da pesquisa das zonas rurais de Pentecoste e Juazeiro do Norte:

Inicialmente uma senhora aposentada, tendo cursado apenas a 4ª série do Ensino Fundamental natural e residente na zona rural de Pentecoste, e um professor ativo, natural e residente em Juazeiro do Norte, ambos da terceira idade.

A senhora é uma mulher adulta com idade entre 65 e 70 anos, aposentada, natural e residente na zona rural de Pentecoste e um senhor na mesma faixa etária, também aposentado, e natural e residente na zona rural de Juazeiro do Norte. Ambos cursaram até o 5º ano do Ensino Fundamental.

Conclui-se que a senhora (anciã) da zona rural de Pentecoste, com baixo nível de escolaridade, usou a linguagem regional para 05 das questões apresentados e apenas 01 vernáculo pertencente a variante padrão. Tendo assim sua linguagem marcada por essas duas variantes linguísticas. E isso ocorre, porque segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) cada povo constrói sua própria linguagem. Já o senhor (ancião) representante da zona rural de Juazeiro do Norte também com baixo nível de escolaridade, também respondeu 06 questões com a variante regional e 01 com a variante padrão, sendo que uma das questões contemplou as duas variantes.

Quanto aos adultos representantes das zonas rurais dos dois municípios, estes apresentaram resultados bem diversos, pois das 06 questões propostas, a representante de Pentecoste usou 05 expressões classificadas como variantes regionais, 01 classificadas como variante padrão. Quanto ao representante de Juazeiro do Norte este também apresentou 05 expressões classificadas como regionalismo e 01 expressão classificada como variante padrão em sua fala. Nesta etapa os dois sujeitos da pesquisa apresentaram apenas um vocábulo coincidente, a saber, a palavra “ariado” que foi dada como resposta ao questão de número 08. “O que se diz da pessoa que está perdida, não consegue se localizar”?

No que diz respeito aos jovens das zonas rurais dos dois municípios, também houve divergências, pois das 06 questões aplicadas, o representante de Pentecoste respondeu com 02 (duas) expressões pertencentes a variante padrão e 05 expressões representantes da variante regional. Enquanto que o representante de Juazeiro do Norte usou 04 expressões classificadas como regionalismos e 02 classificadas como padrão. Na fala de ambos não houve a presença da variante gíria.

5.6.1.2. Conclusão DOIS/ entrevistas - zonas urbanas dos dois municípios participantes

Após a análise comparativa dos dados recolhidos através da pesquisa com os sujeitos residentes nas zonas rurais de Pentecoste e Juazeiro do Norte, concluímos que:

- nas três faixas etárias, apesar da variação socioeconômica, o que predomina é a variante linguística regional, diatópica ou geográfica.

No entanto também nota-se a presença das variantes padrão e gíria. Esta última principalmente entre os jovens.

Contudo, entre os participantes da pesquisa, o número de coincidências lexicais foi bem pequeno, chegando a ser de pequena relevância, coincidindo apenas na resposta dos adultos, professores, representantes das zonas rurais dos dois municípios que usaram o mesmo léxico como resposta para a questão 04. A saber: 04. Expressão usada para designar alguém ou algo muito arrumado? Ambos os entrevistados deram como respostas a expressão “papagaiado”, variante regional coincidente em ambos os municípios, *locus* da pesquisa.

Acredita-se que apesar da escola exercer grande influencia sobre a fala, o que sobressaiu-se como influenciador da linguagem oral dos entrevistados da zona rural foi o dialeto de origem. Entretanto Bagno (2015), alerta que é necessário que se mostre que a variação linguística não existe apenas no meio rural ou nos meios menos escolarizados. Que ela também existe nas zonas urbanas e na fala de pessoas com alto nível de escolarização como é o caso dos dados obtidos com os dois entrevistados. Ambos com nível superior, no entanto com grande presença de regionalismos em suas falas que explicam a língua portuguesa e sua pluralidade. Como citam os Parâmetros Curriculares Nacionais, b (1998, p.15), “A língua é um patrimônio sociocultural brasileiro baseado em diferenças culturais, de classes sociais, de crença, de sexo, de raça, ou outras características individuais e sociais”. Neste caso específico, as características individuais juntamente com a variação diatópica são possíveis explicações para as diferenças linguísticas dos falantes.

5.6.1.3. Conclusão TRÊS/ entrevistas - zonas rurais de Juazeiro do Norte e Pentecostes

Quanto aos jovens da zona rural tanto de Juazeiro do Norte, quanto de Pentecoste:

- prevaleceram em suas falas à linguagem natural de suas origens, aquela produzida em seus meios sociais, “fruto da produção cultural de suas comunidades”, como cita os Parâmetros Curriculares Nacionais, b, (1998, p. 98).

No entanto, percebe-se claramente a interferência da escola na fala dos jovens, pois, as falas, dos entrevistados da zona rural, foram as das mais marcadas pela variante padrão, com a ocorrência de 42% para o representante de Pentecoste e 33% para o representante de Juazeiro do Norte. Pois, como afirma Bagno (2015), a variante padrão é disseminada pela escola.

É importante clarificar que os jovens foram os que apresentaram maior índice de coincidências de vocábulos, sendo as palavras: doido e mendigo, respostas para as questões de número 01- “Expressão usada para designar uma pessoa que parece não ter o juízo certo” e 05. “Expressão usada para demonstrar que algo ou alguém vive por aí sem ter quem cuide”, respetivamente.

O uso das variações linguísticas tanto pelos alunos, quanto pelos professores também deve ser fruto da atual formação de professores, que defende que a escola deve desmitificar a variante padrão como a única correta e abrir espaço para os diversos dialetos existentes no Brasil, mostrando que a língua portuguesa é heterogênea e que não existe lusofonia nem mesmo dentro do próprio país. Bagno (2015).

Além da formação dos professores, também ajudam nesse trabalho de inclusão linguística, os livros de Língua portuguesa adotados pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) que estão em consonância com as políticas educacionais brasileiras, a saber, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1997) e a nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) trazem orientações a luz de teóricos como Bagno (2015) que tratam temáticas como os diversos dialetos existentes no Brasil, como uma pluralidade cultural, uma riqueza a ser aceita, respeitada e aprendida. Portanto, atualmente, a escola deve adotar uma postura não discriminatória ao estudante, principalmente, quanto à sua forma de falar, quando este utiliza o dialeto de sua comunidade de origem. Devendo portanto, orientar a inclusão deste tipo de linguagem na rotina da sala de aula, enriquecendo o ambiente de aprendizagem com a pluralidade cultural existente na fala. Observando sempre que há sinônimos para aqueles vocábulos pertencentes a norma padrão, que é a variedade de prestígio no Brasil e também

dissociando sempre a fala da escrita. Ou seja, observando que não se pode escrever da mesma forma que se fala, pois na fala se pode utilizar todas as variantes, entretanto a escrita deve obedecer a linguagem padrão. Portanto, “a escola deve contribuir para sanar o preconceito linguístico e social advindo da fala, possibilitando, ao aluno um espaço mais democrático, onde ele possa se expressar com liberdade e sem sofrer práticas coercitivas.” Andrade (2012, pp.07- 08).

5.6.1.4. Conclusão QUATRO: Análise final dos dados coletados, por entrevista

Ao fazer a análise final dos dados coletados observa-se que, os falantes dos dois municípios estudados:

a- fazem uso de ao menos três tipos de variantes linguísticas, a saber: a regional, a padrão e a gíria, gradativamente nesta ordem. No entanto a mais utilizada é a variante diatópica ou regional. Esta tem um alto percentual de uso em todas as classes diastráticas abordadas, vindo em segundo lugar a variante padrão e em terceiro as gírias, com as seguintes porcentagens:

b - Quanto à repetição dos vocábulos, em um universo de 100 palavras coletadas e analisadas 20 se repetiram, sendo que 80 vocábulos não coincidiram, obtendo uma média de 01 vocábulo repetido para cada cinco palavras coletadas, confirmando assim, a existência da variação linguística entre estes participantes das duas regiões.

c- Confirmação: Ficou assim confirmada, com estes participantes da pesquisa, a teoria que levou a produção dessa dissertação, que é a existência e o uso de duas variantes linguísticas da Língua portuguesa dentro do estado do Ceará diferenciando as falas dos municípios de Pentecoste e Juazeiro do Norte, pertencentes respectivamente as regiões do Cariri e litoral-oeste, localizadas no estado do Ceará. Sendo esta pesquisa pioneira no que se refere aos municípios cearenses. E ela foi baseada principalmente, nas pesquisas de Aragão (2020), linguísta que trabalha a temática variação linguística a nível de estado, e também na capital do estado do Ceará, Fortaleza.

5.6.3. O aporte da teoria na interpretação dos resultados

A língua portuguesa, como qualquer outra, sofre transformações, isso ocorre porque é um organismo vivo, e nesta pesquisa pode-se verificar essas alterações, aqui chamadas de “variações da linguagem”, através das três gerações pesquisadas. Por exemplo, há palavras elencadas nesta pesquisa, pelos entrevistados, que estão em desuso, ou que são desconhecidas

de uma geração para outra. Para retratar essa situação voltar-se-á as tabelas Paralelo entre as entrevistas de Pentecoste e Juazeiro do Norte. Nestes há as expressões “saltica”, “biléu” e “baldeado da cabeça”, usadas respetivamente pela senhora da zona urbana de Pentecoste, pelo adulto da zona rural de Juazeiro e pela senhora da zona rural de Pentecoste, para responder ao questionário de nº 01 “como você chama uma pessoa que parece não ter o juízo certo?”

Logo, observa-se a mutação da língua ou a convivência da língua portuguesa num “espaço multilíngue” como diz Guimarães (2012, p.28). Essa convivência ocorre devido ao facto dos adultos e anciões usarem vocábulos que os jovens ouvem, convivem com eles, mas por alguma razão não os utilizam, substituindo-os por sinónimos que estão mais de acordo com o seu tempo.

Entretanto, para responder a questão de nº 02 tem-se a expressão “sítio” citada por todos os entrevistados de Juazeiro do Norte, tanto da zona urbana, quanto da zona rural. Já os entrevistados de Pentecoste em nenhum momento citaram esta expressão. O que prova que a palavra sítio, com o significado de zona rural é uma variante pertencente aquela região.

Para responder a questão de número 03, as expressões, “desbundado” citada pelo ancião da zona urbana e pelo adulto da zona rural de Juazeiro do Norte; e “tá desgraçado”, usada pelo ancião da zona rural do mesmo município. Quanto a questão de número 04 têm-se as palavras “apapagaiado”, citada pelo senhor da zona urbana e pela adulta da zona rural de Juazeiro do Norte, bem como, pelos dois adultos do município de Pentecoste; já a expressão “Só quer ser a rainha da cocada preta” foi citada pelo ancião representante da zona rural de Juazeiro do Norte; quanto as expressões “patricinha” e “boçal” foram usadas pelo jovem representante da zona urbana de Pentecoste. Quanto a expressão “emperequitada” é uma exceção, pois foi citada tanto pelos adultos de Juazeiro do Norte, quanto pelo jovem da zona rural de Pentecoste. E ainda há a expressão “amostrado”, que foi usada pelo jovem da zona rural de Juazeiro do Norte.

Quanto a questão de nº 05, se destacaram as expressões “horra” e “arre égua” utilizadas respectivamente pelo adulto e pelo jovem da zona rural de Pentecoste. Para responder ao questão de nº 06, “caidinho e babando” citadas pela senhora da zona urbana de Pentecoste; “amarrado e arriado”, citadas pelo senhor da zona urbana de Juazeiro.

Observando a enumeração dos vocábulos feita nos parágrafos anteriores, comprova-se que as duas regiões usam com maior frequência a variante regional em detrimento da variação

padrão. Comprovando-se também que, a língua mãe no Ceará encontra-se em desvantagem, por assim dizer, já que a variante padrão é a que mais se aproxima da norma culta, Língua portuguesa gramaticalmente correta; língua mãe que deu origem a todas as outras variantes linguísticas. No entanto, isso não significa que os falantes de Pentecoste e Juazeiro do Norte estejam falando errado. Na verdade, o que ocorre é uma riqueza cultural “traduzida na pluralidade linguística” como defende Andrade (2012, p. 07).

Travaglia (2017), trata também da forma como as variantes linguísticas devem ser trabalhadas na escola. Segundo ele “se a norma padrão é a variante de prestígio, isto é, a utilizada pelas classes sociais dominantes então, esta deve ser transmitida pela instituição escolar”, (p.80). Porém, se o educando chega à escola com uma variante própria de sua comunidade ou grupo social, esta também deve ser transmitida como mais uma variação linguística a ser aprendida, contemplando o conceito de pluralidade cultural existente em cada língua. Deixando de lado os estigmas e preconceitos e principalmente, o conceito de certo e errado. Nessa nova visão da língua, pluralidade linguística, tanto Andrade (2012, p.08), como Travaglia (2016), ressaltam que “o professor tem um papel preponderante, pois cabe a ele fazer uma ponte entre as diversas variantes linguísticas existentes no universo da sala de aula.” (p.80). E, além disso, este também deve informar que a variante conhecida como língua padrão precisa ser aprendida, mostrando sua importância social. Pois, ela é utilizada nas comunicações oficiais, provocando assim, no estudante a necessidade de domínio da norma padrão para que ele possa entender a sociedade; inserir-se nela com mais mobilidade social e confiança em si mesmo; não sendo limitado por seu modo de falar. No entanto salientam ainda, ambos os autores, Travaglia (2017) e Andrade (2012), que ao dominar a norma padrão, as variantes menos prestigiadas ainda devem ser mantidas pelo falante, para que possa usá-la quando o meio social no qual estiver inserido exigir, pois o objetivo não é estigmatizar ou menosprezar essas variantes, mas sim incluí-las.

O estudo da linguística cearense está engatinhando, sendo que um estudo comparado dos dialetos das regiões nas quais o estado é dividido ainda não existe, mas faz-se necessário. Portanto, sendo esta pesquisa vanguardista. No entanto, o estado do Ceará tem uma grande representante nessa área: é a professora Maria Socorro Aragão Silva, que vem fazendo um trabalho de estudo fonológico, fonético e dialetológico, uma educação comparada entre a fala do Ceará, como um todo aos demais estados nordestinos.

Em seus trabalhos, a pesquisadora concluiu que as diferenças diatópicas não são muito

significativas o que é realmente marcante são as diferenças diastráticas. Essa pesquisa, no entanto, concluiu que tanto são significativas as diferenças diatópicas quanto as diastráticas na comparação da linguística entre os municípios de Pentecoste e Juazeiro do Norte localizados respectivamente, na região litoral Oeste e no Cariri cearense. Como já foi observado e destacado neste mesmo capítulo, é claro que o léxico usado entre as diversas faixas etárias é bastante divergente, principalmente no que se refere a linguagem da juventude. Esta se distancia bastante da linguagem dos anciões e adultos. Inclusive, estes últimos dois grupos, por diversas vezes, compartilharam dos mesmos vocábulos nesta pesquisa. Por isso, neste momento, iremos propor o aprofundar da investigação, no item que se segue.

5.7. Propostas futuras para o aprofundamento da investigação

Ao findar-se a pesquisa sugere-se ainda outros tópicos para serem pesquisados sobre a linguística cearense, pois entende-se que este é um assunto muito amplo e que vem sendo negligenciado pelos pesquisadores. Sugere-se então, um apanhado comparativo entre todas as regiões cearenses.

Outra sugestão seria o estudo comparativo diastrático em Pentecoste, município cearense e até mesmo em Fortaleza, capital do Ceará.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A língua é um dos aspetos culturais que definem a identidade de um povo e no caso do Brasil, como argumenta Guimarães (2012), esta é heterogênea, pois foi constituída, através dos tempos, desde o Brasil colônia com a chegada dos primeiros portugueses em 1500, que misturaram o português europeu com as línguas indígenas faladas na terra até a chegada dos imigrantes, no final do século XIX e início do século XX.

A tão propalada língua portuguesa nada mais é do que um conjunto de dialetos sujeitos a mudanças no espaço e no tempo, como menciona Lucchesi (2017, p. 27), “sujeita a diversos tipos de variações, sejam elas geográficas, sociais ou estilísticas. Como foi comprovado nesta pesquisa”.

Os dois primeiros capítulos procuraram resgatar a formação da língua portuguesa brasileira fazendo um percurso histórico e sociolinguístico desta. Já o terceiro capítulo apesar de também fazer um resgate histórico de nossa língua, também procurou analisar contribuições mais atuais como as da língua Inglesa que atualmente é tão difundida e adotada na língua Portuguesa brasileira. O quarto capítulo discorreu sobre a metodologia utilizada na pesquisa e o quinto e último procurou expor os dados da pesquisa e analisá-los de forma mais fidedigna possível.

A pesquisa em questão evidenciou em seu 1º capítulo as contribuições, a língua portuguesa, advindas tanto do povo nativo, conhecidos como indígenas, quanto do povo africano que foi trazido para esta terra. D’angelis (2014), palavras do tupi-guarani foram adotadas nomeando grande parte dos elementos da nossa fauna e flora. Já as contribuições do povo africano. E conforme afirmam Matos e Silva (2021) e Lucchesi (2009), estão bem arraigadas na nossa língua, pois palavras advindas de idiomas africanos, como “moleque” e “camundongo”, são bem presentes em nosso dia-a-dia. Este capítulo ainda trata da questão da língua geral que foi falada no Brasil desde os idos de 1500 até a sua proibição, no século XVII, pelo marquês de Pombal.

Já o segundo capítulo tratou da chegada dos imigrantes portugueses e da família real ao Brasil e sua influência na língua portuguesa, que com a proibição do uso da língua geral, esta que já era a língua oficial da colônia, passa a ser usada de facto. De facto, com a chegada de tantos imigrantes, o português de Portugal, passou a ser mais utilizado pelo povo brasileiro. Facto este que veio se juntar a importância que esta variante linguística recebeu na colônia

após a chegada da família real como cita Guimarães (2012) e Mattos e Silva. Este capítulo também abordou a imigração de povos europeus de vários países para o Brasil e a influência linguística que exerceram sobre a língua falada no Brasil. Dentre eles estão alemães, escravos, espanhóis, italianos, ucranianos e muitos outros, que vieram colonizar principalmente a região sul do país, contribuindo bastante com a língua falada, como afirmam Waldman (2012), Zamberlan (2004) e Spinassé (2015). Além disso, foi pontuado neste mesmo capítulo, as inserções da língua inglesa na língua portuguesa, que atualmente é tão comum, que as palavras vindas desta língua ganham versões portuguesas como, por exemplo: “x-burguer”, “basquete e selfe servisse”, entre outras.

O terceiro capítulo mostrou os dialetos próprios de cada região brasileira. Por ser o Brasil um país com um território muito vasto e devido a sua colonização, dentre outros fatores, cada região tem uma maneira própria de falar, a essas variações linguísticas chama-se **regionalismo**. Inicialmente, procurou-se conceituar a língua e a seguir observou-se o facto de que não há hegemonia na língua portuguesa, mostrando diferenças lexicais entre a variação da língua portuguesa falada no Brasil e a variação da língua portuguesa falada em Portugal. Logo em seguida se discorre sobre o dialeto falado em cada região, mostrando suas peculiaridades, diferenças e suas causas geradoras - como defendem Teyssier (2014), Jacob (2021) e Azevedo (2013) - evidenciando dessa forma que o português falado no Brasil apresenta variações dialéticas.

Todos esses capítulos foram desenvolvidos em um contexto social e histórico que permeiam toda a dissertação até ao terceiro capítulo, revelando a história política e educacional da colônia. E mostrando a íntima relação existente entre educação e linguística existente no Brasil. A partir do 4º capítulo a ênfase foi dada ao contexto cultural, pois segundo Minayo (2016), a pesquisa deve ser feita levando em conta a cultura na qual os sujeitos desta estão inseridos.

A educação colonial iniciou-se com os jesuítas, Aranha (2020), que adotaram a língua geral da colônia e escreveram até livros nesta variante linguística. Então houve a primeira variação na língua portuguesa trazida de Portugal, já que a língua geral era na verdade, a mistura de três línguas: o português de Portugal, o espanhol e o tupi-guarani. Seguindo esta mesma linha de raciocínio com a chegada do marquês de Pombal ao Brasil no século XVII, houve a expulsão dos jesuítas e a educação brasileira entrou em declínio e com ela a língua geral. Pode-se dizer que neste momento houve uma segunda modificação na língua falada no

Brasil, uma vez que com a chegada de imigrantes portugueses e, posteriormente, com a chegada da família real ao Brasil, o português de Portugal tornou-se a variante de maior prestígio além de ser a língua oficial da colônia. No entanto com a chegada dos imigrantes europeus de outros países, a língua portuguesa no Brasil sofreu mais variações e vários autores como Lucchesi (2015), afirmam que a escola, durante todas essas mudanças linguísticas, esteve alheia priorizando apenas a variante padrão.

No quarto capítulo, a pesquisa entrou num âmbito mais específico, pois se voltou para o Ceará, estado do Nordeste brasileiro, que tem seu próprio dialeto como os demais estados, e este dialeto também varia de região para região dentro do próprio estado, isto se devendo a vários fatores, como a distância que os separa e a proximidade com outras localidades, por exemplo. Especificamente, os municípios de Juazeiro do Norte e Pentecoste.

No quinto capítulo, onde se apresentou os dados colhidos na pesquisa de campo e sua análise, constatou-se que há variações entre os dois municípios pesquisados, como se supunha, afinal fora esta hipótese que gerara esta pesquisa. Observou-se que as variações linguísticas entre estes dois municípios que ficam em regiões diferentes e distantes, dentro do mesmo estado, são diatópicas, diastráticas, por escolaridade, e condição socioeconômica. (Brasil, 1997). Observou-se também que a escolaridade não exclui os regionalismos da fala, ao contrário, as duas variantes linguísticas coexistem dentro do mesmo contexto, seja ele escolarizado ou não.

Quanto à escola, esta continua exercendo um papel preponderante no ensino da língua, porém, linguistas, como Traváglia (2017) e Bagno (2015), defendem uma nova forma de ensinar a Língua portuguesa na escola, dando-se voz e vez aos dialetos. Claro que esclarecendo aos alunos que eles têm que dominar a norma padrão, pois, esta é a mais aceita socialmente. Propõem que haja um estudo não só desta norma em questão, mas também dos dialetos que se supõe que os alunos já dominem, pois, a realidade é que ninguém conhece uma língua inteiramente, sempre há muito que aprender.

E que diz o documento que rege a educação brasileira a esse respeito? Os PCNs, (Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa do Ensino Médio), definem a língua portuguesa como o conjunto das variações linguísticas existentes em nosso país. E recomenda que a escola trabalhe essa pluralidade linguística, cultural e social, contemplando não somente a língua padrão, deixando claro que esta é apenas uma parte do conjunto

linguístico. (Brasil, 1997, p.28). Este mesmo documento considera que a linguagem deve ser “objeto de reflexão e análise”, Brasil (1998, p.07), na escola pois esta é de fundamental importância para a “formação geral do aluno”, Brasil (1998, p.07) pois, uma vez que, este aprende a se comunicar nos mais variados contextos, usando as variações linguísticas adequadas, ele estará, não superando apenas suas limitações comunicacionais, mas se tornando sujeito na construção do processo histórico. Parâmetros Curriculares Nacionais, d (2000).

E seguindo esta linha do pensamento linguístico pedagógico, os livros do Ensino Médio, trazem um capítulo inteiro exclusivo sobre as variações da língua portuguesa no Brasil, estando, dessa forma, de acordo com os PCNs (Parametros Curriculares Nacionais). Outro instrumental que também está de acordo com os PCNs é o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), visto que a maioria das questões da disciplina de Língua portuguesa contempla o tema. No entanto, Bagno (2008) chama a atenção para o facto da escola e dos meios de comunicação, propagarem apenas a norma padrão, ignorando totalmente os demais dialetos como se estes não existissem e responsabiliza-os como causadores de preconceito social.

Atualmente, a maioria dos linguistas Traváglia (2017); Bagno (2015) defende uma escola aberta, ou seja, com o estudo e o respeito a diversidade linguística, livre de preconceitos. Um ambiente onde os alunos não se sintam constrangidos, nem tolhidos ao usarem seu dialeto de origem e podendo expressarem-se livremente, contribuindo com o aprendizado, através de seus conhecimentos linguísticos adquiridos no seu lugar de origem.

Outro problema que aflige a língua portuguesa está relacionado as questões sociais que perpassam pela desvalorização do trabalho docente, onde todos acham que sabem dar aulas, que sabem ser professores, mesmo sem nenhuma formação na área. E ainda há aqueles que são formados em outra área, mas têm “certeza” que sabem dar aulas de Língua portuguesa. O que torna a questão ainda mais complexa, pois estes elegem a norma padrão como correta e não apenas como mais uma variedade linguística. O que acaba gerando preconceito linguístico e social.

Isto posto, conclui-se que, no Brasil, quanto à variedade linguística, ainda há um longo caminho a ser percorrido, pois a grande maioria das pessoas ainda tem aquela ideia errônea arraigada, de que existe um modo certo e um modo errado de se falar, desconhecendo

totalmente o conceito de variedade linguística. Portanto, pretende-se com esta pesquisa contribuir para o enriquecimento do estudo da língua portuguesa no Ceará e no Brasil, de forma que a constatação da existência das variantes linguísticas dentro do próprio estado, seja apenas um ponto de partida para o reconhecimento destas dentro das escolas. Gerando assim quebra de paradigmas e mudança de postura no que concerne aos dialetos locais, observando que estes também devem ser estudados e respeitados como forma de linguagem, para que haja comunicação, interação e construção do conhecimento, por todos os sujeitos envolvidos no processo educacional. Dando voz e vez aos estudantes que não têm a língua padrão como dialeto de origem, para que estes também possam expressar-se na escola e contribuir com a construção do conhecimento sem serem vítimas por preconceito, devido a sua forma de falar.

Como ponto de partida para esta mudança sugere-se não só o ensino das variantes linguísticas na escola, mas também a existência de um trabalho bibliográfico sobre linguística que contemple todos os membros da comunidade escolar visando a desmitificação de que apenas a norma padrão é a correta. É importante salientar que essa desconstrução do erro em relação as variantes linguísticas deve ir além do professor da disciplina de Língua portuguesa, pois como se pode observar, através das respostas de um dos sujeitos da pesquisa em anexo, que é professor de Matemática, os demais docentes pertencentes a outras áreas de ensino, não tem a menor noção da existência das demais variantes linguísticas e as veem como erro. Portanto faz-se necessário clarificar ao próprio povo brasileiro e ao mundo que o Brasil tem uma pluralidade cultural riquíssima, que deve ser estudada, compreendida e aceita.

Logo percebe-se que a desmitificação das variantes linguísticas na escola é imprescindível, porque, o professor é visto pelo discente como aquele que transmite o conhecimento, ou aquele que detém o conhecimento. Isto implica que, se o docente passar a agir de forma a aceitar a pluralidade linguística, a escola passará a ser um espaço democrático de construção do conhecimento, onde todos poderão se sentir bem ao evidenciarem suas ideias e pensamentos. E é deste tipo de democracia que não somente as aulas de Língua portuguesa precisam, mas todas as demais disciplinas, pois só assim poderemos construir um país que privilegie a equidade social.

LEGISLAÇÃO

Artigo 5º (2021). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidente da República.

Decreto estadual nº 448, de 20-12-1938. Emancipação política de Pentecoste. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/pentecoste/historico>

Decreto de lei nº 11.493, de 17 de outubro de 1975 (1975) Diário Oficial do Ceará, nº 11714. Disponível em: <http://pesquisa.doe.seplag.ce.gov.br/doepesquisa/sead.to?page=pesquisa&action=Textual&cmd=11&flag=1&dataini=30%2F10%2F1975&>

Decreto nº 12.311 de 11 de abril de 1977. (1977). Diário Oficial do Ceará, nº 12.074. Disponível em: <http://pesquisa.doe.seplag.ce.gov.br/doepesquisa/sead.to?page=pesquisa&action=Textual&cmd=11&flag=1&dataini=30%2F10%2F1975&>

Lei nº 581 de 04 de setembro de 1850. (1850). Lei Eusébio de Queiroz. Registrada a fl. 135 v. do Lv. 1º de Leis. Secretaria d'Estado dos Negocios da Justiça em 27 de Setembro de 1850. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/colecao-anual-de-leis/copy_of_colecao4.html

Lei nº 601 de 18 de setembro de 1850. (1850). Terras devolutas do império. Registrada á fl. 57 do livro 1º do Actos Legislativos. Secretaria d'Estado dos Negocios do Imperio em 2 de outubro de 1850. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/colecao-anual-de-leis/copy_of_colecao4.html

Lei Estadual n.º 1.178, de 23-07-1914. (1914). Emancipação política de Juazeiro do Norte.

Lei nº 3.353 de 13 de maio de 1888. (1888) Lei Áurea. Carta de lei: 67ª da independência e do império. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/colecao-anual-de-leis/colecao8.html>.

Lei 7.398 de 04 de novembro de 1985. (1985) Organização de entidades estudantis. Diário Oficial da União. Ano CXXII1 – nº 212, seção II. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/3585875/pg-1-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-05-11-1985>.

Lei nº16.821, 09 de janeiro de 2019. (2019) Estadual. Limites intermunicipais do estado do Ceará. Palácio da Abolição: Mesa Diretora. Ceará, Fortaleza: DOE, Série 3, ano XI, nº012 Caderno ¼.

LDB. 9394/1996. (2020). Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 4ª edição- Brasília, DF: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas.

Escolar, C. (2021). Ceará: IBGE. Último acesso em 09 de julho de 2022.

e Estados, R. das C. (2014). Ceará: IBGE. Último acesso em 18 de janeiro de 2022.

Indicadores e. do C. 2015. (2016). Secretaria de Gestão e Planejamento do Estado do Ceará: Instituto de Pesquisa e Estratégia econômica do Ceará (IPECE). Fortaleza. Último acesso em 18 de janeiro de 2022.

(1997): terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / *Secretaria de Educação Básica, Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF. (a)*

Parâmetros Curriculares Nacionais. (1998). Pluralidade Cultural e Orientação Sexual. *Secretaria de Educação Básica, Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF. (b)*

Parâmetros Curriculares Nacionais. (1998). Língua Portuguesa. *Secretaria de Educação Básica, Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF. (c)*

Parâmetros Curriculares Nacionais. (2000). Linguagem, Códigos e suas Tecnologias. *Secretaria de Educação Básica, Ensino Médio – Parte II. Brasília: MEC/SEF. (d).*

Planejamento p. e r. (2019). Secretaria de Planejamento e Gestão. IPECE, *Caderno regional Litoral Oeste, Vale do Curu.*

Superior. R. da E. de E. (2021). Ceará: IBGE. Último acesso em 09 de julho de 2022.

Relatório. C. A. de 2019. (2020) Secretaria de Cultura de Juazeiro do Norte. Relatório cultural anual de 2019.

Relatório A. de 2019. (2020) Secretaria de Finanças do município de Pentecoste.

Relatório C. A. de 2019. (2020). Secretaria de Cultura do município de Pentecoste.

.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abreu, C. (2019). *Capítulos de história colonial*. Editora: Independently Published.
- Afonso, L. (2015). O surgimento da capacidade da fala. Google acadêmico. (20/ 06/2022)
- Almeida, J. J. (2014). Dicionário aberto de calão e expressões idiomáticas. Outubro. Google acadêmico. (16/06/2022)
- Alves, I. M. (1984). “A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico português”. *ALFA: Revista de Linguística* 28.1. Google Acadêmico. (13/07/2017).
- Alves, M. A. (2013). Análise de neologismos por empréstimos no português brasileiro. *Caligrama: Revista de Estudos Românicos*, 18(2), 31-50.
- Amaral, A. (2020). *O dialeto caipira*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Andrade, R. C. de. (2012). “A variação linguística no ensino de língua portuguesa”. *Eventos Pedagógicos* 3.1: 537-546. Google Acadêmico. (13/10/ 2017).
- Anocibar, A. E. (2016). Empréstimos do espanhol em dicionários gerais de português: proposta para o seu tratamento e marcação. Google Acadêmico. (12/07/2022)
- Aragão, M. D. S. S. D. (2020). Atlas linguístico da Paraíba. Google acadêmico. (13/09/2021)
- Aranha, M. L. de A. (2020). *História da educação e da pedagogia: geral e Brasil*. rev. e ampl. São Paulo: Moderna.
- Azevedo, O. da S. (2013). Dialectais do português da região norte do Brasil: um estudo sobre as vogais pretônicas e sobre o léxico no Baixo Amazonas (PA) e no Médio Solimões (AM). Google Acadêmico (09/01/2017).
- Bagno, M. (2015). *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz?* São Paulo: Parábola.
- Bardin, L. (2015). *Análise de conteúdo*. Lisboa: 1ª. Ed. Lisboa: Edições70.
- Barléu, G. (2016). *O Brasil holandês sob o conde João Maurício de Nassau*. Brasília, DF: Editora Senado Federal.
- Bastos, M. H. C. (2016). A educação dos escravos e libertos no Brasil: vestígios esparsos do domínio do ler, escrever e contar (séculos XVI a XIX). *Cadernos de História da Educação*, 15(2), 743. Google Acadêmico (12/03/2022).
- Batista C. A. A. & Batista, H. G. (2020) *Breve historia dos municípios do Cariri cearense: fatos e dados*. Fortaleza: Edições INESP.
- Bechara, E. (2020). *Dicionário escolar da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nacional, 2ª edição.
- Belini, R. G. D. C., & Sousa, M. M. F. D. (2014). A variação linguística no livro didático: um olhar sob a perspectiva sociolinguística. Google acadêmico (15/05/2022)

- Cereja, W. R., & Magalhães, T. C. (2020). *Gramática: texto, reflexão e uso*. São Paulo: Editora Atual didáticos, 6ª edição.
- Costa, D. de S. S., & Isquierdo, A. N. (2015). A Presença de Tupinismos na Língua falada na Região Centro-Oeste do Brasil: um estudo no campo léxico da fauna. *doi: 10.5216/LEP.V. 14i2. 14725. Linguagem: Estudos e Pesquisas, 14.2*. Goiás: UFG.
- Cunha, C. (2018). “Atlas linguístico do Brasil: uma análise das questões de prosódia”. In: Mota, J.A.; Cardoso, S.A M.(Org.). Diadorim, Rio de Janeiro, vol. 20 – *Especial, Portal de periódicos da UFRJ*.
- D’angelis, W. da R., Aryon Rodrigues: (2014) 70 anos dedicados à Linguística e às Línguas Indígenas. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada. DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, 30*, 503-512.
- Da Silva S., I., & Timbane, A. A. (2021). *A Identidade Linguística Brasileira e Portuguesa: Duas Pátrias, uma Mesma Língua?* Curitiba: Editora Appris.
- Del Priori M., & Venâncio, Renato P. (2016). *Uma breve história do Brasil*. São Paulo: Crítica.
- De Meneses, A. D. F. (2014). Os açorianos na estruturação do Brasil do Sul: as levas de meados do século XVIII. CEPESE | *Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade*. Universidade do Porto e pela Fundação Engenheiro António de Almeida. <https://www.cepese.pt/portal/pt/publicacoes/obras/portugal-e-as-migracoes-da-europa-do-sul-para-a-america-do-sul/os-acorianos-na-estruturacao-do-brasil-do-sul-as-levas-de-meados-do-seculo-xviii>. Google acadêmico. (15/08/2022).
- dos Santos, A. F., de Jesus, G. G., & Battisti, I. K. (2021). Entrevista semiestruturada: considerações sobre esse instrumento na produção de dados em pesquisas com abordagem qualitativa. *Salão do Conhecimento, 7(7)*.
- dos Santos, C. R. M. (2014). Diferenças Léxico-semânticas do Português do Brasil e de Portugal. *Revista Philologus Virtual*.
- Editora, P. (2013). *Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico*. Porto: Editora Porto, nova edição.
- Fausto, B., & Fausto, S. (2019). *História do Brasil*. Vol. 1. São Paulo: Edusp.
- Ferreira, P. A. (2015). Emigração portuguesa no século XVIII: de Entre-Douro-e-Minho para o Brasil. *AmPhora, 3*, 13-17. Google acadêmico. (15/05/2021)
- Figueredo, L. O., & Zanelatto, J. H. (2017). < b> Trajetória de migrações no Brasil. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences, 39(1)*, 77-90.
- Fiorin, J. L., & Petter, M. M. T. (2014). *África no Brasil: a formação da língua portuguesa – 2ª. ed., Iª reimpressão.-* São Paulo: Contexto.
- Fischer, L. A. (2022). *Dicionário de porto-alegrês*. Porto Alegre: L&pm editores.
- Fonseca, J. J. S. (2017). *Metodologia da Pesquisa Científica*. 1ª edição Sobral.

- Furtado, S. R. (2010). *Léxico e Identidade Lingüística: Formação do vocabulário do português-brasileiro pelos estrangeirismos*. Mestrado em Língua Portuguesa. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo–PUC. Google Acadêmico. (07/ 09/2016).
- Gerhard, T. E., & Silveira, T. D. (2009). *Métodos de Pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRG.
- Gileno, C. H. & Medeiros, R. D. (2019). "Da costa ocidental africana ao Brasil: caminhos da escravidão." *Ciência & Trópico*. Google acadêmico. (15/08/2016)
- Gomes, L. (2015) *1808: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil*. Rio de Janeiro: Globo Livros.
- Gonçalves, P. C. (2017) Escravos e imigrantes são o que importam: fornecimento e controle da mão de obra para a economia agroexportadora Oitocentista. *SciELO Almanack [online]*, n. 17 [Acessado 28 Julho 2022], pp. 307-361. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2236-463320171710>>. Epub Sep-Dec 2017. ISSN 2236-4633.
- Grobel, M. C. B., & Telles, V. L. C. N. (2014). Da comunicação visual pré-histórica ao desenvolvimento da linguagem escrita, e, a evolução da autenticidade documentoscópica. *Revista Acadêmica Oswaldo Cruz*, 1(1). Google acadêmico.
- Guerreiro, M. B. N. (2016). Influências indígenas e africanas no léxico do português do Brasil. (Doctoral dissertation). Google acadêmico. (17/07/2022).
- Guimarães, Eduardo. (2005). A língua portuguesa no Brasil. *Ciência e Cultura*, 57 (2), 24-28. Recuperado em 20 de outubro de 2022, de http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000200015&lng=en&tlng=pt.
- Guimarães, E. & Orlandi, E. P. (2012). *Língua e cidadania: o português no Brasil*. São Paulo: Hil, 1ª edição.
- Houaiss, I.A. (2015). *Pequeno dicionário Houaiss da Língua portuguesa*. São Paulo: Editora Moderna.
- Jacob, P. (2021). *Dicionário da língua popular da Amazônia*. Manaus: Academia Amazonense de letras.
- Lacerda, R. & Lanzellotti, J. (2021). *Estórias e lendas de Goiás e Mato Grosso*. Rio de Janeiro, Petrópolis: Literart.
- Lima, S. E. M. (2017) (organizador). *A importância da Espanha para o Brasil : história e perspectivas*. DF. Brasília : FUNAG.
- Lucchesi, D., Baxter, A. N., & Ribeiro, I. (2009). *O português afro-brasileiro*. Bahia: Edufba.
- Lucchesi, D. (2012). A deriva secular na formação do português brasileiro: uma visão crítica. In LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., and RIBEIRO, S., orgs. Rosae: orgs. Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias [online]. Salvador:

- EDUFBA, 2012, pp. 249-274. ISBN 978-85-232-1230-8. Available from SciELO Books . (08/07/2022)
- Lucchesi, D. (2015). *Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- Lucchesi, D. (2017). A periodização da história sociolinguística do Brasil. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 347382. Google acadêmico (07/04/ 2019)
- Matos e Silva in Cardoso, L., Carneiro, Z., & Lacerda, M. (2021). Para um estudo da formação do português brasileiro: descrição, representatividade e potencialidades do corpus colonial doCE-DOHS. *LaborHistórico*,7(espec),330-355.doi:https://doi.org/10.24206/lh.v7iespec. 41843.
- Minayo, M. C. de S. (org.). (2016). *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. 18 ed. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes.
- Moreira, F. D. A. (2020). *O dialeto caipira de Amadeu Amaral e suas reminiscências na linguagem de regiões rurais da Zona da Mata mineira*. São Carlos: Pedro e João editores.
- Navarro, F. (2013). *Dicionário do Nordeste*. Recife: Companhia editora de Pernambuco. CEPE.
- Nobre, W. C. de A. (2013). Introdução à história das línguas gerais no Brasil: processos distintos de formação no período colonial. *Salvador: UFBA*.
- Oliveira, L. E. and Franco J. E. (2016): "O Marquês de Pombal e a invenção do Brasil: coordenadas históricas." *Revista de Estudos de Cultura* 25-36. Google Acadêmico. (08/06/2021)
- Oliveira, L. M. D. (2017). Do neologismo ao empréstimo: a Itália descobre o Brasil? Ou o Brasil descobre a Itália? De volta ao futuro da língua portuguesa. *Atas do V SIMELP-Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa*, 689-700. Google Acadêmico. (08/06/2021)
- Ortale, F., Maggio, G., & Baccin, P. (2015). Identidade e bilinguismo em contexto de núcleo familiar de imigrantes italianos. *Revista de Italianística*, (30). Google Acadêmico. (04/05/2017)
- Ostrower, F. (2014). *"Criatividade e processos de criação."* Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes: 30ª edição.
- Paulista, M. L. L. (2016). Variação linguística: primórdios, conceitos e metodologia/linguistic variation: origins, concepts and methodology. *Revista Ecos*, 21(02). Gogle acadêmico. (13/09/2021)
- Perrone-moysés, L. (2013). *Cinco séculos de presença francesa no Brasil: invasões, missões, irrupções*. São Paulo: Edusp.
- Reto, L. A. (2012). *Potencial económico da língua portuguesa*. Portugal, Amadora: Leya.

- Rodrigues, A. G. P., de Araújo, A. A., & de Aragão, M. D. S. S. (2013). Enfraquecimento de fricativas no atlas linguístico do Ceará: uma abordagem sócio-dialetal. *Trama*, 9(18), 53-64. *Gogle acadêmico*. (18/02/2020)
- Rodrigues, R. N. (2019). *Os africanos no Brasil*. São Paulo: Madras 1ª edição.
- Rosa, J. M. (2013). *Galicismos no português do Brasil: uma abordagem lexicográfica*. *Google acadêmico*. (12/07/2017)
- Ruseishvili, S. (2016). *Ser russo em São Paulo: os imigrantes russos e a (re) formulação de identidade após a Revolução bolchevique de 1917 (Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo)*. *Google acadêmico*. (03/01/2019)
- Saussure, F. de. (2012). *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix.
- Severo, C. G. (2015). "A açucarada língua portuguesa: lusotropicalismo e lusofonia no século XXI." *Revista Brasileira de Linguística Aplicada* 15.1. *Scielo*.
- Silva, J. D. S. (2019). Um "oásis" chamado Cariri: Instituto Cultural do Cariri, natureza, paisagem e construção identitária do sul cearense (1950-1970). *Google acadêmico*. (07/07/2022).
- Silva, M. L. D. (2012). *Atlas linguístico do ceará: uma análise das variações lexicais*. *Google Acadêmico*. (15/07/2022).
- Soares, I. V. P. (2020). Cidadania cultural e direito à diversidade linguística: a concepção constitucional das línguas e falares do Brasil como bem cultural. In *Anais do IV Congresso Mundial de Justiça Constitucional - Volume 3: justiça constitucional e os direitos fundamentais de terceira dimensão*. Handel Martins Dias · Anizio Pires Gavião Filho · Eduardo Andrés Velandia Canosa; Minas Gerais, Belo Horizonte: Editora Dialética.
- Spinassé, K. P. (2015). "Os imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil: a língua como factor identitário e inclusivo." *Revista de Ciências Semantic Scholar*.
- Strickland, C.; B, J. (2018). *Arte comentada: da pré-história ao pós-moderno*. Rio de Janeiro: Nova fronteira.
- Teyssier, P. (2014). *História da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes. 4ª edição.
- Travaglia, L. C. (2017) *Gramática ensino plural*. São Paulo: Cortez Editora,
- Varotto, D., & Silva, F. M. (2019). O anglicismo no Dicionário Aurélio. *Confluência*, 329-346. *Google acadêmico*. (16/12/2021)
- Waldman, T. C. (2012). *O acesso à educação escolar de imigrantes em São Paulo: a trajetória de um direito (Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo)*. <https://doi.org/10.11606/D.2.2012.tde-15082013-101420>. *Google acadêmico*. (11/07/ 2022)
- Zamberlam, J. (2004). *O processo migratório no Brasil e os desafios da mobilidade humana na globalização*. Porto Alegre: Pallotti.

Anexos

Apêndice I – Roteiro das Entrevistas

Essa parte pós-textual é composta pelo roteiro das ENTREVISTAS e pela transcrição das mesmas, as quais foram realizadas nos dois municípios pesquisados, Pentecoste e Juazeiro do Norte, que são o objeto de estudo e análise desta dissertação.

Vale ressaltar que este mesmo roteiro foi aplicado aos 12 (doze) entrevistados.

Roteiro das entrevistas:

01. Como você chama uma pessoa que parece não acompanhar direito as situações que acontecem?
02. Como você chama as pessoas que parecem não ter o juízo certo?
03. Quando acontece algo que não deveria ter acontecido tem alguma expressão interjetiva que você usa? Quais são?
04. Qual expressão você usa quando alguém diz uma bobagem?
05. Nome do objeto de cabresto usado para calçar?
06. Qual expressão você usa quando quer que alguém aja ou reaja a uma situação?
07. Qual é o nome dado as regiões que não pertencem a zona urbana do município?
08. Expressão usada para demonstrar que algo ou alguém vive por aí sem ter quem cuide?
09. Diz-se de alguém ou de algo muito enfeitado.
10. Expressão usada para designar o estado de espírito da pessoa que não sabe o que fazer diante de uma situação difícil.
11. O que se diz da pessoa que está perdido, não consegue se localizar?
12. Denominação dada a pessoa que não sabe agir diante das situações?
13. Interjeição de espanto cearense.
14. Diz-se da pessoa que é o máximo

15. Regionalismo dito da pessoa que está apaixonado.
16. Levantar alguma coisa.
17. Expressão que designa a pessoa valente.
18. Dar a volta em alguma coisa.
19. sinônimo de bagunça.
20. Sinônimo de cabelo despenteado.

Apêndice II

Transcrição da entrevista com professor representante dos adultos da zona urbana de Juazeiro do Norte.

Entrevistador: sou professora de uma escola de Ensino Médio do município de Pentecoste. Sou mestranda da Universidade Lusófona de Portugal e do UNINTA de Sobral e estou na sua região para fazer o meu trabalho de pesquisa sobre linguística. O meu tema é: A utilização da Língua portuguesa em duas regiões do estado do Ceará: Educação comparada entre a língua mãe e a vigente. E as perguntas que farei ao senhor são de vocabulário. Eu estou em busca dos regionalismos do lugar, da fala, daquilo que comumente, a gente acha que é erro, porque não é a linguagem padrão. O senhor poderia responder a minha pesquisa?

Entrevistado: Sim. Posso sim.

Entrevistador: Qual a sua idade?

Entrevistado: 44 anos.

Entrevistador: Qual a sua profissão?

Entrevistado: Professor.

Entrevistador: Há quanto tempo o senhor está nessa profissão?

Entrevistado: Há 22 anos.

Entrevistador: Tem uns diazinhos né!

Entrevistado: Já. Já tenho uma longa estrada!

Entrevistador: Qual o seu nível de instrução?

Entrevistado: Especialização em Química.

Entrevistador: O senhor é das ciências exatas.

Entrevistado: Sou formado em Geografia e em Química.

Entrevistador: Há quanto tempo o senhor reside nessa cidade?

Entrevistado: Desde quando nasci, há 44 anos.

Entrevistador: O senhor vê alguma diferença na linguagem utilizada na sede do município para a utilizada na zona rural?

Entrevistado: São poucas, algumas diferenças são as pronúncias em português, identificadas por erros de linguagem coloquial.

Entrevistador: Professor, vamos começar com as perguntas de vocabulário. OK?

Entrevistado: Ok!

Entrevistador: Pergunta de número 01. Como o senhor chama as pessoas que parecem não acompanhar bem as situações que acontecem?

Entrevistado: aéreo.

Entrevistador: Pergunta de número 02. Como o senhor chama as pessoas que parece não ter o juízo muito certo?

Entrevistado: Abirobado.

Entrevistador: É comum aqui essa palavra abirobado?

Entrevistado: É abirobado, desajuizado!

Entrevistador: Pergunta de número 03: Quando acontece algo que não deveria ter acontecido tem alguma expressão?

Entrevistado: não sei.

Entrevistador: Pergunta de número 04. Qual expressão você usa quando alguém diz uma bobagem?

Entrevistado: Asneira.

Entrevistador: Pergunta de número 05. Nome do objeto de cabresto usado para calçar?

Entrevistado: A senhora tá perguntando a correia da chinela.

Entrevistador: Aqui vocês não conhecem cabresto?

Entrevistado: não, é correia. A correia da chinela. A correia da chinela quebrou, torou como eles dizem.

Entrevistador: Pergunta de número 06. Qual expressão você usa quando quer que alguém aja ou reaja a uma situação?

Entrevistado: Se alua, se acorde! Aluir é o que mais comumente a gente usa aqui.

Entrevistador: Tá bom! Pergunta de número 07. Qual é o nome dado as regiões que não pertencem a zona urbana do município?

Entrevistado: Sítio, zona rural.

Entrevistador: Interessante! Pergunta de número 08. Expressão usada para demonstrar que algo ou alguém vive por aí sem ter quem cuide?

Entrevistado: rejeitado.

Entrevistador: Pergunta de número 09. Diz-se de alguém ou de algo muito enfeitado.

Entrevistado: emperiquitado demais!

Entrevistador: Pergunta de número 10. Expressão usada para designar o estado de espírito da pessoa que não sabe o que fazer diante de uma situação difícil?

Entrevistado: abobado.

Entrevistador: Pergunta de número 11. O que se diz da pessoa que está perdido, não consegue se localizar?

Entrevistado: Desnortado!

Entrevistador: Pergunta de número 12. Denominação dada a pessoa que não sabe agir diante das situações?

Entrevistado: Pessoa sem ação.

Entrevistador: Pergunta de número 13. Interjeição de espanto cearense.

Entrevistado: Oxe!

Entrevistador: Pergunta de número 14. Diz-se da pessoa que é o máximo

Entrevistado: Fulano é arretado.

Entrevistador: Pergunta de número 15. Regionalismo dito da pessoa que está apaixonado.

Entrevistado: Fulano tá doido por cicrano que tá arriado os quatro pneus e o step.

Entrevistador: Pergunta de número 16. Levantar alguma coisa? Um sinônimo para levantar.

Entrevistado: Mais corriqueiramente se usa arribar. Aqui o pessoal da zona rural usa muito o

arribar.

Entrevistador: Pergunta de número 17. Expressão que designa a pessoa valente?

Entrevistado: Brabo!

Entrevistador: Pergunta de número 18. Dar a volta em alguma coisa?

Entrevistado: Arrodear.

Entrevistador: Pergunta de número 19. Sinônimo de bagunça?

Entrevistado: Barraco, muvuca, acho que são os termos mais usados aqui.

Entrevistador: Pergunta de número 20. Sinônimo de cabelo despenteado?

Entrevistado: arrupiado!

Apêndice III

Transcrição da entrevista com o senhor da zona urbana de Juazeiro do Norte.

Entrevistador- Pergunta de número 01: Como é que o senhor chama uma pessoa que parece não acompanhar direito as situações que acontecem?

Entrevistado: Eu como professor sempre procuro ver se eu fui claro com a pergunta, ter cuidado com a colocação que eu fiz. Às vezes a gente chega lá e pensa que a pessoa compreendeu, mas, tenho que saber como lidar com eles e o nível da turma.

Entrevistador- Pergunta de número 02: Como é que o senhor chama uma pessoa que parece não ter o juízo muito certo?

Entrevistado: doido, tem gente que diz: Essa cruz pra carregar.

Entrevistador- Pergunta de número 03: Quando acontece algo que não deveria ter acontecido tem alguma expressão interjetiva que você usa? Quais são?

Entrevistado: puts.

Entrevistador: É comum esta expressão aqui na região?

Entrevistado: é! Isso é lá da década de 70, que as pessoas falavam, mas geralmente é orra, ai outros, falam porra.

Entrevistador- Pergunta de número 04: Qual expressão o senhor usa quando alguém diz uma bobagem?

Entrevistado: É besta, animal. Cada povo tem sua cultura e seu modo de falar né, mas, nenhuma cultura é melhor que a outra.

Entrevistador- Pergunta de número 05: Nome do objeto de cabresto, usado para calçar?

Entrevistado: chinelo, sandália, zapragata.

Entrevistador: O senhor já sabia o que é cabresto?

Entrevistado: já sabia. Até porque também é usado para tratar animais.

Entrevistador- Pergunta de número 06: Qual expressão o senhor usa quando quer que alguém

haja ou reaja diante de uma situação?

Entrevistado: da uma levantada, eu costumo dizer, vamos Lá você pode!

Entrevistador- Pergunta de número 07: Qual é o nome dado as regiões que não pertencem a zona urbana do município?

Entrevistado: sítio, zona urbana.

Entrevistador- Pergunta de número 08: Expressão usada para demonstrar que alguém vive por aí sem ter quem cuide?

Entrevistado: disbundado

Entrevistador: Pergunta de número 09: Diz-se de alguém ou algo muito enfeitado?

Entrevistado: papagaiado

Entrevistador- Pergunta de número 10: Expressão usada para designar o estado de espírito da pessoa que não sabe o que fazer diante de uma situação difícil?

Entrevistado: atrapalhado.

Entrevistador – Pergunta de número 11: O que diria da pessoa que está perdido, que não consegue se localizar?

Entrevistado: ariado.

Entrevistador- Pergunta de número 12: Denominação dada à pessoa que não sabe agir diante das situações?

Entrevistado: perdido.

Entrevistador- Pergunta de número 13: Interjeição de espanto cearense?

Entrevistado: uh!,oh!

Entrevistador- Pergunta de número 14: Diz-se da pessoa que é um Máximo?

Entrevistado: top.

Entrevistador- Pergunta de número 15: Regionalismo dito da pessoa que está apaixonada?

Entrevistado: amarrado, arriado.

Entrevistador- Pergunta de número 16: Levantar algo?

Entrevistado: a gente usa muito levantar, mais tem gente que diz arriba.

Entrevistador- Pergunta de número 17: Expressão que designa a pessoa valente?

Entrevistado: bravo.

Entrevistador: Aqui vocês usam cabra da peste?

Entrevistado: não, cabra da peste era mais na época do lampião, mas com o tempo foi mudando, até por que, cabra macho, cabra da peste, era muito usado na questão das doenças, ou então o pessoal.

Entrevistador- Pergunta de número 18: Dar a volta em algo?

Entrevistado: arruinar.

Entrevistador- Pergunta de número 19: Sinônimo de bagunça?

Entrevistado: é bagunça mesmo!

Entrevistador- Pergunta de número 20: Sinônimo de cabelo despenteado?

Entrevistado: assanhado.

Apêndice IV

Transcrição da entrevista com aluno representante da zona urbana de Juazeiro do Norte.

Entrevistadora- Bom Dia Lívia! Eu sou a professora Mailza. Sou do município de Pentecoste. E estou fazendo a minha pesquisa de mestrado tá? A minha pesquisa de mestrado tem como tema a utilização da Língua portuguesa em duas regiões do estado do Ceará: educação comparada entre a língua mãe e a vigente. Certo? E eu vou fazer uma comparação entre a língua mãe (norma padrão) fazendo um paralelo entre a língua falada em Pentecoste e a língua falada aqui no município de Juazeiro do Norte. Eu escolhi esses dois municípios do estado porque ficam a 600 km de distância um do outro. Tá?! Então eu queria investigar se essa distância e os fatores históricos influenciaram alguma mudança no modo de falar. Você aceita participar da pesquisa?

Entrevistada- aceito!

Entrevistadora- Obrigada! Podemos começar?

Entrevistada- podemos.

Entrevistadora- certo! Você é natural daqui do município de Juazeiro do Norte?

Entrevistada- Sim sou daqui!

Entrevistadora- É, qual é a sua idade Lívia?

Entrevistada- É! 18 anos.

Entrevistadora- E qual é a sua profissão?

Entrevistada- minha profissão? Eu sou estudante e eu trabalho no banco, na caixa.

Entrevistadora- É! Há quantos anos você exerce essa profissão lá na caixa?

Entrevistada- faz 05 meses!

Entrevistadora- pouco tempo né! Seu primeiro emprego?

Entrevistada- é!

Entrevistadora- tá! Qual seu nível de instrução?

Entrevistada- da escola assim? 3º ano.

Entrevistadora- Eu gostaria de lhe fazer algumas perguntas de vocabulário. Pergunta de número 01: Vamos lá! É... Como é que você chama uma pessoa que parece não acompanhar direito as situações que acontecem?

Entrevistadora- (a entrevistadora tenta explicar melhor a pergunta) as coisas estão acontecendo e a pessoa nem... nem é com ela. Ela não tá nem percebendo.

Entrevistada- Que é com ela. Que tá chamando ela tipo assim...

Entrevistadora- É!

Entrevistada- Eu chego nela falo...ó mulher é isso, isso, tão falando com você e tal...
(entrevistadora interrompe para tentar explicar melhor)

Entrevistadora- Mas, mas tem assim alguma palavra que você usa para designar essa pessoa.

Entrevistada- O nome dela.

Entrevistadora- O nome dela?

Entrevistada- O nome dela!

Entrevistadora- Ok! É! Pergunta de número... me perdi. Pergunta de número 02. Como é que você chama uma pessoa que parece não ter o juízo muito certo? Só parece!

Entrevistada- Pelo nome, porque todos devem ser tratados igual, não ser diferenciado porque somos todos iguais.

Entrevistadora- E pelas costas?

Entrevistada- E pelas costas?

Entrevistadora- Hum!

Entrevistada- Do mesmo jeito! que ninguém deve tá falando de ninguém pelas costas tem que chegar e falar.

Entrevistadora- Tá! Pergunta de número 03: Quando acontece algo que não deveria ter acontecido tem alguma expressão interjetiva que você usa? (a entrevistada demonstrou com uma expressão facial e com um gesto de mãos que não havia entendido o questionamento) Quando alguma coisa dá errado?

Entrevistada- Quando alguma coisa dá erradooo?

Entrevistadora- É. Tem alguma expressão, alguma interjeição que você usa?

Entrevistada- Ah eu uso a expressão de pedir a Deus pra dar certo, novamente e fazer tudo novamente.

Entrevistadora- Tá! E tem alguma expressão cearense que você usa?

Entrevistada- Eu acho assim que a pessoa vive no Ceará né! Todos nós temos o sotaque do Ceará. Se a gente for pra outro lugar, vão achar estranho o nosso sotaque

Entrevistada- Humrum!

Entrevistada- Acho que eu tenho, só que eu não percebo alguém de fora é que percebe.

Entrevistadora- Tá! Continuando... Pergunta de número 04: Qual expressão você usa quando alguém diz uma bobagem?

Entrevistada- Ah eu fico calada! Eu não sou de criticar não!

Entrevistadora- Tá joia! Pergunta de número 05: Nome do objeto de cabresto usado para calçar?

Entrevistada- Como assim essas... (aponta para as correias da sandália)

Entrevistadora- Não cabresto! Vocês não sabem o que é o cabresto, aqui? É tipo é assim, aquele cabrestinho assim (diz mostrando no pé o que seria um cabresto).

Entrevistada- É o cabresto que nós chama.

Entrevistadora- Mas como é o nome do objeto?

Entrevistada- Não sei.

Entrevistadora- Da sandália?! (expressando admiração devido a resposta da jovem.)

Entrevistada- É sandália!

Entrevistadora- Vocês chamam sandália aqui?

Entrevistada- É sandália!

Entrevistadora- Aqui vocês não usam chinelo?

Entrevistada- É chinelo, havaiana, mas é mais sandalinha ou havaiana que chama!

Entrevistadora- Tá! Chinelo é menos?

Entrevistada- É. Chinelo é menos!

Entrevistadora- Tá bom! Pergunta de número 06: Qual expressão você usa quando quer que alguém haja ou reaja diante de uma situação?

Entrevistada- Ah eu quero que façaaaaaa... que faça, como é que se diz? O seu dever, que vai e resolva o problema que tá acontecendo no momento.

Entrevistador: No caso se fosse sua amiga?

Entrevistado: Eu ia chegar nela e chamar ela pra conversar, e pedir para se abrir comigo, como ela é minha amiga poderia confiar em mim.

Entrevistador: Pergunta de número 07. Qual é o nome dado as regiões que não pertencem a zona urbana do município?

Entrevistado: sítio.

Entrevistador: Pergunta de número 08. Expressão usada para algo ou alguém que vive por aí sem ter quem cuide?

Entrevistado: Aqui o povo chama de mendigo, que mora na rua, ninguém cuida.

Entrevistador: Pergunta de número 09. Diz-se de alguém ou algo que está muito enfeitado?

Entrevistado: Palhaço.

Entrevistador: Tem alguma outra expressão?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: Na minha região usa muito apapagaiado.

Entrevistado: É também.

Entrevistador: Tem algum outro sinônimo?

Entrevistado: Amostrado.

Entrevistador: Pergunta de número 10. Expressão usada para designar a pessoa que não sabe o que fazer diante de uma situação difícil?

Entrevistado: O povo daqui qualquer coisa entra em depressão, começa a chorar, são muito dramáticos.

Entrevistador: Pergunta de número 11. O que se diz da pessoa que está perdida, não consegue se localizar?

Entrevistado: Tá perdida ou então tá ariada.

Entrevistador: Pergunta de número 12. Denominação da pessoa que não sabe agir diante das situações?

Entrevistado: O povo chama de abestado quando a pessoa não tá ligando pra vida.

Entrevistador: Pergunta de número 13. Interjeição de espanto cearense.

Entrevistado: Oxe, usa muito oxe!

Entrevistador: Tem algum sinônimo?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: Pergunta de número 14. Diz-se da pessoa que se acha muito importante?

Entrevistado: Apresentado, que tá se mostrando pras pessoas.

Entrevistador: Pergunta de número 15. Regionalismo dito da pessoa que está apaixonada?

Entrevistado: Tá gostando de uma menina é assim...

Entrevistador: Pergunta de número 16. Sinônimo para levantar alguma coisa?

Entrevistado: Levantar e a mesma palavra.

Entrevistador: Vocês usam arribar aqui?

Entrevistado: Não muito, mas os mais velhos costumam dizer.

Entrevistador: Pergunta de número 17. Expressão que designa uma pessoa valente?

Entrevistado: Barraqueira, aqui é barraqueira.

Entrevistador: Apenas sendo valente não sendo confuseiro?

Entrevistado: É apenas barraqueiro.

Entrevistador: E se for um homem?

Entrevistado: Homem é briguento.

Entrevistador: Pergunta de número 18. Dá a volta em alguma coisa?

Entrevistado: Aqui é arrudear.

Entrevistador: Pergunta de número 19. Sinônimo de bagunça.

Entrevistado: Desorganizado.

Entrevistador: Pergunta de número 20. Sinônimo de cabelo despenteado.

Entrevistado: Cabelo embuchado.

Apêndice V

Transcrição da entrevista com o adulto da zona rural de Juazeiro do Norte- Ce.

Entrevistadora – Boa tarde, professor!

Entrevistado- Boa tarde!

Entrevistadora- Eu sou a professora Mailza de Pentecoste e estou aqui na sua cidade, cidade de Juazeiro com o objetivo de fazer uma pesquisa para o meu mestrado. Sou mestrande da Lusófona, Universidade de Portugal, e do INTA de Sobral. O tema da minha pesquisa é A utilização da Língua portuguesa em duas regiões do estado do Ceará: educação comparada entre a língua mãe e a vigente, que é a que nós falamos hoje. E gostaria de lhe fazer algumas perguntas sobre a educação, mas primeiro, sobre o senhor. E depois eu vou fazer algumas perguntas especificamente sobre a língua local, tá? Aqui de Juazeiro do Norte. Tá bom? Qual o seu nome completo?

Entrevistado – Tá bom!

Entrevistadora- Qual é a sua profissão?

Entrevistado- professor.

Entrevistadora- De qual disciplina?

Entrevistado- Matemática.

Entrevistadora- É mesmo?

Entrevistado- É!

Entrevistadora- Pesado né?

Entrevistado- É um pouco. Tem que... ter um pouco de paciência aí, no decorrer das aulas aí, e força de vontade também pra conseguir ensinar a disciplina aos alunos...

Entrevistadora- Há quantos anos o senhor está nessa profissão?

Entrevistado- Tô com 08 anos em sala de aula.

Entrevistadora- Qual é o seu nível de instrução?

Entrevistado – Superior completo.

Entrevistadora- O senhor tem... é...

Entrevistado- Pós-graduação né. Pós-graduação em Educação Matemática pela FIP. A licenciatura foi no IFCE.

Entrevistadora- Há quanto tempo o senhor reside nessa cidade?

Entrevistado- Desde que nasci, sempre na zona rural.

Entrevistadora- Ótimo!

Entrevistado- De Juazeiro.

Entrevistadora – O senhor que vem de uma comunidade do interior, nota muita diferença entre o português falado na sua comunidade e o português falado aqui na sede?

Entrevistado- Noto! Inclusive mesmo você com... que adquiriu certo conhecimento da, do estudo, você tem dificuldade de se comunicar corretamente porque você fica ouvindo aquelas palavras todo dia ali. Você acaba sabe que tá errado, mas acaba pronunciando errado, falando errado, pra seguir aquela, aquele padrão lá, que você tá ouvindo todo dia.

Entrevistadora- mas professor não é errado não, certo? É os regionalismos, tá certo? São os regionalismos. São as palavras que são típicas daquela região. Não é erro não viu? Não tem nada de erro, muito pelo contrário, é uma riqueza pra nossa língua portuguesa. Essa variedade só vem enriquecer a nossa língua viu?

Entrevistado – Então quer dizer que dizer mió...

Entrevistadora- Não é errado! Não está errado! É um regionalismo do lugar. Não é nem vício de linguagem não. Viu? É regionalismo.

Entrevistado- É... (meio em dúvida), pois, eu aceitava mais achando que é por falta de conhecimento né! Mas aí eu me deparando com essa nova realidade aqui. (risos, que denotam descrença).

Entrevistadora- È, professor, eu vou lhe fazer algumas perguntas do vocabulário da região. Certo? (pequena interrupção da explicação pelo entrevistado com a expressão de concordância, tá certo) como é que as pessoas falam aqui na região (continuação da

explicação) È, pergunta de número 01: Como você chama uma pessoa que parece não ter o juízo certo? Só parece.

Entrevistado- Chama de de (repetição da preposição de) ariado, chama de biléu.

Entrevistadora- As pessoas da sua idade usam esse tipo de regionalismo?

Entrevistado- É, usam esse tipo de de (repetição da preposição de) regionalismo, pra dizer que o juízo dele num num (repetição da variante regional negativa que corresponde ao advérbio de negação não) , que ele não gira bem né?

Entrevistadora- Gostei!

Entrevistado- Seria essa ideia

Entrevistadora- Pergunta de número 02. Quando acontece algo que não deveria ter acontecido, algo que deu errado, tem alguma expressão interjetiva que o senhor usa?

Entrevistado- Imprevisto.

Entrevistadora- Quando o senhor é pego de surpresa, como é que o senhor se expressa nesse momento?

Entrevistado- No momento agora me falha a memória. Eu digo que aconteceu um imprevisto. Não tenho um...

Entrevistadora- Tá joia! Pergunta de número 03. Qual expressão você usa quando alguém diz uma bobagem?

Entrevistado- Falou uma besteira.

Entrevistadora- Pergunta de número 04. Nome do objeto de cabresto usado para calçar?

Entrevistado- É... lepo, lepo.

Entrevistadora- È mesmo?! (Expressando admiração e incredulidade ao mesmo tempo)

Entrevistado- É! Aquelas sandálias de couro, né?! (Esse né indica confirmação do que já foi dito)

Entrevistadora- legal! Gostei! (Expressando admiração) Pergunta de número 05: Qual expressão você usa quando quer que alguém aja ou reaja a uma situação?

Entrevistado- Chama de agé né?! A pessoa é uma pessoa agé, uma pessoa que não tá nem aí pra nada! Diz é assim! Dirlexado né!? Na verdade é o dirlexado.

Entrevistadora- Tá! Pergunta de número 06: Qual é o nome dado as regiões que não pertencem a zona urbana do município?

Entrevistado: sítio.

Entrevistadora- Pergunta de número 07: Expressão usada para demonstrar que algo ou alguém vive por aí sem ter quem cuide?

Entrevistado- Desbundado.

Entrevistadora- Usa mais alguma outra expressão?

Entrevistado- Usa essa daí, desbundado! É o que mais usa. O que não tem dono né! No meio da rua.

Entrevistadora- È, é desse jeito mesmo. – Pergunta de número 08: . Diz-se de alguém ou de algo muito enfeitado. Quando alguém tá muito enfeitado. Uma mulher tá muito enfeitada?

Entrevistado- Tá muito enfeitada? Esqueci! Mas tem uma palavrinha... lembrei apapagaiado, tá muito apapagaiado!

Entrevistadora- Na minha região usa muito o empirequitado.

Entrevistado- Pronto , essa também! Dá o mesmo sinônimo, né?

Entrevistadora- È!

Entrevistado- Só muda o animal. De papagaio para periquito.

Entrevistadora- (Risos) Um é maior e o outro é menor.

Entrevistado- Exatamente! A mesma coisa!

Entrevistadora- Tá certo! Pergunta de número 09: Expressão usada para designar o estado de espírito da pessoa que não sabe o que fazer diante de uma situação? O estado de espírito dela...

Entrevistado- Lesado!

Entrevistadora- Pergunta de número 10: O que se diz da pessoa que está perdido, não consegue se localizar?

Entrevistado- Está ariado.

Entrevistadora- Pergunta de número 11: Denominação dada a pessoa que não sabe agir diante das situações?

Entrevistado- Sem ação.

Entrevistadora- Pergunta de número 12: Interjeição de espanto cearense? Quando o senhor se espanta? Quando o cearense se espanta o que é que ele diz?

Entrevistado- Quando o cearense se espanta ele diz: Ai meu Deus! Ai meu padre Cícero! Valei-me meu padre Cícero!

Entrevistadora- Aqui eu penso que seja!

Entrevistado- È desse jeito!

Entrevistadora- Devido a religiosidade da terra né?

Entrevistado- È! Só é religioso na hora da agonia, né!

Entrevistadora- Mas, aqui, eu acho que o povo é mais religioso viu!

Entrevistado- È tem, tem, tem esse mito aqui né! Mas... (gagueja um pouco).

Entrevistadora- Não são não?

Entrevistado- Tem em parte né! Em todo canto né! Tem umas parte que são outros não...

Entrevistadora- - Pergunta de número 13: Diz-se da pessoa que é o máximo? Da pessoa que sabe fazer tudo!

Entrevistado- Da pessoa que sabe fazer tudo: convencido né!

Entrevistadora- Pergunta de número 14: Regionalismo dito da pessoa que está apaixonado?

Entrevistado- Apaixonado? Está...não lembro agora mas, depois eu respondo!

Entrevistadora- Pergunta de número 15: Levantar alguma coisa? Levantar? Tem algum sinônimo aqui na região?

Entrevistado- Tem, erguer.

Entrevistadora-É... o pessoal aqui usa arribar?

Entrevistado- É arribar.

Entrevistadora- Na minha região só os mais antigos sabe? Bem antigos

Entrevistado- Mas, usa. Sempre usa. Dificilmente diz arribar mas, inda tem deles que usa.

Entrevistadora- É... Pergunta de número 16: Expressão que designa a pessoa valente?

Entrevistado- Lampião! Cabra da peste! Valentão!

Entrevistadora- Pergunta de número 17: Dar a volta em alguma coisa?

Entrevistado- Arrodear.

Entrevistadora- Pergunta de número 18: Sinônimo de bagunça?

Entrevistado- Bagunça, baderna...

Entrevistadora- Vocês usam danação aqui?

Entrevistado- Danação, folia

Entrevistadora- (risos) Lá em casa, a mãe, quando a gente era criança, a mãe dizia: Menino, que danação é essa?

Entrevistado- Tem meu tie que diz baldeação

Entrevistadora- Baldeação?

Entrevistado- É! Vocês tão fazendo baldeação.

Entrevistadora- Interessante, isso.

Entrevistadora- Pergunta de número 19. Sinônimo de cabelo despenteado?

Entrevistado- Assanhado! Arrepiado!

Apêndice VI

Transcrição da entrevista com o representante dos idosos da zona rural de Juazeiro do Norte.

Entrevistadora- Eu sou a professora Mailza de Pentecoste estou aqui na sua cidade com o objetivo de fazer uma pesquisa para o meu mestrado. Sou mestranda da Lusófona, Universidade de Portugal, e do INTA de Sobral. O tema da minha pesquisa é A utilização da Língua portuguesa em duas regiões do estado do Ceará: educação comparada entre a língua mãe e a vigente, que é atual que nós falamos hoje. E eu gostaria de lhe fazer algumas perguntas sobre educação, primeiras, sobre o senhor. E depois eu vou fazer algumas perguntas especificamente sobre a língua local, tá? Aqui de Juazeiro do Norte. Tá bom?

Entrevistador: Boa tarde?

Entrevistado: Boa tarde.

Entrevistador: Certo, o senhor tem qual idade?

Entrevistado: Cinquenta e cinco anos.

Entrevistador: E qual é a sua profissão?

Entrevistado: Agricultor, sou mais agricultor, sabe, aqui eu trabalho só mais em período de festas, mais eu sou mais agricultor mesmo.

Entrevistador: Certo, e qual é o seu nível de instrução senhor Carlos?

Entrevistado: Eu tenho o segundo grau completo, porque naquela época eu terminei. Eu trabalho aqui há muitos anos de fotógrafo, mas também sou agricultor. Em 84, eu terminei o terceiro até a contabilidade. Naquele tempo, né, que era o segundo grau na época.

Entrevistador: Tá certo! Eu vou lhe fazer algumas perguntas senhor sobre o modo de falar sobre as pessoas daqui, sobre o vocabulário das pessoas, tá certo?

Entrevistado: Certo!

Entrevistador: Pergunta de número 01. Como é que o senhor chama uma pessoa que parece não acompanhar direito as situações que acontece, uma pessoa que parece que não entende as coisas que estão acontecendo?

Entrevistado: Acho que é uma pessoa mal informada, né! Às vezes não entende bem, a pessoa fala de um modo, ele entende outro, é uma pessoa desatenta.

Entrevistador: Desatenta, né?

Entrevistado: Se eu entendi bem a pergunta, eu acho que é assim ...

Entrevistador: Tá certo! Pergunta de numero 02. Como é que o senhor chama uma pessoa que parece não ter juízo? Parece...

Entrevistado: Essa pessoa, hoje em dia, essa pessoa é meio louca, retardada, não entende as coisas, sempre entende as coisas erradas, acho que é uma pessoa que não tem o juízo certo, e a pessoa sempre trata assim.

Entrevistador- Pergunta de numero 03: Quando acontece algo que não deveria ter acontecido, tem alguma expressão, alguma interjeição que o senhor usa?

Entrevistado: As pessoas pensam assim, né, uma coisa que nunca aconteceu, uma coisa absurda, quando aconteceu o clima, alguma coisa, aí as pessoas ficam, mais rapaz, aqui a muito tempo não acontece uma coisa dessas, a pessoa fica abismado, muitas pessoas ficam dizendo: rapaz! Tá vendo né! Coisa que só ver na televisão, já tá acontecendo por aqui, sempre é assim.

Entrevistador: E quando é assim, que o senhor está esperando que uma coisa aconteça de um jeito e acontece de outro, totalmente diferente, como que o senhor fica?

Entrevistado: Meio zangado, meio espantado, decepcionado também, às vezes né!

Entrevistador: Nessa situação, O que é que o senhor diz?

Entrevistado: Eu digo: mais rapaz, que danado! Que falta de sorte, né! Às vezes também né, esperou de um jeito, vem de outro, é assim! Aqui o pessoal sempre reage assim.

Entrevistador: Ok, está certo! Pergunta de numero 04- Qual é a expressão que o senhor usa quando alguém diz uma bobagem?

Entrevistado: Às vezes a pessoa é tão velho, né! Fica conversando bobagem, com coisa que não devia, lá naquele momento não era pra ter dito aquilo. Foi uma bobagem que falou. Foi infeliz né, é assim!

Entrevistador: Aqui vocês usam besteira?

Entrevistado: Usa, a rapaz! Aquele cara conversa uma besteira... conversa uma carga d'água, é sempre essas coisas, pois é sempre fala! Usa mesmo!

Entrevistador: Pergunta de número 05: O nome do objeto de cabresto, usado para calçar, na minha terra é cabresto, mas aqui eu já descobri que não é cabresto.

Entrevistado: A gente chama correia, cabresto.

Entrevistador: Correia né! Aqui é correia.

Entrevistado: É correia, correia de sandália, correia de... (não completou a frase.)

Entrevistador: O nome do objeto, o senhor já disse que é sandália né!

Entrevistado: É sandália.

Entrevistador: Tá certo!

Entrevistado: No tempo do meu avô, chamava era de pragata né! Eu vim pegar minha pragata ali. É antiga...

Entrevistador: Pergunta de número 06- Como é que o senhor fala quando quer que alguém reaja diante de uma situação?

Entrevistado: Rapaz você devia ter atitude! Devia reagir! Não ter agido desse modo. Você foi muito infeliz, que não era pra ter feito assim! Era pra reagir com mais cautela, às vezes não humilhar uma pessoa! Falar sobre alguma coisa que ele fez.

Entrevistador: Pergunta de número 07. Qual é o nome dado as regiões que não pertencem a zona urbana do município?

Entrevistado: Aqui chama sítio.

Entrevistador: Pergunta de número 08. Expressão usada para demonstrar que algo ou alguém vive por aí sem ter quem cuide?

Entrevistado: É uma pessoa desgraçada né, morador de rua, sem a família tomar conta, tentar colocar num abrigo, ou então colocar dentro de casa.

Entrevistador: Pergunta de número 09. Diz-se de alguém ou de algo muito enfeitado, quando

a pessoa está muito enfeitada, se arrumou de mais. Como é que o pessoal diz?

Entrevistado: Ele tem que tá todo bonitão, só quer ser a rainha da cocada preta, tem essas brincadeiras aqui né!

Entrevistador: Já ouvi várias expressões.

Entrevistado: são essas.

Entrevistador: Pergunta de número 10. Expressão usada para designar o estado de espírito da pessoa que não sabe o que fazer, acontece uma situação e a pessoa não sabe como agir? Como é que fica o estado de espírito dela?

Entrevistado: Fica meio nervoso né!

Entrevistador: Pergunta de número 11. A pessoa que está perdida, não consegue se localizar, como é que chama?

Entrevistado: Rapaz, aqui, mais perdido, né, porque a pessoa chega aqui e se perde, esquece a família, deve ter algum problema mental, se perde, perdido, desaparecido.

Entrevistador: Vocês usam ariado?

Entrevistado: Ariado, usam também, tá meio ariado.

Entrevistador: Pouco ou muito.

Entrevistado: Meu avô, na época ele disse, rapaz alguém me ariou ontem na rua, peguei a estrada errada, quando eu ia bem longe, e me disseram, - O senhor vai pra onde?- Eu vou pra banda do Horto. – Que ele morava aqui antes, eu me ariei no mercado, e aí perdeu o sentido...

Entrevistador: Trinta e três, denominação da pessoa que não sabe agir diante das situações, como é que o senhor chama essa pessoa que não sabe agir direito nas coisas?

Entrevistado: Essa pessoa é fraca né! Você sabe né! Tem situações que da pra resolver, uma pessoa incapaz, né.

Entrevistador: Incapaz, certo! Pergunta de número 12. Uma interjeição de espanto cearense... quando o cearense se espanta, como é que ele diz?

Entrevistado: Ele se assombrou, teve uma reação meio espantosa né! Se assombrou, fez uma

cara feia.

Entrevistador: Quando o senhor se assombra, como é que o senhor diz?

Entrevistado: Eu digo, rapaz quer me matar de susto!

Entrevistador: Eu ouvi muito hoje o oxe. O senhor usa este oxe?

Entrevistado: É também usa né! Este oxe, aqui a gente usa muito também.

Entrevistador: Vocês usam também valha meu padrinho padre Cícero?

Entrevistado: Usa também. Quando a pessoa tá numa situação ruim, valha meu padre, me ajude aí pela amor de Deus!

Entrevistador: Próxima pergunta de número 13. Diz-se da pessoa que é o máximo, a pessoa que sabe fazer tudo?

Entrevistado: Aqui chama cd, só quer ser o gostosão, quer saber de tudo, só quer ser o bonitão, não deixa ninguém falar, tudo ele faz, tudo ele sabe, é o gostosão.

Entrevistador: Próxima pergunta de número 14. Regionalismo dito da pessoa que está apaixonada?

Entrevistado: Apaixonada aqui, que tá gostando de uma menina, antigamente o cara falava: quem é a suplicante, que era a amante de alguém, aí o pessoal dizia, quem é a suplicante, dizia que era outra mulher diferente de fora.

Entrevistador: Dos jovens eu ouvi chonado, dos adultos eu ouvi arriado os quatro pneus e o step.

Entrevistado: É também tem, eles usam muito isso aí. Eles sempre usam essa expressão.

Entrevistador: Pergunta de número 15. Levantar alguma coisa? Um sinônimo para levantar.

Entrevistado: Levantar peso, arribar, subir.

Entrevistador: Ainda usa arribar?

Entrevistado: Usa muito.

Entrevistador: Pergunta de número 16. Que expressão designa a pessoa valente?

Entrevistado: Valentão, brabo, desrespeitador.

Entrevistador: Usa cabra da peste, cabra macho?

Entrevistado: Cabra macho usa, arrochado usa muito, porque às vezes tem uma faca, tem revolver.

Entrevistador: Pergunta de número 17. Dar a volta em alguma coisa o que significa para vocês?

Entrevistado: Arrudiar, dar um balão, rolê.

Entrevistador: Pergunta de número 18. Sinônimo de bagunça?

Entrevistado: Bagunceiro, briguento, arruaceiro.

Entrevistador: Pergunta de número 19. Sinônimo de cabelo despenteado?

Entrevistado: assanhado, despenteado, feio, cabelo de cu de macaco, cabelo de leão, arrepiado mermo.

Apêndice VII

Transcrição da entrevista com o jovem estudante representante da zona rural de Juazeiro do Norte.

Entrevistador: Eu sou a professora Mailza, sou professora da escola de Ensino Médio no município de Pentecoste. Sou mestranda da Universidade Lusófona de Portugal e do UNINTA de Sobral e estou na sua região para fazer o meu trabalho de pesquisa sobre linguística. O meu tema é: A utilização da Língua portuguesa em duas regiões do estado do Ceará: Educação comparada entre a língua mãe e a vigente. E as perguntas que lhe farei são sobre vocabulário, sobre a sua forma de falar. Você aceita participar da pesquisa?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Qual a sua idade?

Entrevistado: Eu tenho 18.

Entrevistador: Você é natural daqui de Juazeiro do Norte?

Entrevistado: Sou.

Entrevistador: Você nota alguma diferença entre a sua forma de falar e a forma como seus colegas aqui da sede do município falam?

Entrevistado: Noto. Eles falam diferente de mim.

Entrevistador: Tá joia! Vamos entrar nas perguntas de vocabulário. Ok?

Entrevistado: Ok!

Entrevistador: Pergunta de número 01. Como você chama uma pessoa que parece não ter o juízo muito certo?

Entrevistado: doido, abestado, maluco. É assim, desse jeito.

Entrevistador: Pergunta de número 02. Quando acontece algo que não deveria ter acontecido tem alguma expressão interjetiva que você usa? Quais são?

Entrevistado: Não lembro, tô muito nervoso.

Entrevistador: Sim. Pergunta de número 02. Qual é o nome dado as regiões que ficam na zona rural do município?

Entrevistador: Pergunta de número 03. Qual expressão você usa quando alguém diz uma bobagem?

Entrevistado: Eu chamo idiota.

Entrevistador: Pergunta de número 04. Nome do objeto de cabresto usado para calçar?

Entrevistado: Sandália.

Entrevistador: Pergunta de número 05. Qual expressão você usa quando quer que alguém aja ou reaja a uma situação?

Entrevistado: Reaja! É assim.

Entrevistador: Pergunta de número 06. 07. Qual é o nome dado as regiões que não pertencem a zona urbana do município?

Entrevistado: sítio. Aqui a gente chama assim.

Entrevistador: Pergunta de número 07. Expressão usada para demonstrar que algo ou alguém vive por aí sem ter quem cuide?

Entrevistado: mendigo.

Entrevistador: Pergunta de número 08. Diz-se de alguém ou de algo muito enfeitado.

Entrevistado: Amostrado.

Entrevistador: Pergunta de número 09. Expressão usada para designar o estado de espírito da pessoa que não sabe o que fazer diante de uma situação difícil.

Entrevistado: Leso.

Entrevistador: Tá! Pergunta de número 10. O que se diz da pessoa que está perdido, não consegue se localizar?

Entrevistado: abestado, maluco, doido. Pessoa que vai pum lugar que não sabe andar, aí fica perdido.

Entrevistador: Mas não tem um nome específico para dizer? Quem se perde na cidade grande por exemplo.

Entrevistado: É que não sabe andar.

Entrevistador: Tá certo! Pergunta de número 11. Denominação dada a pessoa que não sabe agir diante das situações?

Entrevistado: não sabe reagir as coisas direito.

Entrevistador: Tá certo! Pergunta de número 12. Interjeição de espanto cearense.?

Entrevistado: Nossa! Que coisa essa!

Entrevistador: Vocês usam aqui “nossa! Que coisa!” ?

Entrevistado: É. Muita gente.

Entrevistador: Interessante! Pergunta de número 13. Diz-se da pessoa que é o máximo?

Entrevistado: Caracas veio! Essa pessoa consegue fazer tudo!

Entrevistador: Pergunta de número 14. Regionalismo dito da pessoa que está apaixonado?

Entrevistado: Eita! Tá apaixonadim heim!

Entrevistador: Tem alguma outra palavra que vocês usam para sinônimo de apaixonado?

Entrevistado: Tá gostano de quem?

Entrevistador: Tá! Pergunta de número 15. Levantar alguma coisa?

Entrevistado: levantar mesmo!

Entrevistador: tá! ! Pergunta de número 16. Expressão que designa a pessoa valente?

Entrevistado: Ela é brava! Só isso mesmo!

Entrevistador: tá! Pergunta de número 17. Dar a volta em alguma coisa?

Entrevistado: Eu vou arruinar aqui.

Entrevistador: É! Pergunta de número 18. Sinônimo de bagunça?

Entrevistado: bagunçado.

Entrevistador: Bagunçado mesmo? Não tem outra palavra?

Entrevistado: Não!

Entrevistador: Tá! Pergunta de número 19. Sinônimo de cabelo despenteado?

Entrevistado: arrupiado.

Apêndice VIII

Transcrição da entrevista com o adulto representante da zona urbana de Pentecoste.

Entrevistador: Estamos aqui com a professora Socorro, professora da escola de Ensino Médio Tabelião José Ribeiro Guimarães, formada em Língua portuguesa, que irá responder a nossa pesquisa para o mestrado em Ciências da Educação da Universidade Lusófona de Portugal, cujo tema é a Linguagem comparada, entre a língua mãe, língua portuguesa culta a língua portuguesa falada no Brasil, com ênfase na linguagem cearense. Essa pesquisa visa falar sobre a variação linguística que existe em nosso país. Nosso país por ser de grandes dimensões e por motivos históricos abrange muitas variações linguísticas. Cada região, cada estado tem seu modo específico de falar e isso acaba se estendendo também dentro do próprio estado, dentro do município... é existem vários dialetos no Brasil. E nós pretendemos falar sobre esse assunto. A senhora aceita participar da nossa pesquisa professora Socorro?

Entrevistada: Sim, aceito.

Entrevistador: professora Socorro, boa tarde!

Entrevistado: Boa tarde

Entrevistador: Qual a sua idade?

Entrevistado: Quarenta e três anos

Entrevistador: Profissão?

Entrevistado: Professora

Entrevistador: Há quantos anos está nessa profissão?

Entrevistado: Vinte e dois anos.

Entrevistador: Qual o seu nível de instrução?

Entrevistado: Superior.

Entrevistador: Há quanto tempo a senhora reside nessa cidade?

Entrevistado: Ha quarenta e três anos, nasci em pentecoste.

Entrevistador: Na sua profissão, no seu dia- a-dia, a senhora tem alunos que vem da zona rural, ou a senhora tem alunos que vem só da sede?

Entrevistado: É sede e interior.

Entrevistador: E a senhora percebe alguma diferença no modo de falar desses alunos?

Entrevistado: Tem diferença, alunos do interior falam diferente dos da cidade.

Entrevistador: Nós sabemos que nem um outro povo no mundo fala igual ao cearense, então eu gostaria que a senhora respondesse as perguntas em cima disso, do seu modo de falar, claro que considerando que a senhora tem nível superior, evidentemente que a sua fala deve ter modificações, mas como cearense que a senhora é, também acredito que haja regionalismos, então fique à vontade, tá bom!

Entrevistado: Tá bom!

Entrevistador: Pergunta de número 01: Como é que a senhora chama uma pessoa que parece não acompanhar direito as situações que acontecem?

Entrevistado: As situações de ensino, ou não?

Entrevistador: Podem ser as de ensino, mas de modo geral, uma pessoa que não consegue entender algo?

Entrevistado: Que não consegue acompanhar, na sala de aula, geralmente se usa a expressão, rude, uma pessoa rude, uma pessoa que tem dificuldade no aprendizado.

Entrevistador: Apenas rude? Há algum outro sinônimo? Alguma outra situação, alguma outra palavra que a senhora usa?

Entrevistado: Não que eu lembre.

Entrevistador: Pergunta de número 02: Como é que a senhora chama uma pessoa que parece não ter o juízo muito certo?

Entrevistado: Abestalhado.

Entrevistador: Pergunta de número 03: Quando acontece algo que não deveria ter acontecido

tem alguma expressão interjetiva que a senhora usa?

Entrevistado: Arre égua!

Entrevistador: Além do arre égua, tem alguma outra expressão que a senhora usa?

Entrevistado: Não que eu me lembre agora.

Entrevistador: Pergunta de número 04: Qual expressão você usa quando alguém diz uma bobagem?

Entrevistado: Besta

Entrevistador: Tem algum sinônimo?

Entrevistado: Abestado.

Entrevistador: Pergunta de número 05: Nome do objeto de cabresto usado para calçar?

Entrevistado: Sandália

Entrevistador: Tem algum sinônimo?

Entrevistado: Apragata.

Entrevistador: A senhora usa apragata?

Entrevistado: Uso.

Entrevistador: Com qual constância?

Entrevistado: No dia-a-dia.

Entrevistador: E chinelo a senhora usa?

Entrevistado: Uso.

Entrevistador: Pergunta de número 06: Qual expressão você usa quando quer que alguém aja ou reaja a uma situação?

Entrevistado: Cuida lesado!

Entrevistador: Tem algum sinônimo?

Entrevistado: Lesado mesmo, lerdo!

Entrevistador: Pergunta de número 07. Qual é o nome dado as regiões que não pertencem a zona urbana do município?

Entrevistado: zona rural, interior.

Entrevistador: Pergunta de número 08: Expressão usada para demonstrar que algo ou alguém vive por aí sem ter quem cuide?

Entrevistado: Perambular.

Entrevistador: Pergunta de número 09: Diz-se de alguém ou de algo muito enfeitado?

Entrevistado: Papagaiado.

Entrevistador: A senhora conhece algum outro sinônimo?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: Pergunta de número 10: Expressão usada para denominar o estado de espírito da pessoa que não sabe o que fazer diante de uma situação difícil?

Entrevistado: Abatido.

Entrevistador: Pergunta de número 11: O que se diz da pessoa que está perdida, que não consegue se localizar?

Entrevistado: ta ariado.

Entrevistador: Pergunta de número 12: Denominação dada a pessoa que nao sabe agir diante das situações?

Entrevistado: Impotente.

Entrevistador: Pergunta de número 12: Interjeição de espanto cearense?

Entrevistado: Ui!

Entrevistador: Pergunta de número 13: Diz-se da pessoa que é o maximo?

Entrevistado: Eu sou o cara.

Entrevistador: Pergunta de número 14: Regionalismo dito da pessoa que está apaixonada?

Entrevistado: Tá arriado os quatro pneus e o step.

Entrevistador: Pergunta de número 15: Levantar alguma coisa?

Entrevistado: Issar.

Entrevistador: Pergunta de número 16: Expressão que designa a pessoa valente?

Entrevistado: Cabra macho.

Entrevistador: Pergunta de número 17: A senhora usa cabra da peste?

Entrevistado: Não, eu não uso, mas muita gente usa.

Entrevistador: Pergunta de número 18: Dar a volta em alguma coisa?

Entrevistado: Arrudiar.

Entrevistador: Pergunta de número 19: Sinônimo de bagunça?

Entrevistado: Eu geralmente uso bagunça mesmo, mas tem gente que diz outras coisas.

Entrevistador: A senhora usa arrumação?

Entrevistado: Já usei, danação também.

Entrevistador: Pergunta de número 20: Sinônimo de cabelo despenteado?

Entrevistado: Assanhado.

Entrevistador: Tem algum outro sinônimo?

Entrevistado: enlinhado.

Apêndice IX

Transcrição da entrevista com a anciã representante da zona urbana de Pentecoste

Entrevistadora- Estamos aqui com a escritora, poetisa e ex-professora, membro da Academia pentecostense de letras que aceitou participar de nossa pesquisa para o mestrado em Ciências da Educação, tendo como tema A utilização da língua portuguesa em duas regiões do estado do Ceará: educação comparada entre a língua mãe e a vigente. Bom dia!

Entrevistada- Bom dia!

Entrevistadora- A senhora é natural de Pentecoste?

Entrevistada- Sou. Nasci e me criei aqui.

Entrevistadora- Qual a sua profissão?

Entrevistada- Eu ensinei por muito tempo, mas agora sou aposentada.

Entrevistadora- Qual seu nível de instrução?

Entrevistada- Eu fiz um segundo grau. Chamava-se 99.

Entrevistadora- Diferente, não é?

Entrevistada- É. Esse 99 eu fiz umas provas no Liceu e outras no Nossa Senhora das Dores, aquele colégio. Lá em Fortaleza. Aí depois, eram meus filhos estudando e se formando. Eu esqueci o meu e fui me interessar mais pela formatura dos meus filhos... eu achava que era mais vantagem. (Deu uma risada)

Entrevistadora- Eu gostaria que a senhora respondesse agora algumas perguntas de vocabulário?

Entrevistada- Por exemplo?

Entrevistadora- Pergunta de nº01. Como a senhora chama uma pessoa que não consegue acompanhar direito as situações que acontecem?

Entrevistada- Na nossa região a gente chama não tem atenção!

Entrevistadora- Pergunta de número 02. Como a senhora chama uma pessoa que parece não ter o juízo muito certo?

Entrevistado –A gente chama fulana é tão saltica, gosta tanto de se mostrar! E as vezes nem é.... as vezes é uma herança, a mãezinha dela foi assim, a avó foi...

Entrevistadora- Pergunta de número 03. Quando acontece algo que não deveria ter acontecido tem alguma expressão interjetiva que a senhora usa? Quais são?

Entrevistado – não lembro!

Entrevistadora- Está bem! Pergunta de número 04. Qual expressão a senhora usa quando alguém diz uma bobagem?

Entrevistado – Fulano é tolo demais.

Entrevistadora- Pergunta de número 05. Nome do objeto de cabresto usado para calçar?

Entrevistado – Hoje a gente chama alpercata, mas antigamente era quinaipo. Hoje a gente nem ver mais esse nome né? Chama também de chinela.

Entrevistadora- Pergunta de número 06. Qual expressão a senhora usa quando quer que alguém aja ou reaja a uma situação?

Entrevistado – Eu sempre alerta: não vai reagir não?

Entrevistadora- Pergunta de número 07. 07. Qual é o nome dado as regiões que não pertencem a zona urbana do município?

Entrevistado – A gente chama de zona rural.

Entrevistadora- Pergunta de número 08. Expressão usada para demonstrar que algo ou alguém vive por aí sem ter quem cuide?

Entrevistado – desprezado

Entrevistadora- Pergunta de número 09. Diz-se de alguém ou de algo muito enfeitado?

Entrevistado –Ave Maria! Fulano anda tão enfeitado parecia um palhaço!

Entrevistadora- Pergunta de número 10. Expressão usada para designar o estado de espírito da pessoa que não sabe o que fazer diante de uma situação difícil?

Entrevistado – aterrorizada, pasma.

Entrevistadora- Pergunta de número 11. O que se diz da pessoa que está perdido, não consegue se localizar?

Entrevistado – aéreo.

Entrevistadora- Pergunta de número 12. Denominação dada a pessoa que não sabe agir diante das situações?

Entrevistado – Pessoa que não tem presença de espírito!

Entrevistadora- Pergunta de número 13. Interjeição de espanto cearense?

Entrevistado – tomei um susto! (Risada)

Entrevistadora- Pergunta de número 14. Diz-se da pessoa que é o máximo?

Entrevistado – Fulano é nota dez!

Entrevistadora- Pergunta de número 15. Regionalismo dito da pessoa que está apaixonado?

Entrevistado – Fulano está babando, caidinho por fulana!

Entrevistadora- Pergunta de número 16. Levantar alguma coisa?

Entrevistado- Apanhar do chão.

Entrevistadora- Pergunta de número 17. Expressão que designa a pessoa valente?

Entrevistado – Não gosto da pessoa valentão! Não gosto!

Entrevistadora- Pergunta de número 18. Dar a volta em alguma coisa?

Entrevistado – desviar o caminho

Entrevistadora- Pergunta de número 19. Sinônimo de bagunça?

Entrevistado – desarrumação.

Entrevistadora- Pergunta de número 20. Sinônimo de cabelo despenteado?

Apêndice X

Entrevista com o jovem representante da zona urbana do município de Pentecoste.

Entrevistador- Estamos aqui com o aluno representante da zona urbana de Pentecoste. Estou fazendo uma entrevista sobre vocabulário, para a minha pesquisa de mestrado que tem como tema, A utilização da língua portuguesa em duas regiões do estado do Ceará: educação comparada entre a língua mãe e a vigente. Você aceita participar de nossa entrevista?

Entrevistado: Sim, aceito. Pode perguntar.

Entrevistador- Está certo! Pergunta de número 01. Como você chama uma pessoa que parece não acompanhar direito as situações que acontecem?

Entrevistado-perturbado.

Entrevistador – Pergunta de número 02. Como você chama uma pessoa que parece não ter o juízo muito certo?

Entrevistado – acha engraçado

Entrevistador – Pergunta de número 03. Quando acontece algo que não deveria ter acontecido tem alguma expressão interjetiva que você usa? Quais são?

Entrevistado – mó picarna.

Entrevistador – Pergunta de número 04. Qual expressão vc usa quando alguém diz uma bobagem?

Entrevistado – caixa d`água.

Entrevistador – Pergunta de número 04. Nome do objeto de cabresto usado para calçar?

Entrevistado – chinelo.

Entrevistador – Pergunta de número 05. Qual expressão vc usa quando quer que alguém aja ou reaja a uma situação?

Entrevistado – Ei man prestenção!

Entrevistador – Pergunta de número 06. Qual é o nome dado as regiões que não pertencem a zona urbana do município?

Entrevistado – Eu chamo de mato.

Entrevistador – Mato?

Entrevistado – Sim. Eu falo assim, fulano mora lá nor mato.

Entrevistador – Pergunta de número 07 Expressão usada para demonstrar que algo ou alguém vive por aí sem ter quem cuide?

Entrevistado- não sei.

Entrevistador – Pergunta de número 08. Diz-se de alguém ou de algo muito enfeitado.

Entrevistado – patricinha. Bossal.

Entrevistador – Pergunta de número 09. Expressão usada para designar o estado de espírito da pessoa que não sabe o que fazer diante de uma situação difícil?

Entrevistado – desesperada.

Entrevistador – Pergunta de número 10. O que se diz da pessoa que está perdido, não consegue se localizar?

Entrevistado

Entrevistador – Pergunta de número 11. Denominação dada a pessoa que não sabe agir diante das situações?

Entrevistado – Não me lembro agora não!

Entrevistador – Pergunta de número 12. Interjeição de espanto cearense?

Entrevistado – vixe maria!

Entrevistador – Pergunta de número 13. Diz-se da pessoa que é o máximo?

Entrevistado – pimpão.

Entrevistador – Pergunta de número 14. Regionalismo dito da pessoa que está apaixonado?

Entrevistado – xonado

Entrevistador – Pergunta de número 15. Levantar alguma coisa?

Entrevistado – levantar com a mão né não.

Entrevistador – Pergunta de número 16. Expressão que designa a pessoa valente?

Entrevistado – bichão.

Entrevistador – Pergunta de número 17. Dar a volta em alguma coisa?

Entrevistado –

Entrevistador – Pergunta de número 18. Sinônimo de bagunça?

Entrevistado – bagunceiro.

Entrevistador – Pergunta de número 19. Sinônimo de cabelo despenteado?

Entrevistado – assanhado.

Apêndice XI

Transcrição da entrevista com a professora, representante da idade adulta, da zona rural de Pentecoste

Entrevista com a professora representante dos adultos da zona rural de Pentecoste.

Entrevistador: Estamos aqui com a professora Solange, professora da Escola de Ensino Médio formada em Língua Portuguesa, que irá responder a nossa pesquisa para o mestrado em Ciências da Educação da Universidade Lusófona de Portugal, cujo tema é a Linguagem comparada, entre a língua mãe, língua portuguesa culta a língua portuguesa falada no Brasil, com ênfase na linguagem cearense. Essa pesquisa visa falar sobre a variação linguística que existe em nosso país. Nosso país por ser de grandes dimensões e por motivos históricos abrange muitas variações linguísticas. Cada região, cada estado tem seu modo específico de falar e isso acaba se estendendo também dentro do próprio estado, dentro do município... é existem vários dialetos no Brasil. E nós pretendemos falar sobre esse assunto. É vamos as perguntas né? A senhora aceita participar da nossa pesquisa professora Solange?

Entrevistado- Sim, aceito professora Mailza.

Entrevistador- Profissão?

Entrevistado- Professora de Ensino Fundamental, médio e faculdade também.

Entrevistador- Ok! Há quantos anos a senhora está nesta profissão?

Entrevistado- 25 anos.

Entrevistador- Qual o seu nível de instrução?

Entrevistado- pós-graduação.

Entrevistador- Você é de uma comunidade do interior. Você nota alguma diferença entre o Português falado na sua região e o Português falado aqui na sede do município.

Entrevistado- Poucas coisas assim. Temos um pouco de variação. Algumas pessoas diferenciam na forma de falar.

Entrevistador- É eu gostaria que você respondesse a algumas perguntas de vocabulário.

Entrevistador- Pergunta de número 01. Como você chama uma pessoa que parece não acompanhar direito as situações que acontecem?

Entrevistada- É como eu tenho um linguajar que vem da zona rural... no popular a gente diz que seria uma pessoa aérea, porém eu chamo displicente. Assim eu sei fazer essas duas colocações dependem da situação. Então eu posso utilizar a linguagem mais padrão, mais pra que chegue até a pessoa pra que lê possa compreender eu uso as duas situações. Tem momento que eu utilizo a linguagem popular, digamos assim, e há momentos em que eu utilizo a padrão.

Entrevistador- Ok! Pergunta de número 02. Como você chama uma pessoa que parece não ter o juízo muito certo?

Entrevistada- kkkkkkkk (A entrevistada deu uma gargalhada) Ai, deixa eu ver um vocabulário pra isso aí, perturbada ou então sem nexos.

Entrevistador- - Pergunta de número 03. Quando acontece algo que não deveria ter acontecido tem alguma expressão interjetiva que você usa? Quais são?

Entrevistada-5- Uso muito assim: poxa! Eta!

Entrevistador- - Pergunta de número 04. Qual expressão você usa quando alguém diz uma bobagem?

Entrevistada-6- Oh lasqueira! Kkkkkkkk! (A entrevistada deu uma gargalhada)

Entrevistador- - Pergunta de número 05. Nome do objeto de cabresto usado para calçar?

Entrevistada-7- objeto: sandália, chinelo.

Entrevistador- - Pergunta de número 06. Qual expressão você usa quando quer que alguém aja ou reaja a uma situação?

Entrevistada-8- Uso mais Presta atenção, mas a gente usa muito lá é: te alui. Kkkkkkkkk (Deu uma gargalhada.)

Entrevistador- - Pergunta de número 07. Qual é o nome dado as regiões que não pertencem a zona urbana do município?

Entrevistada- zona rural.

Entrevistador- - Pergunta de número 09 Expressão usada para demonstrar que algo ou alguém vive por aí sem ter quem cuide?

Entrevistada- a esmo.

Entrevistador- - Pergunta de número 10. Diz-se de alguém ou de algo muito enfeitado.

Entrevistada- Kkkkkkkkkk! (A entrevistada deu uma gargalhada) apapagaiado

Entrevistador- É. Pode ser! — Pergunta de número 11. O que se diz da pessoa que está perdido, não consegue se localizar?

Entrevistada- Aqui a gente usa muito o termo ariado!

Entrevistador- - Pergunta de número 12. Denominação dada a pessoa que não sabe agir diante das situações?

Entrevistada- Deixa eu ver (parou um pouco para pensar...) despreparado, inexperiente!

Entrevistador- - Pergunta de número 13. Interjeição de espanto cearense.

Entrevistada- Orra!

Entrevistador- - Pergunta de número 14. Diz-se da pessoa que é o máximo?

Entrevistada- Show de bola

Entrevistador- - Pergunta de número 15. Regionalismo dito da pessoa que está apaixonada?

Entrevistada- Regionalismo, (parou para pensar um pouco) gamado!

Entrevistador- Pergunta de número 16. Levantar alguma coisa?

Entrevistada- Erguer!

Entrevistador- - Pergunta de número 17. Expressão que designa a pessoa valente?

Entrevistada- Atrevido. Audacioso

Entrevistador- - Pergunta de número 18. Dar a volta em alguma coisa?

Entrevistada- Aqui o povo fala muito arrodear né!

Entrevistador- Pergunta de número 19. Sinônimo de bagunça?

Entrevistada- Bandalheira

Entrevistador- Ih! Você foi longe agora! Kkkkkkkk!

Entrevistado- Peguei lá do... (risos)

Entrevistador—Pergunta de número 20. Sinônimo de cabelo despenteado?

Entrevistada- Desarrumado

Apêndice XII

Entrevista com a anciã representante da zona rural de Pentecoste

Entrevistador: Estamos aqui com a agricultora aposentada, que irá responder a nossa pesquisa para o mestrado em Ciências da Educação da Universidade Lusófona de Portugal, cujo tema é a Linguagem comparada, entre a língua mãe, língua portuguesa culta a língua portuguesa falada no Brasil, com ênfase na linguagem cearense. Essa pesquisa visa falar sobre a variação linguística que existe em nosso país. Nosso país por ser de grandes dimensões e por motivos históricos abrange muitas variações linguísticas. Cada região, cada estado tem seu modo específico de falar e isso acaba se estendendo também dentro do próprio estado, dentro do município... é existem vários dialetos no Brasil. E nós pretendemos falar sobre esse assunto. A senhora aceita participar da nossa pesquisa dona Raimunda?

Entrevistada: Aceito. Pode perguntar.

Entrevistador: E qual é a sua idade, dona Raimunda?

Entrevistado: Tenho sessenta e seis anos.

Entrevistador: Eu vou fazer algumas perguntas a senhora.

Entrevistado: Certo.

Entrevistador: Dona Raimunda, qual é a sua profissão?

Entrevistado: Agricultora.

Entrevistador: Dona Raimunda, a senhora estudou?

Entrevistado: Estudei, pouco, mas estudei.

Entrevistador: Até qual série?

Entrevistado: Fiz até a quarta.

Entrevistador: Dona Raimunda, a senhora que é da comunidade do interior, morou a sua vida toda lá. A senhora vê alguma diferença na forma de falar do pessoal da zona rural, para o pessoal aqui da sede de Pentecoste?

Entrevistado: Não tem diferença não.

Entrevistador: Pouca é isso?

Entrevistado: Tem pouca diferença.

Entrevistador: Pergunta de número 01. Como é que a senhora chama uma pessoa que não entende as coisas que estão acontecendo?

Entrevistado: Eu acho que é retardado.

Entrevistador: Pergunta de número 02. Como é que a senhora chama uma pessoa que parece não ter o juízo direito?

Entrevistado: Uma pessoa que é baldeado da cabeça, não sabe o que está acontecendo?

Entrevistador: Pergunta de número 03. Quando acontece alguma coisa que não deveria ter acontecido?

Entrevistado: Muito abatido

Entrevistador: Pergunta de número 04. E qual é a palavra que a senhora usa pra quando a senhora está muito assustada?

Entrevistado: Eu digo, meu deus do céu, valha, minha nossa senhora!

Entrevistador: Pergunta de número 05. Qual a expressão que a senhora usa quando alguém diz uma bobagem?

Entrevistado: Eu digo assim: essa pessoa é abestada, não tem Fe em deus.

Entrevistador: Pergunta de número 06. Nome do objeto de cabresto usado para calçar?

Entrevistado: É uma sandália.

Entrevistador: Chama de que mais?

Entrevistado: Chama chinelo.

Entrevistador: Tem algum outro nome, que a senhora chama?

Entrevistado: Chamam rasteirinha

Entrevistador: A senhora usa apragata?

Entrevistado: Não, isso saiu da moda, o pessoal usava no passado

Entrevistador: Pergunta de número 07. Qual expressão a senhora usa, quando quer que alguém reaja diante de uma situação?

Entrevistado: Eu digo pra ele agilizar no negócio, pra ir rápido

Entrevistador: Pergunta de número 08. Qual é o nome dado as regiões que não pertencem a zona urbana do município?

Entrevistado: interior, mato.

Entrevistador: Pergunta de número 09. Expressão usada para demonstrar que algo ou alguém vive por aí sem ter quem cuide?

Entrevistado: tanta gente vive por aí desprezado né! E a família não cuida!

Entrevistador: A pessoa que vive por aí sem ter quem cuide. Como é que a senhora chama?

Entrevistado: Desprezado!

Entrevistador: Desprezado né! Está certo!

Entrevistador: Pergunta de número 10: diz se de alguém ou de algo muito enfeitado? Como é que a senhora chama?

Entrevistado: Enfeitada! Tá bonito né! Tá príncipe!

Entrevistador: a senhora conhece apapagaiado?

Entrevistado: é a pessoa que é enfeitada demais já é um carnaval.

Entrevistador: a senhora conhece emperiquitado?

Entrevistado: é quando a pessoa se maqueia demais né?!

Entrevistador: A senhora usa essas palavras? (A entrevistada meneou a cabeça em sinais que indicam negação.)

Entrevistador: Não usa nenhuma delas.

Entrevistado: Não, que eu não gosto!

Entrevistador: Pergunta de número 11. Expressão usada para designar o estado de espírito da pessoa que não sabe o que fazer diante de uma situação difícil?

Entrevistado: A pessoa fica desesperado mermo!

Entrevistador: Certo! Vamos lá! Pergunta de número 12. O que se diz da pessoa que está perdido, não consegue se localizar? Por exemplo a pessoa veio para a rua e aí de repente olhou para um lado, olhou para o outro não sabia mais onde era que estava.

Entrevistado: fica ariado!

Entrevistador: Pergunta de número 13. Denominação dada a pessoa que não sabe agir diante das situações?

Entrevistado: Gente à toa que não sabe se situar né!

Entrevistador: Pergunta de número 14. Interjeição de espanto cearense? Quando o cearense se espanta o que que ele diz?

Entrevistado: Valia-me nossa senhora! O que foi que eu vi agora?

Entrevistador: Pergunta de número 15: Diz-se da pessoa que é o máximo? Como é que a gente chama a pessoa que sabe fazer tudo?

Entrevistado: Pessoa inteligente é!

Entrevistador: Inteligente? E chama de mais alguma coisa?

Entrevistado: Sabido né! Que é inteligente tudo sabe fazer!

Entrevistador: Está certo! Pergunta de número 16. Regionalismo dito da pessoa que está apaixonado?

Entrevistado: Tá desesperado né!

Entrevistador: Tá desesperado?

Entrevistado: Atrás de arrumar um amor né!

Entrevistador: Está certo! Pergunta de número 17. Levantar alguma coisa? Por exemplo quando a senhora levanta um copo, tem outra palavra para usar no lugar de levantar?

Entrevistado: erguer. Por exemplo quando eu vou arribar um copo né!

Entrevistador: Está certo! Pergunta de número 18. Expressão que designa a pessoa valente?

Entrevistado: Pessoa que gosta de se amostrar, que quer ser valente né!

Entrevistador: Está certo! Pergunta de número 19. Dar a volta em alguma coisa? Por exemplo a gente quer passar por ali, mas a moto está no meio

Entrevistado: Interrompido aí!

Entrevistador: A senhora usa arrodear?

Entrevistado: É, arrodeou para poder passar.

Entrevistador: Está certo! Pergunta de número 20. Sinônimo de bagunça? Quando as coisas estão todas fora do lugar como é que a senhora chama?

Entrevistado: Eu digo assim: fulano é danado de mais, bagunçou tudo!

Entrevistador: Pergunta de número 21: Sinônimo de cabelo despenteado?

Entrevistado: assanhado, enlinhado né, não pode desembaraçar.

Apêndice XIII

Transcrição da entrevista com o Jovem representante da zona rural de Pentecoste.

Entrevistador- Estamos aqui com o aluno representante da zona rural de Pentecoste. Estou fazendo uma entrevista sobre vocabulário, para a minha pesquisa de mestrado que tem como tema, A utilização da língua portuguesa em duas regiões do estado do Ceará: educação comparada entre a língua mãe e a vigente. Você aceita participar de nossa entrevista?

Entrevistado: Sim, aceito.

Entrevistador: Qual a sua idade?

Entrevistado: 16.

Entrevistador: Qual a profissão que você exerce?

Entrevistado: estudante.

Entrevistador: Você que vem de uma comunidade do interior vê muita diferença entre a forma que as pessoas falam lá na Capivara e a forma que as pessoas falam aqui na sede de Pentecoste?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador- A partir de agora eu vou lhe fazer perguntas do seu vocabulário, sobre a sua forma de falar. Pergunta de número 01. Como você chama uma pessoa que parece não acompanhar direito as situações que acontecem?

Entrevistado1- desatento.

Entrevistador Pergunta de número 02. Como você chama uma pessoa que parece não ter o juízo muito certo?

Entrevistado 2- doido.

Entrevistador - Pergunta de número 03. Quando acontece algo que não deveria ter acontecido tem alguma expressão interjetiva que você usa?

Entrevistado 5- Eu falo meu Deus!

Entrevistador - Pergunta de número 04. Qual expressão você usa quando alguém diz uma bobagem?

Entrevistado – chamo de idiota.

Entrevistador - Pergunta de número 05. Nome do objeto de cabresto usado para calçar?

Entrevistado 7- chinelo

Entrevistador - Pergunta de número 06. Qual expressão vc usa quando quer que alguém aja ou reaja a uma situação?

Entrevistado - Mando ela correr! Corre!

Entrevistador - Pergunta de número 07. Qual é o nome dado as regiões que não pertencem a zona urbana do município?

Entrevistado – zona rural, interior, comunidade.

Entrevistador- Pergunta de número 08. Expressão usada para demonstrar que algo ou alguém vive por aí sem ter quem cuide?

Entrevistado - mendigo

Entrevistador- Pergunta de número 09. Diz-se de alguém ou de algo muito enfeitado.

Entrevistado - tá toda emperiquitada.

Entrevistador - Pergunta de número 10. Expressão usada para designar o estado de espírito da pessoa que não sabe o que fazer diante de uma situação difícil.

Entrevistado - triste, angustiada

Entrevistador - Pergunta de número 11. O que se diz da pessoa que está perdido, não consegue se localizar?

Entrevistado - perdida mesmo.

Entrevistador- Pergunta de número 12. Denominação dada a pessoa que não sabe agir diante das situações?

Entrevistado – escorão, se escora só pelos outros.

Entrevistador- Pergunta de número 13. Interjeição de espanto cearense?

Entrevistado - arre égua, oxe.

Entrevistador - Pergunta de número 14. Diz-se da pessoa que é o máximo?

Entrevistado - cabra da peste.

Entrevistador - Pergunta de número 15. Regionalismo dito da pessoa que está apaixonado?

Entrevistado – não sei.

Entrevistador - Pergunta de número 16. Levantar alguma coisa?

Entrevistado - subir

Entrevistador - Pergunta de número 17. Expressão que designa a pessoa valente?

Entrevistado - cabra macho.

Entrevistador- Pergunta de número 18. Dar a volta em alguma coisa?

Entrevistado - arrodeio

Entrevistador - Pergunta de número 19. sinônimo de bagunça?

Entrevistado – bagunça mesmo.

Entrevistador - Pergunta de número 20. Sinônimo de cabelo despenteado?

Entrevistado - desarrumado, assanhado, assaranhado.

Apêndice XIV

Ao fazer a escolha dos dados para análise optei por dez questionamentos com suas respectivas respostas, no entanto incorporei ao corpo da pesquisa apenas 06 (seis) questionamentos por questões estéticas e aos demais apresento como anexo, nos apêndices desta dissertação. Esta parte será chamada de anexo I e está exposta tal qual a parte que foi incorporada ao corpo do texto principal desta pesquisa.

Anexo I

Análise comparativa das entrevistas dos sujeitos em idade adulta das zonas rural e urbana de Juazeiro do Norte. (Ce.)

O questionário nº 02 Qual expressão você usa quando alguém diz uma bobagem? Obteve as seguintes respostas: asneira para Au 01 e besteira para Ar 01.

O termo asneira foi encontrado no dicionário de da Silva Borba (2011, p. 119) com o significado de tolice. Ex: O entrevistado só disse asneira. Quanto ao termo besteira este foi encontrado no mesmo dicionário de da Silva Borba (2011, p. 176) com vários sentidos inclusive o de tolice. Ex: Ele falou muita besteira.

Mais uma vez observa-se a diferença linguística existente entre os representantes das zonas urbanas e rurais de um mesmo município, uma vez que o primeiro sujeito Au01 fez uso da linguagem padrão e o segundo sujeito, Ar01 fez uso da linguagem regional.

Aqui a linguagem de Au01 é marcada pela variante padrão que é marca registrada entre a classe social privilegiada como afirma Travaglia (1996). O que se pode confirmar pois o sujeito pesquisado teve acesso a escolarização, tendo chegado a nível superior de ensino e vive em meio sociocultural privilegiado, onde as pessoas primam pela linguagem padrão. Ainda segundo Travaglia (1996, p.83) a escola tende a esconder essa relação entre grupos sociais e língua, mas isto precisa acabar sendo necessária a substituição dos conceitos certo e errado por adequado e inadequado.

Quanto a Ar01 este se expressou com um léxico corrente no Nordeste brasileiro, sendo um termo de uso popular, advindo da educação informal, adquirida no convívio com seus pares da zona rural do município, portanto podendo sofrer preconceito linguístico ao ser utilizado em ambiente escolar, se este seguir o conceito de linguagem certa ou errada como

reforça Traváglia (1996, p.80), já que não pertence a modalidade de prestígio, a saber: a padrão.

O questionário de número 03- Qual expressão você usa quando quer que alguém aja ou reaja a uma situação? Obteve como respostas: se alua! se acorde! Para Au 01 e Deixa de ser desleixado! Deixa de ser agé! Não tá nem aí pra nada! Para Ar 01.

A palavra, “aluir”, é encontrada em da Silva Borba (2011, p. 56) como verbo transitivo com o sentido de sair, mover. Exemplo: O mendigo não se aluiu do pé da escada. Quanto a palavra, “acorde”, ela também é encontrada no mesmo dicionário (p. 19) com o sentido de tomar consciência, atentar. Exemplo: Os partidos já acordaram para a necessidade de orientação dos eleitores. Já a palavra, “desleixado”, é encontrada no mesmo dicionário (p. 420) com o sentido de negligente e descuidado. Exemplo: O menino é desleixado nos estudos. Quanto às expressões “agé” e “não tá nem aí”, estas não foram encontradas em dicionários.

Neste item observa-se grande variação linguística entre os sujeitos. O sujeito 01 usou duas palavras em sentido figurado, na variedade coloquial, regional e o sujeito 02 tanto usou a variante coloquial quanto a padrão no que se refere à palavra desleixado. No entanto, apesar de ambos terem usado a variedade linguística coloquial, regional, não houve coincidência de vocábulos.

O sujeito Au01 mais uma vez usou a linguagem regional confirmando a afirmação de Traváglia (1996, p.81) que em um país há mais de uma variedade de prestígio, embora esta segunda variedade seja apenas regional. Isso se confirma pelo fator determinante de que Au01, é um sujeito pertencente a zona urbana do município, com uma posição social bem estável e também é pertencente a classe socioeconômica de prestígio dentro de seu município, uma vez que sua condição financeira é estável e este tem acesso a cultura formal e informal.

O sujeito Ar01 mostra o dialeto falado em sua comunidade de origem misturado a língua padrão adquirida através da educação formal, uma vez que este tem nível superior e convive diariamente com pessoas de mesmo nível escolar. Traváglia (1996)

O questionário de número 07: Expressão usada para designar o estado de espírito da pessoa que não sabe o que fazer diante de uma situação difícil? Obteve como respostas: abobado, para Au 01 e lesado, para Ar 01.

A palavra, “abobado”, é encontrada em Bechara (2011, p. 215) como sinônimo de bobo e palerma. Já a palavra, “lesado”, é uma variação de leso e leseira, essas últimas encontradas em Bechara (2011, p. 778) tendo como significado, qualidade ou atitude de idiota, tolo.

Segundo Bagno (2008, p.13) no Brasil há um grande preconceito linguístico alimentado diariamente pelos meios de comunicação e pela escola, através do uso da gramática normativa e dos livros didáticos. No entanto é comum no Cariri cearense essas duas variações conviverem, pois é o que se percebe na fala de ambos os docentes entrevistados neste questionário. Pois Au01 usou uma expressão pertencente a norma padrão da fala enquanto que Ar01 usou uma expressão regional e os dois convivem diariamente no mesmo ambiente escolar, o que mostra que é possível a existência e a convivência entre essas variantes da língua.

O primeiro sujeito, ao responder a este questionário, fez uso da variedade linguística padrão enquanto que, o segundo usou a variedade regional.

O questionário de número 08- O que se diz da pessoa que está perdido, não consegue se localizar? Obteve como respostas: desnortado, para Au 01 e está ariado para Ar 01.

A palavra desnortado é encontrada em Bechara (2011, p. 512) com o mesmo significado encontrado na pesquisa de campo. Exemplo: Que perdeu o senso de direção. Já a palavra, “ariado”, foi encontrada apenas em Albuquerque e com esse mesmo significado. Exemplo: José foi na rua e se ariou, não soube mas voltar para casa.

O primeiro sujeito, ao responder a este questionário, fez uso da variedade padrão enquanto que, o segundo usou a variedade regional, uma vez que esta palavra foi encontrada com este significado apenas em um único dicionário especializado em regionalismos. Au mais uma vez confirmou o preconceito linguístico citado por Traváglia (1996) que reza sobre a relação entre classes sociais e fala, ou seja a classe dominante tende a falar a língua padrão, ou por ter mais acesso a escola ou devido a classe social a qual pertence. Já Ar01 também confirma esse mito, pode-se afirmar isso baseado nos mesmos fundamentos, ora se Ar01 frequenta um meio social mais popular, logo sua fala representará a fala desse grupo.

5.2.2- Análise comparativa das entrevistas dos sujeitos em idade avançada, anciões, das zonas rural e urbana de Juazeiro do Norte. (CE.)

O questionário de número 02. Qual expressão você usa quando alguém diz uma bobagem? Obteve como resposta:

Su 01: besta, animal.

Sr 01: Conversando coisa que não devia, bobagem, besteira, carga d'água

A palavra “besta” é encontrada em da Silva Borba (2011, p. 175) com vários significados, dentre eles como ofensa, que é o citado neste questionário. Já a palavra “animal” é encontrada no mesmo dicionário (p. 73) com vários significados, mas não com o citado neste questionário. Quanto a palavra, “bobagem”, esta é encontrada também em da Silva Borba (2011, p. 187) com o significado expresso acima. Já a expressão “conversando coisa que não devia” não foi encontrada. Quanto ao termo besteira este foi encontrado no mesmo dicionário de da Silva Borges (2011, p. 176) com vários sentidos inclusive o de tolice. Ex: Ele falou muita besteira. A expressão caixa d'água foi encontrada tanto em da Silva Borba (2011, p. 218) como em Bueno (1995 p.137) apenas em seu sentido literal, reservatório de água.

Ambos os entrevistados usaram a variedade regional para responder a esse questionário sendo que o primeiro também usou gíria, como é o caso da palavra animal. Já o segundo usou tanto a linguagem padrão, representada por bobagem quanto a linguagem regional representada pelas demais palavras. Porque estas mesmo sendo encontradas nos dicionário, no sentido aplicado neste questionário não estão ao pé da letra e sim na linguagem figurada.

Neste questionário Su01 utiliza expressões próprias de seu linguajar regional, comparando pessoas a animais, ele mesmo explica este facto com sua fala ao colocar a seguinte proposição:

“Essa história de comparar as pessoas a animais vem da época do império romano, quando os romanos comparavam os povos bárbaros a animais, chamando-os de bestas e etc.”

(Su01)

Portanto mesmo se utilizando de regionalismos, mas Su01 tem uma base científica para amparar sua fala o que acaba descaracterizando o regionalismo e inserindo sua

linguagem dentro da linguagem de seu grupo social que é o de maior prestígio e acaba confirmando a teoria de Traváglia (1996) que há uma relação entre línguas e grupos sociais e que a escola a esconde e que esta precisa ser elucidada aos olhos dos alunos.

Sr01 reproduz a linguagem de seu grupo social, a linguagem informal, ao utilizar regionalismos, mas também se utiliza de vernáculos da linguagem formal, só que neste caso não adquirido na escola, mas através dos meios de comunicação aos quais tem acesso e pela convivência com os diversos grupos sociais com os quais tem contato em seu trabalho diário que são meios reprodutores da norma padrão, como cita Bagno (2008), pois este está intimamente inserido na cultura religiosa, como fotógrafo e como logista de artigos religiosos no centro cultural de Padre Cícero Roão Batista que é o segundo maior do Brasil.

O questionário de número 03. Qual expressão você usa quando quer que alguém aja ou reaja a uma situação? Obteve como resposta:

Su 01: Vamos lá! Você pode!

Sr 01: Reaja! Tenha atitude!

As expressões “vamos lá” e “você pode” são encontradas em Campedelle (1999, p. 254) classificadas como expressões interjetivas de animação. O verbo “reaja” verbo citado acima está classificado como a 3ª pessoa do singular do modo imperativo, e foi encontrada em da Silva Borba (2011, p. 1174) na sua forma infinitiva. Assim como a expressão “tenha atitude” também foi encontrada no mesmo dicionário (2011, p. 1349, 129) com o verbo ter em sua forma infinitiva e atitude como substantivo feminino.

Ambos os entrevistados usaram a linguagem padrão para responder a este questionário, uma vez que, as respostas foram encontradas em dicionários de língua portuguesa em seu sentido literal.

A fala padrão usada por Su01 é explicada por sua escolaridade e cultura formal como cita Traváglia (1996, p. 85) ao fazer relação entre grupos sociais e língua, quando diz que a língua padrão é reproduzida pela escola e própria de grupos sociais que detêm maior prestígio cultural e que se agregam aos grupos de prestígio econômico e político.

Já a norma padrão usada por Sr01 mais uma vez é explicada pela convivência com os diversos grupos sociais com os quais mantêm contato em seu trabalho diário, visto que

diariamente diversos turistas de todas as classes sociais visitam o centro religioso no qual este mantém uma loja de artefatos religiosos, e com os meios de comunicação. Traváglia (1996)

O questionário de número 07. Expressão usada para designar o estado de espírito da pessoa que não sabe o que fazer diante de uma situação difícil? Obteve como resposta:

Su 01: atrapalhado.

Sr 01: meio nervoso.

A palavra, “atrapalhado”, foi encontrada em da Silva Borba (2011, p.131) com o mesmo significado citado neste questionamento que é confuso. Exemplo: Gustavo é um rapaz atrapalhado. Quanto a expressão “meio nervoso” esta é encontrada separadamente, com a palavra nervoso tendo o significado de irritação, descontrole e exaltação.

Ambos os entrevistados usaram a variante padrão para responder a este questionário uma vez que suas respostas foram encontradas em dicionários da língua portuguesa e em sentido literal.

Neste questionário Su01 segue o padrão de uso da língua culta que vem sendo observado ao longo dessa análise e que é explicado devido ao meio social de prestígio, no qual está inserido e também pela cultura formal adquirida na escola. Pois vale lembrar que Su01 é professor mestre e atua tanto em universidades como na coordenação escolar do município de Juazeiro do Norte (Traváglia, 1996, p.80).

Já Sr01 é um cidadão com baixo nível de escolaridade que também se utilizou de um regionalismo aprendido provavelmente com seu grupo de origem que fala a linguagem regional (Brasil, 1997).

O questionário de número 08. O que se diz da pessoa que está perdido, não consegue se localizar? Obteve como resposta:

Su 01: ariado.

Sr 01: perdido.

A palavra, “ariado”, foi encontrada apenas em Albuquerque e com esse mesmo significado. Exemplo: José foi na rua e se ariou, não soube mais voltar para casa. Já a palavra

perdido é encontrada em da Silva Borba (2011, p. 1056) com vários outros significados, dentre eles: esquecido, desviado da trajetória, longínquo, desconhecido, entre outras.

Ambos os entrevistados fizeram uso apenas da linguagem regional ao responderem a este questionário pois ambas estão em sentido figurado e são utilizadas apenas no Nordeste brasileiro.

Neste questionário Su01 desvia-se de seu padrão de uso da Língua padrão, usada pela gramática da língua normativa praticada na escola e utiliza-se de uma expressão que provavelmente é considerada como norma de prestígio naquele município, que apesar de não fazer parte da língua padrão é eficaz na comunicação dentro das situações de uso esperado e apropriado (Travágia, 1996, p.80).

Quanto a Sr01ste mais uma vez utiliza-se de sua linguagem de origem, não sendo nem mesmo a padrão utilizado naquele município. Sim, porque Travágia (1996) fala da existência de várias línguas de prestígio dentro de um mesmo país, cada região com a sua. Então dessa forma Sr01, utiliza-se de expressões aprendidas em seu cotidiano com os turistas com os quais lida todos os dias.

5.2.3- Análise comparativa das entrevistas dos sujeitos classificados como jovens das zonas rural e urbana de Juazeiro do Norte. (CE.)

O questionário de número 02. Qual expressão você usa quando alguém diz uma bobagem? Obteve como resposta:

Ju: Disse que respeita e não usa nenhuma palavra específica.

Jr: Reaja!

O questionário de número 03. Qual expressão vc usa quando quer que alguém aja ou reaja a uma situação? Obteve como resposta:

Ju 01: Que faça o seu dever. Que vá e resolva o problema.

Jr 01: reaja!

A palavra “reaja” é encontrada em Bechara (2011, p. 985) como verbo no modo infinitivo. Exemplo: reagir.

Ao usar as orações, "Que faça o seu dever" e "Que vá e resolva o problema." Ju01 usou construções gramaticalmente pertencente a linguagem padrão reproduzida na escola, lugar do qual ela faz parte e está adquirindo este tipo de linguagem como correta em detrimento de seu dialeto de origem. Bagno (2000) Assim como Jr01 também usou a língua padrão adquirida na escola, lugar onde convive diariamente.

O questionário de número 07. Pergunta de número 29: Expressão usada para designar o estado de espírito da pessoa que não sabe o que fazer diante de uma situação? Obteve como resposta:

Ju 01: dramático.

Jr 01: lezo.

A palavra, "dramático", é encontrada em Bechara (2011, p. 540) com vários significados inclusive esse citado neste questionamento. Já a palavra, "leso", também é encontrada em Bechara (2011, p. 778) porém, com os sentidos de dano físico ou moral, doido e maluco.

Ambos os entrevistados usaram a variante regional para responder a este questionário pois ambos os vocábulos usados como resposta estão em sentido figurado. Mas apesar disso ambos usaram um vocabulário diverso.

Ao responder a este questionário Jr01 usa a palavra, dramático, totalmente fora de seu contexto padrão, talvez, isto ocorra devido ao esforço, que ela faz para falar a língua padrão, devido a classe social a qual está inserida há pouco tempo, pois há 06 meses trabalha em um banco, programa primeiro emprego, e ao conviver com esta nova classe social, esteja tendo dificuldades para se comunicar (Traváglio, 1996).

Já Jr01 utilizou a palavra, "lezo", pertencente ao vocabulário regional de seu município. Sendo um rapaz de origem humilde, que ajuda aos pais na lavoura de subsistência, mantém pouco contato com as classes sociais privilegiadas, portanto reproduzindo em vários momentos seu dialeto de origem Bechara (1996).

O questionário de número 08. O que se diz da pessoa que está perdido, não consegue se localizar? Obteve como resposta:

Au 02: perdida, ariada.

Ar 02: abestado, maluco, doido, pessoa que vai pum lugar e não sabe andar.

A palavra, “ariado”, foi encontrada apenas em Albuquerque e com esse mesmo significado. Exemplo: José foi na rua e se ariou, não soube mas voltar para casa. Já a palavra perdido é encontrada em da Silva Borba (2011, p. 1056) com vários outros significados, dentre eles: esquecido, desviado da trajetória, longínquo, desconhecido, etc.

A palavra, “doido”, É encontrada em da Silva Borba (2011, p. 452) com vários sentidos dentre eles alienado, maluco, pessoa com deficiência mental. A palavra “abestado” é uma variação de abestalhado encontrado em Bechara (2011, p. 214). A palavra, “maluco”, também é encontrada em Bechara (2011, p. 804) com o sentido de excêntrico.

Ambos os entrevistados mais uma vez usaram apenas a linguagem regional para responder a este questionário já, que a palavra ariado com este sentido foi encontrada apenas em um dicionário regional e todas as demais estão empregadas em sentido figurado. Mas apesar disso ambos usaram um vocabulário diverso.

Ju01usou palavras que compõem a norma de prestígio em sua região, Bechara (1996) essas ao fazerem parte do dialeto regional são de fácil acesso a todas as classes sociais inclusive as mais humildes. E não se pode esquecer que a jovem mantém uma convivência com pessoas que utilizam a língua de prestígio na escola onde estuda e no banco onde trabalha.

Já Jr01utilizou-se de um dialeto bem popular em sua comunidade rural, seu dialeto de origem aprendido com seus pais, avós, amigos. Brasil, (1996)

5.3.1- Análise comparativa das entrevistas dos sujeitos em idade adulta das zonas rural e urbana de Pentecoste. (CE.)

O questionário de número 02. Qual expressão você usa quando alguém diz uma bobagem? Obteve como resposta:

Au 02: besta! Abestado!

Ar 02: Oh lasqueira!

A palavra “abestado” é uma variação de abestalhado encontrado em Bechara (2011, p. 214). A palavra, “besta”, é encontrada em da Silva Borba (2011, p. 175) significando tolo e bobo, que é o sentido encontrado como resposta nesse questionário. A palavra, “lasqueira”, é

uma variação encontrada em da Silva Borba (2011, p. 828) significando dar-se mal, dentre outros significados.

Ao responder ao segundo questionário a linguagem regional sobressaiu-se a padrão, isto pode ser explicado pelo facto de que ambos os entrevistados mantêm contato íntimo com sua comunidade de origem, portanto ainda propagam o léxico usado nesta comunidade (Traváglio, 1996).

O questionário de número 03. Qual expressão vc usa quando quer que alguém aja ou reaja a uma situação? Obteve como resposta:

Au 02: Cuida lezado!

Ar 02: presta a atenção! Te alui!

Ambos os entrevistados usaram a linguagem regional para responder a este questionário ao utilizarem as expressões “Cuida lezado” e “te alui”. Entretanto o segundo entrevistado utilizou-se também da variação padrão ao usar a expressão “presta a atenção!” que foi encontrada em dicionários da língua portuguesa tendo este sentido aplicado no questionário como literal.

A palavra, “lesado”, é uma variação de leso e leseira, essas últimas encontradas em Bechara (2011, p. 778) A palavra “aluir” é encontrada em da Silva Borges (2011, p. 56) como verbo transitivo com o sentido de sair, mover. Exemplo: O mendigo não se aluiu do pé da escada. Já a expressão “presta atenção” é encontrada em da Silva Borba (2011, p. 127) com o mesmo sentido encontrado neste questionário que é advertir e exortar.

Mais uma vez o léxico da comunidade de origem dos dois entrevistados sobressaiu-se, sendo ambos oriundos de classes sociais humildes, que em seu léxico não dominam a língua padrão, pois tem um dialeto próprio, apesar de terem acesso à educação formal, mas ainda utilizam o dialeto de suas comunidades (Traváglio, 1996).

O questionário de número 07. Expressão usada para designar o estado de espírito da pessoa que não sabe o que fazer diante de uma situação difícil? Obteve como resposta:

Au 02: abatido.

Ar 02: melancólica, triste, deprimida.

A palavra, “abatido”, é encontrada em da Silva Borba (2011, p. 3) significando caído, fatigado, enfraquecido e derrubado. Já a palavra “melancólica”, também é encontrada em da Silva Borba (2011, p. 904) significando tristeza. A palavra, “triste”, é encontrada em da Silva Borba (2011, p. 1390) significando mágoa, desgosto, aflição, entre outros. A palavra deprimida também é encontrada em da Silva Borba (2011, p.392) significando depressão.

Ambos os entrevistados usaram a linguagem padrão para responder a este questionário, pois todas as palavras obtidas como resposta a este questionário estão no sentido figurado. Embora não tenha havido coincidência de vocábulos.

Tanto Au02 e Ar02 usam a norma padrão, mostrando toda a influência que a educação formal tem em seus léxicos, pois ambas vem de famílias humildes, mas tem nível superior e trabalham diretamente com a educação formal, e são pessoas culturalmente privilegiadas como orienta Traváglia (1996).

O questionário de número 08. O que se diz da pessoa que está perdido, não consegue se localizar? Obteve como resposta:

Au 02: ariado.

Ar 02: ariado.

A palavra, “ariado”, foi encontrada apenas em Albuquerque e com esse mesmo significado. Exemplo: José foi na rua e se ariou, não soube mas voltar para casa.

Ambos os entrevistados usaram a linguagem regional para responder a este questionário, pois todas as palavras obtidas como resposta a este questionário estão no sentido figurado. Embora não tenha havido coincidência de vocábulos. Lembrando que Albuquerque é um dicionário de regionalismos.

Mais uma vez os dois educadores entrevistados fizeram uso de léxicos que fazem parte da língua de prestígio regional, como já foi citada anteriormente Traváglia (1996) e isto ocorre porque fazendo parte da elite cultural eles decidem o que faz parte da língua de prestígio.

5.3.2- Análise comparativa das entrevistas dos sujeitos em idade avançada, anciões, das zonas rural e urbana de Pentecoste. (Ce.)

O questionário de número 02. Qual expressão você usa quando alguém diz uma bobagem? Obteve como resposta:

Au 02: tolo demais.

Ar 02: essa pessoa é abestado.

O primeiro entrevistado usou a variante padrão para responder a este questionário, já que a palavra, “tolo”, está em seu sentido literal. Enquanto que o segundo usou uma variante regional, já que esta é encontrada em dicionários da língua padrão como variante de uma norma culta.

A expressão “tolo” é encontrada em Bechara (2011, p.1096) definida como bobagem, ingenuidade e etc. A palavra “abestado” é uma variação de abestalhado e é encontrada em Bechara (2011, p. 214).

Sendo Su01 uma pessoa versada nas letras, pois, é escritora e parte atuante da sociedade pentecostense, esta domina com perfeição a norma padrão (Traváglia, 1996).

Já Sr02 sendo uma senhora do interior com baixo nível de escolaridade, mais uma vez reproduziu uma variante regional da língua que não faz parte da norma de prestígio, mas que foi produzida em seu grupo de origem. Brasil, (1997)

O questionário de número 03. Qual expressão vc usa quando quer que alguém aja ou reaja a uma situação? Obteve como resposta:

Au 02: Não vai reagir não.

Ar 02: agilizar, ir rápido.

O verbete “reagir” é encontrado em Bechara (2011, p.985) como verbo na forma infinitiva e com o mesmo sentido encontrado como resposta a este questionário. A palavra “agilizar” é encontrada em Bechara (2011, p.239) com o sentido de rapidez que é a outra palavra encontrada como resposta a este questionário.

O primeiro entrevistado usou a variante padrão para responder a este questionário, já que a palavra “reagir” está em seu sentido literal. Enquanto que o segundo usou uma variante regional, já que esta é empregada em sentido figurado neste contexto.

Su02 mais uma vez usou a norma padrão, que é típica de sua classe social. Enquanto que Sr02 também usou a norma padrão para responder a este questionário, no entanto como ela é de origem humilde e baixo nível de escolaridade, supõe-se que tenha aprendido esse verbete pertencente à norma padrão através dos meios de comunicação aos quais tem acesso (Bago,2008).

O questionário de número 07. Expressão usada para designar o estado de espírito da pessoa que não sabe o que fazer diante de uma situação difícil? Obteve como resposta:

Au 02: aterrorizada, pasma.

Ar 02: desesperado.

A palavra “aterrorizada” é encontrada em Bechara (2011, p. 306) A palavra “pasma” é encontrada em Bechara (2011, p. 901) significando admiração, assombro. A palavra, “desesperado”, é encontrada em Bechara (2011, p. 505) com o sentido de sem esperança.

Ambos os entrevistados usaram a variação padrão para responder a este questionário, pois todas as palavras obtidas como resposta estão em seu sentido literal. Entretanto os vocábulos utilizados não coincidem.

Au02 ao utilizar-se da língua padrão para responder a este questionário mostra suas raízes, pois sendo uma senhora de classe social dominante, com certo nível de escolarização, afeita a linguagem falada na capital cearense e participante ativa na cultura do município. É tanto que mostra uma riqueza de vocábulos ao se expressar (Traváglia,1996).

Já Ar02, por ser uma senhora oriunda da zona rural, da classe baixa, com baixo nível intelectual sem nenhuma participação cultural no município e indo a capital cearense apenas quando há necessidade, ousa-se dizer que esta adquiriu este vocábulo da linguagem culta através dos meios de comunicação aos quais tem acesso, principalmente a televisão, que segundo Bago (2008), juntamente com a escola são os maiores propagadores da língua padrão.

O questionário de número 08. O que se diz da pessoa que está perdido, não consegue se localizar? Obteve como resposta:

Au 02: aéreo.

Ar 02: ariado.

A palavra, “aérea”, é encontrada em Bechara (2011, p.234) significando entre outras coisas: desatento, distraído. A palavra, “ariado”, é encontrada em Bechara (2011, p.289) como verbo no infinitivo significando limpar, esfregar, objetos com palha de aço ou com areia.

O primeiro entrevistado usou a variante padrão para responder a este questionário, já que a palavra “reagir” está em seu sentido literal. Enquanto que o segundo usou uma variante regional, já que esta é empregada em sentido figurado neste contexto.

Ao utilizar-se da variante padrão para responder a este questionário Au02 ilustra todo o meio social e cultural no qual vive. Já que ela é uma senhora pertencente a classe social e cultural dominante, Que como diz Traváglia (1996) decide o que faz parte da língua de prestígio. Além disso, é afeita a língua falada na capital cearense, pois visita-a com frequência, e tem certo nível intelectual, tendo sido professora e sendo participante ativa da cultura do município como escritora.

Já Ar02, mostra a sua origem simples na zona rural do município com um baixo nível de escolaridade (Traváglia, 1996).

5.3.3- Análise comparativa das entrevistas dos sujeitos em idade jovem das zonas rural e urbana de Pentecoste. (Ce.)

O questionário de número 02. Qual expressão você usa quando alguém diz uma bobagem? Obteve como resposta:

Ju 02: caixa d’água.

Jr 02: idiota.

“Caixa d’água” é uma expressão popular usada quando alguém diz uma bobagem, porém, é encontrada em Bechara (2011, p. 368) significando apenas recipiente feito para armazenar água e beberão. A expressão “idiota” é encontrada em Bechara (2011, p. 709) com a conotação de tolo, imbecil e etc.

O primeiro entrevistado usou a variante regional já que a palavra caixa d'água foi empregada em sentido figurado. Quanto ao segundo entrevistado, este usou a variação padrão, pois a palavra idiota está sendo usada no sentido literal.

Au02 ao responder a este questionário mais uma vez usou uma linguagem típica dos jovens de sua idade, grupo social ao qual pertence (Traváglia, 1996).

Já Ar02 utilizou-se de uma variante da língua padrão, adquirida através da educação formal, escola, a qual tem acesso diariamente e também dos meios de comunicação de massa aos quais tem acesso. Segundo Bagno (2008) essas duas instituições, escola e meios de comunicação são as maiores propagadoras da língua padrão.

O questionário de número 03. Qual expressão você usa quando quer que alguém aja ou reaja a uma situação? Obteve como resposta:

Ju 02: ei man prestenção!

Jr 02: corre!

A expressão, “ei man prestenção”, é uma variação do alerta, “atenção!” encontrada em Bechara (2011, p. 305). A tradução é: Ei macho presta atenção! Já a expressão “corre” é encontrada em Bechara (2011, p. 458) significando dedicar-se a “algo com pressa”.

Ambos os entrevistados usaram a linguagem regional para responder a este questionário, pois todas as palavras que compõem as respostas estão empregadas no sentido figurado. Apesar disso é importante ressaltar que não houve coincidência de vocábulos.

Au02 ao responder a este questionário mais uma vez teve em sua linguagem uma marca típica dos jovens de sua idade, grupo social ao qual pertence, onde não falam a língua padrão (Traváglia, 1996).

Ar02 neste questionário teve sua linguagem marcada pela fala do seu grupo social de origem. O rapaz é oriundo de uma classe social baixa na qual, poucas pessoas, ou quase ninguém fala a língua padrão (Brasil, 1997).

O questionário de número 07. Pergunta de número 29: Expressão usada para designar o estado de espírito da pessoa que não sabe como agir diante de uma situação difícil? Obteve como resposta:

Ju 02: desesperada.

Jr 02: triste, angustiada.

A palavra “desesperado” é encontrada em Bechara (2011, p. 505) com o sentido de sem esperança. O vocábulo triste também foi encontrado em Bechara (2011, p. 1111) significando descontentamento. Quanto ao vocábulo, “angustiada”, foi encontrado em Bechara (2011, p.268) significando aflição. Aqui nota-se uma diferença vocabular entre os jovens das zonas urbana e rural de Pentecoste, pois, classificam o mesmo questionamento com vocábulos diferentes embora estejam todos dentro da norma padrão.

O primeiro entrevistado usou a variação padrão para responder a este questionário. Enquanto que o segundo também usou a linguagem padrão.

Au02, ao responder a este questionário, mostra a influência da escola, a qual frequenta diariamente e dos meios de comunicação e tecnologias, aos quais tem acesso com relativa facilidade em sua fala, que segundo Bagno (2008) propagam a língua padrão.

Ar02 também demonstrou mais uma vez a influência da educação formal, escola, em seu modo de falar (Bagno, 2008).

O questionário de número 08. O que se diz da pessoa que está perdido, não consegue se localizar? Obteve como resposta:

Ju 02: não soube responder.

Jr 02:perdida.

A expressão, “perdido”, é encontrada em Bechara (2011, p. 913) significando desorientação.

O jovem da zona urbana não soube responder a este questionamento enquanto que o jovem da zona rural respondeu com a norma culta, perdido. Aqui se observa mais uma vez a diferença vocabular entre os dois atores da pesquisa, sendo que o segundo apresentou maior conhecimento linguístico que o primeiro.

O primeiro entrevistado disse não saber responder a este questionamento. Já o segundo fez uso da linguagem regional visto que, a palavra utilizada como resposta está empregada no sentido figurado.

Au02 mais uma vez mostra uma deficiência em seu vocabulário, isto talvez ocorra porque o seu grupo social, juventude, o qual lhe inspira a fala tenha um linguajar deficiente em vocabulário (Travágia, 1996).

Ar02, mais uma vez, ao utilizar o termo padrão, para responder a este questionário, mostrou a influência da escola e dos meios de comunicação em sua fala (Bagno , 2008).

Apêndice XV

Autorizações dos entrevistados

Neste apêndice consta os termos de livre esclarecimento, autorizações, dos entrevistados durante o trabalho de campo.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

O (a) sr. (a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa **A utilização da língua portuguesa em duas regiões do estado do Ceará**, que tem como objetivo analisar a utilização da língua portuguesa em duas regiões do estado do Ceará, Pentecoste e Juazeiro do Norte. Observando as diferenças linguísticas existentes entre as duas regiões do estado do Ceará, verificando as transformações ocorridas no vocabulário da língua portuguesa, a partir de várias gerações e estabelecendo a Educação Comparada entre a língua mãe e a vigente e sua repercussão na aprendizagem nos dias atuais. Pedimos sua colaboração ao participar de observações e de entrevista, de acordo com a necessidade da pesquisadora, sujeito da pesquisa. Essas entrevistas serão gravadas em equipamento de áudio se o (a) sr. (a) concordar. Garantimos que a pesquisa não trará nenhuma forma de prejuízo, dano ou transtorno para aqueles que participarem. Todas as informações obtidas nesse estudo serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada. Vale ressaltar que sua participação é voluntária e o (a) sr. (a) poderá a qualquer momento deixar de participar deste, sem qualquer prejuízo ou dano para o sujeito. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados somente para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados a partir de artigos científicos e revistas especializadas e / ou encontros científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação. Todos os participantes poderão receber quaisquer esclarecimentos acerca da pesquisa, e ressaltando novamente, terão liberdade para não participar quando assim acharem mais conveniente. Informamos também que não haverá divulgação personalizada das informações, que você não receberá qualquer espécie de reembolso ou gratificação pela participação neste estudo e que terá direito a uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Se necessário, pode entrar em contato com a responsável pela pesquisa, a mestranda, Francisca Mailza Bezerra de Castro, pelo telefone (85) 992173343 ou e-mail: mailzapentecoste@gmail.com e com a orientadora Marisa Pascarelli Agrello pelo e-mail marisagrello@gmail.com. Este termo está elaborado em duas vias, sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e a outra para o arquivo do pesquisador.

Eu, Cleia Campêlo Vieira
tendo sido esclarecido (a) a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma, Pentecoste, 29
de maio de 2018.

Assinatura do (a) participante (professor) (anciã)
Cleia Campêlo Vieira

Assinatura da pesquisadora
Isa. Mailza B. Castro

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

O (a) sr. (a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa **A utilização da língua portuguesa em duas regiões do estado do Ceará**, que tem como objetivo analisar a utilização da língua portuguesa em duas regiões do estado do Ceará, Pentecoste e Juazeiro do Norte. Observando as diferenças linguísticas existentes entre as duas regiões do estado do Ceará, verificando as transformações ocorridas no vocabulário da língua portuguesa, a partir de várias gerações e estabelecendo a Educação Comparada entre a língua mãe e a vigente e sua repercussão na aprendizagem nos dias atuais. Pedimos sua colaboração ao participar de observações e de entrevista, de acordo com a necessidade da pesquisadora, sujeito da pesquisa. Essas entrevistas serão gravadas em equipamento de áudio se o (a) sr. (a) concordar. Garantimos que a pesquisa não trará nenhuma forma de prejuízo, dano ou transtorno para aqueles que participarem. Todas as informações obtidas nesse estudo serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada. Vale ressaltar que sua participação é voluntária e o (a) sr. (a) poderá a qualquer momento deixar de participar deste, sem qualquer prejuízo ou dano para o sujeito. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados somente para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados a partir de artigos científicos e revistas especializadas e / ou encontros científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação. Todos os participantes poderão receber quaisquer esclarecimentos acerca da pesquisa, e ressaltando novamente, terão liberdade para não participar quando assim acharem mais conveniente. Informamos também que não haverá divulgação personalizada das informações, que você não receberá qualquer espécie de reembolso ou gratificação pela participação neste estudo e que terá direito a uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Se necessário, pode entrar em contato com a responsável pela pesquisa, a mestrande, Francisca Mailza Bezerra de Castro, pelo telefone (85) 992173343 ou e-mail: mailzapentecoste@gmail.com e com a orientadora Marisa Pascarelli Agrello pelo e-mail marisagrello@gmail.com. Este termo está elaborado em duas vias, sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e a outra para o arquivo do pesquisador.

Eu, Raimunda da Silva Rodrigues
tendo sido esclarecido (a) a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma, Pentecoste, 28
de maio de 2018.

Assinatura do (a) participante (ancião)

Raimunda da Silva Rodrigues

Assinatura da pesquisadora

Francisca Mailza B. Castro

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

O (a) sr. (a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa **A utilização da língua portuguesa em duas regiões do estado do Ceará**, que tem como objetivo analisar a utilização da língua portuguesa em duas regiões do estado do Ceará, Pentecoste e Juazeiro do Norte. Observando as diferenças linguísticas existentes entre as duas regiões do estado do Ceará, verificando as transformações ocorridas no vocabulário da língua portuguesa, a partir de várias gerações e estabelecendo a Educação Comparada entre a língua mãe e a vigente e sua repercussão na aprendizagem nos dias atuais. Pedimos sua colaboração ao participar de observações e de entrevista, de acordo com a necessidade da pesquisadora, sujeito da pesquisa. Essas entrevistas serão gravadas em equipamento de áudio se o (a) sr. (a) concordar. Garantimos que a pesquisa não trará nenhuma forma de prejuízo, dano ou transtorno para aqueles que participarem. Todas as informações obtidas nesse estudo serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada. Vale ressaltar que sua participação é voluntária e o (a) sr. (a) poderá a qualquer momento deixar de participar deste, sem qualquer prejuízo ou dano para o sujeito. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados somente para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados a partir de artigos científicos e revistas especializadas e / ou encontros científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação. Todos os participantes poderão receber quaisquer esclarecimentos acerca da pesquisa, e ressaltando novamente, terão liberdade para não participar quando assim acharem mais conveniente. Informamos também que não haverá divulgação personalizada das informações, que você não receberá qualquer espécie de reembolso ou gratificação pela participação neste estudo e que terá direito a uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Se necessário, pode entrar em contato com a responsável pela pesquisa, a mestrandia, Francisca Mailza Bezerra de Castro, pelo telefone (85) 992173343 ou e-mail: mailzapentecoste@gmail.com e com a orientadora Marisa Pascarelli Agrello pelo e-mail marisagrello@gmail.com. Este termo está elaborado em duas vias, sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e a outra para o arquivo do pesquisador.

Eu, Carlos Bezerra Ferreira
tendo sido esclarecido (a) a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma, Juazeiro do Norte,
13 de abril de 2018.

Assinatura do (a) participante (ancião)

Carlos Bezerra Ferreira

Assinatura da pesquisadora

Francisca Mailza B. Castro

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

O (a) sr. (a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa **A utilização da língua portuguesa em duas regiões do estado do Ceará**, que tem como objetivo analisar a utilização da língua portuguesa em duas regiões do estado do Ceará, Pentecoste e Juazeiro do Norte. Observando as diferenças linguísticas existentes entre as duas regiões do estado do Ceará, verificando as transformações ocorridas no vocabulário da língua portuguesa, a partir de várias gerações e estabelecendo a Educação Comparada entre a língua mãe e a vigente e sua repercussão na aprendizagem nos dias atuais. Pedimos sua colaboração ao participar de observações e de entrevista, de acordo com a necessidade da pesquisadora, sujeito da pesquisa. Essas entrevistas serão gravadas em equipamento de áudio se o (a) sr. (a) concordar. Garantimos que a pesquisa não trará nenhuma forma de prejuízo, dano ou transtorno para aqueles que participarem. Todas as informações obtidas nesse estudo serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada. Vale ressaltar que sua participação é voluntária e o (a) sr. (a) poderá a qualquer momento deixar de participar deste, sem qualquer prejuízo ou dano para o sujeito. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados somente para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados a partir de artigos científicos e revistas especializadas e / ou encontros científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação. Todos os participantes poderão receber quaisquer esclarecimentos acerca da pesquisa, e ressaltando novamente, terão liberdade para não participar quando assim acharem mais conveniente. Informamos também que não haverá divulgação personalizada das informações, que você não receberá qualquer espécie de reembolso ou gratificação pela participação neste estudo e que terá direito a uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Se necessário, pode entrar em contato com a responsável pela pesquisa, a mestrande, Francisca Mailza Bezerra de Castro, pelo telefone (85) 992173343 ou e-mail: mailzapentecoste@gmail.com e com a orientadora Marisa Pascarelli Agrello pelo e-mail marisagrello@gmail.com. Este termo está elaborado em duas vias, sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e a outra para o arquivo do pesquisador.

Eu, Antonio Chezman Alencar Ribeiro
tendo sido esclarecido (a) a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma, Juazeiro do Norte,
12 de abril de 2018.

Assinatura do (a) participante (professor) (ancião)

Antonio Chezman Alencar Ribeiro

Assinatura da pesquisadora

Sra. Mailza B. Castro

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

O (a) sr. (a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa **A utilização da língua portuguesa em duas regiões do estado do Ceará**, que tem como objetivo analisar a utilização da língua portuguesa em duas regiões do estado do Ceará, Pentecoste e Juazeiro do Norte. Observando as diferenças linguísticas existentes entre as duas regiões do estado do Ceará, verificando as transformações ocorridas no vocabulário da língua portuguesa, a partir de várias gerações e estabelecendo a Educação Comparada entre a língua mãe e a vigente e sua repercussão na aprendizagem nos dias atuais. Pedimos sua colaboração ao participar de observações e de entrevista, de acordo com a necessidade da pesquisadora, sujeito da pesquisa. Essas entrevistas serão gravadas em equipamento de áudio se o (a) sr. (a) concordar. Garantimos que a pesquisa não trará nenhuma forma de prejuízo, dano ou transtorno para aqueles que participarem. Todas as informações obtidas nesse estudo serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada. Vale ressaltar que sua participação é voluntária e o (a) sr. (a) poderá a qualquer momento deixar de participar deste, sem qualquer prejuízo ou dano para o sujeito. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados somente para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados a partir de artigos científicos e revistas especializadas e / ou encontros científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação. Todos os participantes poderão receber quaisquer esclarecimentos acerca da pesquisa, e ressaltando novamente, terão liberdade para não participar quando assim acharem mais conveniente. Informamos também que não haverá divulgação personalizada das informações, que você não receberá qualquer espécie de reembolso ou gratificação pela participação neste estudo e que terá direito a uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Se necessário, pode entrar em contato com a responsável pela pesquisa, a mestranda, Francisca Mailza Bezerra de Castro, pelo telefone (85) 992173343 ou e-mail: mailzapentecoste@gmail.com e com a orientadora Marisa Pascarelli Agrello pelo e-mail marisagrello@gmail.com. Este termo está elaborado em duas vias, sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e a outra para o arquivo do pesquisador.

Eu, FRANÇOIS MARTINZ ACÁCIO
tendo sido esclarecido (a) a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma, Pentecoste, 15
de maio de 2018.

Assinatura do (a) participante (professor)

Francis Martinz Acácio

Assinatura da pesquisadora

Isa. Mailza B. Castro

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

O (a) sr. (a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa **A utilização da língua portuguesa em duas regiões do estado do Ceará**, que tem como objetivo analisar a utilização da língua portuguesa em duas regiões do estado do Ceará, Pentecoste e Juazeiro do Norte. Observando as diferenças linguísticas existentes entre as duas regiões do estado do Ceará, verificando as transformações ocorridas no vocabulário da língua portuguesa, a partir de várias gerações e estabelecendo a Educação Comparada entre a língua mãe e a vigente e sua repercussão na aprendizagem nos dias atuais. Pedimos sua colaboração ao participar de observações e de entrevista, de acordo com a necessidade da pesquisadora, sujeito da pesquisa. Essas entrevistas serão gravadas em equipamento de áudio se o (a) sr. (a) concordar. Garantimos que a pesquisa não trará nenhuma forma de prejuízo, dano ou transtorno para aqueles que participarem. Todas as informações obtidas nesse estudo serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada. Vale ressaltar que sua participação é voluntária e o (a) sr. (a) poderá a qualquer momento deixar de participar deste, sem qualquer prejuízo ou dano para o sujeito. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados somente para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados a partir de artigos científicos e revistas especializadas e / ou encontros científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação. Todos os participantes poderão receber quaisquer esclarecimentos acerca da pesquisa, e ressaltando novamente, terão liberdade para não participar quando assim acharem mais conveniente. Informamos também que não haverá divulgação personalizada das informações, que você não receberá qualquer espécie de reembolso ou gratificação pela participação neste estudo e que terá direito a uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Se necessário, pode entrar em contato com a responsável pela pesquisa, a mestranda, Francisca Mailza Bezerra de Castro, pelo telefone (85) 992173343 ou e-mail: mailzapentecoste@gmail.com e com a orientadora Marisa Pascarelli Agrello pelo e-mail marisagrello@gmail.com. Este termo está elaborado em duas vias, sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e a outra para o arquivo do pesquisador.

Eu, MARIA SOLANGE VIEIRA DOS SANTOS

tendo sido esclarecido (a) a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma, Pentecoste, 16 de maio de 2018.

Assinatura do (a) participante (professor)

Maria Solange Vieira dos Santos

Assinatura da pesquisadora

Francisca Mailza B. Castro

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

O (a) sr. (a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa **A utilização da língua portuguesa em duas regiões do estado do Ceará**, que tem como objetivo analisar a utilização da língua portuguesa em duas regiões do estado do Ceará, Pentecoste e Juazeiro do Norte. Observando as diferenças linguísticas existentes entre as duas regiões do estado do Ceará, verificando as transformações ocorridas no vocabulário da língua portuguesa, a partir de várias gerações e estabelecendo a Educação Comparada entre a língua mãe e a vigente e sua repercussão na aprendizagem nos dias atuais. Pedimos sua colaboração ao participar de observações e de entrevista, de acordo com a necessidade da pesquisadora, sujeito da pesquisa. Essas entrevistas serão gravadas em equipamento de áudio se o (a) sr. (a) concordar. Garantimos que a pesquisa não trará nenhuma forma de prejuízo, dano ou transtorno para aqueles que participarem. Todas as informações obtidas nesse estudo serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada. Vale ressaltar que sua participação é voluntária e o (a) sr. (a) poderá a qualquer momento deixar de participar deste, sem qualquer prejuízo ou dano para o sujeito. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados somente para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados a partir de artigos científicos e revistas especializadas e / ou encontros científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação. Todos os participantes poderão receber quaisquer esclarecimentos acerca da pesquisa, e ressaltando novamente, terão liberdade para não participar quando assim acharem mais conveniente. Informamos também que não haverá divulgação personalizada das informações, que você não receberá qualquer espécie de reembolso ou gratificação pela participação neste estudo e que terá direito a uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Se necessário, pode entrar em contato com a responsável pela pesquisa, a mestrande, Francisca Mailza Bezerra de Castro, pelo telefone (85) 992173343 ou e-mail: mailzapentecoste@gmail.com e com a orientadora Marisa Pascarelli Agrello pelo e-mail marisagrello@gmail.com. Este termo está elaborado em duas vias, sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e a outra para o arquivo do pesquisador.

Eu, Edilberto Gonçalves de Oliveira,
tendo sido esclarecido (a) a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma, Juazeiro do Norte,
12 de abril de 2018.

Assinatura do (a) participante (professor)

Edilberto Gonçalves de Oliveira

Assinatura da pesquisadora

Fca. Mailza B. Castro

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

O (a) sr. (a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa **A utilização da língua portuguesa em duas regiões do estado do Ceará**, que tem como objetivo analisar a utilização da língua portuguesa em duas regiões do estado do Ceará, Pentecoste e Juazeiro do Norte. Observando as diferenças linguísticas existentes entre as duas regiões do estado do Ceará, verificando as transformações ocorridas no vocabulário da língua portuguesa, a partir de várias gerações e estabelecendo a Educação Comparada entre a língua mãe e a vigente e sua repercussão na aprendizagem nos dias atuais. Pedimos sua colaboração ao participar de observações e de entrevista, de acordo com a necessidade da pesquisadora, sujeito da pesquisa. Essas entrevistas serão gravadas em equipamento de áudio se o (a) sr. (a) concordar. Garantimos que a pesquisa não trará nenhuma forma de prejuízo, dano ou transtorno para aqueles que participarem. Todas as informações obtidas nesse estudo serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada. Vale ressaltar que sua participação é voluntária e o (a) sr. (a) poderá a qualquer momento deixar de participar deste, sem qualquer prejuízo ou dano para o sujeito. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados somente para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados a partir de artigos científicos e revistas especializadas e / ou encontros científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação. Todos os participantes poderão receber quaisquer esclarecimentos acerca da pesquisa, e ressaltando novamente, terão liberdade para não participar quando assim acharem mais conveniente. Informamos também que não haverá divulgação personalizada das informações, que você não receberá qualquer espécie de reembolso ou gratificação pela participação neste estudo e que terá direito a uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Se necessário, pode entrar em contato com a responsável pela pesquisa, a mestranda, Francisca Mailza Bezerra de Castro, pelo telefone (85) 992173343 ou e-mail: mailzapentecoste@gmail.com e com a orientadora Marisa Pascarelli Agrello pelo e-mail marisagrello@gmail.com. Este termo está elaborado em duas vias, sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e a outra para o arquivo do pesquisador.

Eu, José Rivelino de Santana Sousa
tendo sido esclarecido (a) a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma, Juazeiro do Norte,
13 de abril de 2018.

Assinatura do (a) participante (professor)

José Rivelino de Santana Sousa

Assinatura da pesquisadora

Francisca Mailza B. Castro

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

O (a) sr. (a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa **A utilização da língua portuguesa em duas regiões do estado do Ceará**, que tem como objetivo analisar a utilização da língua portuguesa em duas regiões do estado do Ceará, Pentecoste e Juazeiro do Norte. Observando as diferenças linguísticas existentes entre as duas regiões do estado do Ceará, verificando as transformações ocorridas no vocabulário da língua portuguesa, a partir de várias gerações e estabelecendo a Educação Comparada entre a língua mãe e a vigente e sua repercussão na aprendizagem nos dias atuais. Pedimos sua colaboração ao participar de observações e de entrevista, de acordo com a necessidade da pesquisadora, sujeito da pesquisa. Essas entrevistas serão gravadas em equipamento de áudio se o (a) sr. (a) concordar. Garantimos que a pesquisa não trará nenhuma forma de prejuízo, dano ou transtorno para aqueles que participarem. Todas as informações obtidas nesse estudo serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada. Vale ressaltar que sua participação é voluntária e o (a) sr. (a) poderá a qualquer momento deixar de participar deste, sem qualquer prejuízo ou dano para o sujeito. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados somente para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados a partir de artigos científicos e revistas especializadas e / ou encontros científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação. Todos os participantes poderão receber quaisquer esclarecimentos acerca da pesquisa, e ressaltando novamente, terão liberdade para não participar quando assim acharem mais conveniente. Informamos também que não haverá divulgação personalizada das informações, que você não receberá qualquer espécie de reembolso ou gratificação pela participação neste estudo e que terá direito a uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Se necessário, pode entrar em contato com a responsável pela pesquisa, a mestrande, Francisca Mailza Bezerra de Castro, pelo telefone (85) 992173343 ou e-mail: mailzapentecoste@gmail.com e com a orientadora Marisa Pascarelli Agrello pelo e-mail marisagrello@gmail.com. Este termo está elaborado em duas vias, sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e a outra para o arquivo do pesquisador.

Eu, Francisco da Nobrega de Vasconcelos Júnior
tendo sido esclarecido (a) a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma, Pentecoste, 18
de maio de 2018.

Assinatura do (a) participante (professor) *(aluno)*

Francisco da Nobrega de Vasconcelos Júnior

Assinatura da pesquisadora

Isa. Mailza B. Castro.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

O (a) sr. (a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa **A utilização da língua portuguesa em duas regiões do estado do Ceará**, que tem como objetivo analisar a utilização da língua portuguesa em duas regiões do estado do Ceará, Pentecoste e Juazeiro do Norte. Observando as diferenças linguísticas existentes entre as duas regiões do estado do Ceará, verificando as transformações ocorridas no vocabulário da língua portuguesa, a partir de várias gerações e estabelecendo a Educação Comparada entre a língua mãe e a vigente e sua repercussão na aprendizagem nos dias atuais. Pedimos sua colaboração ao participar de observações e de entrevista, de acordo com a necessidade da pesquisadora, sujeito da pesquisa. Essas entrevistas serão gravadas em equipamento de áudio se o (a) sr. (a) concordar. Garantimos que a pesquisa não trará nenhuma forma de prejuízo, dano ou transtorno para aqueles que participarem. Todas as informações obtidas nesse estudo serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada. Vale ressaltar que sua participação é voluntária e o (a) sr. (a) poderá a qualquer momento deixar de participar deste, sem qualquer prejuízo ou dano para o sujeito. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados somente para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados a partir de artigos científicos e revistas especializadas e / ou encontros científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação. Todos os participantes poderão receber quaisquer esclarecimentos acerca da pesquisa, e ressaltando novamente, terão liberdade para não participar quando assim acharem mais conveniente. Informamos também que não haverá divulgação personalizada das informações, que você não receberá qualquer espécie de reembolso ou gratificação pela participação neste estudo e que terá direito a uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Se necessário, pode entrar em contato com a responsável pela pesquisa, a mestranda, Francisca Mailza Bezerra de Castro, pelo telefone (85) 992173343 ou e-mail: mailzapentecoste@gmail.com e com a orientadora Marisa Pascarelli Agrello pelo e-mail marisagrello@gmail.com. Este termo está elaborado em duas vias, sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e a outra para o arquivo do pesquisador.

Eu, Maria Lúcia Teodósio Pereira
tendo sido esclarecido (a) a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma, Pentecoste, 17
de maio de 2018.

Assinatura do (a) participante (aluno)

Maria Lúcia Teodósio Pereira

Assinatura da pesquisadora

Francisca Mailza B. Castro.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

O (a) sr. (a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa **A utilização da língua portuguesa em duas regiões do estado do Ceará**, que tem como objetivo analisar a utilização da língua portuguesa em duas regiões do estado do Ceará, Pentecoste e Juazeiro do Norte. Observando as diferenças linguísticas existentes entre as duas regiões do estado do Ceará, verificando as transformações ocorridas no vocabulário da língua portuguesa, a partir de várias gerações e estabelecendo a Educação Comparada entre a língua mãe e a vigente e sua repercussão na aprendizagem nos dias atuais. Pedimos sua colaboração ao participar de observações e de entrevista, de acordo com a necessidade da pesquisadora, sujeito da pesquisa. Essas entrevistas serão gravadas em equipamento de áudio se o (a) sr. (a) concordar. Garantimos que a pesquisa não trará nenhuma forma de prejuízo, dano ou transtorno para aqueles que participarem. Todas as informações obtidas nesse estudo serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada. Vale ressaltar que sua participação é voluntária e o (a) sr. (a) poderá a qualquer momento deixar de participar deste, sem qualquer prejuízo ou dano para o sujeito. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados somente para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados a partir de artigos científicos e revistas especializadas e / ou encontros científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação. Todos os participantes poderão receber quaisquer esclarecimentos acerca da pesquisa, e ressaltando novamente, terão liberdade para não participar quando assim acharem mais conveniente. Informamos também que não haverá divulgação personalizada das informações, que você não receberá qualquer espécie de reembolso ou gratificação pela participação neste estudo e que terá direito a uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Se necessário, pode entrar em contato com a responsável pela pesquisa, a mestrande, Francisca Mailza Bezerra de Castro, pelo telefone (85) 992173343 ou e-mail: mailzapentecoste@gmail.com e com a orientadora Marisa Pascarelli Agrello pelo e-mail marisagrello@gmail.com. Este termo está elaborado em duas vias, sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e a outra para o arquivo do pesquisador.

Eu, Marcelo William da Silva Rocha
tendo sido esclarecido (a) a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma, Juazeiro do Norte,
11 de abril de 2018.

Assinatura do (a) participante (aluno)

Marcelo William da Silva Rocha

Assinatura da pesquisadora

Isa. Mailza B. Castro.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

O (a) sr. (a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa **A utilização da língua portuguesa em duas regiões do estado do Ceará**, que tem como objetivo analisar a utilização da língua portuguesa em duas regiões do estado do Ceará, Pentecoste e Juazeiro do Norte. Observando as diferenças linguísticas existentes entre as duas regiões do estado do Ceará, verificando as transformações ocorridas no vocabulário da língua portuguesa, a partir de várias gerações e estabelecendo a Educação Comparada entre a língua mãe e a vigente e sua repercussão na aprendizagem nos dias atuais. Pedimos sua colaboração ao participar de observações e de entrevista, de acordo com a necessidade da pesquisadora, sujeito da pesquisa. Essas entrevistas serão gravadas em equipamento de áudio se o (a) sr. (a) concordar. Garantimos que a pesquisa não trará nenhuma forma de prejuízo, dano ou transtorno para aqueles que participarem. Todas as informações obtidas nesse estudo serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada. Vale ressaltar que sua participação é voluntária e o (a) sr. (a) poderá a qualquer momento deixar de participar deste, sem qualquer prejuízo ou dano para o sujeito. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados somente para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados a partir de artigos científicos e revistas especializadas e / ou encontros científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação. Todos os participantes poderão receber quaisquer esclarecimentos acerca da pesquisa, e ressaltando novamente, terão liberdade para não participar quando assim acharem mais conveniente. Informamos também que não haverá divulgação personalizada das informações, que você não receberá qualquer espécie de reembolso ou gratificação pela participação neste estudo e que terá direito a uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Se necessário, pode entrar em contato com a responsável pela pesquisa, a mestranda, Francisca Mailza Bezerra de Castro, pelo telefone (85) 992173343 ou e-mail: mailzapentecoste@gmail.com e com a orientadora Marisa Pascarelli Agrello pelo e-mail marisagrello@gmail.com. Este termo está elaborado em duas vias, sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e a outra para o arquivo do pesquisador.

Eu, Artório Carlos Dias da Silva
tendo sido esclarecido (a) a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma, Juazeiro do Norte,
10 de abril de 2018.

Assinatura do (a) participante (professor) (aluno)

Artório Carlos Dias da Silva

Assinatura da pesquisadora

Fca. Mailza B. Castro.

Apêndice XVI

Declaração da professora corretora

Nesta parte do apêndice consta a declaração de correção ortográfica e gramatical da dissertação devidamente assinada pela professora corretora.

DECLARAÇÃO

Eu, Fládia Silva Santos Paiva, RG 2002015064511, brasileira, professora de Língua portuguesa, graduada em Letras, Português, pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, sob o registro nº 385, declaro para os devidos fins legais, que realizei a revisão ortográfica e gramatical da Dissertação de Mestrado sob o título: **A UTILIZAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA EM DUAS REGIÕES DO ESTADO DO CEARÁ** da aluna Francisca Mailza Bezerra de Castro, que tem por número de aluno a21607930 do Curso de Mestrado em Ciências da Educação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Pentecoste, 07 de outubro de 2022

Fládia Silva Santos Paiva

FLÁDIA SILVA SANTOS PAIVA
PROFESSORA DE LÍNGUA PORTUGUESA
Nº REGISTRO: 385

Apêndice XVII - Capítulo pertencente ao livro de língua portuguesa do Ensino Médio (secundário)

(Dedicado ao estudo da variação linguística)



CAPÍTULO

16

Linguagem e língua

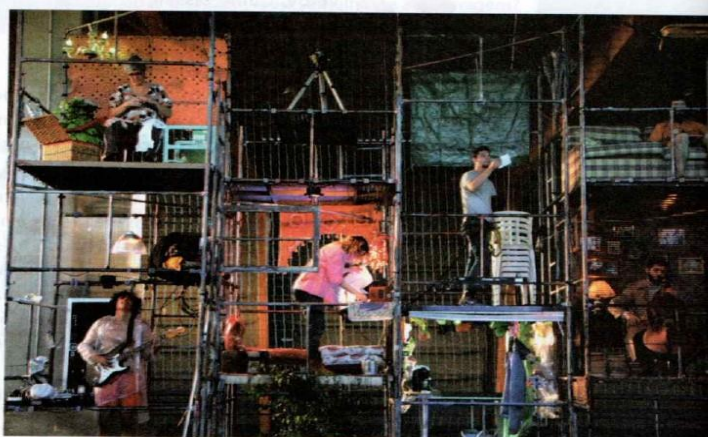
PERCURSO DO CAPÍTULO

- Conceito de linguagem
- As várias semioses
- Língua e variação linguística
- Adequação linguística

Pra começar

Os cenógrafos de espetáculos teatrais precisam ser criativos e ter conhecimento técnico para projetar cenários que garantam a ambientação necessária ao desenvolvimento das cenas e à *performance* dos atores. Alguns desses cenários exigem soluções ousadas para viabilizar as ideias do texto original. É o caso da peça *Poema suspenso para uma cidade em queda*, que apresenta um tema insólito: uma pessoa cai do topo de um edifício, mas não chega ao chão. Enquanto isso, a vida dos moradores fica estagnada e eles praticam atividades que nunca concluem.

Observe esta foto de uma das cenas da peça e responda às questões propostas.



Cena da peça *Poema suspenso para uma cidade em queda*, dirigida por Luiz Fernando Marques e encenada pela Cia. Mungunzá de Teatro. CEU Jardim Paulistano, São Paulo, 2015.

1. O que permite ao espectador concluir que os personagens estão em um edifício?
2. É possível definir se o edifício é comercial ou residencial? Justifique.
3. Explique por que a organização do espaço sugere isolamento e interação simultaneamente.
4. Que resultado o cenógrafo obtém ao representar o edifício com uma estrutura aberta?

Para encenar essa narrativa, os produtores da peça optaram por um cenário formado por andaimes. Embora essas instalações não imitem com exatidão paredes e pisos, os espectadores, estimulados pelos elementos em cena e pela ação representada e amparados em seu conhecimento prévio (imagem de um prédio, noções de recursos teatrais etc.), conseguem identificar o espaço em que se passa a história. Em outras palavras, atribuem sentido ao que veem, dentro do contexto proposto. O cenógrafo (profissional que planeja o espaço cênico) interage com o público valendo-se da linguagem.

A **linguagem** humana caracteriza-se pelo emprego de elementos que representam ideias, informações ou realidades. Tais elementos são usados em situações de interação social, em que a comunicação entre os interlocutores prevê trocas e influências recíprocas.

Nos processos de interação humana, estão envolvidas várias linguagens ou **semioses**: as **visuais**, que incluem as imagens estáticas e em movimento; as **sonoras**, que englobam a música, os ruídos etc.; as **corporais**, que abrangem gestos, danças etc.; e as **verbais**, que envolvem o uso de palavras oralizadas, escritas ou expressas de modo visual-motor, como Libras.

As várias linguagens

Leia uma tirinha do gato Garfield, em que aparecem também seu dono, Jon, e o cachorro Odie. Em seguida, responda às perguntas propostas.

GARFIELD



Jim Davis

- Quem são os interlocutores no primeiro quadrinho? E no último?
- No segundo e no terceiro quadrinhos, Garfield reproduz, de um jeito diferente, a ordem que havia recebido de Jon. Como ele faz para chamar Odie? E para dar a ordem ao cachorro?
- O que a expressão facial de Garfield parece indicar no primeiro quadrinho? E a de Jon, no último? Por quê?

O humor dessa tirinha surge do fato de o gato transferir ao cachorro a ordem que recebeu de seu dono, utilizando, para isso, uma linguagem econômica. Enquanto Jon empregou palavras, Garfield se valeu de um assobio e de um gesto, que foram suficientes para garantir a obediência de Odie.

O uso de palavras caracteriza a **linguagem verbal**. Os assobios e os gestos, assim como as expressões fisionômicas, as linhas que indicam movimento em uma tirinha, as barras de um gráfico, as notas musicais etc. são exemplos de **linguagem não verbal**.

Chamamos de **textos multissemióticos** aqueles que articulam várias semioses ou linguagens. Na tirinha anterior, os significados não foram construídos apenas por palavras escritas: o desenho de uma nota musical sugere assobio; modificações na posição do corpo dos personagens e nas expressões faciais indicam movimento e sentimentos, respectivamente; uma faixa branca mostra a trajetória da bolinha.

Também na construção do sentido, o enquadramento, que oculta Odie nos dois primeiros quadrinhos, é usado como estratégia para impedir que o leitor antecipe o desfecho da narrativa, o que eliminaria o efeito de humor. E, na construção do efeito estético, a alteração das cores dos quadrinhos e a presença ou não da borda contribuem para evitar a monotonia visual. Todos esses são recursos das várias linguagens envolvidas nessa produção.

Nos próximos capítulos, seu objeto de estudo será a linguagem, em especial a língua, cujo caráter múltiplo começaremos a revisar agora.

Sabia?



Libras é a sigla de Língua Brasileira de Sinais. Ela é usada por pessoas surdas para se comunicarem entre si e com pessoas ouvintes que aprenderam a interpretá-la. Além de gestos e expressões faciais, são empregados sinais (que correspondem a palavras ou frases), criados a partir da combinação da forma e do movimento das mãos e do ponto no corpo ou no espaço onde eles são executados.



Variação social

Ocorre entre os diferentes grupos sociais e reflete idade, gênero, classe social e nível de educação recebido, além de ideias religiosas, princípios morais, profissão, familiaridade com certas práticas culturais, entre outros fatores.

As gírias substituem palavras formais da língua e pertencem ao vocabulário específico de certos grupos. Elas também sofrem influência do tempo.

O jargão é um conjunto de termos específicos utilizados por pessoas de um grupo profissional.

Os falantes adaptam sua linguagem ao interlocutor e à situação de comunicação.

A língua portuguesa no mundo

Conheça os países que também têm o português como idioma oficial.

Variação histórica ou temporal

Ocorre ao longo do tempo, com a renovação contínua do vocabulário e, menos frequentemente, da pronúncia e das regras de escrita das palavras e das normas gramaticais.

Fontes: PRETTI, D. *Sociolinguística: os níveis de fala*. São Paulo: Edusp, 1994; GNERRE, M. *Linguagem, escrita e poder*, 2. ed., São Paulo: Martins Fontes; BELINE, Ronald. *A variação linguística*. In: FIORIN, José Luiz. (org.) et al. *Introdução à Linguística*, 6. ed., 7ª reimpr., São Paulo: Contexto, 2019; CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002; FARACO, C. A. *Linguística histórica*. São Paulo: Ática, 1991.

Adequação linguística

O trecho a seguir foi transcrito de uma obra que conta a história de uma rebelião ocorrida em um presídio de São Paulo na década de 1990. Em coautoria com Bruno Zeni, editor do livro, José André de Araújo, o André du Rap, narra suas memórias. Leia o texto e responda às questões.

[...] Era no segundo andar, vários presos saíram pelos corredores, vários curiosos saíram pra galeria pra ver. Eu tava voltando do campo, era umas onze horas — *a gente ouvia que tava tendo uma treta no segundo andar. Todo mundo veio* para ver o que tava acontecendo. Quando tem uma confusão todo mundo quer ver, saber se é um irmão da quebrada, um companheiro. Para tentar trocar uma ideia antes, fazer um debate, saber quem tá certo, saber quem tá errado.

ZENI, Bruno (coord. ed.). O massacre do Carandiru. In: *Sobrevivente André du Rap (do Massacre do Carandiru)*. São Paulo: Labortexto, 2002. (Fragmento).

1. Que situação é narrada no trecho?
2. Quais palavras ou expressões particularizam a variedade linguística empregada? O que elas significam?
3. O editor do livro optou por manter as palavras usadas pelo autor do relato. Que efeito ele obtém com o uso dessa variedade linguística?

A variedade linguística usada por esse falante é bastante comum nas periferias das grandes cidades da região Sudeste, sendo empregada principalmente por jovens. No entanto, mesmo aqueles que não fazem parte desse grupo social compreendem o relato. Isso acontece porque os falantes de uma língua não conhecem apenas uma de suas variedades; conhecem e sabem empregar muitas delas.

Nesse conjunto de possibilidades, estão as **variedades urbanas de prestígio**, que são aquelas empregadas pelas pessoas que usufruem maior prestígio social. Os modos de escrever e de falar dos indivíduos desse grupo definem alguns padrões de linguagem que são necessários para a continuidade da vida escolar, para o acesso a certas manifestações culturais, como a literatura, e para a comunicação em várias situações sociais e profissionais, sobretudo aquelas mais formais.

Toda comunicação pela língua pressupõe um **processo de adequação**. O falante seleciona, em seu repertório linguístico, as formas mais adequadas às finalidades específicas da comunicação em que está envolvido, considerando seus interlocutores, o assunto de que trata, o objetivo da fala e o local em que se dá a comunicação.

Essa adequação linguística pressupõe, entre outros fatores, a escolha de um nível de fala ou registro apropriados. A **linguagem formal** está relacionada a um comportamento linguístico mais refletido, monitorado, em que se espera o respeito às formas linguísticas socialmente prestigiadas, já que se aplica a situações de maior formalidade. A **linguagem informal**, por sua vez, indica um comportamento mais distenso, descontraído, inclinado a não seguir com rigor tais formas e a incluir expressões coloquiais, gírias etc.

Mesmo nesses níveis podemos observar variações. A linguagem informal que você usa para conversar com seus colegas, por exemplo, provavelmente não é a mesma que usaria ao conversar com o diretor da escola ou com seu médico.

Sabia?

A gramática tradicional apresenta a **norma-padrão**, um modelo de uso da língua construído com base na análise de textos escritos de portugueses e brasileiros cultos, muitos deles autores de séculos ou décadas passadas. Esse modelo oferece uma visão homogênea da língua, porque praticamente desconsidera as variedades linguísticas e as particularidades da fala. Por esse motivo, a norma-padrão é apenas uma referência linguística. Mesmo os falantes das variedades urbanas de prestígio, que são as que mais se aproximam dessa norma, abandonam ou modificam as regras que não lhes parecem adequadas às suas necessidades reais de comunicação.



Variação e adequação linguística NA PRÁTICA

1. Leia a seguir os dois primeiros parágrafos da obra *A menina do narizinho arrebitado*, de Monteiro Lobato (1882-1948). O trecho foi extraído da primeira edição do livro, publicado em 1920 pela editora Monteiro Lobato & Cia.

O somno á beira do Rio

Naquella casinha branca, – lá muito longe, móra uma triste velha, de mais de setenta annos. Coitada! Bem no fim da vida que está, e tremula, e catacega, sem um só dente na bocca – jururú... Todo o mundo tem dó d'ella: – Que tristeza viver sozinha no meio do matto...

Pois estão enganados. A velha vive feliz e bem contente da vida, graças a uma netinha órfã de pae e mãe, que lá móra des'que nasceu. Menina morena, de olhos pretos como duas jaboticabas – e reinadeira até alli!... Chama-se Lucia, mas ninguem a trata assim. Tem appellido. Yayá? Nenê? Maricota? Nada disso. Seu appellido é "Narizinho Rebitado", – não é preciso dizer porque. Alem de Lucia, existe na casa a tia Anastacia, uma excellente negra de estimação, e mais a Excellentissima Senhora Dona Emilia, uma boneca de panno, fabricada pela preta e muito feiosa, a pobre, com seus olhos de retroz preto e as sobrancelhas tão lá em cima que é ver uma cara de bruxa.

LOBATO, Monteiro. *A menina do narizinho arrebitado*. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia., 1920. (Fragmento).

- a) Entre 1920 e a atualidade, o Brasil passou por três reformas ortográficas, isto é, três mudanças nas regras de escrita das palavras. Transcreva do texto cinco vocábulos ou expressões que tenham sofrido alterações ao longo do tempo.
 - b) Que palavras são empregadas mais comumente hoje no lugar de *jururu* e *reinadeira*?
 - c) Releia o trecho "que lá mora des'que nasceu". Por que essa é uma construção estranha para o leitor atual?
 - d) Anastácia é apresentada como uma "excelente negra de estimação". Qual era a provável função dessa personagem na casa?
 - e) A abolição da escravidão aconteceu em 1888, portanto, três décadas antes da publicação dessa obra de Monteiro Lobato. Como se explica, então, o uso da expressão "negra de estimação" e seu tratamento por "preta"?
 - f) Com base na reflexão proposta no item e, explique como a linguagem revela a ideologia em vigor no contexto histórico do início do século XX.
2. Leia um trecho do artigo a seguir, publicado no site de uma revista que trata de esportes náuticos. O texto apresenta táticas para enfrentar tempestades em alto-mar.

Aquartelar o barco

Essa é uma tática de enfrentar tempestades para a maioria dos veleiros e, em especial, para aqueles equipados com buja de tempestade e vela de tempestade triangular. A ideia é dar um bordo, porém deixar a buja aquartelar, ao mesmo tempo em que se folga a mestra, sem que ela paneje. A seguir, o leme é comandado para ficar paralelo à buja. Na posição de aquartelado, o barco movimenta-se simultaneamente para frente e para o lado. A componente para a frente é intencionalmente diminuída quando se folga a mestra e ao mesmo tempo o movimento para sotavento é incrementado. A quilha "estola", gerando um vórtex de turbulência na água a barlavento. Há quem diga que essa turbulência ajuda a evitar que as ondas quebrem. Pode ser. O que tenho certeza é que a manobra reduz o movimento a bordo, como se alguém tivesse "desligado a chave" da tempestade. Em alguns *sloops* mais modernos, cujo mastro fica posicionado mais próximo à proa, é possível executar essa manobra só com a mestra. Muitos velejadores acham que conseguem ficar mais apumados com o vento se, em vez da vela triangular de tempestade, usarem a mestra rizada.

Disponível em: <<https://mariner.com.br/2019/03/14/taticas-tempestades-alto-mar/>>. Acesso em: 29 jul. 2020.



Investigue

No século XX, ocorreram avanços na discussão sobre a inserção do negro na sociedade brasileira. Que lei define os crimes de racismo no Brasil e em que ano ela foi criada? O que ela determinou? Qual é a importância da lei?



Fala aí!

Você realiza alguma atividade que exija o uso de jargão? Comente com a turma.

- O texto emprega palavras específicas da área dos esportes náuticos. Cite aquelas que você não conhece.
- O fato de muitas palavras pertencerem à mesma área pode favorecer a compreensão do significado dos termos desconhecidos? Explique sua resposta.
- Mesmo quem não conhece o termo *mestra* poderia entender seu sentido usando apenas o texto. Como isso é possível?
- O autor do texto explica, com precisão, o motivo de a manobra do aquartelamento favorecer a navegação nas tempestades? Justifique.
- Se você estivesse no lugar do autor da postagem, optaria por reduzir o emprego de jargões relativos aos esportes náuticos? Por quê?

Bate-papo de respeito

E a gente chegou a um estágio de descoberta sociolinguística que nos permite dizer com segurança que "Nóis vai" não é errado, é apenas inadequado para algumas situações.



Professor Cosme Batista dos Santos, da Universidade do Estado da Bahia.

Disponível em: <<http://www.cienciaecultura.ufba.br/agenciadenoticias/entrevistas/cosme-batista/>>. Acesso em: 25 maio 2020.

Muitos especialistas afirmam que não existe erro no uso da língua. Mesmo antes de se iniciarem os estudos formais da língua na escola, o falante já a utiliza com eficiência, interagindo com os outros falantes, compreendendo e sendo compreendido.

Qual seria, então, o papel da escola quando ensina a língua portuguesa? Converse com seus colegas e cheguem a um consenso.

3. Leia a transcrição da apresentação de uma série de reportagens intitulada "A língua que a gente fala", exibida pela Rede Globo.

Sandra Annenberg: Tá ligado na série que a gente vai começar hoje?

Evaristo Costa: E eu vou dar um exemplo de mais ou menos como é que a gente fala. Vou chamar um câmera, quer ver? Ô Antonelli. Vem ni mim, Antonelli. Filma eu, véio. Cê tá achando que o jeito que eu tô falando tá errado? Bom, muitos linguistas conceituados que estudam a língua portuguesa defendem que na comunicação falada não tem essa de certo ou de errado. O importante é que a gente se faça entender, não é mesmo?

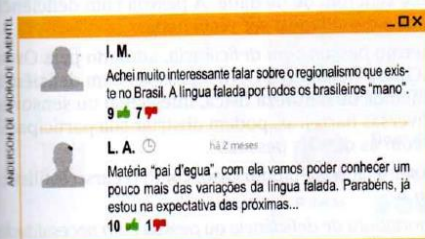
Sandra Annenberg: Isso é o mais importante, sem dúvida nenhuma: a comunicação, né? Agora, se é pra escrever um trabalho, assim, falar em público como a gente, tem que saber a norma culta da língua, né? E todas as regras gramaticais. Mas até a escrita muda, aos poucos vai absorvendo as mudanças da fala, ainda mais com a internet, né?

Evaristo Costa: É isso que a gente vai ver. A repórter Anna Zimmerman esteve em quase todas as regiões do país pra mostrar a língua sem retoque, a língua que a gente fala. É o tema de uma série de reportagens que a gente começa a exibir a partir de hoje. Taca-le pau!

Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2015/03/serie-do-jornal-hoje-fala-sobre-lingua-coloquial-falada-nas-ruas.html>>. Acesso em: 25 maio 2020. (Fragmento).

- Que estratégia os apresentadores empregaram para introduzir a série de reportagens preparadas para o telejornal?
- Durante essa apresentação, os jornalistas riram diversas vezes. O que pode tê-los divertido?
- Na sua opinião, o texto de apresentação da série mostra um bom conhecimento dos fenômenos que envolvem a variação linguística e o aspecto *adequação*? Por quê?
- A repórter responsável pela série, Anna Zimmerman, viajou pelo país a fim de obter informações para fazer seu trabalho. Que importância tem essa iniciativa?
- O apresentador chama a “língua que a gente fala” de “a língua sem retoque”. O que essa expressão significa no contexto da fala dele?
- A segunda fala da apresentadora revela marcas bastante típicas da oralidade, evidenciando que ela não está lendo um texto. Quais são essas marcas?

4. No site do mesmo telejornal, foi divulgada uma notícia sobre a série de reportagens contendo *links* para suas várias partes. Veja, a seguir, os comentários de alguns internautas.



I. M.
Achei muito interessante falar sobre o regionalismo que existe no Brasil. A língua falada por todos os brasileiros “mano”.
9 7

L. A.
Matéria “pai d’egua”, com ela vamos poder conhecer um pouco mais das variações da língua falada. Parabéns, já estou na expectativa das próximas...
10 1

Fonte: <<http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2015/03/serie-do-jornal-hoje-fala-sobre-lingua-coloquial-falada-nas-ruas.html>>.
Acesso em: 25 maio 2020.



Fala aí!

Você costuma postar comentários em sites ou blogs? Quais assuntos estimulam sua participação? Se você não posta, qual é o motivo disso?

- O conteúdo dos comentários mostra uma boa apreensão das reportagens? Explique.
- Algumas palavras ou expressões dos internautas foram marcadas com aspas. O que isso sugere sobre a intimidade deles com essas formas linguísticas? Justifique.

5. Leia o trecho de uma obra de História dedicada ao estudo da vida de trabalhadores rurais.

Aos 19 anos, dona Matilde casou-se com José Bruno Schaefer, hoje já morto. Juntos migraram primeiramente para o município de Alecrim, no interior do estado do Rio Grande do Sul [...]:

Lá onde eu disse, dei minha vaca e 14 porco e mais uns troco de dinheiro para nós poder comprar a primeira terrinha. Compremo. E depois dali, nos voltemo. Daí vendemo, porque todo mundo falava que as criança tava muito doente, que falaram que era por causa da água que não tava boa. Daí vendemos lá, viemos pro Paraná.

Ao tecer suas memórias, ganha relevo o significado da terra, que à época, como se pôde observar, ainda não alçava os valores especulativos capitalistas que atualmente conhecemos. [...]

LAVERDI, Robson. *Tempos diversos, vidas entrelaçadas*; trajetórias itinerantes de trabalhadores no extremo-oeste do Paraná. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2005. (Fragmento).

- No primeiro e no terceiro parágrafos do texto, a escrita segue as variedades urbanas de prestígio. Por que o autor usou essa forma de linguagem?
- O autor incluiu em seu discurso o depoimento de uma camponesa. Sobre o que ela fala? Por que é importante incluí-lo?
- Como o assunto abordado pela camponesa se relaciona com a pesquisa feita pelo autor?
- No depoimento da trabalhadora, percebemos uma característica comum em algumas variedades linguísticas: a ideia de plural mostrada apenas em uma das palavras de uma expressão, como ocorre em “uns troco de dinheiro”. Transcreva outra expressão em que isso acontece e levante uma hipótese para justificar essa regra.
- Mostre, copiando outras expressões do texto, que essa tendência não ocorre nas variedades urbanas de prestígio.

6. Leia um fragmento do Manual de Comunicação da Secom (Secretaria de Comunicação Social), que orienta a produção de documentos do Senado brasileiro.

A questão da linguagem inclusiva deve ser considerada sob os seguintes aspectos:

Combate a preconceitos

Evite expressões preconceituosas, ofensivas a indivíduos ou grupos ou que possam representar atentado à igualdade entre os cidadãos, valor fundamental da Constituição.

O Senado Federal é uma Casa de discussão de políticas, entre elas as que tratam da redução de desigualdades e de combate a preconceitos. Por isso, é comum que circulem, nos discursos e nos projetos, termos usados por organizações civis que representam grupos em desvantagem ou ideias contra-hegemônicas (por exemplo, defensivo agrícola *versus* agrotóxico).

Pessoa com deficiência

Menções a situações de deficiências, incapacidades ou quadros patológicos devem ser feitas em contexto e sem tom de piedade. A pessoa com deficiência também tem nome, sobrenome e dignidade a ser respeitada.

Use preferencialmente o termo *pessoa com deficiência*, adotado pela Organização das Nações Unidas (ONU). Segundo a ONU, "pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de natureza física, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade com as demais pessoas".

O termo *deficiente* só deve ser usado em último caso, como recurso estilístico para evitar repetição no texto.

Não use os termos *pessoa portadora de deficiência* ou *pessoa com necessidades especiais*.

Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/redacao-e-estilo/linguagem-inclusiva>>. Acesso em: 25 maio 2020.

- Identifique o principal argumento para a defesa de uma linguagem não preconceituosa.
- O texto destaca o efeito de uma linguagem preconceituosa sobre a pessoa com alguma deficiência. Qual é esse efeito?
- Essa orientação relativa ao discurso revela a adesão do Senado brasileiro a certa política pública referente às pessoas com deficiência. Por que é importante que o Senado seja tão cuidadoso em relação à linguagem usada em sua comunicação?

Sabia?

Políticas públicas são conjuntos de ações e decisões, tomadas pelos governos, em nível nacional, estadual ou municipal, para assegurar direitos de cidadania para um ou mais segmentos sociais.

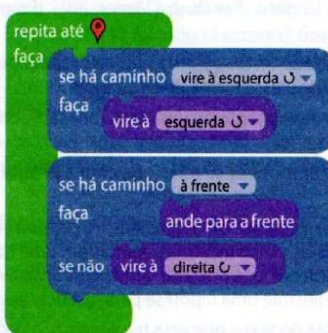
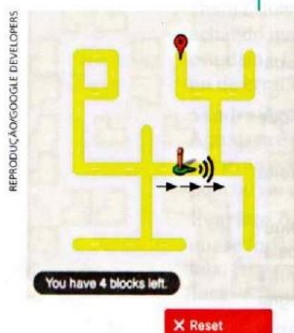
Dica de professor

A linguagem é uma prática social e reflete nossos valores. Quando produzimos um texto, escolhemos as palavras que expressam com mais eficiência a ideia que desejamos transmitir. Entre os critérios dessa escolha, deve estar a recusa de termos que possam evidenciar preconceitos ou ser ofensivos aos interlocutores ou a terceiros.

É lógico!

Você sabe algo sobre linguagem computacional?

Antigamente, processadores usados em equipamentos eletrônicos eram comandados a partir de sequências de zeros e uns. Essa foi a primeira linguagem desenvolvida para passar comandos a uma máquina e ficou conhecida como "código de máquina". Com o passar do tempo, surgiram as diferentes linguagens de programação, facilitando muito o processo de escrita dos programas.



Um dos avanços mais modernos nesse sentido foi a criação de linguagens de programação baseadas em blocos. Ao lado, há um exemplo de programa de um jogo cujo objetivo é fazer com que a pessoa chegue até seu destino final. Considerando que a pessoa siga os passos propostos pelo programa em blocos, qual caminho ela percorrerá? Copie o desenho em seu caderno e use setas para desenhar o percurso. Veja o início do processo.

Apêndice XVIII - (ENEM 2016)/ QUESTÃO 121

Texto I

Entrevistadora — Eu vou conversar aqui com a professora A.D. ... O português então não é uma língua difícil?

Professora — Olha se você parte do princípio... que a língua portuguesa não é só regras gramaticais... não se você se apaixona pela língua que você... já domina... que você já fala ao chegar na escola se teu professor cativa você a ler obras da literatura... obra da/ dos meios de comunicação... se você tem acesso a revistas... é... a livros didáticos... a... livros de literatura o mais formal o e/ o difícil é porque a escola transforma como eu já disse as aulas de língua portuguesa em análises gramaticais.

Texto II

Professora — Não, se você parte do princípio que língua portuguesa não é só regras gramaticais. Ao chegar à escola, o aluno já domina e fala a língua. Se o professor motivá-lo a ler obras literárias e se tem acesso a revistas, a livros didáticos, você se apaixona pela língua. O que torna difícil é que a escola transforma as aulas de língua portuguesa em análises gramaticais.

(MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita:** atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001)

O texto I é a transcrição de entrevista concedida por uma professora de português a um programa de rádio. O texto II é a adaptação dessa entrevista para a modalidade escrita. Em comum, esses textos

- (A) apresentam ocorrências de hesitações e reformulações.
- (B) são modelos de emprego de regras gramaticais.
- (C) são exemplos de uso não planejado da língua.
- (D) apresentam marcas da linguagem literária.
- (E) são amostras do português culto urbano.

(ENEM 2017)

Sítio Gerimum

Este é o meu lugar [...]

Meu Gerimum é com g

Você pode ter estranhado

Gerimum em abundância

Aqui era plantado

E com a letra g

Meu lugar foi registrado.

OLIVEIRA, H. D. *Língua Portuguesa*, n. 88, fev. 2013 (fragmento).

Nos versos de um menino de 12 anos, o emprego da palavra “Gerimum” grafada com a letra “g” tem por objetivo

- (A) Valorizar usos informais caracterizadores da norma nacional.
- (B) Confirmar o uso da norma-padrão em contexto da língua poética.
- (C) Enfatizar um processo recorrente na transformação da língua portuguesa.
- (D) Registrar a diversidade étnica e linguística presente no território brasileiro.
- (E) Reafirmar discursivamente a forte relação do falante com seu lugar de origem.

(ENEM 2018)

Ó Pátria amada,

Idolatrada,

Salve! Salve!

Brasil, de amor eterno seja símbolo

O lábaro que ostentas estrelado,

E diga o verde-louro dessa flâmula

— “Paz no futuro e glória no passado.”

Mas, se ergues da justiça a clava forte,

Verás que um filho teu não foge à luta,

Nem teme, quem te adora, a própria morte.

Terra adorada,
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!
Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada, Brasil!

Hino Nacional do Brasil. Letra: Joaquim Osório Duque Estrada. Música: Francisco Manuel da Silva (fragmento).

O uso da norma-padrão na letra do Hino Nacional do Brasil é justificado por tratar-se de um(a)

- (A) Reverência de um povo a seu país.
- (B) Gênero solene de característica protocolar.
- (C) Canção concebida sem interferência da oralidade.
- (D) Escrita de uma fase mais antiga da língua portuguesa.
- (E) Artefato cultural respeitado por todo o povo brasileiro.

QUESTÃO 01. (ENEM 2019)

Toca a sirene na fábrica,
E o apito como um chicote
Bate na manhã nascente
E bate na tua cama
No sono da madrugada.
Ternuras da áspera lona
Pelo corpo adolescente.
É o trabalho que te chama.
Às pressas tomas o banho,
Tomas teu café com pão,
Tomas teu lugar no bote
No cais do Capibaribe.
Deixas chorando na esteira

Teu filho de mãe solteira.
Levas ao lado a marmita,
Contendo a mesma ração
Do meio de todo o dia,
A carne-seca e o feijão.
De tudo quanto ele pede
Dás só bom-dia ao patrão,
E recomeças a luta
Na engrenagem da fiação.

MOTA, M. Canto ao meio. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

Nesse texto, a mobilização do uso padrão das formas verbais e pronominais

- (A) Ajuda a localizar o enredo num ambiente estático.
- (B) Auxilia na caracterização física do personagem principal.
- (C) Acrescenta informações modificadoras às ações dos personagens.
- (D) Alterna os tempos da narrativa, fazendo progredir as ideias do texto.
- (E) Está a serviço do projeto poético, auxiliando na distinção dos referentes.

QUESTÃO 09 - ENEM 2021

Falso moralista

Você condena o que a moçada anda fazendo
e não aceita o teatro de revista
arte moderna pra você não vale nada
e até vedete você diz não ser artista

Você se julga um tanto bom e até perfeito
Por qualquer coisa deita logo falação
Mas eu conheço bem o seu defeito
e não vou fazer segredo não

Você é visto toda sexta no Joá
e não é só no Carnaval que vai pros bailes se acabar
Fim de semana você deixa a companhia
e no bar com os amigos bebe bem a noite inteira

Segunda-feira chega na repartição
pede dispensa para ir ao oculista

e vai curar sua ressaca simplesmente
Você não passa de um falso moralista

NELSON SARGENTO. *Sonho de um sambista.*
São Paulo: Eldorado, 1979.

As letras de samba normalmente se caracterizam por apresentarem marcas informais do uso da língua. Nessa letra de Nelson Sargento, são exemplos dessas marcas

- (A) “falação” e “pros bailes”.
- (B) “você” e “teatro de revista”.
- (C) “perfeito” e “Carnaval”.
- (D) “bebe bem” e “oculista”.
- (E) “curar” e “falso moralista”.